

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

WALTER SILVA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória da saúde pública no Brasil

Entrevistado – Walter Silva (WS)

Entrevistadores – Anna Beatriz Almeida (AA) e Wanda Hamilton (WH)

Data – 13/06/1995, 21/06/1995, 30/06/1995, 11/07/1995, 18/07/1995, 03/08/1995,
08/08/1995, 17/08/1995, 23/08/1995

Local – Sem informação

Duração – 19h08min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, Walter. *Walter Silva. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da saúde pública no Brasil*, 1995. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 341p.

Resenha biográfica

Walter Silva nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 31 de agosto de 1908. Residiu nesta cidade até os 14 anos, quando mudou-se com sua família para Petrópolis. Em 1930 retornou ao Rio para cursar a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, diplomando-se em 1937.

Seu primeiro trabalho depois de formado foi como médico auxiliar da Divisão de Amparo à Maternidade e à Infância do Ministério da Educação e Saúde (MES), juntamente com o atendimento em consultório particular. Para atender a demanda desses pacientes, Walter Silva fez, nesta época, diversos cursos, entre eles o de Aperfeiçoamento em Tisiologia na Universidade do Brasil, em 1937, e o curso em Malariologia do Departamento Nacional de Saúde (DNS), em 1938.

Após a conclusão deste último curso, Walter Silva foi convidado por João de Barros Barreto, então diretor do DNS, para chefiar o 1º Distrito do Serviço de Obras contra a Malária do Nordeste, no Ceará, em 1938/39. Neste ano retornou ao Rio de Janeiro e, em 1941, durante a II Guerra Mundial, foi chefe de setor do Serviço de Malária, com sede em Salvador, Bahia; para em seguida, assumir por dois anos a chefia da Circunscrição Leste Setentrional deste mesmo Serviço.

Em 1943 fez o Curso de Saúde Pública do DNS, no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). A partir de 1944, Walter Silva passa a se dedicar às questões referentes à nutrição, tendo sido contratado pelo MES como médico-nutrólogo extranumerário, passando um ano depois para o quadro permanente do MES como médico-sanitarista. Em 1945 foi chefe da Seção de Nutrição da Divisão de Organização Sanitária (DOS) e representante do Ministério da Saúde no Plenário da Comissão Nacional de Alimentação (CNA), de 1955 a 1958; foi ainda presidente da CNA de 1958 a 1962.

A partir de 1945 foi professor assistente do Curso de Nutrição do DNS e a partir de 1946, professor assistente do Curso de Organização e Administração Sanitárias, também do DNS. A partir de 1951 passa a lecionar nutrição no DNS e em diversas outras escolas.

Em 1962 assumiu a direção da Divisão de Organização Sanitária, do DNS-MS, tendo interrompido este trabalho em 1963 para assumir a direção do Serviço Nacional de Educação Sanitária do DNS, retornando em 1964 para a direção da DOS; e voltando a assumir este cargo em 1973, sendo este órgão denominado, na época, de Divisão Nacional de Organização Sanitária (DNOS).

Foi designado para integrar a comissão encarregada de reestruturar os serviços de alimentação dos órgãos do MS, em 1963, e, neste mesmo ano, foi coordenador da Campanha Nacional contra a Varíola.

Fez curso na Escola Superior de Guerra em 1969 e 1973. E no pleito de 1974-1979 foi responsável pela chefia do Gabinete do Ministro Paulo de Almeida Machado.

CNPA - Comissão de Normas e Padrões para Alimentos

Sumário

Fita 1 – Fita 2

Considerações sobre seus primeiros anos de vida no Rio de Janeiro e a mudança de sua família para Petrópolis em 1922 em decorrência do bombardeio do quartel da Polícia da Rua Frei Caneca; os estudos primário e ginásial no Colégio São Vicente de Paulo; sua transferência para o Colégio Pinto Ferreira no 4º ano ginásial e a forte influência recebida pelo dono do Colégio, o Professor Henrique Pinto Ferreira; a decisão em cursar a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, de 1930 a 1936; a partir do 2º ano, seu ingresso como interno no Hospital dos Construtores Civis; referência a alguns de seus professores, tais como: Olímpio da Fonseca, Clementino Fraga, Aluísio de Castro, Irineu Malagheta, Augusto Taulino; perfil de Ataulfo de Paiva; descrição de algumas aulas práticas do curso de Medicina, dadas na Santa Casa de Misericórdia; referência a alguns colegas de turma: Bichat de Almeida Rodrigues, Olímpio(?) Fonseca da Cunha, Paulo Niemeyer; menção ao curso de fisiologia dado por Clementino Fraga e ao seu trabalho como médico clínico no Dispensário da Liga Brasileira contra a Tuberculose; seu gosto pelos estudos e pela literatura; sua personalidade bastante solitária e romântica; considerações sobre o seu trabalho como interno do Hospital dos Construtores Civis; sua relação com o responsável pelo Hospital, Dr. Júlio Pinto Brandão; sua nomeação para ocupar o cargo do Dr. Júlio Brandão após seu falecimento, exercido durante pouco tempo devido à necessidade de sua dedicação exclusiva ao Ministério da Educação e Saúde (MES); os últimos anos da Faculdade e o atendimento aos primeiros clientes; seu atendimento como médico de família no consultório montado no centro da cidade; os diversos cursos feitos pelo entrevistado: tumores de câncer, nutrição, puericultura, raio x, dermatologia, sífilografia, etc, para atender a demanda dos pacientes; o curso de malariologia feito no Departamento de Saúde Pública: professores, disciplinas, pesquisa e prática, tratamento, profilaxia; a pesquisa feita na área de medicina do trabalho na época em que atendeu os operários da construção civil; ênfase na importância da estatística; comentário sobre a disciplina de Higiene da Faculdade de Medicina; o convite feito por João de Barros Barreto ao entrevistado e mais dois colegas, (?) Bustamante e Waldir Buidé(?), para irem trabalhar no Nordeste, Ceará e Rio Grande do Norte, combater uma epidemia de malária, chefiados por Manoel Ferreira, sendo esta a sua forma de entrada para o Departamento Nacional de Saúde (DNS), do MES; vasta exposição sobre este trabalho desenvolvido no Nordeste na década de 30.

Fita 3 – Fita 4

Considerações sobre a entrada da Fundação Rockefeller no combate à malária no Nordeste Brasileiro, com a consequente saída do entrevistado, por motivos patrióticos; comparação entre a estrutura autoritária da Fundação Rockefeller e a situação política da época sob a égide do Governo Vargas; seu retorno para o Rio de Janeiro e a relação com Barros Barreto; sua ida para a Bahia, durante a II Guerra Mundial, para combater a malária em terras do Estado que estavam sediando uma vila militar; as manobras feitas pelo entrevistado para conseguir viabilizar o seu trabalho durante o período de guerra; sua relação com o General Pinto Aleixo, chefe da região militar; sua ida para Ipitanga combater a malária que infestava a região do aeroporto, já como chefe de circunscrição da região leste-setentrional do Serviço Nacional de Malária; comentários sobre a estrutura dos Serviços Nacionais e suas subdivisões; a relação com as Delegacias

Federais de Saúde; a circunstância em que o entrevistado recebe o convite para fazer o Curso de Saúde Pública do Instituto Oswaldo Cruz (IOC); sua relação, como chefe de circunscrição do Serviço Nacional de Malária, com o diretor desse Serviço, Abel Vargas e, em seguida, Mário Pinotti; episódio, ocorrido nesta época, envolvendo o Brigadeiro Eduardo Gomes, Mário Pinotti, além do entrevistado; a gestão de Mário Pinotti à frente do Serviço Nacional de Malária e a questão dos recursos; o trabalho realizado na Bahia e a rigorosa inspeção de Barros Barreto; reminiscências sobre os anos passados em Salvador, BA; comentário sobre a vida itinerante do médico sanitarista.

Fita 5 – Fita 6

Avaliação do governo de Getúlio Vargas; comentário sobre a Revolução de 30; opinião sobre a crise que envolveu a Revolução de 64; a situação política do Ministério da Saúde depois de sua separação da pasta da Educação; os ministros “descartáveis” da saúde; a formação dos primeiros médicos sanitaristas brasileiros chamados “jovens turcos” e as inovações empreendidas por eles depois da I Guerra Mundial; o reconhecimento internacional de Oswaldo Cruz e sua atuação na política de saúde da época; seu trabalho como coordenador dos serviços de alimentação nos órgãos do Ministério e o caso específico da fiscalização no Instituto Oswaldo Cruz (IOC); questões acerca do tempo integral e dedicação exclusiva para o médico sanitarista; o papel da educação sanitária e os tipos de serviços oferecidos pelos Centros de Saúde; comparações entre as condições de saúde das décadas de 30 e 40 com as atuais; o aproveitamento do trabalho das parteiras “curiosas” implementado por J.P.Fontenelle; a exigência na formação das visitadoras sanitárias; problemas causados pelo precário abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro; breve resumo da trajetória da sua vida profissional; as circunstâncias que envolveram a sua entrada para o Curso de Saúde Pública do DNS; ênfase na linha de pesquisa dada no Curso de Saúde Pública; as atividades de administração sanitária ministradas neste Curso; a seleção dos candidatos para este Curso feita por João de Barros Barreto; o trabalho desenvolvido pela Divisão de Organização Sanitária (DOS) na implementação de novos Centros de Saúde; as mesmas diretrizes dadas aos Centros de Saúde e Hospitais; centralização/descentralização dos serviços de saúde; relação entre os níveis municipais, estaduais e federais de saúde; interferência da política na atuação dos sanitaristas.

Fita 7 – Fita 8

Questões em torno da sua nomeação para a Seção de Nutrição da Divisão de Organização Sanitária (DOS); atribuições desta Seção; motivos que o levaram a deixar o trabalho com a malária no Nordeste Brasileiro; a volta para o Rio de Janeiro para fazer o Curso de Saúde Pública do IOC e sua nomeação como médico sanitarista do MES; o concurso do DASP para entrar para o Curso de Saúde Pública; perfil de Carlos Sá; o controle da alimentação nas escolas e universidades; os inquéritos sobre merenda escolar e bócio endêmico realizados entre os escolares de todo o Brasil, com uso da estatística; a questão da profilaxia pelo sal iodado e a passagem desse trabalho para o Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu); referência a Miguel Couto; a pesquisa sobre desenvolvimento ponderal e estatural dos escolares coordenada pelo entrevistado, publicada nos Arquivos de Higiene de março de 1949; o projeto para a implementação do Código Nacional de Alimentação; questões a respeito do Código Nacional e Internacional de Alimentação; o Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil,

dirigido por Josué de Castro; perfil de Josué de Castro e sua atuação na Food and Agricultural Organization (FAO); sua atuação na Campanha do Bócio em Goiás Velho e entre os índios Carajás; lembranças que o marcaram na convivência com os índios; sua opinião em relação ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Fita 9 – Fita 10

Posição do entrevistado em relação à política partidária, em especial durante o Governo Vargas e no período da Redemocratização; análise do poder político dentro do Departamento Nacional de Saúde (DNS), quando este era dirigido por João de Barros Barreto e depois da criação do Ministério da Saúde desvincilhado da Educação; questões envolvendo o debate para a criação do Ministério da Saúde (MS); a inserção do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS) no MS e repercussões; comparações entre medicina preventiva e curativa; sua visão a respeito dos sanitaristas de hoje; a aposentadoria dos funcionários do MS; o desprestígio do MS; a interferência da política no seu trabalho; a gestão de Miguel Couto Filho à frente do MS; desempenho de Mário Pinotti no MS; a extinção do Ministério da Previdência Social; a corrupção nos órgãos do MS; considerações sobre medicina preventiva e curativa em relação às áreas urbanas e rurais; as atividades dos Centros de Saúde; a atuação da Sociedade Brasileira de Higiene (SBH); a gestão de Nilson Guimarães na SBH; o fenômeno da ascensão e especialização das enfermeiras e o aumento do número de auxiliares de enfermagem; breve menção à criação do DNERu.

Fita 11 – Fita 13

Motivos que levaram a Comissão Nacional de Alimentação (CNA) passar do Ministério do Comércio Exterior para o Ministério da Saúde em 1956 e suas repercussões; referência a Josué de Castro à frente da CNA; críticas à falta de interesse, por parte do Ministério da Saúde, nas questões relativas à nutrição; sua atuação como chefe da Seção de Nutrição da DOS; a nutrição nos Estados; a constituição e o funcionamento da CNA; as pesquisas de hábitos alimentares, consumo e custo; a criação de um fundo dessa Comissão junto ao Ministério da Saúde e o auxílio norte-americano; a remessa de leite excedente vinda do exterior através do Fundo Internacional de Socorro à Infância (FINSI) e os problemas enfrentados durante a distribuição; referência ao bom entrosamento existente entre a FAO e a CNA; menção ao grupo, do qual o entrevistado fazia parte, nascido sob a influência de Josué de Castro, orientado no sentido de prevenir as doenças evitando-se a carência alimentar; critérios para a escolha do Presidente da CNA; perfil de Josué de Castro; realizações da CNA no período em que o entrevistado foi Presidente; comparações entre dois momentos distintos da situação da saúde no Brasil; referência a alguns seminários ocorridos nesta época e a pesquisa de nutrição feita por técnicos militares norte-americanos, publicada em 1965; sua participação como representante do Brasil no Conselho Interamericano de Nutrição realizado em Miami, EUA, em 1968 e como professor nos Cursos de Saúde dos Estados, subordinados ao DNS; critérios exigidos por Barros Barreto na formação de técnicos para os serviços de saúde dos Estados; sua chefia na organização da alimentação nos órgãos do Ministério da Saúde, sendo pioneiro na contratação de nutricionistas.

Fita 14 – Fita 15

Caracterização da Comissão de Normas e Padrões para Alimentos (CNPA) que, após a criação do Conselho Nacional de Saúde, passa a ser chamada de Câmara Técnica de Alimentos, sendo o entrevistado presidente até o momento da sua aposentadoria; relato de um caso mostrando a precariedade das consultas médicas realizadas no INAMPS tal a demanda de pacientes; críticas aos produtos artificiais com altos teores de conservantes; referência a existência de um código alimentar internacional, subordinado à FAO; menção ao fato do entrevistado acumular a presidência da CNA e da CNPA; motivos que o levaram a assumir a direção do Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES), em 1963; referência ao Boletim Técnico do SNES sobre educação sanitária para ser usado nas escolas primárias; a importância das enfermeiras de saúde pública na transmissão dos conhecimentos dos médicos e agentes de educação sanitária; breve menção ao governo de Jânio Quadros e sua moralização no serviço público; episódio envolvendo Jânio Quadros, a Coca-cola e o Instituto Adolfo Lutz; repercussões das atuações políticas dos ministros no campo da saúde pública; acontecimentos ocorridos durante as gestões de Paulo Pinheiro Chagas e Wilson Fadul à frente do Ministério da Saúde; elogios a organização militar presente na Escola Superior de Guerra (ESG); os critérios de seleção para os cursos ministrados na ESG; a importância do planejamento na organização de trabalhos a serem desenvolvidos.

Fita 16 – Fita 18

Circunstâncias que ocasionaram o seu afastamento da DOS em 1963 e a sua volta à direção deste órgão um ano depois; atribuições da DOS; críticas à desintegração dos serviços de saúde pública no Brasil; relações entre a DOS, as Delegacias Federais de Saúde e as Secretarias de Saúde dos Estados; menção à exigência do Ministério para que os serviços de saúde fossem executados por pessoas especificamente preparadas; as instruções e normas de serviço elaboradas pela DOS; a formação de enfermeiras; relacionamento entre enfermeiras e médicos; problemas enfrentados pela seca e pela precariedade da situação do nordeste brasileiro; os inquéritos feitos pela DOS; avaliação dos serviços de saúde voltados para as campanhas; críticas ao precário funcionamento das unidades sanitárias e à nossa organização de saúde pautada nos modelos europeus e norte-americanos; desempenho de Barros Barreto; a organização e o planejamento exemplar da Escola Superior de Guerra; críticas à desordem que se instaurou no país em 1964, antes da tomada de poder pelos militares; repercussões desse momento político no trabalho do entrevistado como diretor substituto do DNS; acontecimentos ocorridos durante sua coordenação da Campanha de Controle da Varíola.

Fita 19 – Fita 21

Vastas considerações sobre a Campanha de Controle e a de Erradicação da Varíola: o caso de São Paulo, a sua indicação para a coordenação da Campanha de Controle, menção à epidemia de varíola ocorrida em 1903, a questão dos recursos e de pessoal, a erradicação mundial da varíola, a participação das organizações mundiais de saúde nesta campanha, motivos que o levaram a deixar a coordenação dessa campanha, relacionamento entre os chefes de campanha e a população atendida, a atuação do poder autoritário para o bom desempenho das campanhas, o papel da educação sanitária, a descentralização dos serviços de saúde; sua volta para a Divisão de Organização Sanitária; referência às suas atividades no magistério, como professor de Nutrição e Administração Sanitária; sua aposentadoria em 1973 e sua contratação pelo sistema CLT logo em seguida; sua ida para Brasília para presidir um inquérito administrativo aberto

contra o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), durante a gestão de Paulo de Almeida Machado; sua contratação para responder pela Chefia de Gabinete do Ministro Paulo de Almeida Machado; questões acerca dos assessores dos Ministros; menção às reformas empreendidas no Ministério da Saúde em 1974; considerações sobre a criação da Superintendência de Campanhas (SUCAM); a transformação do Instituto Oswaldo Cruz em Fundação (o entrevistado se esquivava em responder, esconde algum “clima” presente na época); referência ao encontro de sanitaristas que ocorre mensalmente; seu interesse pela história; elogios a estas entrevistas que estão sendo feitas; avaliação da saúde pública atual contrapondo-a à de seu tempo.

Data: 13/06/1995

Fita 1 - Lado A

WH - Então vamos começar hoje, no dia 13 de junho de 1995, a primeira entrevista com Dr. Walter Silva. Estão presentes aqui Anna Beatriz Almeida, Maria Beatriz Guimarães e eu, Wanda Hamilton. Dr. Walter, a gente gostaria de começar do começo mesmo, falando um pouco da sua infância, onde o sr. nasceu, pro sr. falar um pouco do seu pai, da sua mãe, se o sr. tinha irmãos, como era a sua vida de criança?

WS - Eu nasci no Catete... (ruído de carros) numa... casa que desapareceu, mas que era vizinha do Palácio do Catete.

WH - O sr. é carioca da gema?

WS - Eu fui uma criança sadia. Mostrarei daqui a pouco um retrato meu quando era garoto, quando era criança. Me desenvolvi nessa redondeza da Gávea.

WH - da Gávea?

WS - da Gávea... Gávea, Leblon..., no Rio... e sem maiores preocupações...

WH - Seu pai fazia o quê?

WS - Meu pai era industrial. Ele... (ruído de carros) construiu, na cidade de Petrópolis, uma das grandes tecelagens de...panos...que até aquela época pouco se fazia no Brasil que era crepe georgete, crepe da China, é... seda para camisas, para...

AA - ... gravatas.

WS - ... gravatas, entendeu? Vou mostrar a vocês uma propaganda que faziam dessa fábrica de Petrópolis.

WH - Como era o nome da fábrica?

WS - Era Santa Margarida.

WH - Santa Margarida.

WS - Santa Margarida.

WH - Não existe mais?

WS - Acho que existe na Mozela, entendeu? Mas papai se interessava muito mais em organizar. Depois de organizada ele perdia o elan porque já estava organizada etc. Naturalmente, ele esperava que o filho continuasse, mas o filho gostava era de Medicina.

WH - Era o senhor?

WS - Era eu.

AA - Filho único?

WS - Não, éramos 5 filhos. Eram 3 homens e 2 moças...2 meninas. Uma já faleceu, a outra ainda está aí. Foi... aposentada, funcionária do Senado Federal. E... em Petrópolis para onde nós fomos, em consequência do bombardeio que se fazia em 1922 do quartel da Polícia da Rua Frei Caneca, e nossa casa ficava no alto, era casa própria... papai nos levou, com medo dessa... de algum, de algum acidente, né? nos levou para Petrópolis e, em Petrópolis, eu fui matriculado no Colégio Municipal São Vicente de Paula... de Paulo, que se situava onde, hoje, existe o Museu de Petrópolis aquele, aquele, aquele conjunto extraordinário, não sei se vocês conhecem, em Petrópolis. Onde está o museu hoje, era um parque muito bonito que existe até hoje e... naquele conjunto de prédios onde foi situado o Colégio que estava ali através de um contrato que os éhéhé... cônegos belgas premostratenses...

WH - Prê?! ...

WS - Premostratenses eles, éhéhé, fizeram um contrato de 50 anos porque aquele, aquele prédio era do mu..., se não me engano, da família Imperial. E lá então havia uma parte de ensino primário e ensino secundário, naquele tempo se chamava secundário, o ginásio, o ginásial. E eu fui pro primário.

WH - Quer dizer, o sr. aprendeu a ler e a escrever lá em Petrópolis?

WS - ... lá em Petrópolis. É, o... naquele tempo, se não me engano, eram 4 anos de primário... depois passava pros maiores que era do outro lado, quer dizer, dividido apenas por um muro pra não misturar os maiores com os menores. E fiquei no Colégio São Vicente até o 4º ano; de onde eu saí, nessa época, porque as matérias que me interessavam não tinham grande realce no colégio, que era História Natural, que os próprios padres davam muito mal, entendeu?

WH - Estranho, porque normalmente os padres têm uma...

WS - É, tinham preconceitos etc e tal.

WH - Ah, é?

WS - É. E... Física e Química que também...

WH - O sr. era pequeno, mas já gostava dessas matérias, o sr. já...

WS - Ah, já gostava.

WH - Porque 4º ano o sr. tinha o quê, 9

WS - é...

WH - 10 anos?

WS - é mais ou menos isso, né?

WS - Então... não, mas eu estou falando do tempo em que eu já estava no...

WH - Ginásio? Ah, bom!...

WS - que fiquei até o 4º ano naquele tempo havia só...

WH - 4º ano ginásial?

WS - Ginásial.

WH - Ah, tá!

WS - E passei prum Colégio...Pinto Ferreira.

WH - Também lá em Petrópolis?

WS - Lá em Petrópolis. Que era magnífico. Esse Pinto Ferreira, Henrique Pinto Ferreira é uma dessas pessoas que na minha vida, entendeu? representa aquilo que na Revista Digest eles tem como constante o... eu não sei o título... “A Pessoa da Minha Vida”, não sei quê da minha vida.

AA - Hum, hum. Como se fosse um marco, a pessoa que tenha grande influência.

WS - Pinto Ferreira pra mim foi um camarada extraordinário, incentivador, é... professor extraordinário, ele, ele era médico, farmacêutico, químico industrial e deixou tudo isso pra ser professor e, como professor ele era extraordinário: ele ensinava grego, ensinava latim, ensinava trigonometria, aritmética, geometria, enfim... história; quando faltava um professor, porque ele era tempo integral no colégio.

WH - O colégio era dele, né?

WS - O colégio era dele, o Ginásio, né? Pois bem, quando faltava professor, ele substituiu com grande vantagem sobre o professor. Eu na, no Colégio São Vicente de Paulo tinha horror à Matemática. Quem ensinava Matemática lá era o João Carlos Vital que depois

WH - João Carlos Vital?

WS - João Carlos Vital que era... foi aqui depois o prefeito (barulho de buzinas de carro). Naquele tempo ele era empregado da saúde pública aqui... de modo que, ele tinha que sair

correndo pra pegar o trem das 8 pra chegar aqui às 10 horas, entendeu? De modo que, eu não aproveitei muito e, aliás, o grupo todo não aproveitou muito.

AA - Não era uma aula que rendia, né?

WS - Não, não rendia não, sabe...que ele vivia com olho no relógio. Então na Pinto Ferreira, eu passei, inclusive, a colaborar no ensino dos menores de aritmética e havia, no Colégio Pedro II, um livreto com os enunciados dos problemas e com o resultado; mas não dava a seqüência, entendeu? Eu passei depois a me divertir fazendo... aqueles problemas (risos), entendeu? graças ao...

AA - Pinto Ferreira (falas superpostas nesse trecho).

WS - Pinto Ferreira, entendeu? Passaram por esse colégio pessoas muito... de famílias muito importantes, não é? aqui do Rio... .., cujos nomes agora nem me lembro, mas muito importantes. Por isso, eu acho que deviam até em Petrópolis fazer um... um... um monumento pra ele, qualquer coisa que não o deixasse em esquecimento. Porque o filho dele, Erlaine, que era garotinho... era muito engraçado o garoto, porque... o garoto vivia sempre em companhia de uma... de um... uma cadela galgo, dalmo, entendeu? e os dois saiam por Petrópolis, entendeu? todo mundo conhecia... naquele tempo havia pouco movimento, ele saia pelas ruas, às vezes sumia e o pai tinha depois um trabalho tremendo pra procurar onde ele estava com a... com a... com o galgo que... o nome era até interessante que não me ocorre agora, entendeu?... mas todo mundo conhecia e ele levava consigo também uma espada velha que ele ... (ruídos) (risos).

WH - (ri) Era um personagem o menino, né?

WS - Interessante. Ele hoje é um grande professor em Petrópolis, entendeu? Parece que herdou a competência do pai, entendeu?

WH - Mas...

WS - Então, aí no Colégio Pinto Ferreira, eu terminei as matérias para qual eu necessitava para fazer o vestibular de Medicina.

WH - Mas nessa época o sr. já tinha decidido que o sr. ia fazer Medicina?

WS - Ah!... sim, sim.

WH - Como é que apareceu essa idéia de fazer Medicina?

WS - Não sei, não sei, assim espontaneamente.

WH - Porque o sr. já tava nesse Colégio... São Vicente de Paulo, o sr. já gostava, né? dessa...

WS - ...já gostava, me interessava muito, justamente por aquelas coisas ligadas à Medicina que era... História Natural, não é Antropologia e tal, gostava muito, não é? Mas no colégio, inclusive

eu... no Colégio Pinto Ferreira eu também gostava muito disso, inclusive eu era o monitor da... da cadeira, preparava as aulas pro professor etc.

WH - Mas o seu pai queria que o sr. tomasse conta das empresas, né?

WS - não... ham... ele não fazia... não fazia pressão não, mas naturalmente, ele como tinha essa empresa, gostaria que continuasse ou que tivesse alguém na família que continuasse.

AA - ao menos um dos três.

WS - Hein?

AA - ao menos um dos três.

WS - é, é... mas um foi pra odontologia e não tinha nenhuma propensão pra isso e depois deixou, e foi... acabou gerente da Caixa Econômica de Petrópolis e o outro, menor, que era malandro como ele só, entendeu? depois acabou também funcionário da, da... da... Caixa Econômica de Petrópolis, porque meu irmão passou a morar... continuou lá depois de... quer dizer... depois de... de... adulto etc, constituiu família e ficou lá. E papai conosco, nós viemos pro Rio, né? Mas, nessa época, eu vim para o Rio pra fazer o exame vestibular e felizmente eu passei e, diga-se de passagem, a... o... o... pessoal que estudava no Colégio São Vicente de Paulo... no Pinto Ferreira já era conhecido do Colégio Pedro II, porque a gente estudava lá, mas os exames eram feitos no Colégio Pedro II no Rio, entendeu? Eu já conhecia, porque o pessoal era bem preparado, entendeu? Eu tô falando mais no Pinto Ferreira, porque eu tenho uma admiração (risos)

AA - é ele marcou o sr.

WS - ... louca por ele. Morreu há muito tempo...

AA - ... que marcou a sua vida, né...

WS - Entendeu? porque pelo desprendimento, ele ia verificar, testar os alunos e verificava aqueles que estavam mais atrasados, ele mandava vir à noite, ele dava aula gratuita à noite até 11 horas da noite e tal quando ele já não podia falar, ficava é... com voz embargada, garganta inflamada de tanto falar, etc, sabe? Então na Faculdade de Medicina...

WH - quer dizer, o sr. fez aqui no Rio de Janeiro, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

WS - Não... é do Rio de Janeiro, da praia, chamada da praia, né?

WH - o senhor é... era já sua escolha? O senhor não tinha pensado em fazer alguma outra opção? Era realmente essa faculdade...

WS - Comigo era Medicina, tinha que ser aquilo.

WH - Tinha que ser aqui no Rio de Janeiro.

WS - É... Rio de Janeiro.

WH - Seu pai já tinha vindo morar aqui ou veio também...

WS - não, não, não. Eu fiquei, eu passei a vir até o 2º ano, eu passei a... a viajar de trem naquele tempo, né? Saía de lá às 6 horas da manhã, chegava aqui às 8 horas no... na Leopoldina, pegava um ônibus, que vocês não conheceram, de 2 andares, da Light... e...

WH - um ônibus?

WS - É, um ônibus. E... saltava na... ali na Avenida...

WH - Pasteur, né?

WS - não... não, Avenida Rio Branco, na... oh, Meu Deus! (barulho de tamborilar de dedos como se estivesse aflito por não se lembrar do que queria) Jockey Clube ali... tem um prédio do Clube Militar... ali, não é?

AA - Ah, no Clube Militar?!

WS - ... no Clube Militar, entendeu? não, no Clube Militar, não. É ali na...

AA - ... na própria Rio Branco?

WS - ... na Rio Branco.

AA - será o prédio da Avenida Central?

WS - tem um Jockey Clube, não tem um Jockey Clube?

BG - Escola Naval, alí, que o sr. Quer dizer?

WS - Hein?... não, Escola Naval, não é... na Avenida Rio Branco, é e tem o Clube, o Jockey, eu não sei bem onde é, nas...

BG - Mais perto do Castelo?

WS - É... tem... então o ponto do ônibus era ali e ali então eu pegava o... o bonde Praia Vermelha pra ir pra... porque as aulas eram todas na Praia Vermelha onde havia a Escola, que depois foi desativada, né? E a parte de anatomia era toda dada aqui no Instituto Anatômico, na Praia de Santa Luzia, né?

AA - Então o sr. ia e vinha.

WS - todo dia, todo dia, era isso... eu tinha assinatura, não é? E depois, do 2º ano em diante, eu ingressei como interno pra prestar serviço, naturalmente estagiário no... na, no Hospital... dos

Construtores Civis, da Associação dos Construtores Civis, era uma espécie de... de... Pronto-Socorro pra atender acidentes de trabalho, entendeu? de todas as construções.

AA - Na área da construção civil.

WS - Construção Civil, entendeu? E aí...

AA - Não devia faltar trabalho?

WS - É...

AA - Porque devia ter muito acidente, né?

WS - É... é... fiz um pequeno estágio ali perto, que era o Pronto-Socorro, né? o hospital do Pronto-Socorro... lá na Praça da República, né? Mas lá continuei nesse Hospital do Servidores Civis, dos Construtores Civis até a ...

WH - ... o sr. fazia é... era clínica mesmo, né? Nesse hospital o sr. trabalhava como clínico?

WS - formação, é... era tudo, como a gente trabalha na Santa Casa ou num Pronto-Socorro, não é? atendendo a emergência.

WH - Fazia plantão?

WS - Plantão! não... eu morava lá... eu morava... eu tinha que... Dava 100 mil réis por mês e tinha casa e comida, entendeu? Na Faculdade eu realmente eu ia mais às aulas práticas, porque as teóricas eu lia no livro, né?

WH - O que que o Sr. Que aulas que o Sr. se lembra ...? Que professores que o Sr. ... gostava mais?

WS - Ah! ...naquele tempo os professores eram daquele tipo orador entendeu? fazia discurs... mais discursos, não é?

AA - Não tinha um grau de intervenção que o aluno pudesse ...

WS - Não ...não eu ... chegam lá e expunham, não é? É... a ...matéria de uma maneira discursiva, não é? De modo que eu pra ouvir discurso eu vou dormir no meio, não é? (risos). Agora às práticas eu ia a todas, porque a prática era obrigatória, tinha ...

WH - frequência?

WS - frequência, né? Então era ... as coisas quase não tinham ...

WH - E quem era que dava aula prática?

WS - Hein?

WH - Quem dava aula prática na Faculdade?

WS - Bom ... vieram os professores.

WH - Que professores?

WS - O nome deles eu não me lembro.

WH - Não se lembra? O sr. foi aluno do Carlos Chagas?

WS - Não ...Carlos Chagas, eu conheci o Carlos Chagas, por acaso, assim, já era formado etc, mas não ... não fui aluno dele não.

WH - O Carlos Chagas tinha o Medicina Tropical lá, não é?

WS - Mas eu ... naquele tempo de Medicina Tropical na Faculdade, era outro, cujo nome não me lembro e era uma cobra, entendeu? Conhecido. Mas eu não tenho memória pra nome, entendeu? É uma coisa terrível!

AA - É ... mas ...

WH - Quando foi?

WS - Olímpio da Fonseca.

WH - Olímpio da Fonseca. (o relógio toca 3 badaladas)

WS - Olímpio da Fonseca, me lembro agora. (Comentário sobre o “gongo” do relógio).

WH - Olímpio da Fonseca era do Instituto Oswaldo Cruz.

WS - do Instituto Oswaldo Cruz é ... é.

AA - Chegou a ter aula com Clementino Fraga também? Fora do curso de Tisiologia?

WS - Fomos ... com Clementino? Bom ...eu fiz com Clementino Fraga eu fiz o curso de Especialização e Tuberculose.

AA - Pois é, mas enquanto professor lá de todo dia também ele dava aula também, na cátedra de Clínica Médica, não?

WS - Não, não, não ...eu fui aluno dele num curso...

AA - nesse de especialização...

WS - ...quando o Clementino Fraga foi secretário de saúde do Distrito Federal. Então ele criou o curso de Tisiologia ... e ... convidou alguns professores franceses ... naquele tempo, o nosso ensino, inclusive os livros, eram mais franceses, sabe?

AA - Literatura era mais francesa, né?

WS - Eu estudei, eu estudei por livro francês. Eu tenho até um aí porque eu não desligo dele de maneira alguma porque são muito bons, muito explícitos, entendeu? E, então, na ocasião do meu curso veio aqui o professor Émile Serjam que era o cobra de tuberculose da França. Então tiramos retratos, talvez eu tenha retratos aí pra mostrar a vocês.

AA - era um especialista super renomado, né?

WS - Renomado. E o Clementino que tinha trabalhado com ele, né? Ele fez o curso e eu tive o grande prazer de ser incluído nesse curso e fiz a tisiologia e trabalhei também em tisiologia ... na antiga Liga ...

AA - Brasileira.

WS - Brasileira contra a Tuberculose.

WH - O sr. chegou a trabalhar lá?

WS - Cheguei, cuja a sede era ali na ... já não existe mais tudo

AA - Pedro II, né?

WS - não, não, era ali no ... como é, meu Deus? no Clube Naval

AA - ah! na Almirante Barroso

WS - na Almirante Barroso, entendeu?

AA - Aí foi destruído e virou aquele prédio enorme (Dr. Walter concorda) e lá que tem a FAP ainda né, mas só tem um pouquinho.

WS - a fábrica?

AA - a FAP, a Fundação Ataulfo de Paiva.

WS - Ah!... ah!... e que tá ligada ao laboratório que faz a tuberculose lá em Paquetá, entendeu? Então eu trabalhei ali, com ambulatório e tal.

WH - Também como, com clínica?

WS - Hein?

WH - Também como médico clínico?

WS - Clínica.

AA - O sr. trabalhava no Dispensário da Liga?

WS - Dispensário da Liga, é...

AA - É.

WS - É, trabalhei. Era tudo de graça naquele tempo, ninguém pagava nada à gente, não.

AA - Chegou a trabalhar naquele dispensário que teve na rua do Resende também? Teve um ali também.

WS - Não, não. Ali não trabalhei não.

AA - Então o sr. trabalhou nesse principal que era o da Almirante Barroso.

WS - O principal era o da Almirante Barroso, não é? que desapareceu tudo.

AA - Chegou a conhecer o Ataulfo de Paiva?

WS - Ataulfo? Conheci.

AA - Como ele era?

WS - O Ataulfo era um cavalheiro tipo inglês, entendeu?

AA - Era um lorde, né?

WS - (?), não é muito bem vestido, muito bem... tratado, entendeu? Naquele tempo, esses homens é... ornamentais... lavavam o rosto, às vezes, com leite como dizia do... (risos) do... Aluísio de Castro, o grande Aluísio de Castro, de quem fui, fui aluno de Clínica.

AA - na Faculdade.

WS - na Faculdade.

AA - Ah... Aluísio de Castro era catedrático.

WS - a pele dele era... era uma coisa muito delicada, entendeu? parecia pele de moça, entendeu? se tratava muito bem, né?

AA - Aí dizia-se então que era lavada com leite?

WS - É...

AA - (rindo) Leite de Rosas, talvez.

WS - Entendeu? Então era muito delicada era um professor extraordinário, ele conhecia muito a matéria e cativava muito. Então ele dizia: “olha meus amigos, o médico precisa se apresentar bem, inclusive, as unhas bem cortadas, uma água de cheiro”. Como é? uma... ele usava uma expressão, hoje a gente diria uma lavanda, não é? “E sempre com a barba feita” etc. Entendeu? Naquele tempo não havia barbudo não. E... então eu diria, Paiva parecia com ele porque ele era um tipo ornamental de homem, entendeu? muito bem vestido, muito bem tratado, muito bem apresentado, ele... tratava a gente com uma delicadeza extraordinária, um respeito muito grande, as aulas eram muito bem dadas, com detalhes.

WH - Ele dava aula aonde, nesse curso de fisiologia? ... Só um instantinho, Dr. Fausto.

WS - Hein? não ele era clínico.

Fita 1 - Lado B

WS - (rindo muito)

WH - Tem várias aqui. O sr. pode falar à vontade. O sr. tava dizendo do curso de química que ele dava aula.

WS - Não, química não, clínica.

WH - Clínica.

WS - Clínica médica, entendeu? Extraordinária naquele tempo, sabe? O, o, o outro que também dava aula para nós de semiologia.

WH - de... si?

WS - de semiologia médica.

WH - semiologia.

WS - era o... meu Deus! era um tipo muito interessante também, era nordestino com aquela voz característica, mas conhecia muito a matéria. Ele nos dava aula ali da... na... na Santa Casa, naquela parte que fica sobre ... ali perto da igreja, entendeu?

AA - Essa parte da aula prática, né? que eles levavam pras enfermarias, né?

WS - É na enfermaria, justamente. E ficávamos lá, entendeu? é... dando aula; era uma coisa muito prática, porque ele escalava o estudante, né? e escalava também o doente, entendeu?

WH - Ah, ele dava aula com...

WS - Ah, sim!

WH - ... com o doente ao vivo.

WS - com o doente ao vivo; você tinha que fazer o diagnóstico

WH - aula prática, mesmo

WS - ... aula prática, entendeu? isso aí é coisa muito interessante...

WH - aí o sr. não perdia, né? aula prática.

WS - Não, nunca perdi aula prática. Nunca, nunca, nunca perdi. Eu gostava muito. E... na semiologia, por exemplo, para pulmão, naquele tempo, a gente... como todos os clínicos procurava desenvolver muito os... os sentidos... o olfato, tato etc, porque naquele tempo não havia essa aparelhagem de hoje, entendeu?

AA - A quantidade de exames, né? Exames... externos, né? quer dizer, só pelo... pelo toque, né?

WS - é... é... e depois, mesmo para pulmão o RX, que já existia, era uma coisa muito limitada porque era muito caro, tudo importado, inclusive a chapa etc; de maneira que

AA - (?)

WS - ... a gente tinha que... que... que delimitar e estudar o pulmão com o toque (barulho de toque em madeira), entendeu? com... (barulho de toque) assim... (barulho de toque) tinha que bater no dedo assim... (barulho de toque) no pulmão, para ver sonoridade ou maciez, entendeu? e... estudante, né? despreparado na época, tava aprendendo etc, então ao invés de colocar o dedo para bater nos intervalos das vértebras que... pra ouvir o pulmão ele botava em cima da vértebra, né?

WH - Aí não conseguia escutar.

WS - Não conseguia, né? e... então ... o que ele lhe dizia? Ele dizia qualquer coisa qualquer, que eu não me lembro. Ele corrigia, não é? essa... essa... batida, não é? para captura da sonoridade do pulmão, mas... eu esqueci, talvez me lembre daqui há pouco. Mas ... para ouvir o pulmão também era o ouvido, então a gente ia, ia procurar ouvir o pulmão de cima abaixo.

WH - e acostumar, né?

WS - Quando ele tava lá embaixo o ... o professor dizia assim: ... “fulano! (chamava pelo nome) fulano! você aí, você vai ouvir a urina cair no bacinete” (risos). Ele tava em cima do rim (risos) já tinha passado do coisa... (risos). A urina vai cair no bacinete (risos). Tinha no pulmão, tinha uma coisa muito interessante que ele dizia, mas eu esqueci completamente.

AA - Quer dizer, eram aulas que realmente os alunos participavam, né?

WS - então, o ... (tosse de Anna Beatriz) o que estava dizendo, o Malagueta era um grande ...

WH - Malagueta.

AA - Ah! Irineu Malagueta?

WS - É o Malagueta.

AA - Irineu, não é isso?

WS - Irineu Malagueta é um dos grandes ...

WH - Que dava aula de semiologia. (superposta à fala do dr. Walter)

WS - E é muito interessante que ele foi nomeado secretário de saúde do Distrito Federal, mas ele como professor normalmente ele era estabonado o ele ... ele ... ele ... se vestia muito mal, o ... o ...

WH - ele era o contrário ...

WS - o colete dele era o contrário do Aluísio.

AA - do Aluísio de Castro (rindo) dos dois, do Ataulfo e do Aluísio.

WS - Então ele ... ele tava sempre com o bolso cheio de papéis, sabe? aquilo tava tudo ... ele não abotoava, o colarinho tava prum lado, a gravata tava pro outro etc. De modo, quando ele foi secretário, chamaram a atenção dele “olha, se tem que (?)”

WH - tem que?

WS - tem que se ...

WH - se arrumar melhor.

WS - se arrumar, comprar uma roupa nova, e ... se embrulhar melhor etc. E havia um colega que ... andava sempre junto dele e ... é ... ele protegia muito esse colega e ele dava então dava os conselhos ao Malagueta (rindo), entendeu? Mas era uma das figuras interessantes daquela época como professor, não é? e como cidadão ... para aquele cenário da época que não havia ainda o Fundão e nós tínhamos um trabalho tremendo para é... frequentar os hospitais para o estágio era... a maior parte era a Santa Casa da Misericórdia, não é?

WH - O sr. conseguiu nesse da Construção Civil, né?

WS - Hein?

WH - O sr. fez o seu estágio nesse hospital ...

WS - não ... não.

WH - Nesse pronto-socorro

WS - sim, no de estudante que trabalhava aí no, nesse hospital, mas eu, eu não deixava de frequentar a Santa Casa porque as aulas eram dadas na Santa Casa.

AA - porque essa dificuldade de conseguir o acesso?

WS - O caso é o seguinte, porque as escolas ...

AA - como estágio, como monitoramento ...

WS - com que? como é?

AA - como estágio, como monitoramento, porque que era tão fechado? Porque era tão difícil?

WS - Não, era difícil pelo seguinte: porque primeiro, naquela época, não havia uma legislação que obrigasse, entendeu? a um estágio com, dentro das normas que existem hoje, entendeu? Então ... o aluno de acordo com sua tendência, ele procurava o serviço que mais lhe interessava. Um exemplo, o Niemeyer que hoje é esse ... monumento da cirurgia, né? do sistema nervoso, o Niemeyer se prendeu ao Augusto Taulino, professor Augusto Taulino, que tinha uma enfermaria e tinha 2 filhos, entendeu? O Niemeyer parecia mais filho do Paulino do que os próprios filhos, porque ele grudava ali, entendeu? e ... tinha material, ele operava e dava certo. Enquanto nós estávamos com outro professor, cujo nome não me lembro, entendeu? também um grande cirurgião na Santa Casa, entendeu? então nós ficávamos com aquele porque era, era a parte cirúrgica que a gente tinha que aprender, não é mesmo? e não tínhamos chance nenhuma porque havia os livre-docentes que precisavam operar e etc e a gente lá aprendia teoricamente certo, entendeu? Mas o ... o Niemeyer procurou, já ...

AA - quer dizer, era uma opção pessoal.

WS - a especialidade... é pessoal, entendeu? Mas...

WH - O professor podia aceitar ou não, também, né?

WS - ou não, aceitar ou não, mas ele...

WH - O senhor chegou a ter algum contato assim próximo...

WS - Com quê?

WH - ... com professor da Faculdade?

WS - Não, próximo assim não, porque eu não...

WH - De acompanhar?...

WS - ... porque eu não, não tinha tempo pra isso, né? Eu tinha...

AA - Tinha o internato lá, né?

WS - Tinha o internato, tinha minhas obrigações, tinha aula, né? Se bem que, na Santa Casa, eu fazia aquilo que era do meu currículo, entendeu? Parte de laboratório, da enfermaria, fiz uma parte de... de, de...andrologia, né? É... era a enfermaria de homens, de... de... do professor..., eu não me lembro o nome dele, até, até por ingratidão... eu precisei de um atestado e ele me deu (riso) eu esqueci o nome dele.

AA - Nessa época o Rocha Faria ainda...

WS - Não, não.

AA - Ainda era não, né? Já tinha saído, né?

WS - Já, já tinha.

WH - Aliás, quando que o sr. entrou na Faculdade?

WS - em 36.

WH - O sr. entrou em 36?

WS - Não, entrei em 30 e saí em 36.

WH - Ah, tá. O sr. entrou em 30 e se formou em 36.

WS - em 36, entendeu? E... bom, então, é a parte, essa parte que eu fiz lá no meu...

WH - E os seus colegas, dr. Walter?

WS - Hein?

WH - os seus colegas, colegas da turma?

WS - Colega meu é Bichat Rodrigues, meu colega de turma.

WH - Fazia faculdade?

WS - Fazia faculdade, né? E sendo que o... Bichat desde, quer dizer, desde a faculdade ele se ligou muito ao... ao irmão do Carlos Chagas, cujo nome não me recordo...

WH - Evandro?

WS - Evandro Chagas. E foi para o Instituto do Evandro Chagas, no Pará.

WH - Lá no Pará? IPEN, né?

WS - Hein?

AA - Não (?)

WS - Não sei, não me lembro, não sei.

WH - Pará, INPA?

WS - Não, INPA é outro. INPA é...

WH - É, meu deus, então sou eu que tô...

WS - ... do INPA foi o ministro Fonse... do... do...

AA - do Pará? Era..., não. Não tem nada a ver (falando baixinho)

WS - Tem, é o Instituto de Medicina, de Medicina, é o Instituto, Instituto de Doenças... Tropicais.

AA - Tropicais, né?

WS - entendeu? do Pará, entendeu? O... o... Bichat ficou ligado a isso depois que formou.

AA - Que depois ganhou o nome de Instituto Evandro Chagas.

WS - Evandro Chagas, depois é, quando ele morreu naquele desastre de avião.

AA - É, deram o nome dele.

BG - Era do SESP, não?

AA - Depois foi até pro SESP, ficou dentro do SESP.

WS - Quem? quem?

AA - Esse Instituto, não ficou?

BG - Tinha uma ligação com o SESP.

AA - Tinha uma ligação.

WS - Porque o SESP tinha uma parte executiva muito grande na área amazônica, né? Então foi convidado, ele.

AA - Mas ele tinha, então, muita ligação com o Evandro Chagas, o Bichat, trabalhou muito com ele.

WS - Com Evandro Chagas. Eu tive também ligação com Evandro, pessoalmente, né? Na... naquele, no trabalho de, de, de combate ao *gambiae* lá no Nordeste.

WH - Lá na Malária, né?

WS - Na Malária, eu tive contato com ele também. É. E... isso é a parte...

WH - Quer dizer, o sr. dizia, o Bichat foi seu colega.

WS - Ah, o Bichat foi meu colega, o Fonseca... da Cunha.

WH - Fonseca da Cunha também.

WS - Meu colega de turma e...

WH - O sr. tinha um grupo? O sr. estudava...

WS - o Niemeyer.

WH - Ah... O sr. tinha um grupo, estudavam juntos?

WS - não, não.

WH - faziam farras...

WS - não, não, não, não...

WH - nessa época?...

WS - não, não, não... é... eu até me recrimino porque eu não aprendi nada do que essa mocidade de hoje aprende. Eu não sei nadar, não sei jogar sinuca, não sei... não sei as coisas que esse pessoal faz, porque não tinha tempo... entendeu? Eu não ia à praia, não é? Ou por outra, algumas vezes eu ia à praia da Urca pra estudar. Embaixo daquele prédio...

WH - Era ali pertinho, né?

WS - Aquele prédio, entendeu? eu ficava, eu ficava lá sossegado, não tinha ninguém... estudava lá, gostava de estudar, entendeu?

WH - É, o sr. decidiu se dedicar realmente à...

WS - É, eu não tive...

WH - ...estudar a medicina.

WS - Eu não tive essa mocidade de esporte, é, que... é... no colégio eu jogava futebol e parece que eu jogava razoavelmente bem.

AA - (rindo) parece?

WS - (?) Mas depois que fui pra faculdade, nunca mais, entendeu? Foi ... uma dedicação integral ao meu estudo, meu trabalho e coisa, sabe? não tive essa, esse gosto que eu vejo na rapaziada que se juntam e que vão pra bailes, e que vão pra... ficam na praia, não tive isso.

WH - Que tem aquele jogo de futebol certo, marcado.

WS - Não, não, nunca, nunca, nunca tive isso não. Quando me casei era verde realmente. Tem uma bibliotecazinha razoável aí, entendeu? Sempre gostei de livro, né? E...

AA - E aí também fora medicina, o sr. também gostava muito de literatura, sempre foi sua opção.

WS - Muito, muito, muito.

AA - Isso desde adolescente.

WS - Meu pai, meu pai quando... sabia de um leilão em que tinha livro e tal, ele me dizia, eu ia lá e comprava livro no leilão. Até hoje tenho uns livros muito bons que eu comprei em leilão; um dicionário de latim, entendeu? É... uma coleção de... de enciclopédia. Enciclopédia internacional que eu já me desfiz porque eram 24 volumes enormes e... e... traziam até trechos dos grandes é... trabalhos internacionais etc.

AA - Chegou esse momento que estava justificando o espaço, né?

WS - É... então eu queria uma coisa mais consistente....

AA - Quer dizer que esse gosto é uma coisa que continua?

WS - É, continua... isso continua, continua. Às vezes...

AA - É um grande prazer?

WS - Às vezes minha mulher fica vendo televisão e eu fico lendo (risos). Eu faço pouca companhia, eu gosto tanto de ler. De modo que não tive essas coisas, né? Esse grupo, por exemplo, que você me perguntou se eu tinha grupo de amigos e tal. Não, nunca freqüentei, nunca tive isso não, entendeu?

AA - Nem naquele Rio de Janeiro, efervescente ali anos 30, tanta dança,

WS - não, não...

AA - ...tanta coisa cultural...

WS - ...não, não.

AA - ...teatro de revista.

WS - Nunca, nunca, nunca, nada disso me atraía.

AA - Não atraía.

WS - Sempre gostei de ler e... um tanto solitário, entendeu? Solitário. Me encanto quando vejo um bom livro, eu dispenso qualquer outra coisa.

WH - O sr. então não tinha nem namorada?

WS - Hein?

WH - nessa época da faculdade, o sr. não...

WS - Ah! tinha.

WH - Ah... viu? (risos)

WS - Namorada tinha (rindo). E namorava mais pelo telefone. (risos)

AA - Oh! Não era por carta, não? O sr. leva jeito de quem gosta de escrever (rindo).

WS - Ah! por carta. Eu... fazia cartão...

WH - Era de Petrópolis?

WS - Hein?

WH - Era de Petrópolis?

WS - Não, em Petrópolis, eu tinha uma namorada que era, era veranista. Escrevia muito bem, entendeu? Escrevia carta para mim. Eu então procurei me esmerar na gramática portuguesa.

AA - O sr. começou a se apaixonar pelas cartas dela.

WS - pelas cartas, é... (risos). Então nós trocávamos cartas etc, entendeu? E... muito romântico, muito romantismo, entendeu?

WH - Uma beleza, né?

WS - Formidável. Mas namorei muito cedo, é. Isso eu gostava, (risos) gostava.

WH - Agora, o sr. Dr. Walter, o sr. fazia é... quer dizer, tava fazendo a faculdade e morando nesse...

WS - Morava lá na...

WH - nesse internato...

WS - na, na rua do Senado, né? Na...

WH - Eu queria lhe perguntar: esse internato, na verdade, ele funcionava como... um local onde o sr. podia praticar a Medicina, né?

WS - É... eu morava, o hospital embaixo, entendeu? Havia então um... um... uma suíte. Uma suítezinha em cima, que era para um interno. Havia um interno residente e um interno chamado atachê.

WH - Atachê?

WS - Atachê, quer dizer, atachê quer dizer é agregado, não é mesmo? Esse atachê funcionava durante o dia no ambulatório... e o... o, o interno residente que morava, entendeu?

WH - Que era o sr.?

WS - Que era eu, entendeu? É... tomava conta, entendeu? de todas as enfermarias, as...

WH - À noite, principalmente?

WS - a parte particu... não, de dia e de noite.

AA - Então o sr. ficava...

WS - hein?

AA - num corre-corre de um lado pro outro.

WS - Não, não, mas não, mas tinha o, o...

WH - O sr. podia fazer os, o seu curso...

WS - é claro, claro

WH - Tranqüilamente... quer dizer, não exigiam...

WS - não, não, não, não. E o movimento no hospital era mais durante o dia, sobretudo de manhã, né? porque, por causa, da... do, do dos acidentados que iam fazer o curativo. Os que eram mais grave, internavam e os que podiam andar iam lá fazer curativo, de manhã, né?

WH - Qual o maior problema que aparecia... nesse...?

WS - Hein?

WS - Ah! muito.

AA - Quedas?

WS - Espetadura de prego, é... coisa que caia na cabeça, não é? É, é, é...

WH - Tinha intoxicação?

WS - Não e é... a... dece... decepção de

AA - Hi!... perda de dedos?

WH - dedo... sobretudo às segundas-feiras, negócio de futebol e tal, se tava discutindo lá, esqueciam o dedo na máquina (?), coisa dessa natureza, entendeu?

WH - Intoxicação não tinha casos de...?

WS - Hein? não, não, não, coisa não.

WH - E esse... esse, esse

WS - a maior parte...

WH - Pronto-Socorro era, era ligado a quê?

WS - Hein? Era o quê?

AA - era uma Associação

WS - Esse Pronto-Socorro era ligado a quê?

WS - Ué! Isso era a Associação dos Construtores Civis.

AA - Então era mantido pelos proprietários, donos de empresa.

WS - É, dono de empres.

AA - Não tinha nenhuma relação com sindicato.

WS - Não...

AA - Não era uma Associação dos trabalhadores não, né?

WS - Não, não, era...

AA - Patronal.

WS - Era patronal, eles tinham então esse hospital para os acidentes do trabalho..., entendeu?

WH - Agora, esse, esse trabalho o sr. conseguiu como, dr. Walter?

WS - Hein?

WH - como é que o sr. conseguiu essa...

WS - Quem conseguiu foi meu pai, entendeu? Que conhecia um médico muito importante que se chamava Américo Caparica.

WH - Como?

WS - Américo Caparica.

WH - Américo Caparica?

WS - É, é. Era muito amigo de papai. E... papai conversando com ele dizendo que tinha um filho, que tava coisa, precisa de é... de... é... um ambiente próprio para se desenvolver, então e ele conhecia, o dr. Américo Caparica conhecia muito o... o doutor... - será possível que não me lembro mais? será uma ingratidão danada.

AA - Hi! mas tem tempo do sr. depois lembrar de falar, não se preocupe não

WS - Ahn?

AA - a gente registra depois.

WS - É...

WH - Esse doutor era, era responsável pelo...

WS - É... o...

AA - Brandão.

WS - É... Brandão... dr. Brandão _ queria me lembrar o primeiro nome dele, que era diretor do hospital, né? o... dr. Brandão e conversou com o dr. Brandão, o Brandão então me admitiu

como, como interno atachê, quer dizer, o interno atachê é... tinha obrigação de estar lá de manhã, auxiliar a, as, a enfermeira, as enfermeiras no, no tratamento dos doentes, não é? dos operados que chegavam e tinham o direito também em almoçar... lá, né? e depois saia pra aula, né? Mas eu ficava a maior parte do meu tempo lá porque eu gostava, eu gostava do hospital, né? (o relógio badala) e aí então que eu.... a minha origem de hospital, quer dizer, esse... essa intermediação do Américo Caparica com o dr. Brandão.

AA - Com esse dr. Brandão, através de seu pai, né?

WS - Júlio, Júlio Pinto Brandão.

WH - Júlio Pinto.

WS - Júlio Pinto Brandão.

WH - O sr. ficou muito tempo nesse hospital.

WS - Ah! fiquei, fiquei.

AA - O sr. chegou então de passar de atachê pra...

WS - Hein?

AA - O sr. passou também de atachê pra interno...

WS - pra interno

AA - ...residente, né?

WS - Residente, é. E depois esse, eu tinha, eu sempre tive muita sorte com meus superiores, não é? Como o dr. Júlio Brandão... era... quase que um filho; ele tinha um filho, não é? Que depois entrou pra faculdade e eu fui levá-lo, eu fui encarregado de levá-lo pela primeira vez pra faculdade.

WH - O sr. foi meio padrinho dele, né?

WS - Meio padrinho dele, né? Ele hoje é um grande ortopedista, né? (Joerson Samarão?) Brandão.

WH - Como?

WS - (Joerson Samarão?) Brandão. Ele parece que está adoentado, parece que... tá parado, mas ele é um grande ortopedista, né? Mas o dr. Júlio... Júlio... Júlio Pinto Brandão ele me tomou como filho e... como ele era também médico da polícia, né? e da... da Ordem da Penitência, entendeu? Ele, às vezes, me levava pra esses lugares, entendeu? in...

AA - ainda circulava em outros...

WS - in, inclusive pra doentes particulares, às vezes ele me levava, entendeu? E... quando ele ia almoçar, porque almoçava em casa, porque não tinha horário, então, às vezes, eu almoçava com ele, ele me levava, nós íamos a um restaurante, conversar e tal etc; eu tinha muita ligação com ele, uma afinidade muito grande. Quando ele morreu eu ocupei o lugar dele (rindo)

WH - No hospital?!

WS - lá no hospital. É... fui nomeado..., mas fiquei apenas... pouco tempo... porque eu já... já estava, já tinha feito concurso para o Ministério da Saúde, já tava trabalhando no Ministério da Saúde e no Ministério da Saúde a gente é... só começava às 11 horas, entendeu? De modo que eu de manhã ia para o hospital.

AA - Por um tempo... o sr. ficou... acumulando

WS - Não, não, acumulando não, eu fiquei, tava trabalhando, fiquei lá, ficava trabalhando... é...

AA - até às 11 hs

WS - ... de graça, de graça, e depois eu já tinha me formado, já tinha entregue a... já tinha outro...

AA - interno?

WS - ...interno me substituindo, mas eu ia porque eu morava perto, eu morava na rua...

WH - Aí o sr. já tinha sua casa...

WS - Hein? já.

WH - Já tinha seu apartamento.

WS - Já, já, é que eu morava ali perto, aí eu ia, entendeu? Mas fui nomeado e fiquei pouco tempo, porque veio o tempo integral...

WH - Dedicção exclusiva.

WS - Exclusiva e eu tive que assinar um documento dizendo que não tinha outro emprego, larguei o emprego e fiquei trabalhando só no Ministério. Daí por diante, eu fiquei inteiramente no Ministério. Só fiz as coisas que o Ministério, entendeu? por esse Brasil a fora etc... inteiramente. Se bem que agora eles pagam só 6 horas, né? só a tabela de 6 horas. Quando nós... quando fizemos o nosso trato, inclusive com esse atestado de que não, não tínhamos outro emprego ...

AA - Dedicávamos exclusividade.

WS - ...e eu... eu, inclusive, larguei esse emprego, né?... né? dedicação exclusiva, dedicação inteiramente ao Ministério, não é? Eles hoje só, só pagam 6 horas.

Fita 2 - Lado 1

WS - (barulho de sirene) Até agora eu não disse nada, né? (murmúrios)

WH - O sr. Tá falando, falou muita coisa. Uma coisa que eu queria lhe perguntar, dr. Walter...

WS - é...

WH - o sr. fez a sua faculdade, foram 6 anos, né?

WS - 6 anos.

WH - Quando o sr. terminou a faculdade, né? quais eram as persp...

WS - 36.

WH - Poisé, quais eram as perspectivas, que o sr. tinha assim ...

WS - Ah! O que eu queria, eu queria ser médico, cirurgia plástica ... eu tava querendo fazer cirurgia plástica naquele tempo.

WH - É uma área ... relativamente nova, né?

WS - É ..., mas o que acontece que já naquele tempo, você para fazer essa especialidade, naquele tempo, era na Itália, entendeu? E nós não tínhamos condições para isto, então... então fiquei fazendo o que todos os médicos faziam, né? era consulta... em farmácia, compreendeu? E... eu... lá no hospital mesmo onde eu estava trabalhando, eu, já sem ser formado, eu já atendia umas pessoas, né?... sobretudo é ... gente do Mercado Municipal. Antigamente tinha o mercado na Praça XV, entendeu? E eu desde... desde cedo, em casa, eu já era encarregado de fazer compras no mercado e eu saía, pegava aquele bonde Praça XV que passava, Praça XV - Praça XI, que passava perto de casa, me levava até o mercado, eu no mercado já tin... já havia um português com um cesto grande, entendeu? Ele ía comigo, eu ia comprando as coisas, botando no coisa etc e tal, depois pegava o... ele pegava o... o bonde que chamava taioba, né? que era de carregar coisas e levava até em casa, não é? Então, já nessa ocasião, eu já tinha amizade no mercado. Quando eu me formei tava lá coisa e tal apareciam é ...pessoas do mercado me procurando, não é?

WH - Pro sr. atender.

WS - Eu já era doutor, de qualquer maneira.

WH - Ah! Claro...

WS - Mesmo já no 5º ano

AA - No 5º ano, mas para eles lógico já era doutor.

WS - ... já era doutor, dou... Então, nessa ocasião, entendeu? eu atendia o pessoal lá no Hospital mesmo e com esse dinheirinho que eu ganhava, entendeu? eu acabei fazendo as peças de um consultório e montei o consultório... (murmúrio) montei o consultório na rua do Rosário, esquina... esquina de... (ruídos de carro) da Quitan... de Miguel Couto, entendeu? Naquela esquinazinha ali, eu...

WH - Bem movimentada, né?

WS - Bem movimentada.

WH - É um lugar ótimo.

WS - E... e então, eu nessa, nessa ocasião, eu trabalho das qua, das quatro horas da tarde às oito horas da noite.

WH - No seu consultório?...

WS - No meu consultório, entendeu?... Foi quando numa ocasião... Bom, eu para o consultório tinha necessidade de setor clínico, esse tipo de, de, de médico de família. Porque naquele tempo, a gente era chamado para atender as famílias. E eu era um desses, não é? Eu tinha clínica aqui do Morro, do, ali da Ladeira do Senado, então eu tinha, eu tinha cliente por ali. E... então eu fazia cursos, eu fiz uma porção de cursos, cursos de tumores de câncer, nutrição.

WH - Hum... foi nessa época que o sr. fez esses cursos todos?

WS - É... foi, foi, foi. Na... é... como é que se diz? Puericultura.

AA - Essa parte de (?)

WS - puericultura,

WH - Raio X?

WS - é... hein?

WH - Raio X, o sr. fez curso de RX.

WS - Fiz Raio X na GE, tenho um diploma que é muito mais bonito do que o da faculdade, hum?

WH - De dermatologia também.

WS - Dermatologia, Sifilografia, ...

WH - Isso!

WS - ...entendeu? Eram cursos que para você ter o diploma você tinha que se submeter à banca... esse de, de sifilografia e co... e tal no Gafreé, era uma banca de 3 camaradas numa sala, com o doente presente, entendeu? para fazer diagnóstico, entendeu? receitar, pedir, pedir laboratório, receitar, certo? era coisa muito, muito interessante, entendeu? Então eu fazia isso porque eu precisava pro consultório, porque eu tava atendendo a um homem, naquele tempo o que havia tremendamente disseminado era sífilis. Sífilis, doenças venéreas era coisa tremenda. Então a gente começava a pratica clínica por aí. Mas acontece que o cidadão que ia lá tratar da sua sífilis e coisa e tal, tinha um garoto que era filho e tal e tava sentindo isso, isso... “Ah! então o senhor podia ver e tal?” Eu tinha, tinha que saber alguma coisa de pediatria, né? Depois vinha “Ah! minha mulher tê, tê”; aí a mulher lá tinha que... se...ginecologia, entendeu? Era um policlínico.

WH - Era um policlínico, realmente.

WS - Então, eu fiz curso de todos esses troços, entendeu? Tirava a radiografia, tinha que ler a radiografia. Então, eu fiz um curso...

WH - O sr. não chegou a trabalhar com Raio X, diretamente?

WS - Ah! com... trabalhei com... com... com o... o mestre Côrtes. O primeiro nome dele eu esqueci. Côrtes era o, o... camarada que mais entendia de rádio, radiologia. E era do hospital onde eu trabalhava. Ele tinha um... um aparelho lá, entendeu? E lá nós ficamos, nós nos conhecemos e tal etc e quando ele já tava formado e tal etc, ele fez uma proposta se eu queria trabalhar e tal. Eu trabalhei pouco tempo com ele, mas... não era aquilo que eu queria não, entendeu? Trabalhei com o aparelho e tal etc. Hoje não...

WH - O sr. não se interessou?

WS - E por isso que fiz o curso na GE. Porque no GE, a gente tinha que pegar o doente... a pessoa que (?) lá tirava o, a, a radiografia, fazia uma porção de besteira, aquilo era criticado pelo grupo, porque era um grupo, aí voltava prá lá prá tirar, de graça, né? a GE pagava tudo, né? E assim eu tirei muitas... é... eu fiz é... esses cursos todos.

WH - O sr. fez vários, são 6.

WS - Para atender... para atender essa necessidade, né? E eu me estrepei todo - hí! (barulho de uma palma) Meu Deus, que palavra que eu disse, esse termo - quando eu fiz, fui fazer o curso de malária.

WH - Pois é, mas isso foi antes, né?

WS - Hein?

WH - O curso de malária...

WS - Não

WH - ...foi antes desses cursos todos.

WS - Não, não, foi depois.

WH - Ah! é?

WS - É...

WH - Ah!...

WS - Eu vi anunciado um curso Malariologia (tosse) e para, para, para tratar deste assunto, entendeu? Era na... no edifício onde é... hoje a... Saúde dos Portos, na Praça XV, que era a antiga Saúde Pública, né? Então, fui lá e... encontrei uma grande figura que depois foi meu (tosse) mestre e amigo... Mané Ferreira, grande sanitarista do grupo dos jovens turcos, entendeu? E perguntei a ele... onde é que se fazia a inscrição, não sei o quê... Disse assim - “olha, tá começando aí a... o... o exame”. Eu digo - que exame? “Tem um vestibular”. Eu digo - mas não sabia.

AA - Tinha que fazer então uma seleção?

WS - É... é... e eu fui. Cheguei lá, fiz o negócio, entendeu? Eu digo- “bom, já estou aqui.”

AA - Já vim, não vou perder!

WS - E eu fiz, eu fiz lá o, o... meu vestibulzinho, depois voltei, fui pro consultório. É o que me dava a subsistência, né? O consultório, né? Tempo depois, uma semana depois... não me lembro, eu me lembrei - eu fiz o negócio lá, deixa eu ir lá ver... Cheguei lá encontrei o mesmo Mané Ferreira, ele já ia descendo a escadaria. Eu digo - “Ô professor... é... eu vim saber aqui coisa e tal etc etc.” “Ah! você procura aí o... no gabinete do dr. Barreto”. Eu fui lá e tal e tinha passado (ruído de automóveis). Entrei no curso, entendeu? Para fazer o curso você tinha que ter um microscópio, você tinha que ter uma... .. uma... prancheta, tinha que ter uma alidade, tinha que ter um...

WH - Tinha que ter o quê?

WS - Alidade, alidade, que é um aparelhinho, entendeu? e bússola. Eu digo - tá certo. Um microscópio... bom... eu digo - um microscópio eu não posso comprar, vou pedir ao papai. Papai comprou o microscópio para mim. Microscópio comprei o negócio e tal, etc, me apresentei. Resultado - fui sorteado pra fazer um trabalho em Capivari, lá no interior do Estado do Rio. Eu digo - meu Deus, vou fechar o consultório? o que que eu vou fazer? Fechei o consultório. Fui pra lá pra Capivari, lá no inferno. Não tinha hotel, não tinha coisa nenhuma, era um... um local horrível, atrasado e tal. Era complicadíssimo o negócio e... ah! e tinha uma caixa de 50 lâminas que o sujeito tinha que trazer o sangue, uma amostra de sangue do... do, do pessoal, da

população, sobretudo de escolares etc. E... mosquito, e... enfim, uma porção de coisa de que há... há necessidade para o estudo da malária, não é? Fui prá lá, tinha que fazer o mapa, tinha... negócio... detalhes que vou esquecer.

WH - Mas o trabalho era sobre quê? Era um estudo sobre a malária na região?

WS - Malária, malária, malária na região.

WH - Na região de Capivari?

WS - Capivari.

AA - É como se tivesse assim fechando o curso, professor, a parte prática? ou já foi logo...

WS - Não, não.

AA - ...logo... o curso durou quanto tempo? um ano?

WS - Não, não, não; o curso eram 6 meses.

AA - 6 meses.

WS - 6 meses.

AA - Aí então, depois que teve a parte introdutória?

WS - Mas dentro desses 6 meses... dentro desses 6 meses, havia um período para esse estudo de campo...

AA - Estudo de caso, estudo de campo.

WS - Entendeu? Havia o teórico, prático de... laboratório e tinha esse...

WH - Isso era no final do curso, tinha essa parte de...

WS - É... essa parte.

WH - Prática de...

WS - Entendeu? é o que corava, entendeu?

WH - E quem dava aula nesse curso?

WS - Ah!...

WH - Doutor Walter, era o Maneco Ferreira que dava?

WS - Maneco Ferreira dava, Maneco...

WH - Evandro dava aula?

WS - Professor Periaçu; não sei o primeiro, esqueci o primeiro nome. Parece que é Antônio Periaçu.

WH - É.

WS - Era o Fontenelle, era o Barreto...

WH - O Evandro Chagas?

WS - Eram cinco, não, não, o Evandro não, não. Eram 5 professores, entendeu?

WH - Cada um dando uma parte.

WS - Cada um dando uma es... uma parte da, da matéria global, entendeu?

WH - O sr. sabe mais ou menos as matérias quais eram, o sr. se lembra?

WS - Olha, eu não me lembro as matérias, não, sabe? Era o quê?... era entomologia, era... laboratório, né? que tinha que fazer as lâminas, era... diagnóstico, né? microscópio, era... clínica, não é? clínica da malária...

AA - Havia alguma coisa profilática?

WS - Hein?

AA - Tinha assim, alguma coisa de profilaxia?

WS - Ah! bom, o tratamento. A profilaxia e o tratamento, (fala em voz baixa de Anna Beatriz) não é mesmo? Porque, naquele tempo, a gente tinha que tratar a... de combate ao mosquito na... na fase de, na fase larvária, não é isso?

WH - Hum, hum.

WS - Isso era dentro d'água, né? Estudo do tipo da água, é Ph, é se a água era corrente ou se parada... tipo de, de...

WH - Um pouco de hidrografia, né?

WS - É... e depois o tratamento do doente, não é? e no tratamento do doente você tinha que ter estudado a clínica, a parte clínica dentro do doente, o desenvolvimento do plasmódio e... a profilaxia também dentro de casa que é o... a parte do... a parte de, de eliminação do mosquito de casa porque o... mosquito que entra em casa é a fêmea, né? o macho não precisa de sangue, porque o sangue é pra amadurecer os óvulos, né? pra tornar ovo no ovário do mosquito, né?

porque também tinha isso, tinha que estudar a... o mosquito, entendeu? fazer dissecação do mosquito, entendeu? por isso que precisava de microscópio etc, não é? Aí...

WH - Aí o sr. foi pra Capivari fazer a... pesquisa lá.

WS - Fui pra Capivari, fiz a pesquisa.

WH - Quanto tempo o sr. ficou lá, levantando.

WS - Quinze dias... fiquei quinze dias lá, inclusive tinha que fazer capturas de mosquito.

WH - O sr. não gostou muito da idéia de largar o consultório, ir pra lá...

WS - Não gostei porque eu não ganhava nada, né? Eu tinha, eu não podia viver à custa do meu pai, eu vivia à minha custa e se eu deixasse de ganhar... o meu pai que tinha que... me sustentar e eu sempre queria ser muito independente, né? Mas aquilo me agradou muito porque eu adoro pesquisa, adoro pesquisa de qualquer tipo... mesmo quando eu estava no, lá no Hospital, eu fiz um trabalho que, pra época, eu achei muito interessante. Eu queria saber... entre os aciden, do grupo dos acidentados onde eles moravam, de que, que grau de, de, de, de alfabe...

AA - ...de instrução eles tinham.

WS - de instrução ele tinha, não é? se era casado, se era solteiro, se tinha filhos, tipo de casa, entendeu? distância de, da, da, do, da casa ao trabalho, não é?

AA - Hum, hum. Pra ver a questão da fadiga também, né? do cansaço?

WS - tipo de diversão, entendeu? hábitos, se bebia, se jogava e coisa e tal, não é?

AA - Isso já era Medicina do Trabalho pura.

WS - Engraçado. E isso eu já fazia.

AA - Isso já era...

WS - Já fazia, eu tava fazendo isso por intuição.

AA - Por intuição.

WS - Entendeu? e fiz um trabalho e publiquei o trabalho, eu tenho o trabalho publicado, entendeu? fotografei, a maior parte morava em favela... eu fui lá...

AA - As condições de vida ligadas às condições de trabalho.

WS - De vida... fotografei as casas, fotografei a favela, entendeu? Tipo de coisa que eu achei uma coisa interessante, um tipo de fogão que eles faziam com serragem... e uma lata de banha, dessas de grande, banha grande, entendeu? que eles faziam um furo, entendeu? e horizontal e

vertical e colocavam a... um... um pau cilíndrico, enchiam, enchiam, botavam serragem, socavam (som de soco na mão) socavam, socavam, depois tiravam aquele pau e ficava aquele... aquele... aquele... é... buraco feito pelo pau, né? feito chaminé, eles botavam fogo na serragem, aquilo durava o dia todo, eles cozinhavam qualquer coisa naquele negócio... não gastavam nada...

AA - Quer dizer, que fonte de...?

WS - ...entendeu? Isso eu comi lá e... publiquei também, botei na... na revista que... né? Enfim, então, quer dizer, eu sou louco por pesquisa, gosto de pesquisa. E quando eu entrei no curso de saúde pública e que tomei conhecimento da estatística... fiquei louco de prazer.

WH - Isso foi já depois, né?

WS - Depois, não. É, é, é.

WH - Na Malária não se usava estatística?

WS - Hein? Na Malária usava, no curso de saúde pública...

WH - Era mais...

WS - Já usava, malária... já. No Ministério, entendeu? a coisa era boa era bem feita... a estatística era uma coisa importantíssima e é (batidas do relógio), entendeu? Aconteceu um fato, não sei se posso contar... (tosse) porque é o tempo...

WH - Não, não, pode contar.

WS - Eu fui designado com, com o colega Oswaldo Lopes da Costa, que era um grande sanitarista.

AA - Que depois foi lá da Escola de Saúde Pública, né?

WS - Saúde Pública, foi, foi da Escola. O Oswaldo, eu e o Oswaldo eram, tínhamos muita afinidade, entendeu? e fomos designados para representar o Ministério numa, num, num Congresso lá em São Paulo. (ruído de automóvel) Bom... e, evidentemente, a gente ia àquelas sessões que mais interessavam, que não podia ir a todas ao mesmo tempo e eu, daqui e dali, que fui parar numa sessão que se que, que se trata, que tratava de alimentação...

AA - Hum!?

WS - ...e eu entrei pela porta lá dos fundos e fiquei lá em cima. O negócio era um anfiteatro e eu fiquei lá em cima... um cidadão começou a falar sobre conservação de alimentos. Então o caso era manteiga, conservação de manteiga. Então ele descreveu lá os processos de... de... de conservação da manteiga no frio, não sei que, e chegou à conclusão que o negócio era esse... E eu lá atrás... pedi intervenção e ele então (alguém tosse) me deu a palavra e digo- eu peço desculpas, cheguei atrasado, não tive o prazer de, de... acompanhar a dissertação, mas fiquei

em dúvida com a conclusão que o senhor tirou a respeito da, da, da conservação, porque o senhor achou que esse processo é melhor? Ele só tinha dado porcentagem. Eu disse (ri) “não, com porcentagem o senhor não define a... a... a escolha do processo. O senhor fez teste de significância?” (ri). O camarada disse assim - “Não, eu, eu andei procurando um estatístico e tal”. Ele caiu, entendeu? Ele caiu.

AA - Desmontou.

WS - Pois é. “Eu andei procurando um estatístico, mas não deu tempo e tal”. Então o senhor não pode concluir. O pessoal todo olhou pra trás. (buzinas de carro) E eu fiquei vermelho, eu fiquei muito encabulado, o diabo. Mais tarde é que eu soube a razão - o camarada era diretor do Adolfo Lutz. (ruído de automóveis) O Instituto Adolfo Lutz é uma... coisa extraordinária, não é? (ri) E ele entrou o inverso, entendeu? por cau..., por causa da estatística, né? Como é, o sr. vai concluir o negócio?

AA - Mas, principalmente, por ser do Instituto Adolfo Lutz...

WS - Hein?

AA - ...ele tinha que ter cuidado, né? (ri)

WS - É, é. Bom, mas aí ele disse, eu andei procurando um estatístico e coisa e tal, né? Então... sem estatística, a gente não pode trabalhar. Você não pode fazer pesquisa e chegar a uma conclusão a respeito de qualquer coisa, se você não tem a estatística, entendeu? E médico não sabe estatística, vem nesse Congresso e “porque tanto por cento, não sei que”, ele acha que com isso cobre tudo, não é?

WH - É, mas na faculdade não se ensina, não se ensinava estatística.

WS - Não, não... na faculdade, por exemplo, de higiene... a Higiene não tinha ponto, não tinha frequência, não tinha nada, é...

AA - Até na sua época... é?

WS - É... é... a Higiene era uma porcaria lá, que ninguém dava valor.

AA - Era uma coisa além...

WH - Quem é que dava na sua época, o senhor lembra?

WS - Hein? Nem me lembro quem era, não me lembro não.

WH - Mas era uma matéria insignificante.

WS - É... insignificante.

WH - O senhor chegou a assistir os cursos?

WS - O que? o...de higiene?

WH - ... o senhor assistiu o curso?

WS - O que? Tive que... e... era, era matéria do currículo médico, né?

WH - Mas não tinha frequência?

WS - Não..., a estatística?

AA - Não, Higiene.

WS - Ah! a Higiene... era do, era, era sim, era do currículo.

AA - Mas só não tinha era... peso, né?

WS - Não tinha consistência, não tinha... entendeu?

WH - Como assim, como é que era o curso, hein?

WS - Era uma conversa fiada. Ninguém ia. Não tinha frequência, ninguém ia.

WH - E o senhor chegou a frequentar algumas aulas?

WS - Hein? Não, não, conversa fiada, não ia.

WH - O senhor nem ia.

WS - É! Eu só ia à prática, né? Não tinha prática, não é? eu nem ia. Mas isso para afirmar o seguinte- essa loucura de tempo livre para pesquisa e tal etc etc é coisa velha que não dependeu do meu curso médico, nem coisa nenhuma, porque..., né? Porque já estudante, ignorante e tal etc, a gente tava voltado pra isso. Eu, essa pesquisa que eu fiz, entendeu?

AA - ...essa que o senhor me contou lá do hospital?

WS - ... deu, deu uma, uma batelada de papel, entendeu? grande e eu fiz aquilo à mão, depois batia à máquina. Mas... eu tinha que fazer conforme a estatística, tinha que fazer as combinações e as correlações. Mas isso só à máquina, porque é... é um... um...

AA - ...uma quantidade de datas, de dados, que não dá não dava para o sr. mexer.

WS - ...uma quantidade de dados imensa, entendeu? Agora com computador seria

WH - ...uma maravilha.

WS - ...fácil, né? Eu acabei perdendo, acabei jogando fora, porque era um material ótimo para Higiene Industrial.

AA - É... e Medicina do Trabalho também...

WS - ...que eu fiz depois na Saúde Pública, também? com o conhecimento da Higiene Industrial, entendeu? Mas isso eu fiz por intuição... que...

WH - Ainda não sabia...

WS - Eu não sabia e... achava que... como também a... nessa época em que eu pratiquei a clínica eu achava que não bastava pegar a pessoa e... de que morreu seu pai? de que morreu sua mãe? e... quais foram as doenças que teve... não. Eu tava querendo conhecer... que que o sujeito faz? o que que ele come? quais são os hábitos dele? Família? Eu queria conhecer tudo isso, entendeu?

WH - Depois o senhor ia aplicar isso já na sessão de nutrição, né? Naqueles inquéritos que o senhor fez depois, né?

WS - é...

WS - É, eu fiz esse tempo de inquérito foi maravilhoso porque eu tive um grupo de nutricionistas.

WH - Ah! depois o senhor vai can, contar. Agora vamos voltar um pouquinho pra Malária? O senhor tava dizendo (tosse) do curso de malariologia que o senhor fez? Tava nos contando sobre Capivari, o senhor foi lá...

WS - É, fiz o, fiz o meu trabalho...

WH - Foi sozinho, esse trabalho?

WS - Sozinho... sozinho.

WH - Cada, cada estudante ia sozinho...

WS - Ele escalava o... sorteava um ponto, entendeu? mudar e tal etc, ele pegava a tralha toda e ia embora. E não tinha quem pagasse não, ele tinha que se pagar, entendeu?

WH - Também se não fizesse, não ganhava o certificado do curso.

WS - Ah! claro, claro porque tinha que ir. Era uma banca... Eu não sei se era de três ou era de cinco camaradas, sabe? Acho que eram três, né? Cada qual é... Eu sei que tinha que tinha que... tinha que mostrar mosquito... dizer a que horas tinha capturado o mosquito e... é... classificar o mosquito, entendeu? E... ver a lâmina, verificar qual, qual o tipo de... malária, se era... se era falcíparo, se era malária né ... que mais? as lâminas, mosquito, é... tipo de... tipo de... criadouros, entendeu? tipo de água que encontrou, entendeu? (ruído de carros)

WH - Vocês faziam um trabalho minucioso...

WS - Não... e tinha que fazer o mapa daquele... os croquis da área, tinha que apresentar o croquis e marcar no croquis onde você trabalhou e tal etc. Trabalhei muito, entendeu? Trabalho danado, eu trabalhava até de noite, entendeu? Captura noturna, entendeu? com... com burro esbranquiçado, né? Mosquito, a captura de mosquito, enfim...

WH - O senhor saía de noite pra procurar mosquito.

WS - Ah! saía de noite. É... foi um trabalho bonito. Eu gostava dessas coisas eu gosto ainda, né? Agora não há... não tenho mais possibilidades por causa da minha idade, mas eu gosto, viu?

Fita 2 - Lado B

WH - Mas, dr. Walter, o senhor tinha que apresentar esse trabalho numa banca, né?

WS - Numa banca...

WH - O senhor apresentou o seu?

WS - É? Apresentei...

WH - Como é que foi?

WS - E passei! Passei recebi o diploma de malariologista, entendeu?

WH - Todos os alunos que se inscreveram passaram?

WS - Olha, eu não tenho essa...

WH - O senhor não sabe, né?

WS - Eu não sei não, não é?

WH - E quantos alunos eram nesse ano?

WS - Não sei não..., mas deve ser uns... havia uns 10, 10 ou..., no máximo, 15, né? (ruídos de carro e businas) Mas depois que... peguei o diploma tal, tal etc, um belo dia, eu recebi um telefonema do... Departamento Nacional de Saúde, que era o diretor Barros Barreto... não... não foi telefonema, foi um telegrama... Barros Barreto... para comparecer à, à diretoria que era na Praça Ma... ... Marechal Âncora, né? onde é...

AA - o Serviço dos Portos, né?

WS - ...o Serviço dos Portos... lá era a Diretoria de Saúde. E lá então, eu encontrei... dois... dois dos que tinham feito o curso comigo... Bustamante... Bustamante... e quem mais? Ah! Bustamante e, e Igo... como é o nome dele, Meu Deus?... um descendente de árabe... esqueci o nome dele...

WH - É Walter também?

WS - Hein?

WH - É Walter o nome dele?

WS - Não, Walter não, não. É... depois eu me lembro o nome dele. Vou ver se eu me lembro depois... E o mais... ah! e um outro também... um outro que era parente do diretor do Serviço de Saneamento aqui do Rio, não é? Cujo nome também não me lembro. Então, éramos nós três lá... (ruídos e buzinas de carro) e o Barros Barreto então diz, disse o seguinte- “olha, há uma boa oportunidade de vocês ingressarem... no Ministério” ... Ministério, naquele tempo não era ministério, era Ministério de Educação e Saúde.

AA - Pois é, de saúde, dentro do Departamento.

WS - É, é, “no Ministério não sei que, há uma epidemia no Nordeste de malária e eu tô precisando de vocês...” (ruído de carro) ... Eu disse - eu tenho minha vida toda aqui no Rio, minha família, minhas coisas. Fica ruim ir pro Nordeste. Ele disse - “Bom, depois a gente vê, chamo vocês pra cá”. E eu, bom, nesse caso... acreditei nele, né? E com esse negócio fomos parar no Ceará. Era justamente a epidemia ocasionada pelo... *Anopheles gambiae*... aquilo pra mim foi muito, muito bonito. Eu gostei muito, porque adoro trabalho de campo, pesquisa, né? E... então... nós então fazemos, fazemos parte de um grupo... que era chefiado por Maneco Ferreira.

WH - É Manoel Ferreira?

WS - Maneco Ferreira.

WH - Mas o senhor decidiu largar o Rio e ir morar no Ceará, prá...

WS - É, é, é. Eu combinei com um colega que era cumpadre meu, tomar conta do consultório...

WH - Pois é, o senhor tinha seu consultório, e a clínica?

WS - Pois é, você foi tirando, você vê tal etc. Mas eu...

AA - Não resistiu.

WS - O que eu pensava é o seguinte- eu preciso ter um emprego, né? Porque não vou viver só de consultório, é preciso ter um emprego, um negócio que me dê, pelo menos, para a... a minha vivência, né?

WH - O senhor diz uma renda estável?

WS - É, estável, né? Porque... viver de consultório só, numa hora eu adoecia e daí? Fechava o consultório, quem era que ia ter que pagar minhas dívidas, coisa e tal...? (?) E aí foi a oportunidade - digo bom, vou... vou ingressar nesse projeto.

WH - O senhor não tinha idéia, dr. Walter, quando foi fazer esse curso de malariologia que eles captavam pessoal para trabalhar na campanha, a partir desse curso?

WS - Não... a minha...

WH - O senhor não sabia?

WS - Não, não, eu não tinha, não tinha nenhuma intenção de emprego. A minha intenção era servir o pessoal no consultório. Malária era, era doença frequente nas pessoas...

WH - Ah! é?

WS - É...

AA - A Baixada tinha um índice muito grande, né?

WS - É... muito. A malária era uma coisa tremenda. Era malária e doenças venéreas com sífilis.

AA - Sífilis...

WS - Eram as duas...

AA - Tuberculose também, né?

WS - ...é tuberculose, não é? Então a minha intenção era essa, era servir, não era emprego, né?... Quando surgiu isso por parte desta chamada é que eu disse - bom, é uma oportunidade, vai me dar um emprego e atende a, a, ao meu desejo, né? e foi aí, né? antes não pensava.

WH - Mas quando o senhor entrou a Rockefeller ainda não... não tava lá.

WS - Não era Rockefeller, filha. Era serviço federal. Rockefeller veio depois.

WH - Depois, né?

WS - É. E quando entrou Rockefeller eu saí... porque eu digo - não, nós viemos aqui trabalhar por patriotismo, não vou agora trabalhar com americano... por quê?... Fiquei uns tempos e disse ao chefe americano que - olha, vai preparando pra botar outro aqui, que eu vou me embora. "Ah! doutor, vai pagar melhor". Eu digo - não é o dinheiro... Eu vim por patriotismo, não foi por dinheiro não... porque sou irmão daí, né? Naturalmente que eu queria meu emprego, mas... era uma... situação de emergência, morreu muita gente, calamidade, foi uma calamidade, já pensou?

WH - É foi uma epidemia...

WS - Havia casas em que você tinha uma cruz na porta, porque morreram todos. O índice de infectividade do... *gambiae* era, era 90, 90 vezes maior que os nossos transmissores comuns, entendeu? O sujeito, o mosquito mordida era, era quase certo que pegava a doença, enquanto os outros transmissores nossos nem toda vez que... que ele pica transmite a doença, entendeu?

WH - Hum! Hum!

WH - De modo que..., foi a, foi por is..., foi então a minha

WH - O Curso (?)

WS - ...entrada, a minha entrada, a minha entrada no Ministério.

WH - No Departamento Nacional de Saúde, né, no caso.

WS - Exato, Ministério de Educação e Saúde.

WH - Isso.

WS - Ministério de Educação e Saúde.

AA - E esse começo de trabalho lá, essa primeira ida, o serviço era o Serviço de Obras, né, contra a malária? Tinha organização?

WS - Não...

AA - tinha organização?

WS - Não, mas eu não entrei no bom... nessa parte de malária que... quando... fui mandado para a Bahia, aí eu já estava meio doutor no negócio...

WH - Mas isso é depois, isso já quando tem o Serviço Nacional de Malária, né?

WS - Hein?

WH - Isso depois, o senhor vai trabalhar na Bahia no Serviço Nacional de Malária, né?

WS - Malária, é.

AA - É, mas nessa época?...

WH - Mas aqui nessa época do Ceará...

AA - Como é que era a estrutura?

WS - Bom, acabou o... Ah! bom, quer que eu fale sobre isso?

WH - a gente quer que o senhor fale um pouco sobre esse momento

WS - No Ce, no Ceará...

WH - ...antes de entrar a Rockefeller.

WS - Ah! sei, sei. No Ceará era o seguinte - havia um superintendente que era o... o...

WH - Manoel Ferreira.

WS - Manoel Ferreira. Então o Manoel Ferreira, ele viajava porque ele tinha que estar em contato aqui com... com o... Barreto, com o coisa etc. Nós tivemos um período, quer dizer, eram... fomos... ah! veio o nome do outro colega que era... Valdir (Guíde?)

WH - Valdir (Guíde?)

WS - Valdir (Guíde?) ... (Guíde?), o resto não lembro. Bom, então (ruído de carro) a coisa ficou da seguinte maneira...

WH - Que fez, esse que fez o curso de malária com o senhor...

WS - É.

AA - Um dos três que foi chamado pelo Barros Barreto, né?

WS - É, é... é. Então...

WH - Esse Valdir, é Valdir (Guíde?), ele vai ser... vai trabalhar no Maranhão, depois, no Serviço Nacional de Malária?

WS - Foi, foi, foi, foi, foi, foi.

WH - Isso, tá bom.

WS - O... aconteceu (?) o superintendente ficou em serviço, uma parte no Ceará, uma parte no Rio Grande do Norte. Um em Jaguaribe, né? que é no Ceará e o outro no Vale do Inhaçu, que é no Rio Grande do Norte. Em Jaguaribe que, no Ceará que a coisa tava mais... é... volumosa; havia então uma parte que tinha mosquito, água e doente... havia outra parte que havia água... água... e a outra parte que havia mais... é... mais água do que doente, do que mosquito, entendeu? ... Isso no Vale do Jaguaribe que era o local em que tinha se abrigado mosquito. Eu fiquei com a maior parte; eu fiquei com a parte que tinha muita água, que era o rio cheio, o Rio Jaguaribe cheio porque tinha uma parte que ele é meio... meio seco e tinha, tinha mosquito, pelo seguinte- a presença do mosquito é porque... o pessoal precisava de água, e precisando de água, não só para beber como também para aguar... a... o que eles plantavam; eles plantavam é...

abóbora, plantavam feijão, plantavam coisas, né? dentro do vale, aliás no leito do rio seco, na parte seca, entendeu? e na margem onde tinha água, entendeu? Eles plantavam então... Então esses, essas, essas coleções que eles faziam chamavam cacimbas, né? Faziam umas cacimbas que tinham (?) uns... 30, 40, 40 cm de fundura etc, né? E na aba o feijão tá aqui (toque de dedo na madeira) (?) milhares de cacimbas, né? porque não havia água em cima, mas havia água em baixo....

WH - Claro.

WS - ...entendeu? E aí água, água limpinha e tal, o Gambiãe se deliciava...

WH - Adorava, né?

WS - ...entendeu?

WH - Uma beleza!

WS - E um trabalho tremendo com isso. Bom, então no... lá... ficava então uma parte que não tinha, que tinha... água e não tinha mosquito, não tinha doente e ficava com (Carujinha- Carlos Vinha?).

AA - Ah! que é o ...

WS - Que também fez o curso.

AA - Diretor do Serviço de Saneamento, parente do...

WS - É, ficava com (Carujinha?). A parte do meio que era a mais volumosa ficou comigo, e a parte de baixo até Icó era o Valdir (Guíde?), entendeu?... Então cada um organizou a sua área conforme... desejava, né? Eu organizei com mapa, fichário e coisa e tal etc, entendeu? E tinha um trabalho medonho... talvez tenha alguma fotografia, não é? E... ao mesmo tempo que eu estava organizando meu serviço, eu estava entrando em contato com os médicos que... eram do local e pedindo informações a eles a respeito da marcha da doença e tal etc e tomando nota das coisas, né?...

WH - Quer dizer, nessa, nessa primeira fase, dr. Walter, o sr. fez mais um inquérito pra ver como é que tava a situação da região?

WS - Ah! sim, sim. Tem que fazer um levantamento, né?

WH - Mas o levantamento não tava feito ainda?

WS - Hein?

WH - Não existia nenhum levantamento...?

WS - E nos, nos, nosso não. Mas... tinha havido gente do ministro como Jessorico...

AA e WH - Pinto.

WS - É, Pinto, né? que tinha estado lá e tal, mas eu tenho impressão que foi só de conversa.

AA - Jesserico de Souza Pinto

WS - ...de Souza Pinto, né? Já tinha estado lá, entendeu? e tinha trazido notícias graves para o Barreto que ele é... o impelindo...

WH - ...que se movimentasse.

WS - ...e que ele tomasse... tomasse medidas. Daí a esse chamamento...

WH - Quer dizer, essa é a primeira tentativa já de, de ver, de estudar e de começar algum tipo de controle da malária.

WS - Sim, sim, sim. Era pra detectar a coisa, né?... Então, o levantamento que eu fiz foi justamente para delimitar... é... precisamente, até onde o mosquito tinha ido.

WH - Ah! Claro.

WS - entendeu? Então marquei isso, eu fiz a fronteira, entendeu? E fazendo a fronteira, eu também tomei medida para que ele não ah... por exemplo, caminhão, aqueles caminhões que traziam coisa, algodão e tal etc, ele parava e tinha que se examinar aquilo tudo, antes que ele passasse para o outro lado, entendeu? Coisa desse tipo.

WH - Expurgo, não?

WS - Hein? hein?

WH - Não, expurgo, não.

WS - Não, expurgo não (?), entendeu? E profilaxia do... do (?) etc. E tratamento, não é? Bom, então, tomar conhecimento onde foi, onde foi o primeiro caso e tal e coisa e tal etc. Isso depois me deu até oportunidade de escrever... um trabalho sobre a malária na região, né? que eu é... fiz também com... com Ramagem Soares...

WH - Ramalho?

WS - Ramagem Soares.

WH - Ramagem.

WS - Ramagem Soares. Como é o primeiro nome dele, meu Deus?... Daqui a pouco eu me lembro. O Ramagem Soares, é que o Ramagem soares já era do Ministério, entendeu? já trabalhava em malária e foi pra lá como um subchefe, entendeu? Mas, ficou pouco tempo lá,

porque... o trabalho nós estávamos fazendo, né? Então, eu disse pra ele- olha, nós vamos fazer um trabalho, vamos historiar esse negócio. Onde eu vou, eu faço isso, eu gosto de historiar, entendeu? E fiz um trabalho, esse trabalho com esses elementos todos e tal, porque ele não tinha, evidentemente, eu que tinha, né? Mas como ele era chefe... (?) participou, né?

WH - Colocou o nome dele no trabalho.

WS - O nome no trabalho. Bem... então eu organizei (?) vinha o dele lá e nós no fim-de-semana, nós resolvíamos, íamos para Fortaleza, pra... tomar um ar fresco, né? E segunda-feira de manhã, de madrugada, a gente voltava e ia, cada qual, lá para seu, seu quintal, entendeu?

WH - E Maneco Ferreira, qual era a... (WS - o Maneco) a atuação dele?

WS - O Maneco era superintendente, é ele que fazia revisão, norma, lá de cima, entendeu? (o relógio bate) tinha que ir pro Rio e coisa e tal (rindo). Ele pouco ficava, mas é a realidade; é a ligação dele com o Ministério para os grandes problemas, não é? E aí é que eu conheci o Evandro Chagas, que apareceu lá também interessado etc etc... Até aconteceu alguma coisa que... eu fiquei... em dúvida se ... se eu realmente, eu fiz a coisa certa ou não... ... O Evandro, como o Maneco, bebia tremendamente. Eles iam lá pra, lá pro, pra Fortaleza, iam pro Clube- não sei se é clube de inglês ou clube americano, é de uma raça dessas aí- e enchiam a cara, sabe? Mas eu achava interessante o Evandro... quando eu, você via o Evandro aos sábados, ele estava que não se aguentava ficar em pé, entendeu? Mas na segunda-feira de madrugada, ele estava (toques na mesa) ... firme e firme. Eu pensava- não é a mesma coisa, não é a mesma pessoa. E numa dessas ocasiões, Evandro me disse- “olha... o bom é você fazer o seguinte- pegar uma parte da área... e dar, em vez de você dar a medicação, que era a Plasmoguina, você dá um placebo”, quer dizer, um negócio que...

WH - Que não tem efeito nenhum.

WS - É... pra fazer um estudo, não sei o quê. Eu não faço isso, eu não fiz, entendeu? O pessoal tá morrendo (rindo) e chegava lá e deixava de dar remédio pra dar um pedacinho de pão, não. Não dou. Não fiz. Não fiz, entendeu? Até hoje eu não sei se eu... se eu fiz bem ou fiz mal. Mas não atendi, não atendi o desejo do Evandro, não sabe? Então tudo organizado, cada um organizou a sua, entendeu? o superintendente aprovou, saí pra trabalhar, né? Agora, não havia feriado, não havia hora é... inteiramente dedicado ao trabalho, não é? aquele rio Jaguaribe, eu andei aquele rio pra baixo e pra cima muitas vezes, sabe?

WH - O senhor tinha pessoal trabalhando?

WS - Tinha, tinha muita gente trabalhando. Inclusive o Isnard Teixeira entrou nisso, entendeu? na Capital. Porque nós saímos do Rio, fomos, fomos pro Hotel Excelsior, onde ficamos, ficamos hospedados e... o Maneco distribuiu o trabalho logo. Pra mim ficou a... material necessário para pesquisa e tal, entendeu? Então eu tinha que... ir pro comércio procurar as coisas necessárias e se não houvesse, procurar substitutos, não é? e preparar e ... conseguir microscopistas. Então eu entrei em contato com o Isnard, que é um camarada extraordinário nisso. Ele, parece, que trabalhava na... na empresa Bezerra, uma empresa que havia lá no... em Fortaleza. E ele então... eu mandava os candidatos, entregava a ele e ele preparava o camarada... quando tava tudo

certinho, embarcamos todos para o interior, entendeu? Cada qual pro seu lado, cada qual com o... o resultado da... da, do trabalho que... a, o Mane... o... o Maneco mandou a gente fazer, entendeu? Então, eu levei também minha microscopista e me instalei lá... no... não é? Aluguei uma casa lá e fiz minha sede, laboratório, enfim, entendeu? me instalei no negócio... ... E começamos a trabalhar, os guardas, né? (?) etc. Mas...

AA - Então eram os microscopistas e guardas sanitários, né?

WS - É, é, é.

WH - Os guardas faziam o quê, a parte de controle do mosquito?

WS - a parte de controle de mosquitos e casas, não é? Verificavam os doentes pra... nos comunicar e tal. Faziam a ligação entre domicílio e recursos.

WH - Agora, médico, médico trabalhando na área era só o senhor?

WS - Médico só eu, só eu. Como malariologista, né?

WH - E recursos, o senhor já tinha... já tinha mais recursos nessa (?)

WS - Já. Quando... quando...

WH - se constatou que era realmente...

WS - Eu saí... saí daqui com mil contos de réis, total. Total 500 pra cá pro Estado (rindo)

WH - Isso era muito? Isso era uma quantidade...

WS - Bom... naquele tempo era coisa razoável, né? (?) Agora, eles autorizavam tudo, né?

AA - Vocês solicitavam, eles davam o O.K.?

WS - É que a gente tava lá no interior, né? não podia comprar nada (rindo), não é? Completamente isolado da civilização, vamos dizer assim, não é? Interior do Ceará em 1931 (?)

AA - E a população, como é que reagia à presença de vocês (WS - Muito bem, muito bem...), era fácil assim?

WS - Bom a... a minha parte era muito antipática, porque num lugar onde não há água, você combater a água, é coisa tremenda. Tive problemas com coronéis, entendeu? Porque, por exemplo, o coronel que não militar tinha um... um -como é que chama isso? ... moinho, moinho pode tirar água, né? Então ele ligava aquilo e começava a entrar água. Daqui a pouco começava a entrar água. Daqui a pouco começava a água a espriar e fazer... (AA - poça, alagadiço)

WS - Então eu estabelecia um horário; não pode jogar água mais tanto, tantas horas. Isso prum coronel...

AA - Alguém dizer pra ele a hora que ele pode trabalhar... (rindo).

WS - É... é... a hora E o coronel que não aceitou e furar, botei cadeado no... no treino que a gente fez (rindo)... e botei cadeado no... (AA - no moinho (rindo)) no moinho (rindo) é... botei cadeado no moinho. Naquele tempo a gente tinha cabelo, agora eu não tenho. Então... ..

AA - E a reação dele?

WS - Hein? Bom... no momento a reação não se fez sentir, entendeu? Mas... um belo dia me aparecem 3 coronéis. Eu raramente ficava sentado no coisa... porque... tinha tanta coisa pra ir ver e tal que... estava lá sentado, quando o... o guarda anunciou- “Coronel Fulano, Sicrano”. Um deles até era pai do chefe de polícia, entendeu? de Fortaleza. Eu digo- Hi! vou ter coisa aí, em todo caso, vamos lá. Mandei entrar... eles vieram e tal, mas contra, contra qualquer é... idéia que eu tivesse de... negativa... a idéia desaparecia diante da minha idade e deles; chapéu na mão e tal...Então... a coisa era a seguinte- “Doutor, nós precisamos do senhor aqui, porque nós não temos um hospital...” eles não tinham hospital e tinham que ir lá pra Pernambuco... tinham que... uma estrada de 2-3 horas de ... estradas em russas. A (?) não tinha hospital e tinha uma populaçãozinha boa... “Então nós queremos o seguinte- queremos que o senhor... faça um hospital aqui. Nós temos seiscentos contos aqui na sua mão”. Seiscentos contos em 1930 era dinheiro pra diabo! “Seiscentos contos para o senhor fazer um hospital aqui, mas o senhor... (toques na mesa) fica tomando conta desse hospital”. Eu digo- eu não sou de hospital... eu sou um funcionário federal... estou aqui por determinação superior e tal, não posso ficar aqui. Os senhores têm 3 médicos aqui... que vão querer. Havia 3 médicos (AA - nada...), 3 médicos. “Não, queremos que o senhor fique”. Foi difícil convencer que eu não podia, né? Que eu não podia ficar lá.

WH - Mas acabou...

WS - Hein?

WH - Acabou conseguindo, né?

WS - Não, não.

WH - Não conseguiu convencê-los!?

WS - Ah! convencer, convenci. Convenci que eu não podia e tal... Deixa que... aí é que eu senti porque que o camarada, com todo poder de um coronel, não tinha reagido. Ele viu que o trabalho era sério...

AA - Claro.

WS - entendeu? que não era pra ele reagir, ele tinha que apoiar.

Data: 21/06/1995

Fita 3 - Lado A

WH - Bom, estamos começando hoje a segunda entrevista com o Dr. Walter Silva, dia 21 de junho de 1995, na presença de Anna Beatriz de Almeida, Maria Beatriz Guimarães e Wanda Hamilton. Dr. Walter, é, na entrevista passada a gente tinha começado a falar um pouco da malária, né? O senhor contou pra nós como é que o senhor acabou indo trabalhar na, com Maneco Ferreira lá no Ceará, né?

WS - Certo.

WH - E a gente parou, ah, na época em que a Rockefeller ia começar a trabalhar na malária no Nordeste, né? E eu queria que o senhor nos contasse como é que foram esses contatos entre a Rockefeller e o governo brasileiro pra... pra Rockefeller trabalhar na malária.

WS - Neste, nessa época, a... a Rockefeller terminava o contrato com o Brasil para o programa de febre amarela.

WH - Hum...

WS - E, por outro lado, coincidiu com a eclosão dessa epidemia no grande Nordeste e... o americano, de uma maneira geral, isto é, o governo americano ficou muito preocupado porque esse tipo de mosquito apresentava um perigo muito grande, porque o... o índice de infectividade dele era muito grande com relação aos mosquitos é... que predominavam na, na América, nas Américas. No Brasil, na América do Norte etc, entendeu? De modo que, essa preocupação, essa preocupação muito, muito grande é..., fez com que o, o Soper, que era o... o chefe é da, da Rockefeller para o Brasil é... procurasse permanecer aqui no Brasil, já com a incumbência também de trabalhar contra a malária, sobretudo a malária no Nordeste, né? E... como ele tinha bastante prestígio no Brasil pelo, pelo trabalho que a Rockefeller tinha desempenhado na campanha contra a febre amarela, ela... ele foi conduzido ao presidente Getúlio Vargas, na época, não é? E... propôs é... a ficar com a execução desse trabalho no Nordeste contra o *gambiae*. Naturalmente eles iriam acrescentar recursos que o Brasil (tosse), com dificuldade teria de dispor. E, assim, o (tosse) serviço passou para eles.

WH - (tosse) Quer dizer, a Fundação Rockefeller entraria também com recursos

WS - ...com recursos

WH - ...além

WS - além do recurso que o governo brasileiro

WH - ...e com o pessoal também, né?

WS - Hein?

WH - O pessoal?

WS - O pessoal de febre amarela que eles, eles adaptaram para a, o... o, a campanha do *gambiae*.

WH - A mesma equipe? Os guardas, os médicos...

WS - É, é, é. Nem todos, né?

WH - Ahn. Mas basicamente era.

WS - Não precisava tanto, né? É, é, é, basicamente, eram médicos, o pes, o pessoal disponível, não é? Que tinha gente de febre, da febre amarela. Eram também é, médicos conhecedores de... de mosquito, né? E por, e por causa da febre amarela, que era transmitida também pelo mosquito. De modo que, assim entrou a Rockefeller para o trabalho que nós estávamos realizando no Nordeste.

WH - O senhor disse que nessa época, o senhor saiu da...

WS - Não, bom... Nós que tínhamos ido para lá para fazer essa campanha (barulho de buzina) com muito entusiasmo porque é... primeiro éramos é novatos, não é? Tínhamos feito curso, estavam, estávamos com muito entusiasmo (barulho de buzina) e... pelo menos três: eu, Bustamante e... e o... como é o outro colega o Duíde, não éramos dess, de, da, do, da saúde pública, não? Era uma oportunidade para a gente entrar lá na saúde pública, como o Barros Barreto tinha insinuado, né? Então com todos, com todos esses argumentos lá fomos nós e, com entusiasmo, nós nos entregamos ao trabalho que não tinha, não tinha... feriado, não tinha domingo, não tinha coisa nenhuma. Tinha que se entregar integralmente ao serviço, de uma responsabilidade muito grande para nós, não é? (barulho de carro). E... passado o serviço para a Rockefeller, a, a Rockefeller imediatamente mandou uma equipe para tomar contato, naturalmente, e receber o serviço etc (buzinas). Nessa ocasião, eu, particularmente, comuniquei ao chefe que no momento estava com esse grupo, que era o (barulho de carro) dr. Wilson não sei de quê, americano, que ele arranjasse logo um substituto pra mim, que eu não ficaria. Eu estava lá para desempenhar um trabalho que, naturalmente, era de muita responsabilidade e contava também com o meu patriotismo, entendeu? Por isso mesmo, que nós não estávamos lá como somente funci, fun, como funcionários; porque, como funcionários, nós tínhamos direito de folgas, e... de feriados e... de dia santos e, enfim, e nós nun, não quisemos nada disso, nós trabalhávamos integralmente, entendeu? E, vamos dizer assim, ficamos um pouquinho decepcionados, nós, cá em baixo, né? Porque a coisa foi tratada com o superintendente, que era Maneco Ferreira, né? E nós tínhamos é que aceitar, ou não aceitar. De modo que, ... tempo depois, meses depois, eles mandaram pra me substituir um colega da febre amarela muito, muito bom colega (barulho de carro). Era um... era de Alagoas, cujo nome agora eu não me lembro... Ah! o Lessa, Luiz Lessa, entendeu? Luiz Lessa era, era... médico de uma certa importância lá, no programa da, da Rockefeller.

WH - É, ele era médico da febre amarela.

WS - ...da febre amarela.

WH - Era um dos responsáveis de...

WS - ...da febre amarela, né? É... e então ele se apresentou a mim e nós... por inicianti, em iniciativa minha, resolvemos dar uma batida, entendeu? para averiguar os limites da invasão do mosquito na minha área, que era o 1º Distrito do Ceará. Tenho um trabalho, eu tenho dois trabalhos aí feitos por nós a respeito disso e, então, vamos andar pelo Jongo, pelo rio Jaguaribe que é um rio bastante longo, entendeu? E chamado o maior rio seco do mundo, porque é... nos períodos fora da chuva ele seca até a chamada Ponte de Pedras perto de Aracati, entendeu? E o leito dele passa a ser área agrícola porque todas aquelas pessoas que moram perto do rio, então esperando, eles esperando já que vai demorar muito a chover, eles fazem uma cerca, entendeu? Inclusive, por dentro do rio delimitando uma área, um quintal para a plantação. Bom, plantavam batata, feijão, coisa e tal e imediatamente abriam também uma cacimba que era, era um buraco na, no leito do rio, mais ou menos de 40x50 de profundidade e tal etc e, aparecia logo água, né? Pra molhar, a água bonitinha ali pra molhar (barulho da busina). Então, nós fizemos esta, esta pesquisa para... constatar os limites onde nós tínhamos barrado a invasão do, do, do do *gambiae*. E foi muito favorável pra nós, porque... nós constatamos que o mosquito não tinha passado dali, entendeu? Não tinha atravessado ah, pra outra área, conforme se temia, porque o medo dos americanos era que o mosquito chegasse ao Vale do Cariri, no Ceará, invadisse a Amazônia, depois América Central, entendeu? apavorados com isso (barulho de carro). Entregue o serviço, eu vim embora...

AA - Esses outros colegas, algum deles também optou por isso ou...

WS - Não, ficaram, eles ficaram. Inclusive Maneco Ferreira também ficou. O único que veio embora fui eu, não aceitei.

WH - O sr. não tinha mais interesse em trabalhar nesse esquema da, da campanha?

WS - Não, é que eu fiquei chocado com isso, porque nós fomos lá pra trabalhar de uma maneira, o, esperávamos, eu, pelo menos, esperava um sentido mais amplo do governo, mas favorecendo com mais recursos, não é? Para ter mais gente e intensificar mais os trabalhos etc. Como passou pra outro, então eu não tenho, eu não tenho mais compromisso. Meu compromisso era com João Barros Barreto, né? Que, inclusive, tinha dito depois me chamaria para, para que o, quando ele me convidou, eu esclareci: olha, eu nasci aqui no Catete, tenho minha vida toda aqui no Rio; minha família, minhas coisas etc. De maneira que, eu tenho um entusiasmo de sair daqui para trabalhar em outro lugar, ainda que seja no Brasil, né? “Não, mas depois, depois, eu, eu assumo o compromisso de trazer você pra cá porque” a... a, a Baixada Fluminense aqui era uma coisa tremenda, a malária... a malária aqui acabou com toda a, a produção, não é? Antigamente ah... essa Baixada toda era produtiva, ela tinha fazendas, sobretudo no tempo já dos (?) primitivos, né? E que essas fazendas eram de jesuítas, padres, entendeu? Ainda encontramos é... é resquício de obras feitas pelos jesuítas, né? De modo que a gente não tem um compromisso, porque meu compromisso era com Ba, Barros Barreto e, naturalmente, de foro íntimo diante da... diante do problema que nós tínhamos, né? Mas mesmo de que passou para uma, uma outra organização...

WH - O senhor chegou a acompanhar o trabalho da Rockfeller, lá no Nordeste?

WS - Hein? Não, não, não, não e depois esqueci completamente, fui tratar da vida aqui no... no, aqui no Rio, né?

WH - O senhor não sabe como é que ela organizou o serviço, que...

WS - Não, há livro, há um livro sobre isso

WH - Ahn, ahn. não é? há um livro.

W S- Aliás eu tenho aí o livro (?) Ele expandiu de uma maneira... enorme o serviço, entendeu?

WH - É!

WS - Eles puseram muita gente, muito material, não é? Diante do que eles puseram de recursos materiais e pessoais, não é? Nós éramos de uma pobreza tremenda, trabalhamos com, me recordo, com, naquele tempo eram mil contos de réis (ri) que era o, que era o orçamento para o nosso trabalho, né? Muito pouco, né?

WH - É, essa campanha da Rockfeller gastou uma fortuna, né?

WS - Ah, é, bom. Ficaram com um medo tremendo do *gambiae* e... naturalmente... mas dava muita vantagem porque eles apresentavam naturalmente um orçamento... mas eles importavam tudo dos Estados Unidos, entendeu? E, evidentemente, eles trabalhavam direitinho, né?

WH - Claro!

WS - De modo que eles sa...

WH - É tudo de exporta, importação, né?

WS - Mais barato, né? Então lá é muito bom, porque eles trazem, eles, ele, eles trazendo recursos, (telefone tocando) não é? Eram é... é tavam, tavam nos ajudando, né? (voz superposta de alguém ao telefone alguém atendendo o telefone: alô?! quer falar com quem?) Mas disso não fazia conhecimento lá.

WH - O senhor sabe, por exemplo, tem, tem idéia de, de como era a relação entre o pessoal brasileiro e os americanos na Campanha?

WS - Era muito bom, muito bom.

WH - Se não teve divergência...

WS - Não!

WH - ...de orientação...

WS - Não, não, pelo seguinte: porque...

WH - Peraí, só um minutinho

WS - ...Ah. Não, a... a nossa orientação no sentido de estrutura em serviço e tal, era mais ou menos igual a da Rockefeller, entendeu? Porque eles já tinham implantado o serviço numa maneira muito racional. É, o... o, os americanos fazem esse serviço, eles estruturam muito bem, não é? São muito sérios nesta programação e na execução do serviço do governo. E a gente aprendeu bastante com eles, né? De modo que, os serviços de peste, de malária eram dentro de uma estrutura semelhante, não é? Na Rockefeller, na febre amarela eles eram regidos por uma constituição... que era editada em dois livros, entendeu? Um sobre administração e outro, a parte técnico, técnico-científica, entendeu? Era tudo...

WH - Informatizado, já, né?

WS - Era, era, era lá no Rio e era ditatorial. Naquele período, realmente era um governo de força, entendeu? E dava é... possibilidades para isso. Por exemplo: se um guarda encontrasse...

AA - Quem? Um guarda.

WH - Um guarda.

WS - Se um guarda encontrasse num depósito de água uma la... uma larva de mosquito, ele tinha que botar petróleo dentro. E que, com isso, teve casos tremendos, no interior aí, sobretudo no Nordeste. Porque o sujeito era pobre, só tinha, se pusesse petróleo acabava com o negócio, né? Então, ele dizia: “Não bota”. Então o guarda insistia muito, chamava o, o chefe, o guarda-chefe. Então ele chegava lá: “Tem que botar petróleo”. O livro dizia: tem que botar petróleo. “Não, o senhor não bota petróleo”. Então chamava um, um médico do distrito. O médico chegava lá: “Você tem que botar petróleo”. Petróleo, petróleo. E muitas vezes isso levava a uma, a um confronto muito forte, entendeu? Então era tudo...

WH - O que o senhor está, está me dizendo, não sei se é isso que eu estou entendendo, é que essa estrutura da Rockefeller e dos serviços só puderam funcionar dessa forma porque havia um governo ditatorial?

WS - É.

WH - Na época do Vargas?

WS - É, é.

WH - O senhor acha que se não houvesse essa relação, não haveria chance de...

WS - Acho, não haveria... não havia, porque haveria, havi, haveria reação...

WH - Ahn.

WS - entendeu? Porque tinha que ser aquilo, entendeu?

WH-Que horas são?

WS - Por muitas vezes, houve até, é... atritos violentos de... de...

WH - armas?

WS - ...arma de fogo etc, né?

AA - E monta a força policial, né? no lugar.

WS - É, é, é sempre tinha o negócio, tinha que ser, era aquilo, entendeu? O sujeito dizia: “Ah... vou lavar e... passo... bombril, passo coisa e tal”. “Não, tem que botar petróleo”, entendeu?

WH - Agora... depois começou a se usar o (birro?) de Paris, né?

WS - Ah! não, o (birro?) de Paris é, bom, é... é em (rios?), entendeu?

WH - Ah! não se usava em caixa?

WS - Não, não, casa, não. Então, eu estou dizendo isso, pelo seguinte, que funcionava... tinha força pra funcionar

WH - Ahn!

WS - Havia autoridade, entendeu? pra funcionar. E... os serviços nacionais, entendeu? eram, mais ou menos, numa estrutura semelhante, entendeu?

WH - Ahn!

WS - Na época, não é? Tínhamos que fazer diários, entendeu? Havia diversos tipos de... comunicação, entendeu? Cartas sigilosas, era é... é relatórios.

WH - Isso com o diretor do serviço?

WS - E eu, inclusive, me insurgia contra relatórios, porque os relatórios com um... um funcionário da Rockfeller (barulho de carros e businas) que foi com a equipe instruir o pessoal, não é? dizendo como era o relatório. O relatório era minucioso, tinha que dar todos os elementos da área, entendeu? De ordem econômica, social etc. E eu achava que isso era uma espionagem. Eu me insurgia contra isso. Isso é uma espionagem. Você recebe isso, o americano logo fica sabendo.

AA - Sabe todos os recursos, sabe o que tem de produção.

WS - Eu num, não... não sou de acordo com isso, não, entendeu? De modo que, de uma maneira geral, o pessoal todo se entrosou e ficou, continuou lá. Não sei também por quanto tempo,

porque comigo foi o tal de Duíde, foi o... Bustamante... quem abrir o meu trabalho tem o nome dele. Bustamante, foi o... (Carlos Vinha?) e eu... éramos quatro, não é? Eles ficaram e eu saí, eu fui embora.

AA - E o senhor chegou a pensar, ou se fez alguma tentativa de, de manter um outro contato com Barros Barreto aqui no Rio, já que existia a malária em outras regiões também?

WS - Não, não. Quando eu voltei, eu me apresentei a ele.

AA-...Baixada, quer dizer, o senhor não queria continuar o seu trabalho?

WS - Não, mas eu me apresentei a ele.

AA - Hum, e aí? Como é que foi?

WS - Quando eu che, quando eu cheguei, eu me apresentei a; primeiro, eu escrevi um telegrama pra ele, né? Dizendo que em face da... da situação nova em que o... o serviço passava para uma entidade... da Rockefeller, que eu me desobrigava do compromisso que tinha com ele, entendeu? E ele, então, mandou me perguntar se eu tinha sido despedido, entendeu? Eu não respondi não. Eu tomei o avião e vim embora. Cheguei e fui me apresentar aqui na Praça XV, quando a Saúde dos Portos era a sede da saúde pública da época. E ele não quis me receber, entendeu? Eu virei as costas, mandei dizer ao... pelo, pelo chefe de gabinete: Diga a ele que eu não vim pedir emprego a ele não (ris). Eu, já tenho condições de viver sem isso, entendeu? Fui me embora. Mas pouco tempo depois, me chamaram. Chamaram para... resolver o problema de malária na Bahia...

WH - Hum!

WS - ...em que o Estado tinha comprado duas fazendas, fazendas essas que eram área de plantação de laranja. As cébreles, célebres laranjas da Bahia, das quais foram é... mandadas para... os Estados Unidos, né? Para...

WH - Eram laranjas para exportação?

WS - Não, laranjas para os Estados Unidos para plantar também lá, entendeu?

WH - Ah, sim!

WS - E... a malária acabou simplesmente com as duas fazendas de laranja (relógio tocando). E também desvalorizou completamente a área, né? Quando foi então comprada pelo Estado para lá se localizar a Vila Militar, não é?

Fita 3 – Lado B

WS - (barulho de folhas e murmúrios) Estava lá, como... chefe da região militar, o general Pinto Aleixo... Pessoa que os militares o consideravam muito rígido na sua atuação e, com o qual eu me dei muito bem, entendeu? Ele me facilitou tudo, inclusive, eu precisava para o serviço de construção de valas para secar os terrenos que eram todos... com coleção de água, entendeu? Eu pedi a... a permissão para usar uma pedreira que existia na área do, do, do, da fazenda, né? Que já estava entregue a eles, né? E, e imediatamente me cedeu, e eu passei então a explorar essa pedreira para fazer as minhas... as minhas valas, não é? Que ficaram, aliás, muito bonitas... e... tive todo o apoio do, dessa região militar de que ele era o comandante. E assim, eu realizei, apesar da época de guerra, em que havia dificuldade de toda ordem, inclusive, de se obter cimento de que eu precisava muito, muito mesmo. Ele auxiliou, ele convocou toda, todas aquelas pessoas que tratavam na questão de cimentos, que o depósito de cimento eram representantes de, de firmas de cimento na Bahia e tal. Ele exigiu que eles... na intendência não faltou cimento, não. Porque eles me atenderam bem, porque o negócio lá não é pra brincadeira (ri). Era uma ordem militar.

AA - Não era pedido, não; era uma ordem.

WS - É, entendeu?

WH - Essa questão da mali, malária, Dr. Walter, o senhor tá falando de, da instalação de tropas ali, tropas brasileiras, né? Não é um quartel?

WS - Não era instalação de tropas, não. Era uma vila militar.

WH - Era uma vila militar?!

WS - É.

WH - Mas eu, eu notei, lendo relatórios, que é muito comum é... o governo brasileiro mandar equipes e trabalhar em áreas onde tinham vilas militares, ou quartéis, ou batalhões

WS - Certo, certo.

WH - Quer dizer, é por conta da aglomeração de gente?...

WS - Não, é porque a malária é um obstáculo a tudo, entendeu? Resumindo, é o obstáculo ao desenvolvimento dessas áreas, porque eu acabei de dizer que na área de produção de laranja acabou. Quer dizer, não exportava mais laranja, que era um produto de exportação. A laranja da Bahia tinha muita fama, entendeu? Acabou, simplesmente, aquela área produtiva por causa da malária. A malária atrasava tudo, a pessoa ia pro, para, pra, saía da, da área urbana, quer dizer (ri) urbana, né? E aí numa área suburbana onde ele pegava a malária, entendeu? Era uma coisa tremenda. Era só que a Europa também em todo mo, em todo lugar acontecia isso, né?

WH - Não se usava...

WS - Hein?

WH - ...não se usava quinino... esses

WS - ...usava tudo, usava tudo...

WH - ...produtos químicos pra, pra prevenir? (falas superpostas)

WS - Usava tudo, mas... muito difícil você estar dando quinino pra todo mundo, não é? Tá aqui fazendo profilaxia, isso é um gasto tremendo, né? O quinino vinha de uma, de um monopólio, entendeu? O monopólio externo, quer dizer, era nas Filipinas que tinha a... tinha a... a uma produção de quinino. Estava na mão de um, de um, de um grupo, não é? que durante a guerra, entendeu? foi dominado. Aliás, eu tive uma boa orientação, talvez uma inspiração, porque... quando eu fui para Bahia, pra fazer esse trabalho de, vamos dizer, de emergência, porque havia necessidade de localizar esse, esse quartel e esse... essa vila militar, entendeu? era um período de guerra, entendeu? Eu, quando saí daqui, não recebi verba que se, que se, destinava ao trabalho. Eu fui lá, na Bahia e comecei a trabalhar com o restinho de verba que o serviço tinha distribuído. Muito pouco. Mas eu comecei a trabalhar com esse dinheiro mesmo, entendeu? E o dinheiro, a verba que era locada para esse serviço, só me chegou em dezembro: fim de exercício. E eu fiquei, naturalmente, com uma preocupação tremenda. Me comuniquei logo com o dr. Barros Barreto, dizendo o que, o que que eu posso fazer com esse dinheiro. Eu, de material, eu posso comprar material. Mas pessoal? Quer que eu vou fazer? Eu não posso botar a população inteira trabalhando pra pagar durante um mês.

AA - Um mês gasta verba de pessoal todo (ri)

WS - Não posso, não posso. E não posso também ficar sem esse dinheiro. Mas, naquele tempo, com o governo forte, também há uma série de facilidades, não é? Barreto foi, foi ao, ao Ministro da Educação e Saúde que era o, o...

AA - ... Gustavo Capanema?

WS - ...o Capanema. O Capanema foi ao Getúlio e Getúlio atendeu. Bom, transformou este, esta verba de pessoal na chamada verba “três”. E a verba “três”, você podia fazer tudo com ela: pessoal, material. Com esse dinheiro, eu comprei todo quinino que existia na praça... Todo quinino e toda gasolina que (ri) havia na praça. Aluguei um... um depósito no aero, no, no porto, entendeu? Estoquei tudo lá, entendeu? Gasolina, quinino, só eu tinha gasolina e quinino na Bahia.

AA - E num tempo de carência total, né?

WS - Inclusive, pro serviço de outras áreas, depois eu fi, eu cedi o quinino, porque eles não tinham onde comprar. Nem existia, acabou, os, os, os japoneses entraram em guerra com os americanos, entendeu? E a área foi fechada, de modo que não havia possibilidade. Agora, diga-se de passagem, também... que no aqui no nosso próprio país... surgiu uma coisa tremenda. Não havia comunicação, entendeu? Todo mundo dizia transporte, do Sul para o Nordeste, porque pelo mar havia um, um submarino a, alemão, né? que estava botando nossos navios a pique, não é? E por terra não havia comunicação. Depois acelerou, a fazer estradas, não é mesmo? Mas não havia. Então este... esta gasolina e este quinino foi uma coisa extraordinária, que eu

pude fazer para o serviço, não é? E, assim, trabalhei, não é? Completei o meu serviço, tenho fotografia aí do... de, do, desse grupo militar... porque, de vez em quando, o general ia lá dar uma espiada. Ele me, me prestigiou muito, sabe? Mui, muito mesmo. Numa ocasião, ele estava querendo fazer manobras... nessa região entre Bahia e Sergipe. Chamada o quê, meu Deus? Atualmente, lá há um, uma... ... é um, uma dependência da, da Petrobrás... para esse recurso de petróleo etc.

AA - (?) com a coisa da greve ficou em evidência, né?

WS - É, é, entre,

AA - É, eu tô me esquecendo também que entre países...

WS - ...entre Salvador e, e Recife. Eu não me lembro o nome dessa...

AA - Massari, não?

WS - Oi?

AA - O quê?!

WS - Macass...

WH - Camaçari!

WS - Camaçari, justamente, Camaçari. Então, ele queria fazer uma manobra em Camaçari. E eu morava numa pensão alemã, no bairro de... Pensão Jansen. De uma alemã que estava a mais de 40 anos no Brasil e era uma pensão formidável, sabe? Tudo limpinho, tudo muito bom, etc. Imagina, negócio de guerra de, de alemão contra... contra os aliados e eu morando na pensão alemã.

WH - Isso era em Salvador, que o senhor morava?

WS - Em Salvador. E ele me telefona, telefona pra lá e pergunta se ele pode fazer a manobra em Camaçari. Eu disse: “Olha, general, o senhor me dá um tempo, eu vou fazer uma expedição pra saber, porque nós não estamos trabalhando em Camaçari porque lá não tem, não há nada”. Naquele tempo, não havia nada em Camaçari, uma população zinha muito reduzida. Por isso mesmo que eles iam fazer manobra lá, que era um campo livre, não é? Então, eu fiz essa besteira, então ele disse: “pode ir, podem ir”. Ele disse: “o senhor vai conosco”. (ri) Eu disse: não, eu não posso dispor de tempo para ficar lá, né? Mas pra mostrar que ele é uma pessoa que estava me prestigiando muito, não é? A ponto de telefonar. Ele podia mandar me chamar, man, mandar um soldado lá me chamar, me buscar e tal. Mas ele telefonou pra pensão onde eu residia, né? De modo que, assim, eu terminei o saneamento daquela área.

WH - Daquela área...

WS - ...e depois eu assumi a proteção da área do aeroporto em Ipitanga, em que a malária infectava tudo quanto era militar que ia pra lá, entendeu? Então lá fui eu também para Ipitanga. E aí eu não terminei o trabalho, porque eu recebi um convite para fazer o curso de Saúde Pública aqui no Ins, Instituto Oswaldo Cruz, entendeu?... Então nessa ocasião, eu selecionei um colega, que era meu subordinado no Espírito Santo. Que eu era chefe da,da, chefe... da circunscrição leste-setentrional.

WH - Aí já era no Serviço Nacional de Malária?

WS - De Malária, é, aí já era.

WH - Ah! sim.

AA - Mas esse setor na Bahia desse primeiro trabalho que o senhor contou pra gente, ele já era do Serviço Nacional de Malária também?

WS - Não, não, não.

AA - Ainda não, né? O senhor não tinha designação. Porque foi 41, podia ser no 41, que o serviço foi criado em 41.

WS - Era até o Serviço de Malária do Nordeste.

AA - Do Nordeste?

WS - Serviço de Malária no Nordeste. Então foi criado, criado o Serviço Nacional de Malária e eu passei ser chefe de circunscrição da região leste-setentrional. Era Espírito Santo, Bahia e Sergipe.

WH - Sergipe...

WS - Com sede e a sede era em Salvador

WH - Em Salvador.

WS - E eu escolhi, então, o chefe de serviço do Espírito Santo para me substituir.

WH - Pro senhor poder fazer o curso?

WS - É, para eu fazer o curso.

WH - Agora, a gente podia falar um pouquinho mais sobre a malária,

WS - antes do senhor contar sobre o seu curso... É... quer dizer, o senhor já tava trabalhando em Salvador, antes da criação do Serviço de Malária, né?

WS - Foi.

WH - O senhor acompanhou essa criação desse serviço? Como foi? Da onde surgiu essa idéia de criar esse serviço? Os serviços, na época, né? Porque isso não existia no Brasil, né?

WS - Não, não, antes era... o Serviço Nacional de Malária, ele foi criado naturalmente, premido pela circunstância de que malária existia no Brasil inteiro. E... a filosofia de saúde pública da época, ou por outra, a política de saúde da época era a presença do governo federal diretamente proporcional à, o... à deficiência da área, isto é, quanto mais pobre era a área, vamos dizer, o Piauí; a presença do governo federal era maior. Em São Paulo, como era rico e tinha condições de fazer as coisas por si, apenas o Ministério dava as normas pra eles, pra eles fazer. Em São Paulo, não houve esse serviço SUCAM... essa coisa não houve, entendeu? Era o Estado que fazia de acordo com a norma federal. Então, havia Serviço Nacional de Peste, Serviço Nacional de Doenças Mentais, Serviço Nacional de, de quê mais, meu Deus?

AA - Tuberculose, né?

WS - Tuberculose...

AA - ...Câncer.

WS - ...e tal etc, né? Então, na, da mesma, na mesma trilha foram feitos o serviço nacional de malária, entendeu? Apenas isso, entendeu?

WH - Era consenso, dr. Walter, nessa época, é que se montasse essa estrutura dentro do Ministério, dentro do Departamento Nacional? Quer dizer, os sanitaristas, pessoas como o senhor...

WS - Sei, sei.

WH-...gente que já trabalhava no Ministério concordava com esse, esse (WS - : sim) essa estrutura centralizada?

WS - Mas não era centralizada. A Constituição dizia: Cabe ao Ministro dessa época... Então, já é... é, é, era Ministério de Educação e Saúde, né?

WH - Ahn!

WS - Quer dizer, já existia ministério, porque anteriormente não existia nem ministério.

WH - É.

WS - Então, pronto. Aí o ministé, é, é o ministério da, do, do exterior...

AA - ...da Justiça e Negócio do Interior.

WS - Justiça e tal. De modo que, aí já existia o Ministério de Educação e Saúde. Naquela polarização de que eu falei: um Departamento Nacional de Saúde e um Departamento Nacional

de Educação, não é? Quer dizer, dois ministros técnicos e um ministro político lá em cima, né? Então... ... a constituição dizia o seguinte: Cabe ao Ministério da Saúde legislar sobre saúde pública é... estabelecia as normas, entendeu? E ter a função supletiva. Então, dentro dessa regra, por exemplo, o Estado fraco comanda os programas e o Ministério organizava ainda a estrutura para suprir as deficiências do Estado, entendeu? Então ele executava. Ele dava as normas e executava. Naturalmente, com o convênio com o Estado, porque senão seria uma... como é que se chama a técnica do juridicamente (?)

WH - Uma intervenção?

WS - Uma intervenção, entendeu?

WH - Quer dizer, então, o senhor acha que a estrutura do, do departamento não era centralizada?

WS - Não era centralizada.

WH - A idéia de criação de serviços...

WS - ...não, pelo seguinte porque...

WH - ...não era centralizadora (falas superpostas)

WS - ...o... o governo tinha os serviços nacionais...

WH - Hum, hum.

WS - E tinha as delegacias federais de saúde nas...

WH - Eram anteriores?

WS - ...nas regiões. De modo que, esta, essa, essas delegacias se entrosavam com os serviços esta, esta, estaduais. Com a vantagem de que o serviço federal trazia as normas, trazia recursos e cooperavam, entendeu?

AA - Em muitos momentos, pessoal também, né?

WS - Hein?

AA - Recursos pessoais também...

WS - Pessoal, sim...

AA - ...não e? Designavam o pessoal... (falas superpostas).

WS - Porque nós, nós vivíamos nos Estados.

AA - Nos Estados.

WS - Quer dizer... quando havia necessidade de organizar, construir e organizar um centro de saúde, uma unidade sanitária em determinado ponto do Estado; enquanto o Ministério pedia que o estado mandasse um médico pra fazer um curso, ele desten, ele di, ele, ele destacava um elemento do ministério pra ir lá trabalhar, fazer funcionar o negócio, entendeu? E esse indivíduo, que era um médico sanitarista, entendeu? Com a dedicação exclusiva, integral, né? Ele a, aí es, aí estava aparelhado pra organizar o serviço, entendeu? E se entrosar com o estado, não é? Fazer os levantamentos necessários, diagnóstico da situação, entendeu? E, naturalmente, pedir os recursos necessários pro seu funcionamento, lá no centro. Então, não havia uma centralização, propriamente dita. Eles dizem: “Ah! centralização de normas”. Claro, num país continental, se não houver padronização das coisas, fica um custo tremendo e uma das vantagens disso (?). Primeiro: esse comando tinha possibilidade de fazer, padronizar os papéis, não é? Então era muito mais barato, não é mesmo? É... editar, entendeu? um tipo padrão, do que estar fazendo uma série de coisa diferente para cada estado, entendeu?

WH - Ahn!

WS - Todo serviço padronizado, entendeu? E... a atuação era uniforme, entendeu? Porque nós quando fi, quando fazíamos o curso de saúde pública, entendeu? recebíamos a orientação como devíamos, naturalmente, operar. Em qualquer área do Brasil, nós não podíamos é... é nos negar de ir pra aqui ou pra ali. Barreto era é, era um ditador nesse aspecto. Ele não permitia é... dúvidas. Você tem que ir pra tal lugar e vai mesmo, acabou, entendeu? E a gente ia, porque, apesar de muitas vezes ser um sacrifício tremendo, né? Às vezes tinha que le..., tinha que levar a família e não havia essa facilidade, por exemplo, que os militares têm de é... ter, ter casas e tal etc.

AA - Uma estrutura mais... ordenada, né?

WS - Nós tínhamos que procurar a casa, tinha, afinal, tínhamos que se, que nos localizar na área, para podermos trabalhar, entendeu? E nem por isso ganhávamos (ri) o suficientemente para fazer isso, não sabe? ganhávamos muito pouco. E era realmente.

AA - Você falou agora pra gente das delegacias federais de saúde, né?

WS - É.

AA - E aí é que eu queria só tentar ver se o senhor podia esclarecer e conversar um pouco com a gente. No próprio trabalho que o senhor fez, tanto lá no serviço de obras, lá no Ceará, como nesse período que o senhor ficou na Bahia. Houve contato mais direto com a, com aqueles que eram delegados da região? Tinha essa integração?

WS - Ah! sim. Tinha, tinha que ter.

AA - Porque o próprio Luiz Lessa, eu acho, na época que o senhor tava lá na Bahia...

WS - Bom.

AA - Era o próprio Luiz Lessa, né?

WS - Vou lhe, vou lhe contar a história do Lessa.

AA - Que tava lá, como é que era isso?

WS - Eu vou te contar a história do Lessa. O Luiz Lessa era médico da febre amarela na Bahia, época em que eu era o chefe da região é... é, como é? Da região....

AA - Do leste-setentrional, né?

WS - ...no Leste-Setentrional de Malária, ele era o chefe da, da ...

AA - Naquela época, eu acho que era a 6ª Região.

WS - ...da, da 6ª Região, entendeu? Ele era o delegado.

AA - O Delegado Federal de Saúde.

WS Porque na, na, não, de saúde não. Ele era o chefe da Malária da... da região.

AA - Mas eu acho que ele acumulava, porque também...

WS - Não, eu vou lhe contar a história.

AA - Hum!

WS - Então, aí, a... a norma era de que os serviços ficassem entrosados com o delegado federal de saúde. Mas isso num, num, não acontecia plenamente porque é uma coisa muito importante a... as condições financeiras. E os serviços tinham muito mais dinheiro que a delegacia, e a delegacia, muitas vezes, dependia do (ri) dinheiro. Você vê, quem manda é o dinheiro (ri). De maneira que, não é? o delegado não, não, não tratava os serviços, entendeu? o chefe do serviço, como superior, como eu sendo superior, não. Porque (ri) ele não tinha força pra isso, ele não podia decidir isso, entendeu? Na Bahia, o delegado era uma pessoa boníssima. Ele tinha vindo da febre amarela, lá do Pará... ... Eu não me recordo o nome dele, no momento. Mas era uma pessoa boníssima. E muito temeroso do Barreto, do Barros Barreto. E... o

AA - Será que era o Negrão?

WS - Não, Negr, não.

AA - Celso Caldas?

WS - Negrão era...

AA - Tava na, no...

WS - Não.

AA - Matogrosso, né?

WS - É, Mato, Negrão era delegado do Matogrosso, Negrão de Lima, né? não.

AA - Aqui tem referência do Celso Caldas.

WS - Quem mais?

AA - Do Oswaldo Lopes da Costa, do Gilberto Costa Carvalho.

WS - Não ele era em Pernambuco.

AA - É que teve uma época que a Bahia ficou junto com Pernambuco, por um tempinho. Mas não era nem o Otávio Gonçalves de Oliveira?

WS - Não, não, não.

AA - Não era esses, né? Então não tem referência desse aqui.

WS - Não, ele era da febre amarela e

AA - E o Henrique Rocha?

WS - Não, não, nenhum deles. Talvez daqui a pouco eu me lembre o nome dele, não é, né?

AA - É, venha o nome na cabeça.

WS - E então, ...

AA - ...ele era o delegado

WS - Então...

Fita 4 – Lado A

WS - (?)

WH - O senhor dizia que o Luiz Lessa tava no Serviço Nacional de Febre Amarela.

WS - Não... era chefe da, do serviço de Febre Amarela na área, né?

WH - Hum, hum.

WS - Eu era da Malária, né? E... fizemos muito... muito boa amizade. E... Luiz Lessa recebe um convite do dr. Barros Barreto pra fazer um curso de saúde pública. Ele fica entusiasmado com isso... ele tinha, ele tinha se formado pela Bahia e tinha dois contatos, inclusive, com um padre que tinha fama de bom professor, padre cujo nome também não me lembro, e que... e que passou então a dar umas aulas a ele, a seu pedido, não é? porque... ele tinha que passar, tem, tinha que fazer uma prova de seleção para fazer o curso, entendeu? porque havia muitos candidatos. Então Luiz Lessa com, como meu amigo e tal, me convidou pra ir com ele às aulas... e eu como sempre gostei de estudar e de ler etc, eu digo: vamo embora, eu vou com você. E eu ia às aulas com ele, entendeu?... No meio do negócio, Luiz Lessa recebe um convite... de um grande político da Bahia, cujo nome também não me lembro, para ser secretário de saúde da Bahia... Lessa ficou de uma alegria estonteante. Quando ele me comunicou isso, eu disse: Lessa, não faça isso; não faça isso porque... os médicos da Bahia (ruído externo - barulho de moto) estão concentrados todos na Capital. Você não pode mandar ninguém para o interior que precisa, você tem que ter uma atuação em toda a área e você não vai poder fazer isto, porque os médicos aqui são parentes de uns aos outros ou senão são os amigos de uns aos outros e, com isso, eles têm um poder muito grande de decisão e você não vai ter força política pra isso, porque eles estão entrosados com os políticos de lá. Mas ele estava completamente cego por I..., por essa coisa que ele achava ser secretário de saúde era uma coisa formidável. Como uma consequência disso, quem foi convidado para fazer o curso fui eu.

WH - E ele acabou sendo secretário de saúde?

WS - E ele foi secretário de saúde. E como eu tinha previsto foi um descalabro. Pintaram o sete com ele.

AA - Encontrou uma estrutura que ele não podia...

WS - Não podia...

AA - quebrar, né?

WS - Não podia. Ele... ele sofreu muito com isso e se decepcionou muito, entendeu? E eu ganhei porque fiz o curso. Fiz, vim pra cá, fiz meu vestibularzinho e fiz o curso... e passei de, de mala, malariologista a médico sanitaria.

WH - Médico sanitaria.

WS - É.

WH - Vamos falar mais sobre a malária, que está interessante...

WS - Diga!

WH - É... então o senhor acompanhou de dentro, praticamente, a criação do Serviço Nacional da Malária...

WS - Ah! Sim, sim, desde o início.

WH - Era o...

WS - Desde o início.

WH - Era o... o diretor era... Abel Vargas.

WS - Abel Vargas é. Esse Abel Vargas era médico... era médico de uma organização, cujo nome não sei, entendeu? Mas ele não era... Abel Vargas não era do Ministério.

WH - Ah!...

WS - Não, entendeu?

WH - Como é que chamaram uma pessoa de fora?

WS - Depois, mas depois ele, depois eles... não sei... por que... por que canais, não sei porque, entendeu? ele foi chamado para, foi chamado para o Ministério, entendeu? E aí...

WH - O Barros Barreto chamou o Abel Vargas?

WS - Eu não sei se foi o Barros Barreto, se foi o Ministro, não sei, nessa, nesse particular, eu não sei. Eu sei que ele passou a ser o responsável pela... por essa... pelo menos, que eu saiba, né? porque eu não estava, tava na Bahia, de modo que eu tava fora da... da área de... de informação minuciosa, né?

WH - Porque depois ele, logo depois ahn eu acho que ele ficou...

WS - Ficou muito pouco, ficou muito pouco tempo.

WH - Foi substituído pelo Pinotti, né?

WS - É... pelo Mário Pinotti, é... é... mas eu não sei lhe dizer porque...

WH - O que me estranha, quando leio trabalhos, o dr. Pinotti ele já vinha trabalhando com malária, né? Ele tava na... na Malária do Nordeste, afinal?

WS - Não, não

WH - ...trabalhou, não, né?

WS - não, não, não.

WH - Mas ele foi pras Conferências Pan-Americanas... (falas superpostas)

WS - não, isso...

WH - Ele ia representando o Brasil pra Malária, né?

WS - Sim, sim. Mas porque depois, entendeu? o... o Maneco, o... o Pinotti ficou nessa área da SU, SUCAM... Como é o nome? o DNERu. Ficou no DNERu, entendeu? no DNERu. Até que ele foi Ministro, não é? Foi galgado Ministro, não é?

WH - É, ele foi, na verdade, chamado pro Serviço Nacional de Peste. O Pinotti, quando foram criados os Serviços, ele foi diretor do Serviço de Peste. Mas eu achei interessante, porque ele já vinha representando o Brasil nas Conferências... Pan-Americanas, e ele ia falar sobre o tema da Malária, né?

WS - É, mas não sei... eu não sei aí, porque nesses cargos de uma certa importância, entendeu? o Brasil, tenho a impressão que em todo canto, né? a ação política é muito grande, entendeu? Basta o sujeito ter uma força política pra... derrubar o outro, ter preferência etc, entendeu? De modo que... nesse particular eu não sei... Só tomei conhecimento quando saiu a... a, lei, não é? criando o Serviço Nacional de Malária, a estrutura... em que eu também fui...

WH - Roubado...

WS - Roubado, de uma maneira que, afinal de contas, eu nem sei, nem esperava, né? Tava lá trabalhando, não é? Cuidando lá das coisas que me incumbiram de fazer... eu não esperava ser coisa nenhuma, não é?

WH - É, na verdade, dr. Walter. quem tomava as decisões sobre a organização do Departamento era essa cúpula, né?

WS - ...a cúpula, né?

WH - ...que tinha cargos de direção...

WS - ...é, de direção

WH - O pessoal que tava trabalhando em campo...

WS - Não, não tomava conhecimento. Só tomava conhecimento da... da, das conclusões. Não tomava conhecimento do... do... da evolução, entendeu?

WH - Hum, hum...

WS - Da... das idéias para a formação do que depois se tornava estrutura, né?

WH - O senhor ficou 2 anos trabalhando, mais ou menos, na Bahia?

WS - É... na Bahia.

WH - Como é que era essa relação, essa sua relação como chefe do Sitor, do Setor Leste-Setentrional com a direção do...

WS - Muito boa. Muito boa, porque eu tinha aqui, entendeu? como um auxiliar do Abel, um colega que me chefiava. que... que foi chefiar a minha área no Ceará... contra o Gambiae: Ramagem Soares, Olinto Ramagem Soares. De modo que o Ramagem me comunicava por carta, eu tenho carta dele, carta dele me dizendo: “olha, vai receber isso, vai acontecer isso e tal, assim”, entendeu? Muito meu amigo. Então ele... como auxiliar direto do Abel, ele me informava das coisas que iam acontecer, entendeu? me favorecendo... entendeu? para que eu adiantasse já as coisas naquela direção, entendeu?

WH - E com o Pinotti, o senhor também tinha uma boa relação?

WS - Hein? Também... Com Mário Pinotti... eu tive um... um... momento de... aborrecimento. Ele já era ministro, entendeu? Eu tinha recebido a incumbência de... tratar do problema da malária... no aeroporto de Pitanga, entendeu? E eu comecei a trabalhar nessa área... nessa... naquele tempo, nós além dos... dos... guardas, entendeu? que cuidava da visita domiciliar... nós tínhamos um gru... o... o pessoal de pequeno, pequena, pequeno trabalho de hidrografia.

WH - Era uma seção dentro do serviço, né?

WS - É... do serviço. Não era uma seção, não, do serviço. Cada um de nós...

WH - Cada circunscrição tinha...

WS - ...que fazia, conforme a necessidade.

WH - Ah! sim.

WS - Eu tinha um serviço, porque o... o rio que, que marginava a, o aeroporto, entendeu? era um foco de malária tremendo. O sujeito era destacado pra, pra servir lá, não é? pela Aeronáutica aí, pumba! caía com malária, entendeu? Já sabe, a pressão sobre o minis, o Ministro da Saúde era grande, sobre o Capanema; o Capanema apertava o Barreto; o Barreto apertava a gente, entendeu? Então eu estava trabalhando, fiz o reconhecimento da área etc, entendeu? e tomei conhecimento de uma coisa perigosa: havia ajuisante do campo, uma represa. Se aquela represa, numa situação como aquela de guerra, houvesse uma... uma, um ato de sabotagem pra libertar etc etc, acabava com o campo de, de aviação, entendeu? Eu então comuniquei ao chefe da... da aviação local, entendeu? o que estava acontecendo. Isso era um perigo, que além da malária que existia, que nós távamos combatendo, havia também esse perigo, entendeu?

WH - ...da represa?

WS - Então fizemos um entrosamento com o chefe do, do, de serviço do aeroporto e eu... nos entrosamos muito bem, entendeu? Ele comunica isto ao Brigadeiro Eduardo Gomes que era o... chefe das rotas aéreas, entendeu? que mandava mais do que o Ministro (?)... e o... então comuniquei pra ficar com minha consciência tranquila, e eu morava num hotel... Meridional da Bahia, um hotel bem simples que... certa vez aparece um... um... soldado da Aeronáutica, entendeu? com um jipe, pra me buscar que o Brigadeiro tinha mandado me buscar... E lá fui eu, né?... Cheguei lá, estava o Brigadeiro Eduardo Gomes com um grupo de oficiais, entendeu? no

cassino. Eu me apresentei... Por via das dúvidas tinha levado os mapas, entendeu? E... quando eu cheguei, pedi pra me sentar e me interrogou sobre a questão. Aí eu disse, levei o... os mapas que eu tinha e tal, tinha estudado da coisa, mostrei tudo etc. Eu disse: olha, o proble, há dois problemas aí: o problema da malária, não é? a solução do problema da malária é esse: tá, tá, tá, eu já tinha estudado o negócio... porque o cassino, o cassino está junto, tá, está numa... está ajusi, está junto do, do, do rio, numa das curvas e esse rio vai dar um trabalho tremendo, porque ele é cheio de, de obstáculos e eu tenho que trabalhar, arrancar todo o diabo e fazer uma pequena hidrografia aí, que... que naturalmente precisa dinheiro, tem que pagar e em especial leva mais gente pra andar depressa. E... cuidar da profilaxia que eu tô fazendo e tal etc. A outra parte é essa que, essa não é comigo, não é? O perigo da...

WH - ...da repre, da represa.

WS - Positivo. Hum! Eu aproveitei essa oportunidade pra tratar do meu problema, né? E ele disse: “olha”, - o curioso é que a gente podia ouvir é... uma mosca voar, porque todo mundo calado... entendeu? Isto impunha um respeito tremendo, sabe? àquele pessoal, àquela oficialidade e tal. Não sei se eles achavam que aquilo era um Deus ou um Diabo. Eu sei que é, desobedei ali na regra, né? quando eu terminei de... expor a coisa, ele falou muito pouco, perguntou muito pouco. Ele disse: “quanto o senhor acha que é necessário pra fazer esse serviço que o senhor expôs?” Então aí dei. Eu disse: “olha, eu não posso dizer com precisão, com cálculo, eu posso fazer uma estimativa pelo, pelo que eu estudei etc. Isso tem que ser calculado naturalmente com mais precisão. Mas eu tô pensando que é em torno de tanto... Ele disse: “Então o senhor pode começar a trabalhar, o senhor dispõe de... nós damos ao senhor a metade e a outra metade

AA - Daquilo que o senhor tinha orçado...

WS - É... a metade o Ministro lhe dá”. Eu... que não tava habituado a isso, saio e fico... com um entusiasmo tremendo. Isso é que é homem, se decide na hora ali, pá! ele resolve, não tem esse negócio de mandar pra fulano, pra sicrano, parecer de fulano e sicrano, resolve na hora e tal. Entusiasmado, eu saí dali, passo um telegrama para o Pinotti, o Ministro... Primeiro, segundo, primeiro dia, segundo dia e não vem resposta nenhuma... e eu passo outro telegrama... Mudo. Aí eu peguei o avião e vim pro Rio. Cheguei no gabinete do Pinotti e entrei, ele tava fazendo a... merenda dele. A merenda dele era comer uma maçã, entendeu? tava comendo a sua maçã. E eu entrei, ele costuma se..., ele costumava sempre perguntar: “Fulano, saúde boa, saúde boa, saúde boa” ... e eu: - a saúde não tá muito boa não. “Que é, você tá doente?” “Eu digo: não, não tô doente, eu estou meio aborrecido... “Mas o que aconteceu?” Então eu contei o caso a ele... e, e disse, depois que o Brigadeiro (?) disse que a gente podia dispor de tanto, a metade de uma quantia que eu disse, né? Sei lá, eu disse, não sei se eu disse... 1 milhão, ele dava 500 mil. Um negócio assim, entendeu? Pinotti comendo me disse assim: “e você acreditou?” Ah!... eu fiquei... eu xinguei, eu, eu pra não ter uma reação malcriada, entendeu?

AA - ...se contraiu todo...

WS - ...mas acabei dizendo a ele: eu acreditei porque ele não é do Ministério da Saúde. Aí ele, entendeu? aí ele sentiu o negócio, né? eu... esse contato que eu fiz, Ministro, agora precisa ser

confirmado com um contato do senhor, diretamente com ele, não é? para... resolver o problema oficialmente porque isso agora tem que entrar na... na...

AA - No trâmite, né?

WS - ... no trâmite, nos trâmites ad, administrativos é... ofício pra lá, ofício pra cá, não sei o que e tal, né? Então ele sentiu aquilo, entendeu? que há necessidade porque eu fu, eu fi, eu fui lá, oficialmente, e ele, oficialmente, ele me... prometeu e naturalmente ele vai lá tomar as medidas necessárias, esperando da nossa parte a contrapartida, né? Bom, aí ele ficou meio e eu vim me embora, fui me embora para a Bahia novamente, né? Agora deixa eles se entenderem lá, né? mas nesse intervalo eu sou chamado para o curso (toques na mesa).

WH - Ah! e aí o senhor não chegou a fazer o...

WS - Então pego o meu colega do Espírito Santo, levo para... conhecer o serviço e levo para apresentar ao General Pinto Aleixo, né? que o General Pinto Ale, aí já estava, já estava candidato a governador da Bahia, entendeu?... Ele tinha planos etc. Levei o colega pra lá, apresentei... ele disse: “o senhor não vai sair daqui não” (ris). Eu digo: não faça isso, isso me prejudica muito e tal etc e apresentei o coisa. E, pouco tempo depois, saí, vim me embora, né? não tomei mais conhecimento de nada. Dei, levei o colega ao aeroporto, a...a...ao aeroporto, apresentei o pessoal meu substituto e tal etc que ele continuaria (?) e vim me embora pro Rio pra fazer o curso. Como eu faço sempre, que tendo ou não tendo...

WH - O senhor não sabe se...

WS - Não sei o que aconteceu depois, não é? Não tive mais contato com esse colega, porque depois que eu fiz o curso eu fiquei no Rio...

AA - Aí perdeu então o contato, né?

WS - Entendeu? Fui chefe da, da seção de Nutrição (falas superpostas)

WH - É... aí o senhor não voltou mais pra Bahia, né?

WS - Não voltei mais para a Bahia, né? Eu sss...

WH - Mas completando... (falas superpostas).

AA - Nessa época...

WS - Aí eu deixei amarrada, né? aí eu passei para outra...

AA - Só pra fechar um pouquinho a coisa da malária, só conversar um pouquinho sobre a estrutura, a gente tinha a curios, curiosidade de saber como era a coisa das divi, da divisão das circunscrições; como é que se definia como é que ia fazer; era pra agrupar, lógico, as áreas mais próximas, mas tinha, devia ter critérios pra poder organizar.

WS - Ah, tem, (?)

AA - O senhor podia falar um pouquinho dessa coisa da estrutura da...

WS - Não, é porque a... a, o território brasileiro, para fins de saúde pública, era dividido em delegacias federais de saúde, entendeu? (sirene de ambulância) que é... absorviam 2-3 Estados, conforme a... (fala murmurada de entrevistador) conforme as necessidades e naturalmente a ... a grandeza de cada estado.

WH - Havia também dr. Walter, algum tipo de identidade epidemiológica, por exemplo, que juntasse Bahia e Sergipe?

WS - Não, não.

WH - Não?

WS - Não, porque as endemias no Brasil eram gerais, é, era geral, entendeu? Daí a vantagem dum serviço nacional, com padronização, etc, porque o servi... o, a malária existia em todo o Brasil, em toda, em todos os estados; num mais outro menos etc, né? Pertinho existia, em todos os estados, o... em alguns estados, mais nuns do que outros, Nordeste existia, existia em São Paulo, entendeu? Mas eram é... não havia um... um limite dizendo: aqui existe isto, aqui existe aquilo, não.

WH - É, porque no caso da malária tinha... vários tipos de mosquito, transmissor...

WS - Não, mas isso sempre são os mesmos no Brasil, todos são os mesmos...

WH - Não havia então...

WS - Tem predominância, com predominância, conforme a região, predominância de um ou outro. Mas isso não... não... não seria um... uma base para... para classificação de Estado com relação ...

WH - ham, ham.

WS - ...à ação do governo, entendeu?

WH - Ou pra dividir a... o serviço em circunscrição.

WS - Não, não, não.

WH - A circunscrição era então dividida em função do território?

WS - Era do território, entendeu? é do território... é... assim como havia as regiões, entendeu? para... para delegacias de saúde, havia as circunscrições para a malária, entendeu? e não coincidiam, entendeu?

AA - não eram idênticas às das regiões

WS - ...porque, eh... porque os, os critérios eram diferentes, entendeu? eh...por exemplo, o... o Norte, o Norte havia condições eh... vamos dizer assim, especiais para determinadas doenças, não é? muita água, não é? população esparsa, não é? de difícil acesso para... para... para o tratamento de cada uma, ou a profilaxia etc, não é? áreas enormes, eh... de distância muito grande, não é? de modo que é... é natural que o... o serviço seja feito de uma maneira que possa alcançar, tanto quanto possível, essas populações esparsas, entendeu? mas é... formando núcleos aqui, ali, lá etc, entendeu?

AA - Quer dizer, subdividindo pra poder atingir mais, né? (falas superpostas)

WS - ...é, é, porque no caso do Amazonas (buzina) é... é... a... a estrada é o rio, não é mesmo? o automóvel é a canoa, de maneira que são dessas coisas que o...

AA - Esses são os critérios...

WS - ...os critérios em que tinham que organizar. Organização da circunscrição, não é? No meu caso era Bahia, Sergipe, Espírito Santo, era a circunscrição leste-setentrional, não é?

WH - Ham, ham. Me diga uma coisa dr. Walter éh... o Pinotti quando assume o Serviço Nacional de Malária ele tem, ele traz com ele alguma orientação específica?

WS - Não.

WH - ...em relação a como deveria funcionar?...

WS - Não... não... não... não. Essa a... a... a especificação, entendeu? na...dessas áreas de grandes... de grandes endemias já eram dadas pela Organização Mundial de Saúde e, trocada em miúdos, pela ah... Oficina Pan-Americana, entendeu? que tinha seus agentes que, muitas vezes, (ri) eram nossos, entendeu? (falas sobrepostas)

WH - É, eram brasileiros...

WS - Os nossos brasileiros,

WH - ...trabalhando lá...

WS - Entendeu? por exemplo, trabalhando muito tempo com malária e quem era... o... o técnico de entrosamento era o Bichat, não é? então a gente conversava, trocava idéia, coisa e tal, procurava ver se arranjava um bocadinho mais de recursos e coisa, sabe como é, entendeu?

WH - É, porque eu me lembro de ler num relatório, quando Pinotti assume, que uma das coisas que se fala é da falta de recursos e da falta de pessoal do Serviço Nacional de Malária, né? e vendo o período que ele fica, enquanto o senhor tá, a coisa cresce bastante, né? tanto em termos de recursos quanto em termos de pessoal, não é não?

WS - É... não... pelo... (falas sobrepostas)

WH - Aumenta... o serviço cresce...

WS - Não... geralmente não é falta de pessoal, não; é falta de recursos financeiros

WH - É?...

WS - É, tanto que a Malária, entendeu? conseguiu-se mais recurso com a criação da... da... como é Meu Deus? da erradicação da malária?...

AA - Da Campanha?

WS - Da Campanha, eu não sei onde que eu larguei isso, não sei se era erradicação. É um... (barulho do relógio).

WH - Isso já é na década de 60, né?

WS - É... foi um serviço, foi um serviço que aumentou muito, entendeu? com recursos muito maiores, entendeu?

AA - Porque aí já se previa a questão da erradicação, né?

WS - É, é, entendeu? Então era um entrosamento em jogo com a Organização Mundial de Saúde...

AA - Mas nesse momento do Pinotti, o senhor... pela sua experiência o senhor localiza um maior... (fim do lado A)

Fita 4 - Lado B

WS - Você tava dizendo que é... parece que faltava pessoal e coisa, não. O... a questão de pessoal não era problema porque pessoal se formava, entendeu? era fácil formar, o que faltava era recursos, entendeu? Tanto que depois que houve um entrosamento maior com a... Organização Mundial de Saúde e, particularmente, com a Oficina Pan-Americana de Saúde, né? que particularmente se entrosava com a região é que foi criado... um serviço mais éh... extensivo e ativo, entendeu? sob a direção de uma pessoa também bastante ativa... que levou a uma atuação mais rígida, entendeu?

WH - Quem era essa pessoa?

WS - Esqueci o nome dele, meu Deus, um colega... ..

WH - A gente procura depois... Isso é... já é na década de 60. que o senhor tá falando.

WS - É, é., é, é, entendeu?

WH - Quando se cria aquele grupo de trabalho pra... pra pensar um plano de combate à malária, de erradicação já da malária, né?

WS - É, é de erradicação da malária, entendeu?

WH - Ah! tá bom, a gente vê depois...

WS - Compreendeu? me esqueci...

WH - Agora, dr. Walter, o, o, os recursos, não é? como o senhor tava dizendo, havia problema de recursos... eles eram distribuídos igualmente entre todos os estados ou havia uma certa carga em cima de um estado: mais pra outro, menos pra outro...

WS - N..., não, não...

WH - Como é que era isso?

WS - Havia um... havia um orçamento para o Ministério, como hoje...

WH - Isso.

WS - ...há um orçamento. Mas o Ministério tinha o estudo... de toda área, de todo o território, naturalmente dentro dos limites que o Ministério podia ter, entendeu? e tinha os programas de cada estado, entendeu? porque eles, os programas do estado não eram feitos pelo Ministério e imposto, não; os programas eram feitos por um técnico do Estado, do... do Ministério mandado para o Estado para... fazer o programa com o Estado, entendeu?

WH - Quer dizer, o senhor como... chefe da, da circuns..., da circunscrição leste...

WS - ...leste-setentrional.

WH - O senhor fazia o programa pra sua área de trabalho e mandava pro Ministério a proposta de recursos e pessoal ou vinha alguém do Ministério pra elaborar essa proposta?

WS - Não, não, eu tinha que ter o... meu programa, entendeu? mandar pro Ministério para o Ministério alocar recursos...

WH - Ah! Sim.

WS - ... mas de um ano pra outro, entendeu? de um ano pra outro, não era improvisado, entendeu?

WH - Mas às vezes os recursos não saiam, mesmo assim, né? o senhor tava falando pra...

WS - Não, mas isso era coisa especial, quer dizer, era uma área, entendeu? de emergência em que o estado tinha comprado a área inóspita e precisava construir, o Ministério da Guerra precisava construir o negócio e não podia. Então o governo federal através de seu órgão próprio tinha que atuar para dar condições para que fosse construído. Por isso que eu fui pra lá, entendeu? E esses recursos, entendeu? demoraram a chegar, chegaram no fim do ano.

WH - Mas normalmente então já com esse plano de trabalho, com a proposta, já os recursos eram liberados

WS - Ah! sim

WH - E já era uma coisa tranqüila, né?

WS - Já era tranqüilo, o negócio era tranqüilo, não é?

WH - Porque eu, eu também é... eh... tava folheando esses relatórios... eram uns relatórios de atividade dos serviços, né? e me chamou atenção, dr. Walter, um que fa...o... era o Barros Barreto que escrevia, né? e ele fala do Maranhão de como o serviço, o Serviço Nacional de Malária o Maranhão era um Estado que tinha realizado muita... muitos serviços éh... permanentes de combate à malária, que eram valas já cimentadas...

WS - É, nesse relatório você tem também a minha parte aí que o Barreto... ele elogiou a Bahia

WH - Isso.

WS - E o Maranhão.

WH - É...

WS - No Maranhão então era o Valdir (Duíde?)

WH - Isso...

WS - Que tinha sido meu colega na... na... no início do cur, no curso etc, entendeu? ele foi pro Maranhão e eu fui pra a Bahia. Então, ele fez, como eu fiz na Bahia, éh... obras permanentes, entendeu? Porque o sujeito que pode éh... estancar ou secar uma área que tenha criadouros permanentes, entendeu? que é encharcada de água, entendeu? de duas maneiras: ele faz uma obra éh... permanente com pedra e cimento...

WH - Hum, hum!

WS - Entendeu? ou então ele faz uma provisória; falta de dinheiro etc que não adianta nada, porque daqui a pouco isso (?) etc. E o Duíde fez no Maranhão e eu fiz na Bahia.

WH - Então já tinha essa orientação de fazer uma coisa mais...

WS - Já sim, porque pra soldado e cavalo e tal não adiantava você fazer coisa de terra, tinha que ser um negócio... e eu tinha à disposição uma pedreira. De maneira que...

WH - Ah! é verdade.

WS - E eu fiz um negócio de pedra e cimento, entendeu? Até disseram que minha obra era, em vez de ser obra de malária, era obra... de que, Meu Deus? é uma crítica, dizendo que é o anti-luxo, né? não é? negócio de turismo, não sei o que e tal (riso) não é? eu não me incomodei, não; porque realmente, foi logo pra cavalo e pra soldados. Então tinha

AA - durabilidade garantida, né?

WS - Durabilidade garantida. Tanto que eu acabei com a malária lá, tá entendendo? Acabou... malária. Os caras fizeram lá a Vila Militar e ninguém mais se adoeceu, né?

WH - E aí, aí... é... aí eu acho que também depende da... ou seja, o fato duma circunscrição onde um setor ele, ele tem melhores eh... condições de resolver o problema da malária, o seu caso, o caso do Maranhão, depende realmente de quem tá chefiando, não é isso?

WS - Ah! claro, depende de, depende do critério do chefe.

WH - Por mais normas e instruções que tenha o Ministério... aí...

WS - É...é... porque aca, eu, por exemplo: eu fiz na Bahia... eu improvisei uma... umas paredes provisórias, entendeu? éh... com... com madeira, entendeu? com pequenas com... paus.

WH - Toras?

WS - Que eu fiz, não era tora, não, era bem simples; fiz uma parede, entendeu? que deixava filtrar a água e não deixava passar o... passar a... terra, entendeu? de modo que, com o tempo, esta parede se consolidava, porque acabava a água ela estava em pé sustentada pela madeira, entendeu? e, durante esse tempo, davam possibilidade da gente ter pedra, cimento e tal pra depois substituir, entendeu? Isso fez com que o doutor Barros Barreto numa ocasião de inspeção, que ele fazia inspeção: ele saia daqui e visi... com... com um caderno preto que ele tinha e anotava tudo, entendeu? ele ia cobrar de todo mundo, entendeu? e ele chega lá quase à noite... e queria ver isso, porque eu, eu fotografava tudo, os meus relatórios eram todo com fotografias, entendeu? eu tinha uma máquina e... a máquina trabalhava muito, também.

WH - É, eu vi as fotos...

WS - Ah! você viu?

WH - No relatório dele.

WS - É...

WS - Saem fotos publicadas, né?

WS - Então ele viu aquilo, achou um negócio é... extraordinário e... original, né? e queria ver o negócio. E era uma pirambeira danada lá no... coisa e tal. Mas a essa hora... ele falou :é, que coisa e tal. “Não tenho tempo não, vamos ver e tal”. Ditador, tive que aceitar. E eu tive que pegar a lanterna e ir com ele de noite pra mostrar lá o negócio. Mostrar que não era fantasia, existia mesmo o negócio, entendeu? E nesse relatório em que ele elogia o trabalho do Maranhão, ele também elogia o trabalho da Bahia, entendeu? Tem lá... as fotografias bonitas...

WH - É... verdade.

WS - Não é? Aquela... aquelas... ficaram bonitas, mesmo, ma... a... as valas, não é? as valas são sobre paliças inclinadas, não é? para as menores águas e as maiores águas, não é? entendeu? e... tudo de cimento, bonito, entendeu?

WH - E quem lhe dava assessoria, nessa área de... de hidrografia?

WS - Ah! hidrografia? Eu tinha um alemão, entendeu? que estava cons... que... que... tava... tava com o projeto de construção do... da Vila Militar, entendeu? e eu me entrosei com ele. Mas eu... nós já sa... nós recebemos... no curso de malária... há a parte de hidrografia. Nós saíamos com... com aquele teodolito pra... visada a fren... visada a é, é... visada a frente, visada atrás (ri) e tal. Nós tínhamos esse trabalho. Nós tínhamos que se levantar mapas, quer dizer, agora também não eram croquis, entendeu? Não era como engenheiro, mas nós tínhamos que dar...

WH - Pois é, não tinha engenheiro sanitário trabalhando com o senhor?

WS - Tinha, mas comigo não tinha não.

WH - Não, né?

WS - Não... não... não tinha não. Tinha não. Também não precisava, não precisava não.

WH - Pro tipo de obra que precisava fazer...

WS - Não, não precisava também. A gente tinha... tinha todas as instruções, entendeu? e ... era só seguir as instruções. Mas eu tinha ainda um engenheiro que era amigo meu etc, entendeu? Era alemão, imagina você, durante a guerra... (ri)

WH - Aí ele lhe dava as, as dicas, de...

WS - É... então... negócio de, de resistência do material, pedra e tal etc, né?

AA - É ele que dava...

WS - É... então... eu fiz um trabalho bom, sabe?...

WH - Quem trabalhava em... em... Sergipe, com o senhor, era Mendonça de Almeida? Era o chefe do setor de Sergipe?

WS - Sérgio? é o Mendonça.

WH - Mendonça de Almeida...

WS - Mendonça de Almeida, é. Lá não tinha muito problema, não, sabe?

WH - Em Sergipe?

WS - Não tinha, não.

AA - Quer dizer, na área leste-setentrional a fonte maior de problemas e de atenções era a Bahia, né?

WS - Bahia. Bahia, a Bahia tinha também umalouco..., intere... muito peculiar. Eu lidei com muita viúva na Bahia, sabe? Não sei porque os homens lá morriam mais cedo que as mulheres. E as mulheres ficavam com os terrenos, as casas e tal e muitos terrenos ficavam abandonados, cheios de... de... água e de rato e de coisa etc... criando um problema danado...

AA - Focos?

WS - É, focos e eu tinha que...

AA - (ri) *Full-time*.

WS - E reclamavam como se eu fosse, entendeu? da saúde pública de lá pra cuidar dessas coisas. Não me custava nada e eu dava uma mãozinha, né? Problema, por exemplo, de esgoto na avenida é... como é o nome daquela avenida é... na Bahia, não é? Oceânica, Avenida Oceânica. Um negócio tremendo que também tem aqui no Leblon, também tinha, né? É... aquelas águas... as águas das, das centina, das fossas etc.

AA - Umas valas negras que a gente tem aqui, né?

WS - Vala negra, é e tal. De vez em quando tinha desses problemas, eu não tinha nada com isso, mas... o jornal reclamava, sabe? Aí inventaram um rio, o rio das Tripas, que era perto do matadouro lá da Bahia e tal e... de vez em quando vinha reclamação do rio das Tripas, eu tinha que dar uma entrevista. Acho que eu tenho alguma coisa escrita aqui nesse... nesse coisa, né? Rio das Tripas na Bahia e tal. Mas eu tinha... eu tinha amigos, por exemplo, o Balieiro era grande amigo meu, né?

WH - Antônio?

WS - Oh... Bal, é... como é o primeiro nome dele?

WH - Antônio Balieiro?

WS - Não é Antônio, não, não é Antônio, não

WH - É o político?

WS - Político, político...

WH - Acho que é Antônio.

WS - É? que veio depois pra, pra, pra... veio pra Bahia, pra cá pro Rio etc. Mas lá ele tinha uma casa que era junto, entendeu? era... era... era numa... área malarígena, entendeu? E... eu passava de manhã, porque levantava cedo, né? passava de manhã e passava pela casa dele, ele já estava de pijama e tal na biblioteca dele. Era uma casa boa; era esse tipo de casa, de casa de... de... campo, entendeu? Tava lá. Então eu entrava, tomava um cafezinho, conversava com ele e tal; ele é que me dava os diários oficiais. Ele recebia os diários oficiais e negócio de malária ele me dava, entendeu? E era uma amizade muito boa. Assim como também o... chefe, o camara... aquele político que era chefe de gabinete do... Castelo Branco... esqueci... ele é um grande... um grande escritor. Já morreu... escreveu coisas muito interessantes sobre história da Bahia, não é? Também ele, ele era da Tarde, era... era... era jornalista também...

WH - Do Jornal da Tarde?

WS - Da Tarde. Puxa, aí me dava uma mão tremenda, escrevendo, né? Tem um artigo dele, entendeu? exaltando o serviço e tal. Tinha uma amizade boa.

WH - Como é que era pro senhor morar na Bahia, falando nisso, era bom morar em Salvador?

WS - Hein? Ah... bom... a Bahia é..., sabe que... É, o clima é ótimo, entendeu? Naquele tempo, a vida era muito calma, entendeu? Eu até... é... fiquei meio aparvalhado, quando eu saltei do navio lá e vi aquelas casas num cantinho, aquelas telhas é... descoradas... eu tive uma impressão que estava no século XII assim... sabe? E... mas depois me habituei... o pessoal todo mundo conhece... muito calmamente... chegava lá pras horas tantas (risos) é... um tal de abrir as portas e tal... eu digo ué eu não estou habituado com aquela coisa... aquela moleza e tal... viu? me habituei com isso. Às tardes, na ru, o pessoal se reunia na Rua Chile... havia uma confeitaria que era de um grupo de senhoras de políticos etc, entendeu? Eles se reuniam ali...

WH - O senhor freqüentava também essas rodas?

WS - Hein? Não, não tinha tempo pra isso, né?

WH - O senhor trabalhava horário integral?

WS - É... o meu negócio... eu andava, eu andava com... com roupa de malária... era... como é que se chama isso, mesmo?

WH - Guarda pó?

WS - Não era guarda pó.

AA - Safari? Um safari.

WH - Um safari?

WS - Era uma espécie de safari, mas não era... era culote... agora, não era perneira, era bota que vinha até aqui assim que era pra andar dentro d'água...

WH - Hum, hum.

WS - Entendeu? e chapéu, daquele chapéu de...

WH - Explorador?

WS - De caçador, de explorador e tal. Era assim que eu andava, entendeu? Nunca andava de... de... gravata. Entrava no hotel, saía do hotel.

WH - O senhor devia ser um personagem exótico ali com essa roupa, né? (riso)

WS - Mas todo mundo já... já conhecia...

WH - Já lhe conheciam?

WS - É... todo mundo me ajudava. De modo que eu achava... Salvador, no período que eu morei lá, ótimo, entendeu? Muitos amigos, né? Não na sociedade, que a sociedade... a sociedade nos estados é muito fechada, entendeu?

WH - É verdade.

WS - É muito fechada. O sujeito pra entrar na sociedade e tal...

AA - A coisa daquele poderio também dos coronéis, né?

WS - É, um negócio e tal. Naquele tempo era muito fechado é... o negócio e tal... naquele tempo as mulheres até usavam chapéu pro cinema, entendeu? De modo que era muito fechado. Então... mas tinha... representante de comércio, de indústria, né? éh... do Rio, de São Paulo; alguns permaneciam lá durante muito tempo, outros permanentemente... essa gente toda...

AA - Se entrosavam bem, né?

WS - É. Tanto que... depois que... eh... da gente estar muito tempo, a gente per... perd... perde..a gente perde muita amizade muito boa, né? A gente sente falta das pessoas depois, né? porque sanitarista naquele tempo é... era uma espécie assim de... éh... vendedor tipo caixeiro viajante e tal, tá aqui tá ali... E o Barreto tinha um... por princípio que a gente não podia ficar mais de dois anos num lugar para não criar laços de amizade, porque, segundo ele, isto iria perturbar, perturbar a ação federal na área, entendeu?

WH - E interferir tecnicamente no serviço?

WS - É... interferir... é... então não deixava mais de dois anos, né? o sujeito (?)

AA - É... mais do que tecnicamente, é nas relações pessoais...

WS - Hein?

AA - ...entre vocês e os chefes de serviços locais e tal; podia-se criar uma dificuldade até pela amizade e criar uma dificuldade em impor as políticas do Ministério...

WS - É... é... porque a vantagem do federal era não ter... ou não sofrer aquelas pressões políticas locais, entendeu?

AA - (?)

WS - ...entendeu? Mas...

AA - Tem toda um outro lado...(ri)

WS - O ser humano, o ser humano...

AA - O ser humano precisa.

WS - É... o ser humano tem... tem razões que a razão não entende, né? De maneira que...

WH - Mas o senhor acha que interferiria se o sanitarista ficasse dois, mais...

WS - Interferiria... É. (?) É..., jogo de interesses e tal...

WH - Micropoderes.

WS - É... isso atrapalharia. Ele tinha razão nesse particular, sabe? Mas pra nós era uma coisa horrível, porque levar a família pra aqui, pra ali... não é?

WH - Itinerante, né?

WS - É... como o... o Exército, né? Não sei se a Marinha faz a mesma coisa, mas o Exército, por exemplo, eles se deslocam constantemente. Basta eles subirem um posto, para sair da região e ir pra outra e tal etc, entendeu? De modo que nós não tínhamos ascensão a posto (ri) nós tínhamos o limite do tempo; mais de dois anos não ficávamos no lugar, entendeu? e... concordávamos porque estávamos ali pra trabalhar, né?

Data: 30/06/1995

Fita 5 - Lado A

WH - Bom, hoje é dia 30 de junho de 1995, hoje é a terceira entrevista com o Dr. Walter Silva. Dr. Walter, a gente estava aqui, antes de começar a gravação, falando do Getúlio, do Chatô, e eu queria que o senhor, é..., aproveitar, nessa, essa conversa nossa, que o senhor nos dissesse: nessa época do Getúlio, o que que o senhor achava do governo do Getúlio, da figura do Getúlio Vargas, enfim, qual era sua postura pessoal em relação, política também, em relação ao Getúlio?

WS - Tudo devo dizer que sou até hoje getulista. Getúlio... que sempre foi considerado na sua primeira fase do governo, um ditador, entendeu? ele não teve estas características de ditador, a não ser naqueles casos extremos em que a... canalha, entendeu? fazia juz à violência, entendeu?

WH - A canalha que o senhor tá dizendo é quem?

WS - A canalha é esse pessoal de esquerda, entendeu? sobretudo os comunistas, né? que eu não tolero comunista, entendeu? e, então (toca o telefone ao fundo) o que houve foi um governo, entendeu? que se fazia respeitar: o que Getúlio dissesse aqui era obedecido no Acre, que naquele tempo não tinha essas ligações fáceis com o resto do país. Chegava lá um mês ou mais depois, o que se decidia aqui, é...

WH - É.

WS - No... no Sudoeste e eles lá obedeciam. Eles, não digo que temiam, mas respeitavam Getúlio, porque ele era uma pessoa de pulso forte, entendeu? Pois bem, Getúlio foi o proporcionador do desenvolvimento do Brasil. O Bra..., o..., a civilização, no que diz respeito a esse desenvolvimento, não se faz sem aço e sem é... soda cáustica. Era tudo importado, entendeu? Pois bem, Getúlio resolveu esses problemas: ele fez Volta Redonda, e se em Volta Redonda você não tinha geladeira, não tinha eh..., automóvel, (ruído de caminhão ou ônibus) não tinha coisa nenhuma, entendeu? e a parte de soda cáustica que ele criou aí em Cabo Frio, nas (?), entendeu bem? de maneira que ele dizia, e isso hoje não aparece, ele dizia no seu pronunciamento e a gente, a gente ouvia no rádio e nos jornais: "Havemos de construir as nossas locomotivas que correrão sobre trilhos fabricados no Brasil" (fala como se estivesse fazendo um discurso). Isso é simbólico, não é mesmo?

WH - Ahã!

WS - Não se fala mais nisso, só se fala que Getúlio é, martirizou e que é..., fez imigrato e coisa e tal. É o que aconteceu com os..., com..., com 64, não é? Este pessoal que estava (buzinas de automóvel ao fundo) aí criando dificuldades para o governo e tal, e levando o Brasil quase para um..., uma Cuba enorme.

WH - O senhor diz o governo do João Goulart?

WS - Hein?

WH - Governo do João Goulart?

WS - Do João Goulart, que era..., (ruído intenso de carros) que era continuador da política do Getúlio Vargas, entendeu? Pois bem, essa gente que..., que imigrou e coisa etc, e voltou. O quê que eles estão fazendo? Só criam dificuldades pro país, entendeu? com raras exceções, naturalmente né? Pessoas muito boas que, por exemplo o..., o Fernando Henrique... também sofreu, não é?

WH - Tem o nosso presidente que teve problemas políticos nessa época.

WS - Hein?

WH - O nosso presidente hoje, né? o Fernando Henrique.

WS - Pois é, pois é o que eu estou dizendo, e outros, entendeu? que... voltavam as suas diretrizes internacionais para a esquerda, não é mesmo? Então, nessa hora em que se tá criando obstáculo ao desenvolvimento do país, numa época em que o Getúlio (buzinas de automóveis ao fundo) estava cuidando do..., do..., de operários. As leis sociais que ele criou são adiantadíssimas. (bate o relógio ao fundo) Tão adelantadas, que é difícil pôr integralmente em... em funcionamento, não é mesmo? Então porque que ele criou o PTB? O PTB, o PT? Não é? Não, foi o PTB.

WH - PTB que ele criou.

WS - Foi o PTB, não é mesmo? Por quê? (ruído de caminhão ao fundo) O PTB era o quê? Era operário, não é mesmo? Depois ele foi obrigado a criar o..., o PSD que era já no nível de..., de..., de..., de..., de classe média, não é mesmo?

WH - Era metuculoso, né?

WS - De maneira que um contrabalançava o outro, não é mesmo? Quer dizer, se você examinar com isenção (tosse) a política do Getúlio Vargas, vê que só há, há mais coisa positiva do que negativa.

WH - E a época da..., da Revolução de 30, o sr. estava na faculdade, né?
(ruído de automóvel ao fundo)

WS - 30?

WH - É, na Revolução de 30.

WS - É, mas eu entrei em 30 na faculdade, saí em 36.

WH - O sr. era um..., uma época movimentada...

WS - É, movimentada.

WH - Como é que o sr. viveu essa época da Revolução?...

WS - Não houve grandes embaraços para nós, inclusive...

WH - O sr. achava que era uma alternativa... (fala superposta)

WS - Na faculdade..., como é? (fala superposta)

WH - O sr. achava que era uma alternativa a revolução? O sr. apoiou, achou que era uma boa opção pro Brasil na época que o sr. era estudante?

WS - Eu achei que a Revolução de 30, entendeu? renovou o Brasil.

WH - Hum, hum. Na época o sr. já tinha consciência disso?

WS - Tinha... consciência.

WH - Hum, hum.

WS - A Revolução de 30 modificou muito o Brasil, entendeu? Agora, como acontece sempre, não é mesmo, nunca as coisas são perfeitas. A Re..., a..., a..., a Revolução de 64, que uns chamam golpe, tal etc, eu vivi isso. Eu estava na minha reportiç..., repartição, eu era diretor do Serviço Nacional de Educação Sanitária, que tem sede ali na..., Sacadura Cabral, entendeu?... Um dia, um funcionário meu que eu não sabia que era é..., um tipo mar..., um tipo de..., de ativista no campo político, entendeu? lá dentro da..., da repartição, nunca ele se manifestou, chegou perto de mim e disse: “Dr., eu achava melhor o senhor deixar os funcionários saírem mais cedo, porque nós não sabemos o que vai acontecer hoje à tarde”. Eu digo: que? “vai haver um grande comício na Praça da..., na..., na Central do Brasil, entendeu? e as coisas estão muito perigosas”. E eu digo: - Bom, se estão perigosas para os idosos, porque não para os rapazes também? Tá bom. Cerca da..., da..., da..., aproximada a hora do tal comício, eu mandei dar pon..., fechei a repartição.

AA - Dispensou os funcionários.

WS - Dispensei. Bom... um pouco depois, fiquei resolvendo uns problemas, sozinho com a secretária, na repartição, e peguei o carro. Eu tinha, obrigatoriamente, que passar pela Central do Brasil. O que eu vi me arrepiou: estava cheia de gente. Havia um..., um..., como é que chama isso?

WH - Palanque?

WS - Um palanque, entendeu? em que estava o... Leonel Brizola.

WH - Hum, hum.

WS - Ministro da Guerra da época, entendeu? e..., umas outras pessoas cuja identidade não..., não consegui fazer. Estava uma imensidão de gente, todos com..., com..., com bandeira da suástica, entendeu? Com suástica!... da...

AA - Partido Comunista.

WS - Comunista, do Partido Comunista.

AA - A foice e o martelo.

WS - Mas como, a foice e o martelo? Como, meu Deus? Que isso? E aquela gritaria, eu digo: - É, o rapaz realmente me avisou com razão, não é? Essa coisa tá muito perigosa. E desviei..., o motorista desviou a..., o carro em que eu estava e eu fui para casa. E como a gente..., naquele tempo a gente trabalhava com colarinho e gravata, né? é paletó. Eu abri a televisão, me senti assim, conforme estava e fi..., e disse para minha mulher, eu digo: - Olha, nós estamos assistindo aos últimos atos de liberdade, que, amanhã, quem usar colarinho e gravata vai sofrer terrivelmente neste país. O Partido Comunista está lá com Seu Brizola, entendeu? a proclamar a..., a fragilidade do Governo em frente ao Ministro da Guerra. Então, o que que nós vamos esperar mais, não é? Fiquei apavorado com aquilo. O resto vocês já sabem o que aconteceu, não é? Quer dizer... houve (barulho de carro ao fundo) uma..., é..., queda tremenda no que há de necessidade maior para existência de uma democracia, que é a responsabilidade dos atos que o indivíduo pratique. Ele tem liberdade, mas esta liberdade tem limites e esse limite é aquele, é aquele em que estabelece a convivência social.

WH - Hum, hum.

WS - E naquele momento isso não estava acontecendo. Minaram as Forças Armadas naquilo que constituía a base da Segurança da Força, que era a disciplina, entendeu? a ponto de não se respeitar mais hierarquia, hi..., hi..., hierarquia..., como é? Hierarqui...

WH - Hierarquias?

WS - Hierarquias, entendeu? Então, veja a evolução da coisa: Getúlio, com sua... capacidade administrativa, com o respeito que impunha a todos os seus subordinados, não é mesmo, cercado de homens iminentes, né? No campo da Educação, ninguém pode negar o..., a..., a força, e o critério e a seriedade do Capanema, não é mesmo?

WH - Na área da Saúde, ele também foi muito importante, né? (fala sobreposta)

WS - Na saúde, Barros Barreto, entendeu? com os programas nacionais, com sua presença, é..., nos estados, de maneira que até...

WH - Isso não havia antes?

WS - Hein?

WH - Isso tinha antes, a presença tão maciça do Estado?

AA - Nos Estados?

WS - Não tinha, não tinha.

AA - Nos Estados?

WS - Não havia. (fala sobreposta com a anterior) Não havia. Inclusive a Saúde não..., não havia..., é..., uma organização de Saúde Pública...

AA - O Departamento Nacional na verdade ele era local, né? Funcionava aqui dentro mesmo.

WS - É, local..., era local... (fala sobreposta) O..., o..., o...,

AA - O Distrito Federal.

WS - O..., o..., a legislação toda, entendeu? que eu tenho da época, entendeu? é local. Com os estados se faziam é..., contratos... Então havia a extrapolação do Distrito Federal para os estados, entendeu? Com Getúlio, ainda continuou Educação e Saúde, que, aliás, as duas são realmente de uma intimidade muito grande, não é mesmo? (buzinas ao fundo) Educação e Saúde, as duas são básicas, e se encontram na na Educação Sanitária.

AA - É!

WS - Entendeu? Depois que o Ministério da Educação e Saúde se cindiu, criando um Ministério da Saúde e da Educação, houve uma queda muito grande na capacidade do Ministério da Saúde, porque o poder político do Ministério da Saúde é nenhum: você está vendo o que está acontecendo com o Jate..., com o Jatene, que inconta..., inconta..., incontestavelmente é um homem sério, entendeu? se bem que especialista lá na..., na área da... cirurgia car...

AA - Cardíaca.

WH - Cardíaca, cardiovascular.

WS - Cardíaca, cardiovascular, não é mesmo? (fala sobreposta) não é um..., não..., não é um homem de saúde pública, não é mesmo? mas é um homem sério, um homem que foi secretário de Saúde em São Paulo e lá aprendeu alguma coisa... importante, porque ele é muito inteligente, não é? Mas veja como ele está sofrendo terrivelmente.

WH - É, isso é..., isso é curioso, né? dr. Walter, porque o senhor mesmo diz: “A Saúde e a Educação são básicas”, né? era até uma razão...

WS - Sim, não são (?)

WH - Pra..., mas quando separou a Saúde, mesmo sendo básica ela..., ela perde...

WS - Ela perdeu po..., o..., o..., o poder político do Ministério da Saúde é nenhum.

WH - Por quê? Porque que o sr. acha que não é nenhum?

WS - Pelo seguinte...

WH - Tendo uma área tão...

WS - Pelo seguinte...

WH - Básica.

WS - Porque passou a um nível diferente. Quando era Educação e Saúde havia um ministro político e dois subministros técnicos. Estes ministros técnicos é que tocavam as respectivas áreas.

WH - Ahã!

WS - Quem fazia política era o Ministro da Educação e Saúde...

WH - Era o Capanema, no caso?

WS - Hein?

WH - Era o Capanema?

WS - Era o Capanema.

WH - O Capanema fazia política...

WS - Não! O Capanema veio depois que cindiu: era..., era Ministro da Educação, não é mesmo?

WH - Gustavo Capanema era Ministro da Educação e Saúde.

WS - Educação e Saúde, é, (fala sobreposta) tem razão. Ainda era...

WH - Hum, hum.

WS - Educação e Saúde, entendeu? Mas os su..., os ministros..., os subministros técnicos é que tocavam. Na..., na época do Capanema, entendeu? (buzinas ao fundo) então veio o argumento de que como era ditadura ele tinha força junto a Getúlio e tinha muita força, não é mesmo?

WH - Inegável

WS - Era, inegavelmente. Mas quando cindiu os ministérios, o Ministério da..., da..., da Ma..., o Ministério da Saúde passou até é..., ministros eh..., com..., como é que eu poderia dizer? Descartável. Em 25 anos de ministério, houve cerca de 30 ministros, quer dizer, menos de um por ano. Ora...

AA - Implantar política assim deve ser difícil.

WS - Não é possível. (fala sobreposta) E..., e ministros, pessoas completamente ignorantes (buzinas ao fundo) no que se di..., di..., di..., di..., di..., di..., diz respeito à saúde.

WH - O sr. podia citar algum que o sr. ache ignorante?

WS - É. Hein?

WH - O sr. podia citar algum?

WS - Eu acho que quase todos, quase todos, porque eles iam pro Ministério com apenas (barulho de veículos ao fundo) um objetivo: era galgar a posição política, entendeu?

WH - E o sr. acha, Dr. Walter, que isso comprometia o aspecto técnico do ministério?

WS - Não, não estou..., não..., não se comprometeu... durante o tempo em que o ministério a..., tinha um quadro de técnicos responsáveis, entendeu? e capacitados. À medida que estes técnicos foram se aposentando... esse grupo foi enfraquecendo, e no fim não ficou ninguém, ficaram estes ministros, entendeu? como eu disse, descartáveis... e o..., e a..., e a..., e a Saúde começou a afundar cada vez mais, entendeu?

WH - O sr. acha... e a gente até engrena nesse..., nesse próximo assunto, quer dizer, o sr. disse que é... era um grupo técnico que tava...

WS - Sim, que dava cobertura... ao Ministro (fala sobreposta).

WH - Que era no caso a..., a geração su..., a sua geração, né?

WS - É, era..., era..., era a nossa geração sim, entendeu? Quer dizer, a geração anterior, entendeu, e nós que fomos substituídos...

WH - A geração anterior que eram os jovens turcos...

WS - Eram os jovens turcos.

WH - Como que...

WS - Era uma..., era uma...

WH - Pode contar para nós como é que é... essa... denominação: “jovens turcos”.

WS - Esta denominação (fala sobreposta) veio..., veio da..., do fato do..., da Turquia, entendeu? que vivia um... processo ainda medieval, entendeu? ter à sua frente, em determinado momento que foi justamente é..., na época (buzina ao fundo) lá pra mil, mil e novecentos..., depois da guerra, entendeu?

AA - Pós 14, né?

WS - É, hein? O Ataturque, não me recordo o nome não, e que renovou a Turquia com o braço de ferro, ele renovou a Turquia, entendeu? Fez uma revolução cultural, não é? e então os nossos, é técnicos quando fizeram a sua renova..., a renovação da saúde pública, acho que criaram em 1922, em que vieram técnicos da América do Norte para eh..., criar a..., Escola de Saúde Pública no Brasil, entendeu? esses jovens da época, entendeu? se intitularam também “jovens turcos”, entendeu? à maneira com que as coisas tinham ocorrido lá na Turquia.

WH - E como é que o sr. via esta renovação, ou seja, o que que eles renovaram, em que sentido eles renovaram?

WS - Renovaram, por exemplo... (fala sobreposta) Nós tínhamos aqui uma Es..., Escola de Saúde, de Saúde..., de..., uma Escola de Enfermagem (ruído extenso de carro) que era a Escola Alfredo Pinto. A Escola Alfredo Pinto de Enfermagem foi criada dentro do Serviço Nacional de Doenças Menta..., na época, Doenças Mentais, entendeu? para preparar gente é..., capaz de eh..., tratar, auxiliar o tratamento de..., dos..., dos doentes mentais, entendeu? Era uma escola dentro da..., do..., do... Serviço...

WH - Hum, hum.

WS - Entendeu? Doenças mentais. Ora, por necessidade de..., do..., dos outros serviços que vinham é..., se desenvolvendo, não é? então, de lá, o pessoal imigrava para os outros serviços, já não era só para os doentes mentais, era para os outros..., outra..., outras áreas.

WH - Hum, hum.

WS - Não é? quando estes jovens tomaram conta das diretrizes da..., da Saúde, eles criaram a Escola de Enfermagem e Saúde Pública de a, que era a Ana Néri.

WH - A Ana Néri.

WS - Especificamente para Saúde Pública, entendeu? Então, até houve um certo exagero porque preparavam a enfe..., enf..., enfermagem até especificamente como para tuberculose, entendeu?... Pra doenças infecciosas, e depois então é que foi generalizado, quer dizer, a enfermeira passou a ser é..., polivalente, era preparada para atender a todos os...

WH - O sr. acha que isso é uma demanda da Saúde Pública, né? o fato da enfermeira...

WS - Saúde Pública. (fala sobreposta) Então, e a Escola de Saúde Pública, no ato que foi criado, então, o..., o sanitarismo, não é? A..., a..., o esp..., a especialidade do médico sanitarista em caracteres completamente diferentes daquela, é..., daquela..., daquele critério que vinha sendo seguido pela faculdade, não é, criando médicos para curar doenças, e não para medicina preventiva.

WH - Hum, hum.

WS - Entendeu?

WH - E qual é que o..., quer dizer, que perfil é esse, o sr. disse que: “bom, se criou o sanitarista nesta época”, que sanitarista era esse, qual era o perfil desse sanitarista desenhado por estes jovens turcos?

WS - A linha mestra é o seguinte: eram médicos que tinham por finalidade, entendeu? primeiro não deixar o indivíduo adoecer para depois tratar, uma vez que o tratamento é muito mais caro do que a prevenção, quer dizer, uma mentalidade de prevenção das doenças, não é? Em segundo, o tipo de trabalho... dedicação integral, porque não podia se conceber um médico sanitarista ter consultório médico para atender individualmente as pessoas, entendeu? Sanitarismo..., o sanitarista é um médico da..., dos..., do..., da..., das populações, dos grupos populacionais, entendeu? é o campo da..., na..., no campo da sociologia, não é mesmo? Não é aquele que tinha antitólhos para curar individualmente...

WH - Hum, hum.

WS - ...as pessoas, entendeu? Ele tinha é... realmente uma visão bastante diferente da visão do médico preparado até essa época, e...

WH - Quer dizer, ele tinha que ter uma visão mais abrangente, mais social do problema...

WS - Mais abrangente, e mais (fala sobreposta) e..., e com os elementos necessários para que ele pudesse fazer um diagnóstico mais preciso... dando a ele essa..., esta capacidade de cálculo e de..., é..., atuação na estatística.

WH - Hum, hum.

WS - Porque na faculdade de medicina ninguém aprendia estatística, as pessoas pensavam que com apenas é..., o percentual que ela tinha a segurança da veracidade da..., das coisas e na (?) tinha cadeira de estatística, entendeu? que o levava a ver as coisas de uma maneira muito diferente...

AA - É, outro prisma mesmo, né?

WS - Outro pri...

AA - Tinha outra percepção...

WS - Outra, completam...

AA - E o espaço da saúde pública o senhor já tinha falado pra gente, dentro das faculdades era...

WS - A higiene, a..., a higiene na faculdade não era obrigatória...

AA - Nem era obrigatória...

WS - Não é? ninguém ia às aulas de higiene porque eram...

AA - E nesse momento que o sr. está falando que eles implantaram..., começaram a implantar esta lógica de..., de formar sanitarista, quais foram os espaços eleitos para isso? Assim, eram cursos dados dentro da faculdade mesmo ou não...

WS - Ah!!

AA - Teve..., teve momento que os cursos de saúde pública foram dados no IOC, como é que é a...

WS - Não, não, não er..., (fala sobreposta) nã..., nã..., não havia, não havia...

AA - Onde foi, antes do DNS? porque depois que teve o DNS ficou uma coisa mais estruturada, mas antes disso...

WS - Não, não, não. (fala sobreposta) Foi criado o DNS.

AA - Foi só a partir do..., do..., do..., do DNS?

WS - Do DNS, não é?

WH - Quer dizer, esses jovens turcos eles estavam sustentando a idéia de criação do DNS, é isso? Ou eles não...

WS - Sim. Não, isso foi criado naquele momento

WH - Ahã.

WS - Entendeu? foi criado naquele momento.

WH - Carlos Chagas...

WS - É nascido, nascido, brotado das necessidades é..., é..., visualizadas, entendeu? Foi aí que foi criada a Saúde Pública, propriamente dita.

WH - O Chagas era um desses jovens turcos?

WS - Hein?

WH - O Carlos Chagas?

WS - Não era porque o..., o..., o Carlos Chagas era pesquisador, era de Manguinhos, entendeu? como com outros luminários da..., da..., porque Manguinhos foi criado com aquela áurea extraordinária dada por Oswaldo Cruz, quando Oswaldo Cruz veio da França e se sediou no Brasil, entendeu?

WH - Hum, hum.

WS - E foi, então é..., verificada a necessidade de ter um centro...

Fita 5 - Lado B

WH - O senhor dizia que o Carlos Chagas era de Manguinhos, ele não era desses jovens turcos porque ele era de Manguinhos...

WS - Não, era de Man..., era..., era..., era..., era área de pesquisa, e esta área já tinha uma... importância internacional trazida pela capacidade de Oswaldo Cruz, reconhecida na França...

WH - Hum, hum.

WS - ...daí a reindicação da França quando o Brasil solicitou um pesquisador para que orientasse aqui a área eles disseram: “ Vocês não precisam pedir aqui à França, vocês têm lá elemento bastante capaz de fazer isso”, quando aí indicaram Oswaldo Cruz. E daí, a gente poder até avaliar hoje como foi a..., a recepção dessa indicação, porque o governo deu tudo para que ele se instalasse, entendeu? naquela região em que está o Instituto Oswaldo Cruz, não é? aquele prédio extraordinário, não é mesmo? aquela beleza, entendeu? que custou um dinheirão... (ri)

WH - É verdade.

WS - ...pra época, entendeu, quer dizer, isto indica que a..., a..., a indicação foi bem aceita e bem aceito também o pesquisador que imprimiu uma seriedade muito grande nessa política de Saúde e que lhe deram tudo para que ele (buzinas ao fundo) instalasse um grande centro de pesquisa, que passou a ser o Instituto Oswaldo Cruz, não é? Naquele tempo, era muito difícil chegar lá, a não ser pelo trem, não havia outro meio, a não ser também através da..., da..., da Baía né? através da água, chegava-se lá de barco, entendeu? Até isto me serviu de argu..., argumento quando o ministério me deu a incumbência de botar em ordem este problema da alimentação (buzinas ao fundo) nos órgãos do ministério, me fizeram coordenador do..., do serviço de alimentação, que era feito por uma firma particular que também fornecia os gêneros alimentícios, que também fornecia o pessoal, e que também se fiscalizava, autofiscalizava...

WH - Total: começo, meio e fim.

WS - ...entendeu? e ficava por um preço tremendo, entendeu?

AA - E com uma autonomia total.

WS - É. Então, quando me deram esta incumbência eu tive que afastar essa..., essa empresa, entendeu? e tomar conta do serviço, coordenar suas atividades e fazer funcionar, inclusive colocar nutricionistas que não havia, não é mesmo? De modo que...

WH - O sr. falava de Manguinhos que foi uma justificativa pra... (buzinas ao fundo)

WS - É, pro..., não, vou chegar lá, vou chegar lá. (fala sobreposta) Então quando chegou, quando cheguei à alimentação do pessoal do Instituto Oswaldo Cruz (bate o relógio ao fundo) encontrei uma dificuldade: um restaurante muito bonito, entendeu? com pessoal eh..., adequado, naturalmente, não é?

WH - O pessoal?...

WS - Adequado, não é? mas com um inconveniente muito grande sob o ponto de vista econômico: todo mundo comia de graça. E quando eu manifestei o desejo de acabar com esta situação, porque cada um devia pagar conforme a sua capacidade aquisitiva, eles diziam que não, que isso não podia ser porque isso era uma tradição no Instituto Oswaldo Cruz. Então eu fiz ver a ele a diferença daquela época em que um..., que o indivíduo chegava lá de trem de manhã e só podia sair de noite com essa em que o sujeito encostava o automóvel, entendeu? às onze horas, ia comer e às duas horas ia embora para seus laboratórios particulares.

WH - Tinha essa tradição já nessa época em Manguinhos?

WS - De que? De comer?

WH - Não, de..., do pesquisador que ia e ia embora...

WS - Ah, claro, claro que ia, ora (fala sobreposta) quase todo mundo tinha laboratório particular, né?...

WH - Que época foi isso, Dr. Walter?

WS - Hein?

WH - Que época foi isso?

WS - Olha, isso...

WH - Década de 60, depois...

WS - É, mais ou menos.

WH - Mais ou menos.

WS - Não lembro, acho que é por aí, mas não lembro, não vou..., como eu disse eu não tenho memória pra..., pra..., eu não lembro, mas foi por...

WH - É, mas foi neste período, né? (fala sobreposta)

WS - Por aí, entendeu? Então, o que fiz eu? Fiz uma enquete, perguntando a cada um se queria comer de acordo com o novo critério, que é pagando "x", de acordo com seu poder aquisitivo

(buzinas ao fundo) e apenas seis disseram que sim. Eu então fechei o..., o..., fechei o..., o restaurante e..., um grupo foi destacado para todo mês ir lá funcionar a aparelhagem e tal, pra não estragar, né? pra a manutenção, e fiz um..., uma cantinazinha pequena para aqueles que queriam, he... entendeu? Naturalmente isso não deve ter criado lá no Instituto Oswaldo Cruz muitos amigos meus, né? (risos) Não. Não s...,

WH - Não teve, n..., n... O sr. não teve problemas, eles não se manifestaram?

AA - Não houve pressão?

WH - Não houve pressão?

WS - Não..., nada..., ah... não houve porque não havia argumento, né? Diante do..., da..., do que eu expus. Diante da..., da..., da época em que o pessoal ia para lá de trem de manhã e saía de noite, onde que eles iam comer? O Governo tinha que dar comida a eles, não é mesmo? Mas desde que houve a facilidade, primeiro, de automóvel; segundo, de se transportar com rapidez, encostar lá seu automóvel, entendeu? e sair co..., como quisesse, não havia mais razão de estar comendo de graça. Por que comer de graça? Que tradição é essa? O operário trabalhava para dar de comer à pessoas que têm maior poder aquisitivo, não tinha graça nenhuma, não é mesmo?

WH - Mas a gente falava, dr. Walter, dos jovens turcos e o sr. dizia que o Chagas não poderia ser considerado um jovem turco...

WS - Não, eu não disse que não podia ser considerado...

WH - Porque ele era um pesquisador...

WS - Não, apenas eu queria aí...

WH - Hã?

WS - Diferençar este grupo que estava sendo preparado para a medicina preventiva e aquele grupo que já existia com muita é..., com muita glória, com muito entusiasmo e com muito respeito, porque Oswaldo Cruz tinha formado esse grupo, entendeu? de pesquisa reconhecido internacionalmente. Isso não existia no..., no..., no..., no..., no outro lado.

WS - Hum, hum.

WH - No outro lado nós estávamos formando pessoas para ver a saúde com outro prisma. Como a gente sabe, no Brasil, o indivíduo só vai para o hospital quando está nas últimas. Eu trabalhei na..., na Santa Casa de Misericórdia, entendeu? e eu via isso. Era até difícil o ensino, porque o ensino médico devia constatar os primeiros sinais da doença e isso não podia acontecer nunca, porque quando os doentes que iam para lá iam servir para o ensino, eles já iam nos..., nas últimas, a doença já muito evoluida, eles não poderiam captar de maneira nenhuma os primeiros sinais da doença. (barulho de ambulância ao fundo) Então tinha que mudar tudo isso, entendeu? e foi com essa visão, entendeu? que estes jovens turcos, entendeu? se organizaram para fazer a Saúde Pública no Brasil.

WH - Eles se formaram aonde?

WS - Hein?

WH - O sr. sabe onde que eles se formaram?

WS - Formaram..., não. Eram médicos brasileiros.

WH - Mas eles chegaram a estudar no exterior a..., a..., a..., toda essa formação em Saúde Pública..., eles fizeram onde?

WS - Sim, sim. Alguns..., alguns..., (fala sobreposta) alguns iam para as universidades americanas, entendeu?

AA - A John Hopkins era uma das mais...

WS - A John Hopkins, por exemplo, o Lincon foi da Hopkins, o..., n..., nomes eu...

WH - Maneco Ferreira.

WS - Maneco.

WH - Carlos Sá.

WS - Carlos Sá, o...

AA - O Fontenelle chegou a ir.

WS - O Fonti..., Fontenelle.

AA - Né?

WS - É..., quer dizer, pessoal, entendeu? tão quanto possibilitava a economia brasileira, eles iam para ..., aprender fora para trazer para cá os conhecimentos para trans..., transmitir aos outros.

AA - Eles iam, assim, com bolsa de auxílio?

WS - Iam com bolsa, sim. Iam com bolsa.

AA - E aí era um processo de seleção, indicação...

WS - Não, ha..., ha..., havia processo de seleção.

AA - Processo de seleção.

WS - Processo de seleção, (fala sobreposta) entendeu? Processo de seleção rigoroso, não é? tanto que eles... continuaram sempre, pelo menos, durante a vida deles, eles consid..., con..., continuaram imprimindo aquelas diretrizes que eles tinham aprendido à Saúde Pública no Brasil através de toda..., a..., de..., de toda aquele período do Getúlio, que eles viveram.

WH - Eles davam aula nesse curso de Saúde Pública?

WS - Davam..., davam aula no curso de Saúde Pública.

WH - Quer dizer, era esse grupo que dava aula e que tava formando...

WS - É..., é..., é...

WH - ...uma nova leva...

WS - Então. Havia então na parte de pesquisa o pessoal do..., da..., do Instituto Oswaldo Cruz, não é mesmo, e na..., na..., na..., na..., na..., na outra parte, entendeu, o pessoal, o sanitaria, entendeu? todos nós fomos professores também depois.

WH - É...

WS - Entendeu? porque já fomos criados.

AA - É, no princípio, né?

WS - Dentro daquela é..., daquelas diretrizes, entendeu? Então nós iam transmitindo esta filosofia aos novos, entendeu? E nós ainda fomos submetidos àquele regime de tempo integral e dedicação exclusiva. Foi interessante esta luta porque os burocratas não entendiam, eles confundi..., aliás, confundem até hoje, entendeu? médico clínico, médico médico com médico sanitaria, eles achavam que tudo era a mesma coisa, eles não distinguiam. Foi uma luta para tirar o tempo integral do Dasp, porque o DASP é que fazia a legislação de pessoal. Eles só aceitaram nos dar tempo integral e dedicação exclusiva, isto é, a gente trabalhar só para a Saúde Pública e nem fora das horas de trabalho fazer outra coisa de medicina porque eles viram nisso uma vantagem para eles. Então criaram para eles tempo integral e para nós tempo integral e dedicação exclusiva, entendeu?

WH - Quer dizer, é..., na verdade o..., o tempo integral então é fundamental pra..., pra que o sanitaria ou pra que o médico no caso se dedique somente ao sanitaria.

WS - Somente..., somente ao sanitaria.

WH - Seria pra evitar que entrassem médicos que tivessem clínicas, também...

WS - Se não..., não é..., não evitava. O médico sanitaria era o..., o a gente diretor daquela repartição. Num centro de saúde, o médico sanitaria era o indivíduo que ficava lá o dia todo, o expediente todo.

WH - Hum, hum.

WS - Entendeu? e tinha então... as suas diretrizes de acordo, naturalmente, com a..., a..., as regras do sanitarismo, não é? (barulho de caminhão ao fundo) Voltado para a medicina preventiva, não é? E tinha então os médicos de tempo parcial, o especialista: otorrino..., otorrinolaringologista, entendeu?

AA - (?)

WS - É..., especialista de..., de..., de pulmão, e..., enfim, entendeu? Estes eram parc..., tempo parcial, mas as diretr..., as diretrizes, a epidemiologia, entendeu? a..., a..., estatística, isso era médico sanitarista, entendeu, de modo que aquela repartição, Centro de Saúde, entendeu, que naquele tempo era muni..., municipalista, entendeu? tinha as enfermeiras visitadoras, cada enfermeira tinha a sua área, ia visitar a família, ela sabia o velho que tava tossindo, a..., a moça que estava pra casar, a moça que já acabara...

AA - Aquele que desapareceu do Centro, né?... (fala sobreposta)

WS - Hein?

AA - Tinha aquele que desapareceu do Centro, tava em tratamento e ela ia atrás... (ri)

WS - Desapareceu..., é..., tinha que (?) e coisa, (fala sobreposta) entendeu? era a educação sanitária, entendeu? era... isso tudo era feito no domicílio, vinculado ao Centro de Saúde, entendeu? sabia tudo: ah, tem um velhinho que está tossindo e tal, vamos vo..., vamos fazer uma radiografia do pulmão, do coisa etc, entendeu? O pré-nupcial, não é? ensinar a menina as suas..., o que ela ia encontrar na vida para que ela esteja preparada para isso, entendeu? Quer dizer, era realmente uma diretriz racional, entendeu? Inicialmente, ao invés de ser centro de Saúde... era um centro de higiene, porque a noção inicial era que para medicina preventiva não tinha nada que ver com tratamento de saúde, entendeu?

WH - Mas faziam tratamento de saúde?

WS - Espera, vou lá...

WH - Hum.

WS - Então, a..., a..., o grosso do ensino era Educação Sanitária.

WH - Hum.

WS - Mas acontece que brasileiro não vai pra ouvir conversa fiada de ninguém, ele quer é coisa objetiva, é..., é..., é tratamento, ele quer remédio, entendeu? Então teve que se modificar: em vez de ser Centro de Saúde, Cen...

AA - Centro de Higiene passou a ser Centro de Saúde.

WS - É, Centro de Saúde, entendeu? Então passou-se também a fazer tudo: tinha pré-nupcial, tinha...

AA - Oftalmologia, também, né?

WS - Pré-natal, tinha higiene escolar, tinha..., é..., higie..., tinha... higiene do trabalho, tinha tudo no Centro, tudo no Centro de Saúde, entendeu? era tipo municipal, né? Mas essa coisa toda foi degenerando com o aumento da população, cada vez maior, não é mesmo? a..., a demanda ruim também de recurso etc, e a coisa foi se desmantelando, desmantelando que, hoje, só velho sabe o que aconteceu, entendeu? Havia a higiene escolar era extraordinária: você acompanhava a criança, o desenvolver da criança, entendeu? com exames periódicos de saúde, com a mensuração somática, não é mesmo? com os índices de desenvolvimento físico e mental, entendeu? havia caderneta para isso. Aquilo era verdadeira..., um verdadeiro..., a primeira carteira de identidade, que tinha a vida toda da criança ali, entendeu? Havia um médico escolar é..., que via se a criança não estava desenvolvendo, porque e tal, às vezes ela não está enxergando bem, tinha que..., tinha que colocá-la mais perto da professora, entendeu? não ouvia bem, tinha que tratar, botar em condições, media-se a luz, a temperatura da sala, entendeu? a sala de aula. Era completamente diferente, não havia aglomeração e essa coisa tremenda de você da..., é..., atender a grupos de..., alunos e... de hora em hora tinha que sair um e entrar outro; não havia nada disso, não é mesmo? Havia uma paz muito grande e compreende-se, não é? que a população (buzinas ao fundo) pequena... a população do Rio naquele tempo devia ser um milhão e quinhentos, mais ou menos, entendeu? Era fácil você arranjar casa, você passava na..., na..., na..., na..., nas diversas zonas (barulho de caminhão ao fundo) era uma..., a tampa de uma casa..., ca..., caixa de sapato..., quando você via uma tampa de caixa de sapato pendurada era..., tinha vaga

WH - Hum.

WH - Você podia mudar para lá. Então havia gente que mudava de bairro todo ano, entendeu? facilidade, não é mesmo? Mas também você tinha coisas tremendas: em Catumbi, entendeu? ficavam as..., as..., ficavam a..., a..., a área de..., de leite, as vacas ficavam estabuladas ali no Catumbi, entendeu? Então, era fácil, havia uma vaca leiteira no..., aquela..., aquele..., aquele carrinho, não é, com leite que o pessoal ia..., cada qual ia lá com seu coisa buscar o leite, não é? O português (buzinas ao fundo) vendia o leite... na rua, não é? Quando foi um dia, um prefeito, Agirim, presidente e tal Agirim Furtado, ele descobriu que as vacas estavam todas tuberculosas. Então acabaram com a coisa, né? E havia uma coisa muito interessante que você notava também no Nordeste e que está é..., escrito em alguns livros de autores nordestinos: essa questão da necessidade de..., é..., melhoria da alimentação, não é mesmo? O sinhôzinho, às vezes, imitava os moleques que, por deficiência alimentar, comiam terra.

WH - Hum, hum.

WS - Não é? bolinhos de massapê, tal e etc. Que as vacas, o português bo..., prendia a vaca no..., no... canto, né? e as vacas passavam a língua na parede e faziam buraco, procurando minerais, não é? O português n..., não tinha bons motivos para ela a..., para..., para machucar a língua, né? Não é? Coitada, ela..., por instinto, o bicho tava procurando corrigir a alimentação erra...

AA - Carência.

WS - ...errada que o homem lhe dava, entendeu? Mas tudo isso acabou, porque as vacas estavam tuberculosas e..., não é mesmo? Naquele tempo a alimentação era produzida nas imediações, aqui, não é...

WH - Na periferia...

WS - Na periferia, aqui na..., na Baixada Fluminense eram..., eram... fazenda geralmente de jesuíta, não é? a gente encontra ainda resquícios disso, construções..., construções..., é... que eram feitas por eles para fazer..., e se fazia tudo isso pelo mar, não é? daí o mercado ser..., ser construído lá na beira..., na Praça XV.

AA - Praça XV.

WS - Aonde..., aonde os barquinhos...

AA - possível até de circulação, né?...

WS - A circulação e etc. Pois bem, isso foi se acabando, naturalmente com..., também com... evolução,

WH - Crescimento

WS - Aumento da população, a... necessidade de áreas para habitação e tal, né? coisa do passado.

WH - Mas haviam problemas também, né?...

WS - Qual?

WH - Porque, por exemplo..., eu estava lendo um relatório outro dia, essa coisa da..., infantil, de acompanhamento da materno-infantil e ainda a existência de parteiras na década de 30, 40..., aquelas curiosas, né?

WS - Sim..., sim, mas..., sim, mas... o que... (fala sobreposta)

WH - Quer dizer, não tinha hospitais, não tinha centros e maternidades suficientes para as mulheres terem os seus filhos...

WS - Mas perfeitamente, mas acontecia isso

WH - Isso...

WS - Esse fato verificado e também verificada também a impossibilidade de ter especialistas à disposição, em número.

AA - (?)

WS - Necessário, as parteiras recebiam orientação, (buzinas ao fundo) recebiam material...

WH - Fontenelle que fez isso.

WS - É..., é... Fontenelle tem um livro que a gente chamava até é..., “Vida e Morte...

WH - Vida? (fala sobreposta)

WS - ...de Fontenelle”

WS - “Vida e Morte de Fontenelle”. (ri) Vida..., esse negócio todo..., crônica da..., da..., da vida dele de Saúde Pública, né?

WH - Hum...

WS - J. P. Fontineli... Era muito interessante.

WH - E ele conta essa coisa de que ele trouxe as parteiras pra dentro do...

WS - Não, ele..., não, ele..., não foi ele só, não! Isso era uma...

WH - Orientação.

WS - Era uma orientação, uma orientação para..., para que..., já que não era possível acabar com as es..., com as parteiras, porque era um elemento necessário, não é? então vamos minimizar o que elas possam fazer de errado, corrigindo, orientando etc, entendeu? e dando os elementos para ela exercer essa atividade.

AA - E podendo até, de certo modo, usá-las como agentes também, porque elas tinham uma..., uma integração muito grande com a população, né? Usar ela como um agente de educação como..., como se fosse um objetivo, né? (fala sobreposta)

WS - É, com o povo, com o povo, perfeito..., é..., de educação, não é? é...é... (fala sobreposta)

WH - É, mas também tem o outro..., outro lado, né, quer dizer, o Estado, também no caso, não tinha como oferecer uma alternativa à isso, né?

AA - É, a curto prazo não tinha...

WH - Quer dizer, não tinha maternidade...

WS - É, por isso que eu estou dizendo que..., no..., no..., dos males o menor, não é? Já que n..., o governo tinha condições de dar, de por à disposição da população aqueles elementos necessários em suas especialidades, e tal e etc, e havia este elemento que prestava serviço,

porque não procurar este elemento para orientá-lo melhor e minimizar os erros que poderiam ser cometido, não é? assim é perfeito, não é? negócio racional, econômico etc, né?

AA - As próprias visitadoras sanitárias, muitas não tinham especialização, nem passaram pelas faculdades...

WS - Não..., não..., não..., não.

AA - Visitadoras geralmente (?)...

WS - Não..., aí não. Não..., não..., não..., não. (fala sobreposta) Elas..., os jovens turcos faziam exigências nesse sentido...

AA - Só era visitadora quem tinha formação no meio.

WS - É..., ah... quem tinha formação.

WH - Quer dizer, a formação no caso era fundamental?

WS - Era fundamental.

WH - E agora, além de..., de..., dessa orientação é..., quase que ideológica, né? da..., da Saúde Pública, de trabalhar com a prevenção, da importância da prevenção, em termos de..., de formação..., por exemplo, do curso que o sr. fez, né? a formação técnica, digamos assim, era uma formação basicamente..., é..., do papel administrativo do..., do sanitarista ou do papel de pesquisa do..., (buzinas ao fundo) dentro de pesquisas das condições da população, na área de estatística, epidemiologia ou educação, qual era a área dentro da formação que se dava mais ênfase?

WS - O sanitarista quando era..., quando era destacado para uma área, ele fazia um inquérito da população. Esse inquérito ia a detalhes, inclusive, de meio de transporte, entendeu? Tantos os detalhes da estrutura da área eram captadas pelo médico sanitarista, (buzina ao fundo) porque....

Fita 6 – Lado A

WS - ... então o médico sanitarista tinha que conhecer muito bem a área que lhe era confiada. Detalhes como esse: a distribuição da água, o sistema de abastecimento da água no local, numa área como aqui no antigo Distrito Federal, que era naturalmente conduzida por grandes... canos... uma canalização muito longa (ruído de buzinas) e geralmente colocadas... colocada a... ao lado da estrada, (muito ruído de carros) da rua, da estrada, entendeu? Sujeitas a... o traumatismo das viaturas, das é... enfim... das atividades que ocorrem, entendeu? nas estradas... transportes pesados, tipos de veículos...

AA - Isso tudo podia prejudicar o, o sistema.

WS - Então isso podia... aliás, poderia não, muitas vezes causavam epidemias. Como? o seguinte: a água transportada por esses canos à beira da estrada... a juntura dos canos no outro era tomada por cimento, nesses traumatismos abalava o calor, a distensão e o encolhimento desse todo material é sujeito a...

WH - Hum, hum!

WS - ...temperatura e tal... então isso saia. Abria um pertuito entre as duas canalizações, essa canalização beirava também morros de favelas etc. Favela não tem critério para é... lixo, nem matéria orgânica, não é? derivada de excremento e tal, não tem... não há sentinas, não há, enfim... essa parte sanitária a gente sabe que é problemática. Então quando chovia, aquilo, aquilo descia (bate o relógio) a... o abastecimento era feito com um sistema é...eh...como, como é... esqueci o termo, era... não era contínuo, entendeu? Em determinado momento fechava a água...

WH - Interrompido, não é? Eles interrompiam. Intermitente?

WS - Intermitente, justamente. Bom... quando fechavam a água, havia que o vácuo no coisa, ele chupava tudo isso pra dentro do...

WH - Hum, claro!

WS - Quando vinha a água...

AA-?

WS - ...distribuía aquela sujeira toda pra população (riso). Então a feitifo, a febre tifóide era rainha neste panorama de endemia e epidemia em determinados bairros. Então, o médico sanitaria tinha que conhecer essas coisas, entendeu?

WH - O sr. diria que isso é um trabalho de pesquisa?

WS - Hein?

WH - O sr. diria que isso é um trabalho de pesquisa?

WS - Não é de pesquisa, eu acho que nem é de pesquisa... eu acho que nem é um trabalho de pesquisa, é um trabalho de bom senso apenas, entendeu? não é mesmo? Localização de uma unidade sanitária, você tem que verificar a distribuição da população, sobretudo aquelas que vai ser a maior demanda e verificar as condições de transporte mais fácil...

AA - Pra ser realmente uma unidade?

WS-...pra botar no lugar e tal e etc. Tudo isso o médico sanitaria tinha que saber, não tem nada que ver com o que ele aprendeu na faculdade de medicina, entendeu? O especialista, o entomologista, o médico sanitaria que foi tratar da malária, ele tinha que saber uma série de coisas, tinha que fazer uma porção de coisas que não tinham nada que ver com o que ele tinha

aprendido na faculdade. Ele tinha que socorrer de coisas do campo da engenharia sanitária, entendeu?

WH - E essa formação no Brasil era dada aonde?

WS - Era aqui, era dado no Departamento Nacional de Saúde e no Instituto Oswaldo Cruz.

WH - Como é que o sr. decidiu entrar para esse curso do...

WS - Ah, foi muito interessante.

WH - do Departamento Nacional?

WS - Foi muito interessante. Eu como todo médico formado, pobre... meu pai tinha sido é...um industrial pioneiro em Petrópolis, né? Quando ele fez a... a fábrica Santa Margarida na Mozela, entendeu? Mas eu não tinha tendência nenhuma para comércio, eu não sei lidar com dinheiro, até hoje quem é minha ministra de finança é minha mulher que (risos)

WH - Ela cuida dos recursos da casa.

WS - Não ...ela que recebe, ela que distribui...

AA - Distribui, planeja...

WS - ...me dá um dinheirinho pra eu comprar uma bobagenzinha aí, então...eu não quero saber de dinheiro, eu não sei lidar com dinheiro no nosso país. Então, é... (?)

WH - O sr. tava falando de porque que o sr. tinha que fazer o curso de Saúde Pública.

WS - É, então me formei, tinha que ganhar dinheiro logo, né? Porque tinha que me sustentar, e eu fiz isso que todo mun, todo médico faz vai..., vai..., vai dar consulta numa farmácia, é faz um consultório em cima da farmácia porque o farmacêutico tem interesse nisso, entendeu? Ou faz um consultório e eu fiz meu consultório na rua do Rosário e trabalhava regularmente de 4 às 8hs da noite todo dia, todo dia, todo dia...isso me preocupava muito porque digo : _ Meu Deus, eu vou envelhecer como todo mundo, eu posso adoecer como todo mundo e se eu adoecer como é que vai ser? tem que pagar consultório, tenho que comer, tenho que me vestir, tenho que pagar o local onde eu moro, como é que vai ser? Eu preciso ter um emprego, pelo menos, que me dê recursos para essa coisa básica, né? Então, mas não... não conseguia o negócio, mas o hospital onde eu tinha trabalhado, aquele hospital...

AA - Na associação, né?

WS - ...a que me referi da Associação de Construtores Cíveis do Rio de Janeiro, Sindicato Patronal, o pessoal parece que gostou do meu serviço. De modo que, quando morreu aquele colega que foi meu..., meu chefe, meu amigo, meu pai, entendeu? eles me contrataram. Eu aí fiquei aliviado. Fiquei aliviado. Continuei minha vida, né? (sirene ao fundo) Mas nesse tempo eu já tinha, né? feito um contrato com o Ministério do, da, da Educação e Saúde porque eu tinha

me apaixonado por nutrição e o Ministério, nessa época, não acreditava muito nessa parte de nutrição como arma da medicina preventiva, entendeu? E eu tava querendo ...

WH - É, depois a gente vai falar...

WS - ...percutir nisso, entendeu? Que a alimentação é básica para medicina preventiva. E fui, e fui contratado para médico nutricionista, veja você, médico nutricionista. Mas, a gente trabalhava no Ministério das 11 em diante, de modo que eu tinha a manhã toda pra trabalhar na Associação e à tarde depois das 5, porque às 5hs a gente, só trabalhava até às 5, né? Sábado e tudo, né? Eu ia para o consultório. Então a coisa tinha melhorado muito, já entrava um dinheirinho bom, não é? Mas não me satisfazia, não tava me satisfazendo bem. Bom...então fiz aqueles cursos, cujos certificados é... então vocês viram, não é? Câncer, éh... higiene, como é?

AA - Alimentação, né?

WS - Alimentação.

AA - Pediatria...

WS - É...é... criança...

AA - Radiologia...

WS - É...é...negócio de criança, como é? (falas sobrepostas)

WH - Puericultura

WS - Puericultura, higiene escolar e enfim, pra me orientar bem no consultório, fiz radiologia para saber ler chapa, enfim, tudo isso para...para exercer bem a minha atividade no consultório. E um belo dia vi anunciado curso da malária, digo ou...Malária naquele tempo e sífilis era uma coisa tremenda, entendeu? Eu digo, eu preciso aprender malária, porque, sífilis eu já tinha feito, não é? Curso de, de Sífiligrafia, né? É doença, doenças venéreas e sífiligrafia. E fui fazer o curso de malária. Me apaixonei. Eu digo: puxa vida...é isso que eu quero, em vez de tratar de doente, eu quero evitar que ele fique doente e o mosquito um negócio tremendo para isso e me entreguei de corpo e alma àquelas atividades, né? Fiz todo aquele trabalho necessário para... me submeter depois ao critério de cinco camaradas me fazer perguntas, entendeu? Passei no negócio e fiquei com uma visão diferente, né? Em vez de estar pensando em doentes, eu tava pensando em sadio. E digo: Meu Deus, se a gente pega criança, evita que ela adoça. Essa criança será extraordinária, ela vai aprender melhor, vai dar eh... melhores,eh... orientadores, gover... e administradores para esse país, vai...vai melhorar muito isso, é isso é o que eu quero. E quando é... eu tomei conhecimento que existia o médico sanitaria para isso e que o Ministério fazia concurso e tal etc... eu me embrenhei nesta coisa, entendeu? Fiz o curso de Saúde Pública, entendeu? Em 1960, como a gente trabalhava apenas das 5...das...das 11 às 5, eu tinha a parte da manhã e a parte da noite pra trabalhar na medicina curativa, entendeu? eu continuei. Mas veio uma lei que dizia: Olha, aquele médico sanitaria que... que tenha algum trabalho, não é? fora, não é? Que aceite, porque pagava muito pouco sabe, nós vamos pagar o

dobro e ele fica trabalhando só para o Ministério, com proibição de ter outra atividade. Eu digo: é eu prometo

AA - É época de 60 mesmo

WS - 60. Eu encerrei, pedi demissão do emprego que eu tinha, entendeu? E fiquei só no Ministério até me aposentar.

WH - Em 1960, que saiu a dedicação exclusiva?

WS - Em 1960, é.

WH - Demorou, porque foi uma reivindicação...

WS - Hein?

WH - essa reivindicação existe a muito tempo, né? (falas superpostas)

WS - Ah sim, não...não, mas eles reso..., eu disse o DASP era (?) não aceitava. Ele não, não discernia era médico, era médico e acabou-se. Eles não seriam, não eram capazes de discernir de...de encontrar diferença entre médico sanitarista...

AA - E médico comum.

WS - E médico, entendeu? Ele achava que tudo era igual. Foi em 60 que veio o tempo integral e dedicação exclusiva, entendeu? Então, pedi demissão e fiquei só trabalhando...

WH - No Ministério

WS - No Ministério.

WH - Agora, voltemos um pouquinho ao curso. Esse curso o sr... tinha uma seleção para entrar, como é que foi sua entrada no curso?

WS - Que curso?

WH - O curso do DNS, o de Saúde Pública, o sr. não nos contou.

WS - Ah! Contei...

WH - Disse que fez o curso, mas não nos contou como era o curso...

WS - Ah! sim, como era o curso.

WH - ...como é que o sr. entrou, tinha seleção...

WS - Ah... sim deixa eu me lembrar...

AA - A vaga de um médico (?), não foi?

WS - Deixa eu me lembrar... não... deixa eu lembrar vocês. Luís Lessa, que era chefe da circunscrição de Febre Amarela na Bahia e eu era chefe da circunscrição setentrional de Malária éramos muito ligados, entendeu? E um dia o Luís Lessa que tinha muitas ligações políticas - Alagoas sabe é a terra da política até hoje, não é? ele então foi convidado para fazer o curso de Saúde Pública...ele ficou entusiasmado, mas não queria fazer o curso sozinho e me convidou pra ir com ele às aulas, eu fui... toda noite nós íamos

AA - Era como se fossem aulas preparatórias...

WS - Eram preparatórias...

AA - Porque tinha uma prova, não é? Uma seleção.

WS - ...tinha... tinha um vestibularzinho... um vestibularzinho. Bom, então eu ia com ele, não é?... Um belo dia ele foi convidado para ser secretário de saúde na Bahia e ele ficou entusiasmadíssimo e eu procurando tirar da cabeça dele: _ Não aceita, vai fazer o curso, você não pode fazer nada que... os médicos aqui, a metade é filho de gente do governo e a outra metade é amiga dos amigos do governo, de modo que você não pode mexer num médico, não pode fazer coisa nenhuma eh... ele aceitou...ele aceitou e um belo dia tive a, a felicidade de ser convidado para fazer o curso no lugar dele, entendeu?

WH - Esse convite vinha de quem?

WS - Esse convite vinha do Barreto, João de Barros Barreto.

WH - Ele que selecionava...

WS - É, ele tinha o cader... caderninho preto em que ele anotava tudo, quando ele andava pelo Brasil fazendo inspeção, entendeu? Era um camarada 100% sanitarista, (?) ele anotava tudo...tudo... tudo que de bom e de mal que ele via, ele anotava, entendeu? E classificava a gente, não é? Naturalmente, então...

WH - Mas mesmo assim o sr. tinha que fazer o vestibular...

WS - Bom, aí...aí eu vim para o Rio, entendeu? E fiz como os outros do grupo, né? Fiz o vestibularzinho, passei e daí por diante passei a frequentar o curso, né?

WH - O sr. deixou lá o serviço de Malária?

WS - Deixei, chamei um colega que era meu subordinado no Espírito Santo, porque minha área era Espírito Santo, Bahia, e Sergipe e esse colega que era do Espírito Santo era muito bom. Tinha iniciativa... apresentei-o ao...ao interventor da Bahia no tempo. Bom, nesse tempo não era interventor ainda, ele era chefe da Região Militar General Pinto Aleixo. Pinto Aleixo não queria me deixar sair sabe? mas, peguei ele numa conversa... não, vai cortar minha carreira e

tal, não é justo e tal, ele aceitou. Então ficou o colega lá no meu lugar e eu vim para fazer o curso

WH - Vocês tinham muito vínculo com...

WS - Muito...

WH - Com o Estado, né?

WS - ...muito, muito, muito a gente era bem entrosado, sabe? A Bahia nesse tempo, ou mesmo Salvador nesse tempo é... tinha um grupo, entendeu? que estava trabalhando, entendeu? para nova estrutura administrativa para Salvador, entendeu? Eles tinham uma quantidade grande de é... elementos dos estudos que estavam fazendo, inclusive mapas e, eu interessadíssimo em mapas, né? Eles me forneciam mapas, sabe? Mapas muito interessantes, com detalhes, então para a Malária aquilo era uma beleza, entendeu? Esse entrosamento era perfeito. Agora, não podia passar de 2 anos, né? porque o Barreto não deixava, porque achava que esse entrosamento depois de 2 anos (falas sobrepostas).

AA-?

WS - O sujeito começava a entrar na política e tal...

WH - O sr. nunca se interessou por entrar na política?

WS - Nunca, nunca...eu sempre fui... eu tinha um professor, aliás eu tive sempre bons professores no Colégio São Vicente de Paulo, era um português emigrado de Portugal, porque ele era ...era republicano e tinha acabado a monarquia e ele fugiu, né? Porque senão era degolado. Era um professor extraordinário, sabe? Ele sabia muito português, muito latim, muito grego, muito, muita história universal, entendeu? E então ele dizia... ele usava é... pince-nez.

WH - Usava?

WS - Pince-nez, aquele, aqueles óculos que se prende...aqui assim.

WH - Ah, que não tem a aba da orelha.

WS - É, não tem aba, não tem aba. Então ele tirava assim.

WH - persti...persinè?

WS - Pince-nez, pince-nez. Era francês o negócio. Ele tirava e dizia assim: “_ Política, ai de quem cai nas garras”, entendeu? Que ele tinha fugido lá do coisa etc. E isso (?) na política não deve ser coisa boa não. Não vou querer nunca esse negócio, entendeu?

WH - O sr. era pequenininho?

WS - Hein?

WH - O sr. era menino?

WS - Não, não, não... era adolescente, tava no Colégio Vicente de Paulo, tava fazendo o ginásio (falas sobrepostas)

WH - Ah é?...

WS - Era ginásio (?) (ruído intenso de buzinas)

WH - Mas o curso, o curso de saúde pública?

WS - Ah! o curso de saúde pública era ótimo (falas sobrepostas)

WH - Aí o senhor foi, fez o...

WS - Era ótimo o curso de saúde pública, porque havia cadeiras, Manguinhos, né? Diretamente ligada a pesquisa, né?

WH - Interessante, né? Que os, os sanitaristas tivessem informação em pesquisa, né?

WS - Ah sim, toda a bacteriologia, a gente tinha que ter o livro do ... o livro do... como é o nome dele?

AA - Brux?

WS - Não, não, é de Manguinhos mesmo, é ...

WH - Ah, é um cientista lá de Manguinhos?

WS - É, é, é... esqueci o nome dele, muito meu amigo, sabe? Bonachão. Aquele livro todo ele era... é... o autor do livro que dava a cadeira, dava minúcia, a gente tinha que

WH - Aragão?

WS - Não, não. A gente tinha que fazer tudo, a gente tinha que fazer é... é... todos os elementos de pesquisa, a gente tinha que preparar caldo de cultura para fazer semeadura de... de elementos é... que nós estávamos estudando, entendeu? Nós tínhamos que entender aquilo, tínhamos que é... implantar não, semear, entendeu? Essas... essas cul... para fazer as culturas, semear os germes; tínhamos que caracterizar esses germes da cultura. Depois de produzidos esses germes a gente tinha que caracterizar, carac, caracterizar fora da cultura, não é? A gente tinha que lidar com todos aqueles elementos de laboratório, entendeu? Necessário para isso, não é? parasitologia, nós tínhamos que conhecer parasitologia... entomologia era profunda, entendeu? Então era um curso intensíssimo, entendeu? E tínhamos exames periódicos, de 3 em 3 meses a gente tinha um exame, tinha nota também. Você viu no meu... você viu no meu...

AA - No diploma.

WS - no diploma você não viu as notas?

AA - Lá tem as notas é...

WS - ...tem as notas...

AA - ...por cadeira

WS - ...por cadeira, entendeu? Cada cadeira era um monstro que sugava a gente, entendeu?

AA - Às vezes eram dois monstros, né? Porque tinha o assistente que era quase do mesmo top que o catedrático.

WS - É, é. Então...e eu sempre gostei de estudar, sabe? Nasci parece que para estudar só. Eu me entregava de corpo e alma, porque, afinal de contas, tinha vindo para estudar mesmo, não é? E me entreguei de corpo e alma.

WH - Mas como é que o sr. vê é... é... essas cadeiras basicamente de pesquisa, né? Que eram dadas para futuros sanitaristas, né? O sr. acha que isso era fundamental, era importante para futuros sanitaristas. De ter esse lado de pesquisa? (falas sobrepostas)

WS - Ah... fundamental, fundamental. Porque você... o sanitarista saía, depois de formado, era designado para os lugares mais estapafúrdios do território nacional, ele tinha que se virar, ele tinha... estourava uma epidemia, um... um surto e na sua área, você tinha que diagnosticar, você tinha que tomar medidas imediatas, entendeu? Você tinha que palpar, entendeu? das medidas estratégicas, entendeu? No campo da estatística, no campo da... da... da... como é que se diz, da pesquisa... do diagnóstico, entendeu? Para você poder circunscrever essa área, entendeu? E... e... eliminar se possível imediatamente etc. Era uma coisa rápida, mas você tava sozinho...

AA - Você quer ser bacteriologista... (falas sobrepostas)

WS - ...você não podia, você tinha que, tinha que se virar, entendeu? Porque você era preparado para resolver os problemas essenciais, tá entendendo? Não era também uma pesquisa profunda, como um pesquisador de Manguinhos, mas era pesquisa necessária para fazer diagnóstico imediato, entendeu?

WH - Era uma coisa mais aplicada mesmo...

WS - É aplicada, entendeu? Eu achava aquilo bem, era coisa harmônica e... e... exata, entendeu? Proporcionada, entendeu? Achei... o curso realmente formidável.

WH - E na parte de organização sanitária, dr. Walter? Quem dava essa área?

WS - Quem dava é... a área sanitária era o Fontenelle, era o Fontenelle que era uma pessoa bastante competente, ele tinha uma experiência muito grande, né?... Muito bom mesmo.

WH - O sr. se lembra, o conteúdo, qual era a orientação do Fontenelle nesse sentido dentro do curso? Na parte de organização sanitária, administração sanitária...

WS - Mas como?

WH - É o quê que... o que que tava... o quê que se discutia dentro desses cursos, qual era o modelo que se propunha, qual era a forma de organização que na época era mais...

WS - Bom, é dentro do princípio da racionalidade, né? Você é... recebia uma área... em que é... havia múltiplos problemas, então você tinha que ter uma estrutura para poder enfrentar. Então as medidas de administração é... de uma maneira geral eram as conhecidas, quer dizer você tinha que ter a... parte estatística para visualizar os problemas. Você tinha que ter a... os elementos é... econômicos.

Fita 6 – Lado B

WH - ...manter os elementos econômicos?

WS - Econômicos, você tinha que ter é... ter... o seu orçamento é... um dia para eh... os destaques necessários e oportunos, não é? E tinha que é... uma secretaria que fosse atuante, não é? Que tocasse os... os... tocasse os... as atividades decorrentes dessa... dessa... dessa administração para frente, não é? E a ligação da... da... das atividades que essa, esse órgão tinha com o Estado na área em que se atuava ali com os governos, não é? Governo local, Governo estadual e Governo federal a gente tinha que estar dentro desta...desta...destes limites, não é? E fazer as avaliações, né?

WH - Fazer as avaliações...

WS - Fazer avaliação das atividades, né? De acordo com as avaliações, era você fazer os relatórios e você tinha que mandar para os órgãos em que estavam vinculados

WH - Isso era orientação dos, do curso de Saúde Pública, quer dizer, era mais ou menos calcada na estrutura do próprio DNS, não é?

WS - Claro, claro. Era um “DNSzinho” pequeno.

AA - E a clientela do curso, eram só pessoas que trabalhavam à nível federal, ou também formavam pessoas que estavam a nível estadual, que tavam em secretarias estaduais... também tinha esse público de outras esferas?

WS - Não, não o... não, o Jo, o Barros Barreto tinha esse cuidado. Ele quando...quando viajava para fazer inspeções, ele examinava todas essas condições, entendeu? E ele já tinha no caderninho dele as pessoas dos estados que ele pretendia trazer para ...

AA - (?)

WS - Entendeu? Porque já tinha um camarada que trabalhava, trabalhava em administração, outro que trabalhava nisso naquilo e tal e eram, eram mais esses pedidos e tal e ele tinha experiência...

AA - Olhar clínico...

WS - É, Então ele tomava nota dos nomes etc e convidava ... convidava direitinho. E, além disso, como sempre há política maior ou menor, infiltrada nas coisas públicas, não é? O ministro, que era o ministro político, né? recebia um pedido do estado, vamos dizer, da Bahia. Então, um deputado X, entendeu? que uma área que era o co... o cur... o curral eleitoral dele, entendeu? e que não tinha assistência nenhuma na parte de saúde pública, entendeu? Então, ele queria uma unidade, ele pedia sempre um centro de saúde, sabe? Bom... então, (falas sobrepostas)

AA - Posto de higiene ninguém queria, né?

WS - Não, não, posto de higiene tinha acabado, não existia mais.

WH - Não existia mais (risos)

AA - Eles queriam só centro.

WS - Então, esse deputado, não é? do Estado... ia ao governador, o governador pressionava o Ministério... o Ministério, já sabe, né? o ministro político chamava o... Barros Barreto. “Ah! isso assim e tal e tal, em tal lugar, assim, assim e tal etc”. “Tá muito bem, vou estudar, ler e tal etc para atender” ... Ele já conhecia aquelas áreas todas, né? Como eu disse, ele era inteir, inteiramente ocupado com saúde pública, ele conhecia bem o Brasil. De tanto ele ficar... que realmente às vezes havia necessidade...

WH - Necessidade...

WS - ...e tal, né? Lá do outro rio, do outro lado do rio ele tinha um, um oponente desse... desse deputado que tinha um... que tinha uma unidade até com o nome dele e tal, né? Então, esse queria desse lado; o rio passava aqui e tal, era outra área e tal, tá bom. Então, a gente tinha que fazer, tinha que fazer orçamento, entendeu? Esse orçamento era feito pela organiz, organização, divisão de organização sanitária.

WH - Pela DOS?

WS - É, que depois fui diretor...

WH - Hum, hum!

WS - Entendeu? E, de acordo com a necessidade saía um posto de saúde... ou um centro de saúde, conforme a, as... necessidades da área...

WH - Pela avaliação (?)

WS - ...de organização e tal etc, né? Bom, tanto que era pra, pra prever também os recursos, pra comprar a... o... material, né? equipamento e coisa etc.

WH - Mas aí era o estado que se encarregava...

WS - Não, não, não. Tudo nós. Nós é que fazíamos isso, entendeu? Nós instalávamos o negócio lá, tudo padronizado de acordo com o Ministério, entendeu?

WH - Aí o Estado só dava um...

WS - Bom, mas nisso... dava o local, dava o terreno...

WH - O local, o terreno e o pessoal, né?

WS - e o pessoal, é. Então, já nessa ocasião, o Barreto chamava um camarada do estado... pra fazer o curso e mandava um de nós pra lá, entendeu? Então, esse ficava lá...

WH - Até o...

WS - funcionando no negócio e tal, até o outro chegar. Quando chegava, ele transmitia o negócio e ficava um no local, entendeu?

WH - Ele inaugurou muitos postos, nesse sistema?

WS - Muitos, muitos, muitos. Sabe aquele período do... do primeiro período, do... em que Getúlio trabalhou... praticamente é dele, né?

WH - É, o Ca..., o Barros Barreto foi de 37 a 45. Até o fim...

WS - É, é.

WH - ...do governo do Getúlio, né?

WS - É, é.

WH - Esse primeiro governo.

WS - É, é.

AA - A lógica geral era normalmente fazer... como funcionava? era fazer... fazia o centro de saúde na Capital e postos de saúde...

WS - Não, não é na Capital, não. Era de acordo com...

AA - Pois é, mas fora da Capital era raro centro de saúde.

WS - Hein?

AA - Pro interior...

WS - Ah! sim, de acordo com as áreas.

AA - Centro de saúde, normalmente, ficavam nas capitais, né?

WS - Bom, é racional. De acordo com a necessidade da população, entendeu?

AA - E esse médico do centro de saúde também servia meio como... supervisor dos...

WS - Ah! sim, sim.

AA - ...meios que pra fazer a reunião com o (?)

WS - Ah! sim, sim, ele fazia (falas sobrepostas). Ele supervisionava outras unidades e tal, né? Então ele passava a ser um... um general, entendeu? que supervisionava as tropas que estavam em guerra, né?

AA - Em guerra (?)

WS - E era uma coisa feita de uma maneira...

WH - Mas existiam critérios já definidos pelo Ministério.

WS - Ah! já, ah...ah...

WH - Do número de população, do tipo de especialidade...

WS - Sim... sim... inclusive os tipos... o...

WH - O senhor lembra de algum desses critérios?

WS - Ham? Ah! não, não lembro, que tá... Tá tudo escrito, né?

WH - É, é verdade.

WS - Ah... essa parte era toda feita pela Organização Sanitária, da Divisão. Está toda publicada, entendeu?

WH - Os relatórios da Divisão?

WS - Os centros de sa, os centros de saúde, as Unidades, tudo...

AA - É, os tipos de Unidade?

WS - ...com tipo, de...

AA - Os centros de saúde I, II; uns tinham médicos e tinha enfermeira, outro só tinha um médico, né? Tinha todo um... (falas superpostas)

WS - É, é, é, é, inclu... inclusive é o seguinte: era o que tava naquela época, a gente já tava fazendo, entendeu? quando havia um hospital na área, entendeu? o sujeito procurava nesse ambulatório; esse ambulatório funcionava, quando havia uma unidade também, funcionava vinculado...

AA - Vinculado...

WS - ...a esse hospital, entendeu?

AA - Claro.

WS - A unidade funcionava vinculado ao hospital, entendeu? para que as mesmas diretrizes fossem seguidas no ambulatório, entendeu? De modo que eu achava uma coisa bastante lógica, entendeu?

AA - Racional, né?

WS - Muito racional, né?

WH - Se discutia, por exemplo, no curso de saúde pública se... sobre centralização ou descentralização...

WS - Ah! isso era básico. Isso era básico A regra era o seguinte: a orientação era central, atividade descentralizada, entendeu? As diretrizes partiam da cabeça, entendeu? era central e as atividades não, descentralizadas.

WH - Descentralizadas?

WS - Descentralizadas. Quem via bem os fenômenos era quem tava no local, não era o que estava longe do local. De modo que, era mais fácil, ver e tomar medida de correção quem estava lá do que quem tava afastado, entendeu? De maneira que, isso é a regra, é básica: é descentralização da atividade.

WH - Agora, todo o pessoal que tava em campo, nos Estados, era do governo federal, né? Basicamente...

WS - Não... não...

WH - Que trabalhava nos serviços...

WS - Não... não...

WH - Em delegacias? (falas superpostas)

WS - Era outra coisa. O governo federal tinha as suas representações, nas Delegacias Regionais, entendeu? Havia uma delegacia, por exemplo, em Pernambuco: essa, essa, essa tinha o... como Estados vinculados Alagoas, Paraíba... que mais? Alagoas, Paraíba, não me recordo mais.

WH Circunscrição, né?

WS - Hein? Então o delegado também fazia, o que o Barreto fazia em território nacional, o delegado fazia...

WH - Naquela pequena região.

WS - Região, naquela região, entendeu? Ele tinha que fazer relatórios, tinha que... estar a par dos acontecimentos, das necessidades, entendeu? Sofria um bocado, sabe?

AA - E fazia essa ponte com o poder estadual.

WS - Ah! sim, era ele...

AA - Era ele, o grande...

WS - É... é... (falas superpostas)

WS - Ele não... ele... ele não... se indispunha com o governo estadual. Ele pro, procurava a... a... conciliar. Que muitas vezes era difícil.

AA - Devia ser.

WS - Às vezes, os problemas locais tinham que ser resolvidos cá, na, no centro, porque dependia de... de... de... uma medida do estado, entendeu? e que o... o... o delegado não tinha poder pra agilizar, entendeu? Então passava pro... Barreto e o Barreto consultava e resolvia o que fazer, entendeu? Mas nunca houve coisa que, tanto quanto o que eu sei, nunca houve problema insolúvel, não; mesmo porque, na ditadura não tinha esse negócio de futrica de... de coisa, eles procuravam: deputado, senador, precisavam, procuravam fazer aquela, aquela politicazinha de personalista e tal mas... não... isso não... não era levada a um... a um... limite que não pudesse ser controlado.

AA - Da inoperância, né? não chegava a isso, né?

WS - Não, não chegava não. A intervenção deles não... é... porque você tava ali, não é verdade? O sujeito tinha a autoridade central, tinha do estado e coisa etc ele tinha que, ele tinha movimento de cintura pra...

AA - Sei...a mesma coisa eram os, os... responsáveis pelos serviços, né? pelos serviços nacionais, eles também tinham sua... autoridade e sua autonomia, né? Então...

(falas superpostas)

WS - Ah! sim, tinham. Bom... o pessoal de serviço, dos serviços nacionais tinham muita força. E o estado... que era evidentemente servido, não...

AA - Não tinha porque...

WS - ...tinha porque... porque o sujeito era padronizado, não é? Essa padronização já era um fator de economia, porque você ia fazer um papel pra cada (toques na mesa) coisinha aqui diferente e tal, ficava muito caro, não é mesmo? Padrões diferentes, tamanho diferente, tipo de papel é... mesmo diretrizes, não é mesmo? normas, não tinha nada disso: central, obedecia aquilo...

WH - Ora, os estados demandavam, na verdade, né?

WS - demandavam, né mesmo? é... finalmente éh...

WH - Até porque, como eu dizia ao senhor, né? é... havia interferência política na área de saúde, não é? o deputado queria um posto, ele ia pro ministério e demandava...

WS - É... (?) o estado, geralmente não tinha condições de atender. Então eles pediam ao governo federal, não é? e como o governo federal fazia aquilo direito, entendeu? eles não sabiam fazer, entendeu?

AA - (ri) Sabiam agradecer.

WS - Então... é, tinham que agradecer, né? fazer o negócio direitinho e tal.

WH - Agora, não... não chegava a se tornar um problema essa... essa troca, né? política que a saúde pública dava...

WS - Não...

WH - ...pra, pras pessoas técnicas do Ministério, principalmente os sanitaristas...

WS - Não... não... pra nós não, para nós não havia... não havia é... eu dou um exemplo pra você: quando eu fui para a Bahia pra resolver o problema da... daquelas duas fazendas que o estado tinha comprado...

WH - Ah! Sim.

WS - Para fazer o... o quartel, o quartel não, a vila militar, não é? A Vila Militar de Salvador, entendeu? aquilo... eles compraram aquilo barato porque a malária tinha acabado com...

WH - Com a laranja, né?

WS - ...com a laranja, a produção do... coisa, né? Pois bem, então, o estado solicitou ao governo federal, entendeu?... o quê: atuação para condições para construção, entendeu? Então, eu fui lá e fui prestigiado pelo governador, entendeu? pelo prefeito... O governo federal tinha obrigação de prestigiar porque afinal de contas tinham dado o aval, não é mesmo? De modo que, eu trabalhei lá, entendeu? com o apoio maior do chefe da Região Militar que era o Aleixo, entendeu? E eu fazia as coisas com muita facilidade; como era guerra, período de guerra, entendeu? cimento... aliás, nós sofremos muito lá por falta de transporte, meios de transporte. O Nordeste ficou isolado. Não tinha cigarro, não tinha bebida, não tinha coisa nenhuma que dependesse... porque não havia estrada, pelo mar o alemão botava a pique, de maneira que... não é? o submarino andava por ali e coisa etc, houve bau, blec, blocaute lá, não é?

WH - Blecaute.

WS - Blecaute, né? Então... dizia eu é... eu perdi o que... (falas sobrepostas)

WH - Eu tinha lhe perguntado sobre a interferência se... se a questão da política em troca de saúde, a política não prejudicava o trabalho, não é?

WS-Ah! sim, então ... então... estava falando, justamente, justamente, então... faltava cimento, não é? havia cimento, mas o comerciante de cimento, naturalmente, dava preferência àqueles que pudessem pagar mais, com ágio, entendeu? Eu disse: olha eu preciso de cimento, é uma enorme dificuldade, eu não posso parar... o general convocou toda aquela gente da área de cimento para uma reunião no quartel; já isso adiantava um bocado, né?

WH - Imagina...

WS - Então, ele falava muito pausadamente: “O dr. Walter precisa de ci... tantos mil sacos de cimento... e os senhores que são as pessoas que possuem o cimento vão atender ele”; e assim eu consegui o meu cimento, entendeu? Quer dizer, sem a... atuação do general, o que que eu podia fazer? parar ... não é? e passar um telegrama pra cá: olha...

AA - Impossível.

WS - Impossível fazer o serviço e tal...entendeu? ... E assim a atropelação também é, evidentemente, para... essa relação valia muito também a capacidade de entrosamento da gente, por exemplo, o camarada ia para um lugar desses, se ele não era simpático, se ele não era pessoa de bons bofes, se era um criador de casos e tal etc, naturalmente criava problemas, como houve... houve problemas com alguns colegas, entendeu? não foram muitos não, mas houve, entendeu? Mas geralmente a gente tava, já...já era preparar, era preparado pra isso, entendeu? a mentalidade do sanitarista era de fraternidade, de harmonia, de cooperação. De modo que, nada fora disso interessava, entendeu? (barulho de buzinas) era uma pessoa simpática, entendeu? e já de início, entendeu? fazia com que as portas não fossem fechadas, né? De modo que nesse particular não... não havia dificuldade não, né? Nós atuamos realmente nos estados com paz... paz, harmonia e eficiência.

Data: 11/07/1995

Fita 7 - Lado A

WH - Bom, estamos começando hoje a 4ª entrevista com o dr. Walter Silva. Hoje é dia 11 de julho de 1995; estão presentes aqui Anna Beatriz de Almeida, Maria Beatriz Guimarães e Wanda Hamilton. Dr. Walter, hoje a gente podia falar sobre a sua ida pra seção de Nutrição. O senhor podia nos contar como é que o senhor foi trabalhar na seção de Nutrição, o senhor já foi direto como chefe, né? da seção de Nutrição?

WS - Hein?

WH - O senhor já foi pra seção diretamente como chefe?

WS - Não, não como chefe, né? Havia a seção de Nutrição que tinha... meu chefe ali naquela época era o dr. Carlos Sá, não é? e... naquela época ainda não estava bem definida esta questão de nutricionista, dietista. Havia uma... havia uma dúvida se a... o profissional seria dito nutricionista ou dietista e... afinal, ficou com o nome de, de, de nutricionista. Mas, anteriormente, não é? quando eu fui nomeado; fui nomeado nutricionista. Mais tarde, ahn... criada a carreira de nutricionista, o grosso da... da... dos profissionais eram femininos.

WH - Já existia a carreira de nutricionista separada da medicina... era uma... faculdade, por exemplo, nessa época?

WS - Não, não foi criada; tanto que quando foi, quando foi definido...

WH - Hum, hum!

WS - ...o profissional, entendeu? que tratava de problema...

WH - ...de nutrição.

WS - ...de nutrição, que... em determinado espaço, entendeu? era chamada de nutricionista, porque já existia o médico nutrólogo que é... que, que é anterior, entendeu?

WH - Mas eu digo, dr. Walter, a carreira na faculdade porque hoje existe a Faculdade de Nutrição, né? já existia, nessa época, quando definiram a carreira de nutricionista ou é uma coisa que veio depois.?

WS - Não, não havia...

WH - Não havia, né?

WS - Não havia, não. Não havia, não.

WH - Quer dizer, pra ser nutricionista...

WS - A... a questão de nutrição no Brasil, até aquela época, era muito esquecida, entendeu? Pode-se dizer que quem impulsionou bastante esse problema, no Brasil, foi Josué de Castro, que é... debateu muito, lutou muito para que as questões de alimentação e nutrição fosse encarada com maior seriedade, entendeu? E foi como nutricionista que eu fui nomeado para a seção de Nutrição da Divisão de Organização Sanitária.

WH - O senhor foi é... o senhor foi nomeado como? com contato...

WS - Não!

WH-... como é que o senhor foi... o senhor tinha interesse em trabalhar nessa área?... Como é que foi o contato pra ir pra seção de Nutrição?

WS - É que eu já conhecia as pessoas..., não é? do Ministério e... as pessoas sabiam que eu... tava muito interessado nessas questões é... de nutrição e... a de alimentação e nutrição, entendeu? E... não sei quem foi que me indicou, eu também não me ofereci... fui simplesmente, fui nomeado para... como nutricionista e como tal eu funcionei, não é? dentro das atribuições que a comissão tinha. Se você quiser eu tenho aqui as atribuições posso...

WH - Da... que comissão?

WS - Da... da Seção de Nutrição

AA - Ah! da Seção...

WS - Da Seção de Nutrição. Se você quiser...

WH - O senhor tem... tem anotado?

WS - Tenho... tenho anotado. Tá aqui “Seção de Nutrição da Divisão de Organização Sanitária encarregada de planejar inquéritos econômicos-sanitários para conhecer os hábitos e verdadeiras condições alimentares nas diversas regiões do país, apurando seus principais defeitos, a extensão do estado de má nutrição, das doenças de carência e estados pré-carenciais nas diversas classes da população”. Isso é um item.

WH - Hum, hum!

WS - Outro “Fomentar medidas tendentes a aumentar a produção e o consumo de alimentos de real valor nutritivo; organizar padrões de alimentação balanceada para diversas classes de população de acordo com o clima e os hábitos regionais; fazer articulação de entidades administrativas interessadas nos assuntos de nutrição para fixação e execução de uma política de alimentação dirigida, indispensável ao equilíbrio econômico e à valorização fisiológica do elemento humano”. Essas eram as atribuições da Seção de Nutrição... Dentro dessas atribuições na minha gestão...

WH - Aí já como chefe, né?

WS - Hein?

WH - Já...o senhor, já como chefe?

WS - Já como chefe... eu tenho aqui algumas anotações...

WH - Mas olhe, vamos por partes. O senhor entrou pra trabalhar como nutricionista, né? Nessa época, que tipo de trabalho o senhor fazia, antes de ser chefe da Seção? ... O que..., quando o senhor entrou na Seção de Nutrição, que trabalho o senhor...

WS - Eu não estava no Ministério. Eu... eu entrei no Ministério, entendeu? Não estava no Ministério...

AA - Então o senhor já entrou e ocupou direto o cargo de chefe da Seção de Nutrição...

WS - Não, não. Eu não entrei como chefe de... o chefe da Seção de Nutrição era (?)

WH - Era dr. Carlos Sá.

WS - Carlos Sá...

AA - Então aí nesse momento que o senhor entrou, que tipo de atividade?...

WS - Eu entrei e fiquei justamente trabalhando com Carlos Sá.

AA - Junto com ele diretamente?

WS - Diretamente, né? Até porque o Carlos Sá era médico sanitaria, entendeu? De modo que é... é... o campo dele é o da higiene, um terreno é... é... bastante extenso e entre esses estava a nutrição, como nós vimos depois, nas cadeiras do médico sanitaria que eu agora eu tenho todos os elementos pra, pra informar vocês na época, quando nós falarmos de saúde pública, entendeu? Então, eu todos os elementos anotados.

AA - Só pra me esclarecer uma coisa dr. Walter, o senhor disse que nesse momento quando o senhor ingressou na seção de Nutrição, o senhor estava, na verdade, também ingressando no Ministério.

WS - Sim.

AA - ...antes até 44, aquele período de 42 até 44, o senhor estava no Serviço Nacional de Malária, né? que o senhor ficou lá no Leste Setentrional; quer dizer, o senhor já tava de alguma forma dentro do Ministério (falas superpostas)

WS - Sim...

AA - ...é...

WS - ...eu era médico contratado.

AA - Contratado, quer dizer, a mudança foi...

WS - Extranumerário.

AA - Extranumerário, que o senhor passou a ser do quadro. WS - Não, não... continuei a ser contratado.

AA - Contratado.

WS - Contratado, porque o médico...

AA - E essa saída da Malária, foi opção sua deixar o trabalho...

WS - Foi, foi.

AA - Foi opção... e por algum motivo específico?

WS - Foi pelo seguinte porque quando nós para... a... esta campanha de malária do Nordeste para combate ao *gambiae*, entendeu? é... nós fomos muito entusiasmados e, vamos dizer assim, com um... um... grau elevado de patriotismo, entendeu? porque se tratava de uma... de uma guerra contra um mosquito invasor cujo índice de infectividade era muitas vezes maior do que os dez mosquitos transmissores de malária que nós tínhamos no Brasil, entendeu? De modo que se um mosquito picasse cem vezes um... um... os indivíduos, ou se picasse cem vezes cem pessoas, pelo menos oitenta... ficavam... ao passo que com os nossos transmissores, entendeu? Uns dez a vinte por cento, entendeu? apenas..., entendeu? de modo que era uma guerra, na realidade... não é? Então, quando o... o... o Serviço Nacional de Febre Amarela acabou o contrato no Brasil, entendeu? - o chefe era o dr. Sopper - é... ele... pleiteou, entendeu? a... campanha... de... esta campanha do Nordeste, não é? porque os americanos estavam apavorados, porque se o mosquito chegasse ao Vale do Cariri e entrasse pela Amazônia até a... a América Central, seria um desastre para eles. Estavam muito apavorados com isso e então, era de todo interesse que... eles trabalhassem nessa campanha, não é? Então, quando eles for... assumiram a... esse Serviço, eu achei que a minha responsabilidade com dr. Barreto - ele tinha me dito que quando é... acabasse o nosso programa, ele nos chamaria para o Rio. Porque quando ele me convidou, eu disse eu tenho minha vida no Rio de Janeiro, de modo que pra mim será um desastre eu me transferir para o Nordeste, entendeu? assim com esta pressa, e... sem saber o meu futuro, não é? Ele disse não, eu chamarei você para... para a... para o Serviço de Malária aqui da... Baixada Fluminense.

AA - É, isso foi na época do... que o senhor foi trabalhar no Ceará, né?

WS - No Ceará.

AA - Essa pergunta que eu fiz pro senhor... (falas superpostas)

WS - No *gambiae*.

AA - ...no *gambiae*, pois é, é posterior, é quando o senhor tava no Leste Setentrional, quer dizer, como é que foi sair desse trabalho que ligava Bahia, Sergipe e passar pra Nutrição. O que que levou o senhor a esse... a um segundo momento do senhor na malária (falas superpostas)

WS - É... é...

AA - ...não é? quando o senhor foi pro Leste Setentrional, para aquela Circunscrição (falas superpostas)

WS - É... é...

AA - como é que foi sair dessa Circunscrição e ir pro Serviço de Nutrição? (falas superpostas)

WS - não...

AA - É isso que eu queria entender..., porque aquele momento anterior o senhor já contou pra gente...

WS - Sim, mas o... quando eu terminei.... quando eu sai da... da... malária do Nordeste e fi... da área da...

WH - Da Circunscrição.

WS - ...da Circunscrição Leste Setentrional.

AA - ...setentrional, isso

WS - ...e vim fazer o curso de saúde...

AA - Aí foi 43, quando o senhor veio fazer o curso de saúde pública

WS - ...pois sim. Então, eu ingressei, entendeu? na carreira de, de sanitarista...

AA - terminado o curso o senhor foi...

WS - ...e fui nomeado médico sanitarista.

AA - Hum...hum... e aí foi pra Seção de Nutrição.

WS - Entendeu? com lotação no Ceará, entendeu? Mas passei para a carreira de médico sanitarista...

WH - O senhor fez concurso?

WS - Fiz concurso.

WH - Ah...

WS - Só podia entrar por concurso... não é?

WH - Como é que foi esse concurso?

WS - Concurso do DASP.

WH - É?...

WS - É... o... a gente tinha que fazer um... um vestibular para fazer esse exame, entendeu? para o... para... fazer curso, entendeu?

AA - E esse vestibular era pro curso de saúde pública?

WS - Saúde Pública, entendeu? E era um... era um vestibular um pouquinho apertado, entendeu? Mas felizmente eu passei e... logo em seguida fui nomeado porque... havia claros, né, no quadro. Então passei pra médico sanitário do quadro permanente do Ministério, deixei de ser contratado.

AA - E a lotação era aonde?

WS - Hein?

AA - No DOS, no Ceará mesmo?

WS - No Ceará. Mas a DOS, como a DOS estava se organizando, entendeu? eu fui chamado porque já me conheciam...

AA - Aí que o senhor foi parar então na Seção de Nutrição?

WS - É, entendeu?

AA - Ah... tá! entendi. Foi depois do curso, então?

WS - É.

WH - E lá na Seção de Nutrição, a gente tava falando, o senhor trabalhou diretamente com o dr. Carlos Sá, né?

WS - ...com o dr. Carlos Sá, é...

WH - ...o senhor podia falar um pouco do dr. Carlos Sá pra nós? Formação dele, o trabalho dele na área...

WS - O dr. Carlos Sá era uma pessoa admirável, sabe. Ele tinha uma capacidade de trabalho bastante grande, era um homem muito bem informado... basta dizer o seguinte ele ficou, ficou quase cego, não é? Ele pagava uma pessoa para ler pra ele a literatura que ele recebia, porque ele recebia muita literatura, porque é uma pessoa enfronhada no, no, no campo da saúde pública e era conhecido, ele recebia muito material, né? Muita literatura, ele pagava uma pessoa para ler pra ele, porque ele já não tinha mais capacidade de...de ler e sugeria para nós... me recordo que eu estava já diretor do Serviço Nacional de Educação Sanitária é... e ele tinha publicado um livro de educação sanitária, de higiene, entendeu? E ele queria é... atualizar, então ele pediu que eu fizesse o capítulo, refizesse o capítulo de alimentação do livro dele, entendeu? E... nós fizemos outra edição do livro dele, entendeu? (o relógio badala) Que aliás era um livro texto, entendeu? de países daqui da América.

AA - América Latina.

WS - ...do Sul, entendeu? nesse campo de higiene, entendeu? E é... ele era rigoroso no trabalho; ele exigia bastante e tinha, naturalmente, condições pra isso, não é? E... ele tinha implantado nos colégios um grupo de alunos... eu não me recordo como se chamava esse grupo... Não sei se soldados, entendeu?... uma coisa assim, sabe? Minha mulher é que se lembra desse nome, porque ela na Escola, ela pertenceu a um grupo desses.

AA - Ah!... olhe só!

WS - Entendeu? entendeu? é... E era, era um grupo que se esmerava nessa parte de higiene, não é? no... no... nos colégios, nos colégios da época. E quando ele foi para, quando ele foi para... a... Seção de Nutrição, ele já era, já era velhinho, entendeu? Ele deixou pouco tempo depois. (buzinas de automóveis)

WH - E o senhor substituiu ele aí, quando ele saiu o senhor que substituiu?

WS - Substituí.

WH - Ele tinha uma equipe... grande de pessoas trabalhando com ele?

WS - Tinha. Naquele tempo era o Ministério da Educação e Saúde, entendeu? E ele tinha... condição de funcionar nesses dois campos porque ele é... também era professor, entendeu? E... a Seção de Nutrição tinha como elemento auxiliar para... é... fiscalização de educandário que, que possuía internato e semi-internato, entendeu? os inspetores de ensino... Bom... aqui não, no Distrito Federal na época né? (Barulho de alguém batendo em algo, perto do microfone) é... os inspetores de ensino funcionavam diretamente com o Ministério de Educação e Saúde e nos estados funcionavam com os delegados, entendeu?

WH - ...de saúde

WS - ...delegados de saúde, entendeu? que faziam também as inspeções nos... na, nas... nas escolas.

WH - É, porque na Seção tinha um projeto importante, né? de levantamento sobre alimentação nas escolas, né?

WS-Tinha...

WH - O senhor chegou a trabalhar nesse inquérito, nesse levantamento?

WS - Eu tenho aqui...o... o... a legislação, as normas que...

WH - Deixe-me ver que publicação é essa “Regime higieno-dietético de internatos e semi-internatos”. É uma portaria, né?

WS - É.

WH - De maio de 39 do Ministro do Estado da Educação e Saúde... Ministério da Educação e Saúde.

WS - Então nesse... nesse regime...

WH - Hum, hum!

WS - ...higieno-dietético, nessa portaria 153, entendeu? aí es... estão as normas e diretrizes para o funcionamento desses estabelecimentos de ensino com internato e semi-internato. Então... a, os capítulos recomendação sobre alimentação... proibições e restrições, horários, cozinheiros, dispenseiros, ajudantes etc, hábitos higiênicos, instrução e educação de saúde, fiscalização e finalidades são capítulos...

AA - ...dessa portaria.

WS - ...dessa portaria e ainda existe aí dez palestras com os seguintes títulos para os inspetores transmitirem aos alunos...

AA - ...aos alunos.

WS - Noções Preliminares; Elementos Minerais; Vitaminas; Alimentos Protetores e Energéticos; Verduras e Frutas; Açúcar e seus aliados: balas, bombons, doces, geléias; Merenda Escolar; O Cardápio e o Horário das Refeições; Efeito dos Exercícios Físicos sobre a Digestão; Repouso e Sono.

AA - Hum, hum. Quer dizer, e junto com essa parte é... de textos que iam também tinha toda uma preocupação com a parte visual de fazer... essa parte mesmo de utilizar audio-visual para atingir as crianças, né? quer dizer, tinha essa preocupação?

WS - Nessa é... nessa época não havia essas facilidades e tal, entendeu? Havia facilidade, mas no Museu de Saúde que existia no Serviço de Educação Sanitária, entendeu? Aí havia filmes, peças, não é? é... literatura e os alunos das escolas...

AA - ...folhetos ilustrados, não é?

WS - ...folhetos, tudo existia e então as professoras levavam os alunos no Museu do Serviço de Educação Sanitária de que... depois eu fui diretor, não é? Então essa, essa fiscalização de alimentos era muito rigorosa, não é? Havia boletins di... diários, isto é, correspondente à ... à refeição que era vista pelo inspetor...

WH - ...ao delegado, não é?

WS - ...ao delegado...

WH - ...nos Estados

WS - ...e também inspetor como delegado, não é? E... boletins... havia entre os boletins, formulários muito detalhados... eu... enfim... tenho esses elementos, mas infelizmente eu... eu não tive a possibilidade de encontrar porque (ri) é muito confusa a minha biblioteca. Então tinha esse boletim anual em que descrevia minuciosamente o colégio, entendeu? e havia o boletim semanal com todos os cardápios é... utilizados durante esse tempo, entendeu? e além disso, havia então o relatório do inspetor que ia na hora da refeição verificar...

WH - ...se o cardápio era...

WS - ...o cardápio, é...

WH - ...realmente...

WS - ...é, é. Do...do... da experiência desses cardápios, e mesmo, eu tive a oportunidade de visitar algumas escolas aqui no... do antigo Distrito Federal... nós tivemos oportunidade, então, de... considerando os desvios encontrados, então, escrever, entendeu? resenhas técnicas para correção. Por exemplo, eu, no colégio, via a mesa posta com os pratos em cima da mesa sem uma, uma toalha. Então, perguntava ao encarregado “está faltando uma toalha na mesa?”; “Ah! nós não colocamos toalha porque os alunos cortam com gilete”. Eu digo “Bom... isso é uma falha do colégio, porque um aluno vem para cá para o colégio, inclusive, para se educar. Então há necessidade de convencer esse aluno de que não faça isso, porque a mesa tem que ter a toalha, para que ele aprenda realmente a comer numa mesa adequada. E outros desvios, por exemplo, o leite. Havia recusa de leite por alguns alunos. Então, eu verifiquei o seguinte que eram alunos internos, filhos de fazendeiro que conheceu muito bem o bom leite, entendeu? e quando eles recebiam (ri) esse leite que o colégio dava - tinha mais água do que leite- então, o defeito realmente era do fornecimento do alimento, não era do produto leite tinha... é... era obrigatório o fornecimento de leite para o colégio, dado o período de desenvolvimento em que eles se encontravam...

WH - Era central, né? Leite era um alimento considerado central no desenvolvimento...

WS - É... no desenvolvimento da criança, porque o leite é o melhor fornecedor de cálcio para... para as... as pessoas e sobretudo nesse período de desenvolvimento (ruído de buzinas de automóveis) e que precisa de elemento formador do esqueleto, não é? dos dentes etc. Então, é

preciso leite... dizem que o homem é o... é o único animal adulto que bebe leite (ri) os outros animais...

WH - Agora, dr. Walter, essa... todo esse trabalho sobre fisca, de fiscalização de alimentação de escolares, isso foi idealizado por quem?

WS - Ah... isto é uma coisa antiga... essa... essas normas, quer dizer, de, de, dessa portaria 153 é de 1939, entendeu?

WH - 39, é...

WS - Já é muito antiga. Já é, isso é produto já do... início da... atuação do grupo a que o Carlos Sá pertence, entendeu? ele é um dos Jovens Turcos...

WH - Ah!... sim.

WS - ...entendeu?

WH - O Carlos Sá trabalha nisso desde o início, praticamente.

WS - Sim.

WH-É ele que levantou todo esse setor...

WS - É... é ele que se interessou dessa parte de educação, entendeu? a parte de higiene, entendeu?

WH - É, porque é uma área que junta, né? nutrição com educação, né?

WS - É, é, com educação. Educação Sanitária, não é mesmo? Ele foi um dos baluartes, não é? Tanto assim que ele tem livro que... adotado por outros países, não é?

AA - É... ele era uma pessoa de referência na área, né?

WS - Muito, muito, muito...

Fita 7 – Lado B

WH - ...e ele deixou?...

WS - E ele me deixou alguns livros, uns folhetos é... quando ele já estava mais... mais velhinho... ele foi passando pra mim algumas coisas, não é? E eu gostei muito, porque é... muitas dessas coisas dos Jovens Turcos, não é? é... não se encontram mais, não é? Porque... naquela época em que vieram é... professores, sobretudo americanos, não é? para... preparar esse grupo, que

se... se intitulou Jovens Turcos, entendeu? é... eles fizeram muito, publicaram algumas coisas e que hoje não se encontram mais, não é? Mas eu ainda tenho algumas coisas aí, mas...

WH - Tem que procurar (ri)...

WS - É perfeito... é que tem que procurar, não é?

AA - Que tem, tem.

WS - Que tem, tem. Não tenho dúvida que tenho, entendeu?

WH - Agora...

WS - De maneira... isso é uma das coisas da Comissão Higiene-dietética...

WH - Agora... deixe eu lhe perguntar mais, o... o... sobre esse assunto era difícil fazer valer esse regimento, porque era... ele se aplicava tanto em escolas públicas quanto privadas, né? Era todo tipo de estabelecimento de ensino, né? esses...

WS - A todos.

WH - ...tanto público, quanto privado.

WS - Não, tanto internatos, como internatos...

WH - ...e semi-internatos.

WS - ...e semi-internatos...

WH - mas tanto públicos quanto privados...

WS - ...é lógico, não tenha dúvida...

WH - ...e era difícil fazer...

WS - ...não, porque tem sanções... nessa, nesse, nessa portaria tem sanções, entendeu? Pode-se ver rapidamente aqui...

WH - ...é essa aqui, né?

WS - ...inclusive, pode fechar o colégio, entendeu? (falas complementares)

WH - É essa? é esse documento aqui?

WS - Ah! é, justamente. É esse aqui. Você vê que tem as sanções aqui... ... aqui... veja aqui... ... “o inspetor que deixar de remeter o relatório dentro do prazo previsto no citado artigo 74 incorrerá na penalidade de perda de um e meio de vencimento e na reincidência da... na... de

suspensão por três meses, de acordo com o disposto no item 1 do parágrafo primeiro, do combinado com o parágrafo segundo, do artigo 22 do regulamento baixado pelo Decreto 24.734 de 14 de dezembro de 1934”.

WH - É... mas isso para controlar o inspetor, né?

WS - O inspetor. Agora...

WH - Porque, na verdade, a impressão que dá, dr. Walter, é que o que funciona é a fiscalização que tem que funcionar, não é? se a fiscalização não funciona... não tem como controlar isso, né? os estabelecimentos podem não cumprir, né?

WS - Eu queria encontrar aqui as sanções para o colégio... .. eu não sei onde estão (barulho de folhas sendo passadas) ...

WH - Não tem problema, a gente... a gente pode... o senhor pode nos contar o que o senhor sabe.

WS - É... o... o... o colégio (?) o Ministério, um funcionário do Ministério de Educação e Saúde, portanto, a parte de Educação que é, cujo diretor era Edgar Renault, que existe, ele vive hoje, vive ainda na Academia Nacional de Letras.

WH - Ah! ele é acadêmico?

WS - É acadêmico e está vivo, entendeu? Edgar Renault. Ele é... ele podia fechar o colégio, entendeu? Sanções muito fortes... e o colégio tinha toda... o interesse, naturalmente, em não sofrer essa sanção, não é? E isso era levado ao meu ministério, através de um ... de um rigor de um inspetor que encontrava as faltas que ele tinha que é... indicar no relatório, que ele tinha que fazer obrigatoriamente. A coisa funcionava mesmo, realmente, entendeu? Pelo menos, naquela época, funcionava; depois é que parece que, com o correr do tempo, acabaram-se os internatos ou se reduziram muito, não é? porque, antigamente, havia bastante internatos ou semi-internato; depois desapareceram. Bom... essa é uma das funcç..., uma das atividades da Seção de Nutrição...

WH - O senhor quando foi chefe continuou fazendo esse tipo de controle...

WS - Ah! sim isso era automático (falas superpostas)

WH - ...automático.

WS - Agora... além disso o que eu fiz. Os inquéritos sobre merenda escolar; estabelecemos padrões para a merenda escolar; inquéritos sobre bócio endêmico em que fizemos o planejamento do inquérito, toda a orientação técnica, inclusive, escrita para os médicos que atuavam examinando os escolares... preparando o pessoal, material, determinando a área e, naturalmente, o objeto da pesquisa, não é? com... as instruções, com fotografia de como se examinava, qual era o grau... como é que se chegava ao grau de aumento da tireóide, entendeu? de frente, de perfil. Isso era dado ao médico e ainda ele tinha isso por escrito, entendeu? Também tenho isso, não é? Então feito isso, realizado esse... esse inquérito, fizemos a apuração

estatística que, era raro naquela época a aplicação da estatística nos trabalhos médicos; em geral, se contentavam com um percentual, não é? Mas... como nós tínhamos a orientação do IBGE, é... do qual havia sido destacado um especialista pra trabalhar conosco, entendeu? ele preparou a amostragem, entendeu? e depois fizemos também a apuração estatística, não é? foi feito o relatório que está aqui... Aliás, esse relatório ficou muito grande, eu escrevi muito, sabe? e... o que aconteceu é que não tínhamos dinheiro para publicar; então tive que reduzir a isso aqui, O..., O...

WH - Áreas bocígenas do Brasil.

WS - É...

WH-Issso é de... 1956.

WS - É...

WH - Ham... ham... Esse foi um inquérito feito em todo o Brasil?

WS - Todo o Brasil. Quer dizer, é... em todo o Brasil em que existia signifi... significadamente população, entendeu? Veja a, a, aí o mapa... da área e... aí no mapa está uma área vazia, entendeu? e que evidentemente a população rarefeita... ia tornar muito caro, entendeu? e o resultado... olha aqui, essa área aqui nós não pesquisamos.

WH-Hum...hum...

WS - Aqui, ali e tal etc, mas está vendo o espaço? Esse espaço aqui depois foi feito pelo DNERu, entendeu?

WH - Hum... hum...

WS - Mas... não significou, não houve modificação naquilo que tinha sido estabelecido... porque feita essa delimitação, de uma maneira geral, no Brasil, entendeu? quando nós fizemos a minuta (dá batidas em algum lugar) para a... a... a lei de... de... de julgamento do iodato, de iodato de sódio no... no... cloreto, no sal de cozinha, entendeu? ficou lá estabelecido que em cada estado, entendeu? em combinação com o serviço federal, fazia-se delimitação no próprio estado.

AA - Cada estado ajudaria na delimitação das áreas a serem (?)

WS - É, é. Mas isso não alterava em nada, porque a lei mandava que fosse o único... o... a única fonte de sal de cozinha, todo ele fosse iodado. (ri)

AA - Ia atingir, querendo ou não, a toda a população.

WS - Toda a população, entendeu?... Bom, onde é que estamos?... (barulho no gravador) ...higieno-dietético... (novamente o barulho no gravador) Ah... É preciso acentuar o seguinte que no momento em que nós prevíamos num outro projeto, outro projeto de lei para

iodação do sal... nós nos preocupávamos de encontrar os locais para que se fizesse essa iodação. Então havia dois lugares previamente indicados que seriam as, as terrinas, em Cabo Frio, que é do Miguel Couto, que havia então o tratamento do sal e... no Rio Grande do Norte, entendeu? Então eu procurei pessoalmente o Miguel Couto, que era deputado, entendeu? aí no Palácio Tiradentes e ele me... me recebeu na biblioteca da... do ... do Congresso, não é? e eu conversei com ele a respeito da... do nosso... nosso trabalho e do prosseguimento no sentido de estabelecer a profilaxia, através de lei etc etc etc. Miguel Couto me ouviu, com muita atenção e tal e me disse que estava muito interessado porque ele até tinha feito já um trabalho a respeito disso etc. E... ficou de, como deputado...

AA - ...de apoiar o...

WS - ...apoiar o projeto. Ele não só apoiou o projeto como se serviu dele pra ir à Europa (ri), entendeu? Foi à Europa e... cuidou de assuntos também de interesse dele, não é? Ele estava com uns programas é... de... água, água... água mana... uma coisa parecida; não me recordo bastante o nome; é... mas era um produto em que ele precisava aperfeiçoar, então havia necessidade de técnico que me... é... na época, parece que existiam disponíveis na França, na Suíça, e tal. Eu sei que ele fez essa viagem... e depois ele foi Ministro da Saúde e, como Ministro da Saúde, ele se interessou pelo bócio, então, tomou conta do negócio e começou a fazer um movimento grande nesse sentido, entendeu? Me recordo que ele foi fazer uma pesquisa em Lumiar, aqui no Estado do Rio e coisa e tal. Mas nada disso é... modificou o que já tinha sido feito e estabelecido. Então, é... a gente pode ver aqui as leis do bócio, não é?

AA - E tinham pessoas que divergiam desse posicionamento, dessa proposta de iodatação do sal, como é que era...?

WS - Não, não. Antigamente quando começou a profilaxia pelo sal iodado... porque aqui nós temos o início da... do decreto mandando acrescentar iodeto de sódio ao sal. Mas depois se verificou que o iodato se prestava mais a lugares quentes, e... De modo que o sal, o sal de cozinha acrescentado de iodato ele não se liquifera, não se é... ele não absorvia umidade com facilidade como no, o...

AA - ...o iodeto...

WS - ...iodeto. Então passou-se para o iodato de sódio, entendeu? Mas quando começaram esses problemas de bócio com sua prevenção e etc, muitos médicos, entendeu? é... fizeram campanha contra, dizendo o seguinte que se... acrescentasse o... o iodo ao sal de cozinha que era um produto de uso de toda a população, aqueles que tin, que não precisavam de iodo que já tinha quantidade de iodo bastante no corpo, na tireóide, entendeu? e recebesse ainda mais, o acréscimo através do sal de cozinha, talvez que ele fizesse uma... uma... um hipertireoidismo. Mas, os estudos posteriores mostraram que não acontecia nada disso; que a quantidade de iodo que se acrescentava ao sal era uma quantidade é... limite para o funcionamento da tireóide. De modo que isso caiu. Mas apesar de... desses conhecimentos que a gente adquiriu em literatura, em literatura estrangeira, eu resolvi fazer uma série de informação escrita, entendeu? uns boletins, uns... uns folhetos para médicos, entendeu? defendendo esse ponto de vista, mostrando que não acontecia nada e tal. E felizmente, no Brasil, não houve nenhum, ninguém que eh... contradissesse o que estava sendo recomendado. De maneira que passou silenciosamente, todo

mundo está usando o seu sal, entendeu? eh... e que é... que era, era fiscalizado pela, pelo, pelo DNERu, entendeu? que assumiu a... a... essa atividade depois que o Ministério fez uma reforma e essa atribuição passou pra ele. Nós vamos, quando nós tratarmos da Divisão de Organização Sanitária nós vamos lembrar isso, que a Divisão de Organização Sanitária tinha como atribuição, entendeu? é... tratar de todos os problemas de saúde pública para os quais não houvesse órgão específico no Ministério. De modo que qualquer coisa que acontecesse em qualquer ponto do Brasil, entendeu? que não tivesse um órgão no Ministério para cuidar, era a DOS que fazia. De modo que ela tinha uma amplitude muito grande nas suas atividades.

WH - E essa passagem, dr. Walter, do bório pra Seção de Nutrição, da Seção de Nutrição pro DNERu. Como foi? O senhor podia contar pra nós? Como é que foi que saiu...?

WS - Saiu pela reforma, não é? Houve uma reforma no DNERu, entendeu? que tinha como atribuição, dentre suas atribuições de tratar dos problemas rurais...

WH - Rurais?

WS - Rurais, entendeu? Muito bem. Isso era um problema que atingia toda a área brasileira, inclusive, a... a... as rurais, não é mesmo? Então passou para essa atribuição, então, passou para um órgão específico... que foi criado.

WH - Vocês que vinham trabalhando nisso há tanto tempo, não tiveram problema em ceder esse, esse trabalho pra...

WS - Não, mas era contínuo a nossa função aí era determinar a área, estabelecer as medidas preventivas e pronto.

WH - Ah, tá!

WS - Agora... sobrava o quê? sobrava a avalia..., as avaliações, não é mesmo?

WH - É, sobrava a aplicação da campanha e aí ...

WS - Não, nossa campanha desde que, desde que o sal tinha sido iodado...

WH - Hum...

WS - ...não tinha mais interesse nenhum a não ser fiscalizar para que o sal tivesse realmente...

AA - Realmente iodado...

WS - E o resto, num espaço de, de, de seis anos, o sujeito fazia outra avali, pegava a amostra para verificar a quanto... a quanto... a que grau de eficiência, não é mesmo? tinha sido dada essa profilaxia, entendeu? Não tinha mais... então essa parte passou para o DNERu e que eles continuaram a fazer, entendeu? Eles, eles, eles fiscalizavam, pela amostragem, naturalmente, se o sal de cozinha estava tendo a quantidade de iodo necessária e fizeram avaliação também, entendeu? Agora, isso já passou pra outro órgão. Eu não tomei mais conhecimento porque eu

já estava em outra. Tava aqui... tava... eu já estava aqui, olha... ... (barulho de folhas passando)
Já estava aqui em outra pesquisa: “Pesquisa sobre o desenvolvimento ponderal e estatural dos escolares”.

AA - Desenvolvimento como? desenvolvimento...

WS - Ponderal...

AA - ...ponderal...

WS - ...e estatural...

AA - ...e estatural.

WS - É, peso e altura...

AA - ...peso e medida, e altura...

WS - ...peso e altura, não é? Então nós fizemos isso, entendeu? estabelecemos as diretrizes, fizemos as instruções, ensinando a pesar, como devia ser pesado o escolar, se menina, se menino, não é? o tipo de roupa, a, a amostragem da roupa para tirar uma média, entendeu? os tipos de balança, o... o cuidado com a tara da balança, depois de um certo número tem a necessidade de regular a balança, entendeu? também a medir estatura, que não tinha, não tinha problema porque já havia a metragem estabelecida, não é? através da haste, né? e a amostragem no colégio de acordo com a estatística; não podia escolher os mais bonitos, nem os mais gordos e tal, né? Estatisticamente foi estabelecido, foi estabelecida a regra...

WH - Também foi feita com cooperação do IBGE, esse trabalho?

WS - Não, não, esse não. Esse foi... eu já era doutor em estatística nessa época (ri)

WH - Ah! tá.

AA - E como é que era isso... no Estado do Rio, no Rio de Janeiro, na capital, eu entendo, agora como é que era isso, esses inquéritos nos estados do interior? as delegacias federais de saúde colaboravam? como é que era esse trabalho?

WS - Não, é... Justamente isso... quando nós chegamos lá na, na Divisão de Organização Sanitária, nós vamos tratar disso. A delegacia era um órgão de ligação entre o Ministério e o Estado. Então havia um grupo de técnicos na Delegacia Delegado e Grupo Técnico, entendeu? Esse grupo técnico, entendeu? estava mancomunado com o grupo técnico da Divisão de Organização Sanitária, onde estava a Seção de Nutrição. Então havia gente lá que também entendia de nutrição; então as coisas mais dadas como instrução para a delegacia, havia um técnico para é... comunicá-la ou fazer funcionar no estado.

AA - Para poder repassar...

WS - Pra repassar...

AA - ...e também trabalhar no....

WS - Perfeito. Então...

AA - ...inspecionando.

WS - ...pois é. De modo que quando a gente fazia e planejava um trabalho como esse de pesquisa, entendeu? tinha que dar toda, todo o detalhe, todas as informações, todas as normas, todas as diretrizes, naturalmente, para que o trabalho fosse uniforme, não é?

WH - Claro.

WS - Então nós fizemos, nós trabalhamos com cinco mil escolares: duzen..., 2378 do sexo masculino e 2622 do sexo feminino, em nove capitais brasileiras, entendeu? É... ... já disse que fiz técnica estatual, etc, né? depois então fizemos o relatório que está aqui Desenvolvimento ponderal e estatural...

AA - de escolares, né?

WS - De escolares.

AA - E também saiu reimpresso nos Arquivos de Higiene, né? em março de 49?

WS - Sim... porque o Arquivos de Higiene é um repositório de trabalhos técnicos do Ministério, entendeu?

AA - Hum... hum... é uma forma boa de divulgar, né? pros outros médicos, outros sanitaristas...

WS - É, é, é. E, além disso, nós tínhamos que é... apreciar todos os problemas de saúde... de alimentação e nutrição que vinham ter o Ministério da Saúde, porque era o único órgão do Ministério à época, que tratava de alimentação e nutrição era a Seção de Nutrição (?)

AA - Mas que tipo de problemas eram esses... por exemplo...

WS - Qualquer um, qualquer problema.

AA - Um questionamento a um tipo de produto...

WS - Por exemplo, por exemplo, é... no Mercado, no Mercado Municipal, entendeu? eh... estavam um... houve um incêndio, eh... porque o... o... vendedor de banana eh... fazia, fazia a... o... a banana amadurecer com um tipo de... forno eh... de eletricidade. Então, um curto-circuito (ri) pegou fogo na coisa e tal etc. Este problema é (?). Então a gente tinha que ir lá verificar; não por causa do incêndio, mas o... a maneira com que eles estavam tratando a banana, entendeu? E... é...

AA - E pra esse trabalho todo, essa equipe era grande, né?

WS - Hein?

AA - essa equipe era grande?

WS - Não, que nada, não era muito não.

AA - Tem pessoas que o senhor destacaria, tem alguma pessoa que...

WS - Não, não, sim..., mas é... não passava de, de meia dúzia de pessoas, entendeu? pra atender todos esses problemas. Inclusive, é... no... lá no... na Universidade Rural...

Fita 8 – Lado A

WH - O senhor dizia que na Rural houve...

WS - Na Universi... (interrupção da gravação)

WH - O senhor dizia que na universi...

WS - Na Universidade Rural... se não me engano, é no Km 47, não é?

WH - Hum, hum!

WS - É... houve uma intoxicação coletiva, entendeu? Os estudantes lá éh... foram intoxicados e houve uma grita, os jornais da época éh...

AA - Noticiaram isso com grande...

WS - Noticiaram escandalosamente e tal... então nós tivemos que ir pra lá e verificar, entendeu? E verificamos uma coisa interessante: que éh... (campanha do telefone) a geladeira, a geladeira se, se interrompesse no sábado éh... só na segunda-feira que ela ia ter, ela ia ser ligada (ri).

AA - Então, quer dizer, a geladeira podia ficar sem funcionar sábado e domingo, os alimentos então... (voz ao fundo falando ao telefone)

WS - O alimento, os alimentos que tavam lá... Que isso, aliás, uma ocasião também aconteceu no Instituto Oswaldo Cruz e... e... houve um grande estrago de material, de vacina etc, mas de uma maneira éh... diferente. É que (campanha do telefone novamente) aquela área, era antigamente, de... de entulho. Todo o lixo era levado para a Baixada ... e havia muito urubu, entendeu? na área. Então o urubu ia lá no... pousava no... no... no fio e abria a asa e dava um curto-circuito (ri) até que a geladeira, a geladeira pifava...

WH - ...pifava

WS - Entendeu? E, como fim de semana geralmente não tem ninguém, entendeu? Só segunda-feira...

AA - ...só ia se descobrir na segunda-feira

WS - ...descobrir o negócio era... Era coisa desse... desse tipo que muitas vezes acontecia... e de maneir, e outros de uma maneira geral, não é?

AA - Quer dizer, esse tipo de fiscalização, de atendimento a esse tipo de demanda era comum, tanto de faculdade, como de... escola, problemas com alimentação também, se algum tipo de produto podia ser questionado vocês avaliavam. Quer dizer, vocês tinham ou um laboratório bromatológico ou eram ligados a algum laboratório?

WS - É... é... é... (falas superpostas) Nós tínhamos um laboratório bromatológico que era federal, né? Então...

WH - Era da Seção?

WS - É.

AA - Era da Seção de Nutrição.

WS - Porque, note bem... note bem: naquele tempo havia, o que havia aqui era federal, a administração era federal, entendeu? De modo que, tudo que acontecesse aqui, era com o serviço federal, entendeu? Agora, evidentemente, é do estado que faz, não é?

AA - Esse laboratório funcionava aonde?

WS - Hein?

AA - Esse laboratório...

WS - Ali na... ah! como é o nome daquela rua, Meu Deus!... ali na... ... perto da rua do Riachuelo...

AA - É perto da rua Resende, né? onde era o Centro...

WS - É... rua Resende.

AA - Ah! então era perto do Centro de Saúde...

WS - Não, é, hum... é justamente onde era, onde é o... o Posto número 1.

AA - O Posto número 1...

WS - de Higiene, não é mesmo?

AA - Ah! Tá.

WS - Ali também...

AA - ...funcionava o laboratório.

WS - ...funcionava o laboratório, né? laboratório bromatológico. (falas superpostas)

AA - E quem era o responsável na época, o senhor se recorda? Quem era o médico...

WS - Eu... éh... é, me recordo... não me recordo é o nome...

AA - Não, mas aí não tem problema, depois a gente...

WS - entendeu? Me recordo perfeitamente. Era um... era um... um nordestino tremendamente barulhento, sabe? É... muito interessante, muito...

AA - Mas barulhento e eficiente, ou só...

WS - Muito capaz, muito eficiente, muito eficiente. Esqueci o...

AA - Então tá, então o laboratório era subordinado diretamente à Seção de Nutrição?

WS - Não, não. O laboratório era subordinado à... à....

AA - À DOS?

WS - Nem à DOS, era... era subordinado ao Ministro, não é?

AA - Mas tinha um trabalho de integração...

WS - Era uma... era uma... é... era uma peça... uma peça da estrutura superior, não é?

AA - Sei...

WS - Agora... porque a DOS estava vinculada ao Departamento Nacional de Saúde. O Departamento Nacional, na época, corresponde ao Ministério hoje. Porque havia Departamento Nacional de Saúde, éh... chefiado pelo João Barros Barreto e Departamento Nacional de Educação do Edgar Renault.

AA - Certo...

WS - Então, eram dois ministros técnicos e um ministro político que ficava à distância.

AA - E o laboratório tava diretamente vinculado ao Ministro?

WS - É... Bom, além disso... como atribuição nós tínhamos a participação em tudo que acontecesse, no Brasil, no que tange à alimentação e nutrição, que é seminários, congressos, entendeu?

WH - Cursos?

WS - Cursos, entendeu? Então nós participávamos de tudo, entendeu? Houve, houve uma... uma... um congresso muito interessante em São Paulo, chamado Broma... é... como é? eh... Jornadas Bromatológicas, em que eu participei com o Dr. Oswaldo Lopes da Costa, representando o Ministério.

AA - Já que o senhor falou do Dr. Oswaldo Lopes da Costa, o senhor também botou referência no seu currículo pra gente, de uma comissão que elaborou um Código Nacional de Alimentação, em 47, em que o senhor partici, o senhor foi indicado junto com Oswaldo Costa pra participar dessa comissão.

WS - É... é, pois é... é...

AA - Esse Código Nacional de Alimentação, qual foi o resultado dessa comissão? (falas superpostas)

WS - Pois é, essa Jornada Bromatológica tratou de tudo isso.

AA - Nessa Jornada Bromatológica é que saiu essa comissão?

WS - É, é.

AA - Vocês fizeram algum projeto? Esse projeto teve...

WS - É, é.

AA - ...resultado concreto? (falas superpostas)

WS - Foi preparado um projeto, entendeu? Esse projeto foi... foi mandado pelo Ministério... foi mandado ao Congresso Nacional, tá entendendo? E... e saiu o Código, há um Código Nacional de Alimentação, entendeu? Eu também tenho, mas não...

AA - Do que o senhor relembra, as diretrizes principais desse código, quais seriam?

WS - (barulho de buzinas de carro) Bom, o có..., esse código é que realmente estabelece uma política de... de... controle no sentido, entendeu? de, da alimentação, porque é no código que estão estabelecidos os padrões (grande barulho de buzinas) para os diversos tipos de produtos alimentares, entendeu? produz a... é... trata da... da parte... da parte de preparo de pessoal... a parte de higiene, a parte de... éh...

AA - Higiene tanto na produção dos alimentos como na comercialização também?

WS - Tudo, tudo, desde a produção até o consumo, entendeu? Então, é um... é um conjunto de... de... princípios e de normas, entendeu? que são indispensáveis a qualquer país. Todo país tem o seu código de alimentação, entendeu? E é um código internacional, entendeu? Geralmente, dentro desse código internacional é... para, para... definir, para definição, para modificação, para acréscimo de... de... assuntos ligados à alimentação, então há reunião do código de alimentação é... nos Estados Unidos. Geralmente é lá que é feita essa reunião, e nós participamos de, pelo menos eu participei de três, entendeu? é... essas reuniões internacionais.

WH - E essas reuniões era para decidir alguma coisa?

WS - É, era... era decisiva, de modificação, de...introdução... por exemplo, houve um assunto que era de grande importância para mim como brasileiro. Esse assunto foi levado pelo... pelo... Tchama, né?

WH - Pelo?

WS - Tchama, o chefe de... uh... uh...presidente do grupo que estava reunido, né? americano... Então, o assunto era a produção de... éh... rãs.

WH - De?

WS - Rãs.

BG- Rãs.

WS - Rãs. Rãs. (falas superpostas). Então, havia uns dois ou três países que faziam isso e eles estavam procurando incentivar... e eu... eu achei que o Brasil tinha um possibilidades imensas para isso, entendeu? Mas... eu não tinha credencial para... para... eh... oferecer, ou por outra, para me comprometo, pra comprometer o Brasil, entendeu? porque não ia... não... não ia... essa... a solução não era minha.

AA - Não dependia do senhor?

WS - Então, no meu... é, no meu relatório então (barulho de buzinas de carro), eu assinali isso. Então o, um relatório ficava com o diretor, não é? do... Departamento Nacional de Saúde e o outro Departamento, e outro relatório ia pro Itamarati, entendeu? Então assinali isso, que infelizmente eu não podia, não pude éh... intervir no sentido de incluir o Brasil entre o, entre o, os países que tivessem, que tinham possibilidade pra desenvolver esse tipo de atividade, entendeu? mas que... que havia tempo, não é? se o Brasil estivesse interessado, entendeu? através do Itamarati, não é?

AA - E o senhor participava dessas reuniões como representante do Ministério da Saúde, né?

WS - do Ministério da Saúde.

AA - E a indicação normalmente saia do DOS

WS - Não, não.

AA - Era pelo senhor ser chefe da Seção de Nutrição?

WS - Não...

AA - Como é que o senhor era indicado? (falas superpostas)

WS - É indicação do Ministro, não é?

AA - do Ministro, diretamente, né?

WS - Porque... se chegava ao Ministro, porque... a Divisão de Organização Sanitária tinha um diretor, esse diretor estava subordinado ao diretor do Departamento Nacional de Saúde, não é mesmo? cujo diretor estava ligado ao Ministro. De maneira que... uma indicação de baixo, em escada para cima, não é? de maneira que eu tive oportunidade de, pelo menos umas três vezes, que eu participava dessas reuniões que eram muito interessantes...

AA - Eram promovidas por alguma organização específica, a Organização Mundial de Saúde? (muita buzina de carros)

WS - Pois é, era do Código, do Código Nacional de Alimentação.

AA - Pois é, mas... o Código Internacional...

WS - Internacional.

AA - ...estava ligado à Organização Mundial de Saúde? (falas superpostas)

WS - É... é... ligado ao...

AA - Era como se fosse um comitê da Organização Mundial de Saúde?

WS - É... é ... um comitê... é.... E ele então convidava os países, né?

AA - hum... hum... os países que faziam parte...

WS - ...e cada país indicava o seu representante, né?

AA - Representante.

WH - Eu ia até lhe perguntar, dr. Walter, esse código nacional que o senhor elaborou, o senhor e o Walter Costa, não é?

WS - Não, não, não, não fomo... esse, esse... código...

WH - O nacional, agora, que a gente tá conversando...

WS - ...é... é...

WH - O Código Nacional de Alimentação... (falas superpostas)

WS - (?) nacional, esse código teve muitos autores, ele... é... ele recebeu... recebia... é... é... a participação, não é? de... técnicos...é... (o relógio bate as horas) de São Paulo principalmente, que tava, que era muito interessado nisso, não é? tendo em vista a... o... o volume de indústria de alimentação de São Paulo, não é? É... daqui do Rio de Janeiro, de Minas, não é? Rio Grande do Sul, entendeu? quer dizer, esse código é... é um conjunto de normas que foram éh... sendo cada vez mais aperfeiçoadas através de reuniões, entendeu? de grupos técnicos, entendeu? que éh... durante alguns anos, entendeu? cuidaram de... do assunto, entendeu? De modo que, não se pode dizer que foi de uma pessoa ou de outra, foi... uns técnicos interessados, dos órgãos interessados nesta... questão que é de grande interesse por causa da parte econômica, que... que... representa, né?

WH - O senhor não teve problema, nessa época, com empresas...

WS - ...não, não.

WH - ...que pudessem...

WS - Não...

WH - ...eventualmente pressionar para que certas...

WS - ...não, não, não.

WH - ...normas não fossem...

WS - Não... vamos ver quando nós chegarmos na comissão nacional...

WH - Hum, hum.

WS - ...de ... de... da comissão de normas e padrões, nós vamos discutir isso, entendeu? pressão de indústria etc e tal. Vamos discutir isso, porque eu era presidente desse... dessa... dessa... comissão.

AA - O Instituto de Nutrição, nesse momento, já... já existia, né? o Instituto Nacional de Nutrição?

WS - O ins, ins...

AA - Quem que era esse Instituto de Nutrição que havia nessa época?

WS - Espera aí, deixe eu... eu... tenho... eu fiz aqui... (interrupção na gravação)

WH - Pode começar: o Instituto de Nutrição...

WS - Da, da Universidade do Brasil... ela nasceu... do Instituto técnico que havia mantido pelas indústrias do Rio. Funcionava naquele prédio da... Avenida Central, perto do Obelisco... e... era subordinado ao Josué de Castro.

AA - Ao Josué de Castro?

WS - Ele que era o chefe desse é... instituto técnico.

WH - Era o... Serviço Central de Alimentação?

WS - Hein?

WH - Serviço Central de Alimentação?

WS - Não era serviço central, não. Era Serviço Técnico de Alimentação

WH - Hum, hum.

WS - Entendeu? E... (intenso barulho de buzinas)

WH - Era financiado por...

WS - Pelas indústrias.

WH - Ah! porque a gente tem referência do Josué de Castro, como diretor de um Serviço Central de Alimentação, que era financiado pelo IAPI, é o... instituto dos industriários, né?

WS - Não, isso aqui, isso aí era o SAPS

WH - Não...

WS - Eu sei que tinha o SAPS... porque...

WH - Não... não, ainda não era... o SAPS eu acho que é um pouco depois, né?

AA - Foi o que depois virou o SAPS, talvez...

WS - não... não...

AA - ...porque o SAPS juntava previdência com todos... já era um momento que reunia todos os institutos...

WS - É... é... os institutos, é...

AA - né? Esse aí deve ter sido um... um primeiro, feito só pelos industriários, talvez...

WS - É... é... é...

AA - Mas esse instituto não, ele tinha um outro caráter: ele era...

WS - Esse caráter é... o... eh...

AA - ...era técnico, financiado...

WS - era instituto técnico, não sei se ele tinha esse nome aí..., mas, quando... quando eu travei conhecimento com... com ele, com Josué, era técnico, tinha a palavra técnico, entendeu? Bom, esse instituto depois, entendeu? é que foi oferecido pelo Josué à Universidade, para fazer o Instituto de Nutrição na Universidade do Brasil. Ele levou todo esse acervo pra lá, entendeu?

WH - Claro...

WS - Tá. Então... o diretor era o professor Josué de Castro; pessoal técnico, à época, Italo Matoso, Clementino Fraga Filho, Pedro Borges, José Maria Chaves, Emílio, Emília Peknic e Rubens Siqueira. Essa Emília Peknic era realmente a... a pessoa de maior capacidade técnica do... desses... ela que fazia todas as pesquisas. E foi ela que examinou aquele sal, aquela planta que eu trouxe...

AA - A quacsa que o senhor trouxe...lá da Finlândia.

WS - ...para... para... pesquisar a composição e ela achou uma quantidade razoável de... de iodo, entendeu? Eu procurei, mas não achei aí, porque tá publicado no boletim aí da... da comissão da...

AA - campanha contra o bócio?

WS - Não, não, não. Era do... era do... Instituto de Nutrição. O Instituto de Nutrição tem uma... tem uma... uma...

WH - Revista?

WS - Não. Tem um... um... um boletim técnico, entendeu? que publicou coisas muito interessantes, não só brasileiras como... como de outros países, né? Então, tá tudo publicado nessa... eu tenho alguns, eu tenho alguns desses boletins... tá aqui...

WH - Agora, o Pedro Borges também trabalhava na Seção de Nutrição, não é? Trabalhou com o senhor em vários inquéritos, né?

WS - Não, não... o... Pedro Borges era funcionário do Ministério da Educação... mas como ele era também muito interessado em alimentação e nutrição, eu pedi ao meu diretor para contratá-lo, para trabalhar comigo. Então, ele passou a trabalhar comigo, entendeu? na Seção de Nutrição.

WH - Ele foi transferido?

WS - Não, ele foi... ele foi emprestado, entendeu? Não só trabalhou na Seção de Nutrição comigo, como também na Comissão Nacional de Alimentação.

AA - Hum, hum.

WH - Ele era formado em que, o Pedro Borges?

WS - Hein?

WH - Pedro Borges era...

WS - Era médico.

WH - Era médico, também?

WS - Médico, é. Era médico também.

WH - E ele também era do Instituto de Nutrição, né?

WS - Era...era...

WH - O senhor tinha muito conta...

WS - E ele passou, tinha muito contato...

WH - Quer dizer, o senhor então conheceu o Josué de Castro, pessoalmente?

WS - Muito, muito... muito, muito...

WH - Podia falar um pouco dele, desse Instituto?

WS - Hein? Hein?

WH - Se o senhor podia falar um pouco do professor Josué de Castro e desse instituto, que tipo de trabalho ele desenvolvia lá...

WS - Eu... eu... o Josué de Castro era uma dessas pessoas de muita inteligência, sabe? Um orador extraordinário, ele convencia com facilidade a qualquer pessoa, entendeu? ele tinha argumentos... éh... aqui ninguém, no momento, era difícil encontrar alguém que pudesse contrapor aos argumentos dele, falava bonito, com um português extraordinário, entendeu? Era uma simpatia, era perigoso o Josué de Castro, era perigoso, ele...

AA - Convencia a qualquer um de qualquer coisa (ri).

WS - É... extraordinário... A ponto de eu pensar - meu pensamento apenas, tá? se ele tivesse um corpo técnico, capaz de lhe dar eh... os elementos científicos de que ele necessitava para... éh... tratar de algum assunto, ele ia às nuvens. Infelizmente, ele não tinha, entendeu? não tinha um grupo técnico capaz de, de... servir com eficiência aquelas, aqueles vãos que ele dava.

AA - E não tinha por que? Por falta de condições da própria universidade, por falta de interesse do ministério?

WS - Não... Como eu disse, éh... praticamente foi Josué que desenvolveu essa questão de alimentação e nutrição, entendeu? Ele que fez o barulho, ele que propagou, ele que impulsionou, entendeu? De modo que, não havia muita gente interessado... eu mesmo recrimino o Ministério, porque durante muito tempo eu lutei sozinho para convencer o Ministério que nutrição... é a maior arma... de... proteção à saúde... O ministério nunca deu muito valor a isso, não dava nenhum valor, entendeu? Então, eu levei o Josué uma ocasião para o Ministério, pra fazer um grupo... pra... para... para (barulho de freitada de carro) debater assunto de nutrição dentro do Ministério. Mas a ressonância era muito pequena, entendeu? De modo que, não admira que ele não tivesse corpo técnico. Essa Emília ela... polonesa, era extraordinária, entendeu? E foi um elemento que o Josué conseguiu éh... éh... contratar, não é? De modo que, daí eu dizer que, se o Josué tivesse realmente um grupo técnico... capaz de lhe dar os elementos científicos para tratar de determinados assuntos, ele... ele ia à Lua. Porque ele escreveu, por exemplo, sobre Amazônia naquele eh... da... num dos livros dele, se é Alimentação no Brasil ou Geopolítica da Fome, uma coisa assim... não sei qual deles. Eu tenho aí o livro. Parece que ele foi lá, que ele examinou; ele nunca foi lá. Mas o que ele diz ali é verdade, entendeu? O que ele fala sobre a influência da alimentação, por exemplo, na... (intenso barulho de buzinas) na... na... América Central, entendeu? população de algumas ilhas, entendeu? É verdade, entendeu? Ele nunca foi lá. De modo que, eu tenho uma admiração muito grande pelo Josué (intenso barulho de buzinas e sirene) ... Por ocasião, ocasião em que éh... quiseram fazer uma, prestar uma homenagem ao Josué, em Pernambuco, - ele era de Pernambuco, não é? há pouco tempo, e um colega me escreveu perguntando se eu podia contribuir. Eu escrevi também alguma coisa, não sei se... nem sei onde publicaram isso, entendeu? Porque eu tive um contato com ele: um contato bastante... demorado, não é? Mas ele era muito combatido também. Em Pernambuco ele era muito combatido, justamente por isso. Porque... ele extrapolava, entendeu?

WH - Como assim? Eu não entendi.

WS - Ele concluía coisas, entendeu? que... éh... precisavam, precisavam bases científicas para... para... provar, entendeu? Ele escreveu um livro - não sei qual deles- e pediu a um... desses nutrólogos, acho que da Argentina... Tá bom? (murmúrio) para, para fazer a introdução e ele não fez, não fez, ficou com medo, entendeu?

AA - Com medo pelo conteúdo do livro?

WS - É... ficou com medo. Muito avançado, entendeu? Ele via longe, entendeu? ele... e muitas vezes sem os elementos que pudessem convencer a gente, não é? Porque o que ele dizia, como eu disse, a respeito do Amazônia, o que ele escreveu é verdade, mas ele nunca foi lá, entendeu? Estudava muito, fazia pesquisa etc; mas nunca foi lá.

WH - Ele era um homem de esquerda, o...?

WS - Era; era um homem de esquerda, é... é de esquerda. Ele foi, o Josué, foi o... o... o homem que introduziu a palavra fome, entendeu? na FAO, que é a Organização Internacional para Alimentos. A FAO nunca tinha falado em fome, era... fome para a FAO era tabu.

Fita 8 - Lado B

WS - ...Era tabu! No entretanto ele foi pra lá, entendeu? Foi, foi nomeado... O quê? Não me recorde... Ele foi nomeado...

AA - Uma espécie de perito, alguma coisa assim...?

WS - Não, perito não! Era, era o chefe. Era chefe. ... Não me recorde se foi da FAO mesmo ou de uma... ou de um departamento. Eu sei que ele juntou, ele conseguiu juntar toda...toda a... aquela, aqueles países marginalizados no que diz respeito à alimentação. Tanto que, pesou tremendamente nas, nas... é, determinações da FAO. Mudou completamente a direção do raciocínio que até então se vinha fazendo na FAO.

AA - Por isso diferentes propostas, diferentes organizações, né?

WS - É. É. Completamente... (buzinas) Pro lado da esquerda. Proo lado da esquerda! Entendeu? Quer dizer, ele era um elemento de esquerda mesmo, né? Foi deputado... E por isso mesmo ele foi exilado, né? Ele morreu na França, né? Hoje, estão procurando inclusive, fazer uma homenagem a ele. Eu li esses dias no jornal, né? Estão ressuscitando. Porque esses homens que têm a capacidade de visualizar ... o, o futuro social... numa determinada época, esses homens sofrem também muito, porque o número daqueles que têm preguiça mental ou não têm capacidade mental para pensar, esses fazem uma pressão muito grande contra aqueles poucos que têm essa capacidade, né? E o Josué, era um desses homens, entendeu? Ele, ele via longe, entendeu? E fez um movimento muito grande aí, a ponto de chamar atenção para esses problemas (telefone) que hoje não há país nenhum que planeje qualquer programa de desenvolvimento que não fale em nutrição. É básico, entendeu? É isso que eu acho do Josué. (fica uma voz falando ao fundo, além de um barulho do trânsito durante todo o tempo)

WH - O sr. podia contar pra gente, dr. Walter, é... isso aí em seu trabalho junto com os índios?

WS - Ah, com...

AA - Fazia parte da campanha, né, contra o bócio?

WH - O meu trabalho, o meu trabalho inclusive, justamente foi na...na campanha do bócio. Eu procurei, antes de me sentar, dar... fazer as instruções... para o desenvolvimento do trabalho do bócio, eu procurei me transportar para os lugares mais difíceis, entendeu? Que era posteriormente para avaliar o que os outros colegas faziam, eu senti as dificuldades, entendeu?

Então, eu, eu me transportei para um local muito interessante, mas isolado, que é... que é chamado Goiás Velho, antiga capital de Goiás.

AA - Terra da Cora Coralina, né?

WS - É. Foi lá que eu encontrei esses... esses... (barulho de papel) bociosos... e todas as formas de bócio crônico, não é? Isso aqui foi...

AA - Formas diversas de bócios em adultos e...?

WS - É. A...a... aqui tem um grupo de cretinos, entendeu? ... Aqui oh... Aqui também. Esse, esse... era um rapaz de trinta anos.

WH - Esse aqui?

WS - É.

WH - Parece uma foto de um menino, né?

WS - É, coitado. É. De modo que...

AA - O que que é o cretinismo?

WS - O cretinino é, é uma forma adiantada de bócio, entendeu? Em que, é... a... a mente fica completamente atrofiada.

AA - Atrofiada, né?

WH - A mente e o corpo também, né?

WS - Hem? Sim. O corpo também. É. De maneira que é uma forma, é... é uma forma adiantada do bócio, compreendeu? E também me transportei para a Ilha do Bananal, entendeu? Aí é que eu tive um contato com os índios...

AA - Carajás, né?

WS - Carajás, entendeu? Porque ele tem uma rodela aqui. Carajás.

AA - Ah, ele tem o quê? Uma marca, eles se pintam?

WS - Eles pintam. Uma rodela em cada bochecha.

AA - Em cada bochecha.

WS - É. E aí eu vi coisas ext..., interessantíssimas. Porque a Ilha do Bananal, antes do Juscelino Kubitschek, era isolada. Poucas pessoas iam, importantes, iam lá, entendeu? O Getúlio eu acho que foi uma vez, é. Mas nessa época em que a...a... a ilha ainda era isolada, eu observei coisas

bastante interessantes. Primeiro, os carajás eram confinados ali na ilha. Ele, eles pouco avançavam fora da ilha, sobretudo atravessando o... o rio Araguaia, porque toda a vez que eles atravessavam o rio Araguaia os xavantes pegavam e massacravam, compreendeu? Então eles não iam. Ficavam... nos limites da ilha que tinha os elementos indispensáveis a sua sobrevivência. Inclusive, o governo fez uma fazenda de gado, entendeu? Havia uma produção de gado lá, né? Eles faziam as suas hortas de...de... mandioca. E, dentro do cabugí, que era a alimentação deles, eles já...já...já tinham incluído alimentos que os brancos... Por exemplo, o arroz, eles tinham incorporado o arroz. E mais, eles já estavam bebendo leite. Coisa que, evidentemente, eles não...não, não tinham. Leite de vaca no...no Brasil não existia porque as vacas, o gado leiteiro, o gado vacuum, veio de Portugal, da Ilha de madeira e etc, entendeu? E entrou, uma parte pelo Paraguai e a outra parte pela Bahia. E daí é que os bandeirantes levaram o gado através do Brasil, das marchas que eles faziam para o interior. Então, o carajá não tinha motivo nenhum pra incluir o leite na sua alimentação, não é? Mas eles... eu tenho uma fotografia, entendeu, aí daqui a pouco eu mostro. Em que os índios, de manhã cedo, iam buscar o leite como as donas de casa aí. Eles iam buscar leite num... Havia um lactário, entendeu? Eles iam buscar o leite pra... para tomar. Quer dizer, a introdução de uma alimenta..., de um produto que não era natural da sua alimentação, não é? E mais, mentalmente, carajás já estavam completamente contaminados das fraquezas do branco, entendeu? Ele, eles...eles apreciavam muito a cachaça, entendeu? Rapadura. Apareciam vendedores, canoa lá, vendendo coisa a eles. Por isso que os carajás não faziam nada sem dinheiro. Se você queria uma, uma festa. Queria, queria... focalizar uma festa de índio e etc, e pedia ao cacique pra montar essa festa pra ele, ele... se não desse dinheiro, ele...ele não fazia não, entendeu? Tudo por dinheiro. Porque ele precisava comprar a cachaça, comprar rapadura. E com isso, abuso de rapadura, de doce e tal, então os dentes dele, entendeu, quando chegava a adulto, já estavam como o dente, os dentes dos brancos, né? Já cheio de cáries, muitas vezes faltando dentes etc, não é? Coisa que nos xavantes n...n... nunca aconteceu.

AA - Mas será que os carajás, eles também estavam perdendo domínio nas terras. Tinha também...

WS - Não, não.

AA - ...algum processo de...

WS - Não, não, não.

AA - ...tirar eles do habitat. Quer dizer, também teve esse tipo de (?)?

WS - Não, não. Não. Ele tava lá sossegado. Não, não. A ilha era deles. Não tem nada. A ilha era... Havia o... o SPI, não é, com o médico, entendeu? Enfermeira.

AA - O SPI era o...?

WS - Serviço de Proteção aos Índios, não é? Lá, entendeu, e que dava toda a assistência a eles, não é? (relógio) Mas eles eram os donos da ilha. Tinha, tinha a sua...

AA - As suas atividades de subsistência permaneciam...

WS - Tudo, tudo... E, e conservavam o costume de andar nu. Os índios só botavam uma roupa quando iam, precisavam falar com um médico lá, uma coisa, tinham essa postura, não é, de botar roupa. Mas, logo que saíam, eles jog... tiravam a roupa e jogavam, jogavam na areia, né? E, é..., a maior parte do tempo eles estavam dentro d'água, né? De modo que o carajá tava meio degenerado, entendeu? Assim que eu cheguei lá, entendeu, fui levado para uma casa que era a casa onde os aviadores do Serviço de Correio Aéreo, do correio aéreo, o CAM, entendeu, fazia aquela linha, né, para articulação própria do Correio e quando e... eles chegavam tarde, eles não...não voavam, eles permaneciam nessa casa. Eu fiquei, mas eu estava chegando e botando meus trastezinhos lá num canto quando entrou um...um, um índio cego e guiado por uma índia. Então ele disse: “Quem é você?” “Eu sou Fulano.” “O que que você veio fazer aqui?” “Eu vim fazer isso, assim, assim...”

WH - O sr. foi fazer inquérito de bócio na população indígena.

WS - Bócio. É, é. Fui. É... “Você tem filhos?” “Quando é que você vai embora?” Queria saber tudo. Uma inquisição, entendeu? Esse índio tinha sido chefe, entendeu? Tinha ficado cego, tinha sido substituído, etc.

AA - Ele tinha sido cacique.

WS - Hem? Cacique, é. Mas eles tinham é..., eles tinham muito interesse em saber da vida da gente, entendeu? E sobretudo quanto tempo ia ficar lá, sabe, e se tinha trazido alguma coisa. É...é, depois, algumas vezes que ele esteve comigo, sempre dizia pra mim assim: “*Mon cher, mon cher* era muito bom. Ele deva chapéu, ele dava blusa, dava...” Assim como quem diz: “Você, o que... (ri) o que que você vai me dar?” Entendeu? *Mon cher* era um..., uma pessoa que eu não conheci, que parece que de vez em quando ia lá e levava presente pros índios e eles ficavam muito cativos por causa disso, entendeu? Mas eu travei conhecimento com um índio chamado Curixira, que era o timoneiro da Carajá, que era a lancha do SPI, entendeu? Porque o médico que ficava lá na ilha, também atendia os arredores, de modo que ele ia, entendeu, com a lancha. E o Curixira era o timoneiro porque ele conhecia toda a malandragem do rio. O rio Araguaia é cheio de correntezas e perigos, entendeu, e ele conhecia tudo isso, entendeu? Então, por isso ele era o... era o timoneiro, entendeu? Ele chamava essa, é... essa correnteza, essa coisa toda de “banzo”, “banzo do rio”. Mas ele era uma pessoa triste. Porque ele passava a maior parte do tempo lá na, na área do branco. No...no onde estava o... a sede do SPI, entendeu? Porque ele era o homem da... da lancha, né? Bom, quando vinha uma pessoa de fora, né, e... era motivo de conversação e coisa e etc, e então fazia-se referência ao timoneiro. “Como ele funciona bem. Como ele sabe as manhas do rio. Como ele é... é ativo e coisa.” Ele ficava todo... é... importante, né? Mas, esgotado esse assunto, entendeu, as pessoas começavam a tratar de coisas sérias, né, e ele ficava num cantinho lá e tal. Então ele ia para a taba, né? A área onde eles...eles moravam mesmo era separada. Não tinha separação não. Era mais longe, não é? E ele chegava lá, era mal recebido, porque ele era mais do outro lado, entendeu? Quando ele chegava na taba dele, entendeu, a mulher não recebia bem. Ele, oh! Sapecava a mulher, né? E dizem que, umas duas vezes, os parentes da mulher, pegaram o Curixira levaram lá para um pouquinho mais longe e deram uma sova nele tremenda, entendeu? Então ele voltava para o... o aconchego do branco, entendeu? Mas ele era triste e numa ocasião, eu estava lá, e nas barrancas do Araguaia, entendeu, eu me sentava e botava os pés assim pra perto do rio, não é?

Vendo o pessoal tomar banho, os índios tomando banho. Ele tava lá triste, tava sozinho. E eu então: “Ô Curixira! O que que houve? O que que você tá fazendo aí? Você aqui sozinho e tal.” Ele calado e eu insistindo: “Você não foi ver sua mulher? Você não foi ver seus amigos?” E ele olhando lá longe no horizonte. Ele diz: “Não tem mulher! Não tem menino!” Então a gente vê esse soluço, não é, represado e manifestado daquela maneira, por uma criatura que está no limite de civilizações, não é? Ele não é daqui nem dali, entendeu? E sofrendo essa situação tremenda, entendeu, de repulsa. Não é mesmo? Discrim...discriminado inteiramente dos dois lados, porque de um lado ele presta serviço, ele é endeusado em determinados momentos, mas depois é abandonado. Não é? Então...

AA - Quando ele é útil...

WS - Por outro lado, ele, ele é considerado do lado oposto, de maneira que a tristeza muito grande que eu vi nesse índio Curu... Curixira, sabe? E isso me... prendeu, me... me fez sofrer, porque é uma situação tão triste, não é? Pra uma criatura que, afinal de contas, ele não tem solução, não é? Ele não pode sair de lá! Não é? Ele não é bem vindo na casa dele. No outro lado ele não tem possibilidade de ficar.

WH - O sr. não viu mais ele...

WS - Hem?

WH - ...depois dessa, desse trabalho...?

WS - Não. Só durante a... Ah, bom! Esse... ele não sai de lá da... da... Não sai...

WH - O sr. não soube mais notícias dele?

WS - Não, não! Eu não tive... Só tive rela... só vi relatório do colega que eu tenho aí. Relatório de um colega que eu tenho lá, mas não trata disso não. De modo que... é, foi um negócio que me marcou.

AA - Nesse contato com...com os índios, eu digo, esse choque de civilizações, marcou o sr., né?

WS - É, é. Porque eu sempre, porque eu sempre gostei muito de índio, sabe? Eu acho que são criaturas que deviam ter mais amparo, mais... Não devia ser trazido pra civilização, para a nossa civilização não. Deixa ele na sua civilização. Com os seus hábitos...

AA - Respeitando os hábitos, né?

WS - É claro! Com seus deuses, com seus... manitós, né? E não, querer, é... empurrar para nossa civilização cheia de miséria, né? Cheia de defeitos e tal.

AA - Como é que o sr. via a atuação do SPI? O sr. acha que ele tinha esse caráter de proteção ao mesmo tempo de respeito ou ele também tinha um caráter de intromissão?

WS - Não. Naquele tempo, o tratamento de, do índio, ia dependendo da pessoa que fosse mandada pra lá, não é? Se fosse uma pessoa de boa índole e tal, etc, tinha um contato muito bom. Não é? Mas se fosse com outra pessoa de má índole, né, que já vinha com preconceito e tal. Preconceito americano por exemplo, pra índio e pra chinês, né, né? Seria uma coisa triste, né? Eu acho que não havia, não havia essa filosofia que o (?)...

WH - Não havia essa filosofia?...

WS - A filosofia de que o SPI é..., procuraria eh..., tirar o índio da, da, da... sua idade média para a civilização. Isso é uma desgraça, né? Mas havia muita gente que defendia isso. Porque por esses... pelo interior do Brasil, a gente encontra, encontrava uma porção de, de... de gente, estrangeiro e tal, entendeu? Muitas vezes não era do interesse do índio não, eles tavam, estavam “espionando” o interior do Brasil. Vi muito isso. O sujeito com rádio, coisa lá... entendeu? No seu cantozinho lá e tal. Tá lá, espiando, explorando o que há de riqueza pra declarar lá fora. Não é mesmo?

WH - Tinha muito bócio nessa área, dr. Walter?

WS - Não. Interessante isso. Ó, esse contato do carajá com um civilizado, adotando seus hábitos, inclusive usando sal. Índio usando sal. Eu fotografei um...um saco pendurado. Devo ter a fotografia disso, entendeu? Sal. Índio, o índio brasileiro não usava sal. Ele usava era uma lixívia impura, entendeu, ...

WH - Hum?

WS - Lixívia, é...

WH - Lixívia. É... Como é, traduzindo, um tipo de potássio, entendeu, que era derivada de ervas queimadas, entendeu? E, a comida que eles usavam, carne e que traziam também, naturalmente o sangue do bicho, o sal já tinha. Tinha, tinha sal. E depois o seguinte, o índio, não transpira. Primeiro porque e... ele se defende. Os movimentos dele são, não são movimentos bruscos. Por isso que chamam de malandro, que ele não gosta de trabalhar e coisa etc, não é? De modo que, ele pra pescar, pra caçar, ele não dispense esses esforços. Porque o que eh... origina essa necessidade de comer o sal que é a perda do sal. Nos trópicos, aqui no Rio por exemplo, com umidade, uma umidade relativa de 80% no ar, não é, um calor tremendo, a gente com roupa às vezes inadequada. Transpira, perde...perde pelo menos 10 gramas de sal por dia. Ah, o sal é necessário ao organismo! As trocas osmóticas não se fazem, não se fazem sem... sem o cloreto de sódio. Não é mesmo? Então, daí a necessidade de o sujeito então receber o sal na comida. Mas pra eles não havia necessidade disso! Tanto que não infuía na sua vitalidade, não é mesmo, no trabalho que eles realizam. O índio que eu conheço é um sujeito bem nutrido, entendeu? Forte, entendeu? E daí? Pra que, cloreto de sódio? Então não usavam cloreto de sódio. Usavam... vegetais que já têm sal, carnes de caça que já têm sal, entendeu? E não tinha essa necessidade sáptica, gosto de sal que nós precisamos sentir, não é? Você vai comer um negócio inosso, repugnante. Então... pra eles não, estão habituados a isso. Pois bem, então, esses índios, com essa tristeza de absorver hábitos dos brancos, eles também estavam com problema de bócio. Se não me engano, ele, eles tinham um índice de bócio semelhante a nós aqui no Rio.

WH - E era um índice baixo de qualquer forma, né?

WS - Cerca de 23%. Em escolares. E a propósito disso eu tive, inicialmente, muita discussão com pediatras. Que eles achavam que era um absurdo aqui no Rio e coisa... Olha, ...

Fita 9 - Lado A

WH - O sr. dizia dos escolares... Que o sr. tinha...

WS - Os escolares.

WH - ...os pediatras...

WS - É. Então eles diziam que era um absurdo se encontrar... eu não me recordo bem a...a incidência, deve ter um trabalho meu feito aí. Não me recordo mais porque depois que me aposentei eu não cuidei mais de coisa de saúde pública, porque eu estou lendo agora aquela, aquela literatura que eu nunca tinha lido e que tem um sabor especial pra mim agora na minha velhice. Então, esqueço tudo.

WH - Que literatura é essa, dr. Walter?

WS - Hem?

WH - Qual?

WS - As grandes literaturas mundiais! As grandes...

WH - Ah, tá!

AA - Ele antes tinha que ler só medicina. Agora o sr. pode...

WS - É, só medicina. Agora não. Agora não quero saber nada de medicina, né? Daí você vê que eu não tenho nem, nem os meus trabalhos eu, eu sei onde estão. (ri) Entendeu? Então,...

AA - Os médicos discordavam desse índice...

WS - Discordavam desse índice porque diziam que eu...

AA - Mas o sr. ...

WS - ...porque diziam que era... e coisa... Eu digo: “Olha, a água não é daqui. Vem da, vem das regiões onde há carência de cloreto de sódio. O... a comida não...não vem daqui. O leite não vem daqui a verdura não vem daqui. Vem de São Paulo, vem de Minas.” Regiões de bócio! (sirenes e buzinas)

AA - Vão até pra Baixada, né?

WS - Hem?

AA - Que era uma região de bócio também.

WS - Não, não, não. Baixa... Na Baixada eu não fiz pesquisa. Mas não acho que...

AA - Não tinha muito índice.

WS - ...Não acho que, não sei. Porque a Baixada... Bom! Naquele tempo tinha menos, havia muito gen..., havia pouca gente. Mas eu pesquisei em escolas aqui, entendeu? Por perto, né? Amostragem daqui. Gente que vem de outros lugares, do subúrbio e tal e etc. E então, foi o..., então eu disse: “Olha, não tem nada que...que achar esquisito de que nós, que...que aqui exista uma incidência de bócio, entendeu, dessa, desse nível, porque afinal de contas, nada que a gente bebe ou come é daqui. É tudo de regiões bocígenas.” Não é? Então não tem nada que se admirar por causa disso. E eles lá, calaram a boca, né? Mas os índios lá, os carajás, tinham a mesma coisa. Agora, você diz assim: “Não, mas aquela é uma região bocígena.” Eu digo: “Não é.” Engraçado, xavante não tem. (buzinas) Índio não tem. Índio, índio que se preza não tem bócio. Entendeu? Xavante não tem bócio nenhum. E vive onde? Vive lá naquela área do...do Rio das Mortes, entendeu, que afinal de contas é uma área do Planalto Central. É um passo que da Colônia... Isabel, que fica no continente, perto da ilha do Bananal, entendeu, tem a população branca degenerada. Você tem bócio. Você tem cretinismo. Entendeu? Como é que se explica isso? A não ser pelos hábitos. Não é mesmo? Os hábitos alimentares. Não é mesmo? Que eu i... Então descobri a...aquela, aquela coisa por acaso, não é, que uma...

AA - O sr. tá fazendo referência àquela planta aquática.

WS - Aquela planta aquática que, que dava uma quantidade de iodo, entendeu, capaz até de justificar, entendeu, a...a... a falta de, de... de, de bócio e...em índios, entendeu? Índio que não esteve em contato freqüente com os hábitos nossos e etc, né? No Xingu eu não fiz pelo seguinte, porque era...era...era tudo gente já velha, madura e tal, e eu fiquei muito pouco tempo lá. Entendeu? Por causa do avião, porque eu ia... tinha que depender do, do transporte, né, Carajá. De maneira que, é... em tese índio não tem bócio. A não ser o carajá.

AA - Quando tem dá pra tentar procurar os hábitos alimentares pra poder explicar.

WS - Os hábitos é que vão explicar. Não sei se tem mais alguma coisa sobre isso. (barulho de papel)

WH - Vamos parar por hoje?

Data: 18/07/1995

Fita 9 - Lado B

WH - Bom, hoje estamos começando a 5ª entrevista com o dr. Walter Silva. É dia 18 de julho de 1995. Estamos presentes sempre: a Ana Almeida, é... Wanda Hamilton e Beatriz Guimarães. É, dr. Walter, hoje a gente pensou... falar um pouco sobre... o fim do Estado Novo. Né? Todo esse momento do fim do Governo Vargas, é... o sr. tava trabalhando nessa época na Seção de Nutrição. É, como é que o sr. sentiu toda essa movimentação política da redemocratização, da queda do Vargas e da redemocratização?

WS - Olha, pelo, pelo tempo que eu já vivi, evidentemente que é... eu colhi alguma experiência não só no campo cotidiano da minha vida particular como também no campo político. Ninguém pode fugir disso. De modo que no período do presidente Vargas, tanto na fase em que se intitula de ditadura como na fase democrática em que ele foi eleito, eu particularmente não senti essas diferenças. Porque meu âmbito de atividade se restringia a minha vida profissional, né? Técnica, obedecendo às determinações regulamentares específicas do meu campo de trabalho, entendeu, eu não estava me preocupando com o... o diri... a... a direção que a política tomaria. Isto é, os debates entre esquerdas e direitas e sobretudo, o aumento da força comunista e as lutas empreendidas para chegar ao governo. Essa parte nunca influenciou nas minhas atividades, porque eu...

WH - O sr. nunca chegou a se filiar a algum partido...?

WS - Nunca, nunca. Eu fiz questão de nunca, nunca fazer isto. Apesar de que, em determinado momento da história política do país, compreendeu, houve uma tentativa de forçar ao funcionário se decidir por determinados partidos...

WH - Quando foi isso, dr. Walter?

WS - Hem?

WH - Quando foi isso?

WS - Nós recebemos... Eu, eu... como já disse diversas vezes, eu não tenho memória de datas, entendeu? Evidentemente isso foi no período ainda do, do presidente Getúlio Vargas, entendeu? Houve então, uma distribuição de formulários para que o... o funcionário se declarasse desse ou daquele partido que ele escolhesse e tal, etc. Mas, comigo, a coisa não surtiu efeito pelo seguinte, porque eu desconhecia completamente, simplesmente não... não levei em conta essa...

WH - E não preencheu o formulário.

WS - Não preenchi o formulário. Pode ser que outros funcionários estivessem interessados, mas eu, eu particularmente, não. Nunca me fili... me filiei a partido e nunca farei isto. Pela experiência que eu tive na vida, que hoje um partido tem determinados princípios e com o

decorrer do tempo esses princípios já não valem mais. Eles tomam outro rumo de acordo com a... o interesse de grupos. E eu como não me... a..., não me aderi a... a grupo nenhum, compreende, sempre fiquei no meu modesto posto de atividade, eu nunca participei dessa coisa partidária. Apenas cumpri o meu dever. E eu acho que isto foi uma boa idéia, porque apesar de eu nunca ter pleiteado é... chefias, porque as chefias eu considero sempre posto de sacrifício, compreendeu, eu nunca deixei de ser chefe. Passei a minha vida toda funcional sempre chefe de alguma coisa ou chefe de várias coisas ao mesmo tempo. E com isso muito eu perdi no que diz respeito ao direito ao lazer. Muitas férias eu deixei de gozar porque fi...fiquei com pena do meu diretor, porque ele acabaria ficando sozinho, porque cada qual cuidando dos seus interesses... e ele com a obrigação de sustentar o seu... a sua autoridade e cumprir a sua obrigação, então, ele tinha que sacrificar. Então, eu muitas vezes perdi os períodos de férias que depois nunca mais me...

WH - Recuperou.

WS - ...recuperei.

WH - Agora, o sr. falou, dr. Walter, que... quer dizer, o sr. não muito eh... ligado, preocupado com essas mudanças políticas porque o sr. tava trabalhando no Ministério...

WS - Sim, sim.

WH - Enfim, como chefe. O sr. já era chefe da Seção de Nutrição, né?

WS - Já era chefe. É.

WH - Agora, dentro Ministério, né, como é que se viveu essa passagem do governo do Getúlio para um governo democrático, eleições. É... o sr. notou mudanças de comportamento, mudança de ministro, mudança de linha política dentro do Ministério?

WS - Olha, eu posso lhe dizer uma coisa importante. Foi o seguinte, enquanto o Ministério era Ministério de Educação e Saúde e, havia um ministro político e dois sub-ministros técnicos: Barros Barreto como ministro técnico da Saúde, chefiando o Departamento Nacional de Saúde, e o Edgar Renault diretor do Departamento Nacional de Educação, entendeu? O Ministério vivia muito, muito bem dentro da sua trajetória, dentro da... da... das suas metas. Por quê? Porque o ministro político... (telefone) dependia, naturalmente, da ação dos setores técnicos e eles geralmente, sentiam isso e obedeciam. Um ministro recebia lá da Bahia por exemplo, um pedido político. Era um médico que era apadrinhado lá e do partido "x", e que exercia uma influência muito grande no campo eleitoral, então ele queria ser o chefe do cen... de uma unidade sanitária. Isto vinha ao ministro. O ministro chamava o Barros Barreto. O Barros Barreto examinava a questão e argumentava com ele: "Olha, a linha do Ministério para que, as atividades do Ministério seja eficiente e possam realmente auxiliar os estados, é preciso que aja um rigor na obediência de determinados princípios. E um dos princípios nossos é o seguinte, quem pode chefiar unidades sanitárias é o sanitarista. Que é de tempo integral. Ele não pode ter consultório. Não pode exercer outras atividades a não ser aquelas que são relativas ao seu posto e evidentemente esse médico é um radiologista. Ele não vai deixar de ser, de exercer a sua função de radiologista, pra estar 24 horas lá, não é, com atenção voltada para os problemas de,

da...da área em que está a unidade sanitária. Isso vai prejudicar o estado. E vai, e vai quebrar também um...um princípio básico estabelecido no seu Ministério.” Entendeu? Providenciar, encontrar uma outra solução que se poderá estudar e coisa e etc. E assim o ministro tinha argumentos para levar até o seu estado, não atendendo, pelo menos da maneira eh... requerida, não é, esse pedido. Compreendeu?

WH - Claro.

WS - Pois bem, quando o Ministério passou a ser Ministério da Saúde, o nível baixou tremendamente. Por quê? Porque os ministros são políticos. O...o médico que procura ser ministro, é político! Então, sendo ele político, ele fica ilhado nessa cadeia tremenda de procura de votos. Fica muito preso ao eleitorado dele. E no Brasil a gente sabe perfeitamente, que o prêmio para angariar votos é emprego. Então, a tendência é procurar no Ministério, aqueles postos de gratificação maiores. Que é pra botar, tirar aqueles que estão, geralmente técnicos, pra botar afilhados políticos que não entende coisa nenhuma daquele setor que ele deveria comandar. Então baixou tremendamente.

WH - Depois da criação do Ministério.

WS - Depois da criação do Ministério. O ministro ficou muito ligado ao campo de atividade do Ministério, entendeu, sem ter os conhecimentos necessários para comandar. E tanto isso é verdade, que o período de permanência de cada ministro no Ministério da Saúde depois que foi criado, é mais ou menos um ano. Por quê? Porque é um posto de...é, é... posto trampolim, entendeu? Ele tem aquela, aquele posto visando sair dali para outra posição, como governador do estado, entendeu? Como candidato a Presidente da República. Enfim, coisas dessa natureza. Isso não se coaduna com atividades técnicas que devem ter uma continuidade dentro de um plano e programações lógicas, entendeu? E essenciais. Hoje o Ministério da Saúde está desse jeito que nós podemos avaliar pelo que os jornais dizem deles. E pior! Depois que o Inamps passou para o Ministério, o Ministério não sai das colunas policiais dos jornais. Só se fala em corrupção, coisa que outrora nem se pensava que pudesse existir. De modo que eu acho que, nesse particular, a influência da política no Ministério, foi muito muito agressiva depois que o Ministério da Saúde tornou-se eh... Ministério da Saúde, quer dizer, desmembrou-se da Educação.

WH - Agora, o sr. acompanhou, dr. Walter, todo esse processo...

WS - Acompanhei.

WH - ...esses debates pra, pra separar o Ministério...? Começam na constituinte já, né?

WS - Sim. Bom! Nesse particular, eu não posso lhe dizer muita coisa. Porque eu estava, estava cá muito embaixo e como sempre aconteceu, eu sou muito é..., apegado... aos meus deveres. De modo que, eu não tinha tempo para estar cogitando de setores acima daquele em que eu devia atuar, entendeu? E sobre...

WH - Mas o sr. não se envolveu...

WS - Sobretudo porque eu não era político. Não. E sobretudo porque eu nunca fui político e nunca participei de política partidária.

WH - Então o sr. não se envolveu nessa, nesse debate de criação do Ministério. Porque ele começou em 46, mas o ministério foi criado só em 53, né?

WS - Sim. Foi. É. Eu nun...nunca...

WH - Demorou um tempo. Envolveu os sanitaristas. Discutia-se...

AA - O sr. estava falando dos médicos que se dedicam à questão de serem ministros, se tornam médicos políticos, né?

WS - Políticos.

AA - E também tinham alguns constituintes, né, que eram de formação, que eram médicos, né? E que iam, que foram ser deputados...

WS - É.

AA - ...E aí levavam o debate pra questão da autonomia da Saúde. Se fosse uma pasta separada talvez pudesse ter mais recursos. Quer dizer, também tinha essa linha de argumentação, né? Nem por essa linha da questão de autonomia o sr. achava que poderia ser uma boa a questão da separação da Educação? Por uma coisa de ter verbas próprias, de ter mais recursos?

WS - Bom, teoricamente, como acontece no Brasil, entendeu, teoricamente porque na prática a coisa é diferente. Não é? Pensava-se que com essa autonomia que... haveria maiores possibilidades, não é, de que o Ministério pudesse se desenvolver de uma maneira mais acentuada. Mas, na prática a questão foi completamente diferente, entendeu? A prova é que hoje o ministro só fala em hospital, depois que o Inamps passou para o Ministério da Saúde, o ministro da época só fala em hospital.

WH - Quer dizer, o sr. acha que agora o Ministério da Saúde tá dando mais ênfase pra parte curativa...

WS - Não tenho dúvida a respeito.

WH - ...do que preventiva.

WS - Não tenho dúvida a respeito. O próprio ministro Jatene que é uma pessoa é... que infunde respeito pela sua formação, pelas suas atitudes, etc. Mas o homem só não pode... não pode imprimir uma direção numa comunidade, a não ser que tenha o tempo necessário para isso. Ele já esteve uma vez no Ministério e o resultado não foi nenhum. Por quê? Porque não é possível numa máquina emperrada, a pessoa sem o óleo necessário para a lubrificação fazer com que ela funcione. Não é mesmo? o Ministério hoje, não tem sanitarista! A nossa, o nosso, a nossa geração parece que é a última! Porque estão... O... o sanitarista sempre foi encarado como um fenômeno. Por quê? Num país em que a clínica particular, a medicina curativa dá lucros

extraordinários, ao sanitarista não dá coisa nenhuma! Porque ele é escravo, ele é caixeiro-viajante! No tempo do Barreto, nós não podíamos ficar mais do que dois anos num local, num local. Para que não criasse raízes ou elos que pudesse comprometer a atividade desse funcionário no local. Ele era transferido pra outro. Entendeu? Muitos casos de dissolução de lares ocorreram por causa disso.

WH - Entre os sanitaristas?

WS - Sanitaristas. A... o ministro mandava que a pess.. que o sanitarista fosse pra determinado estado, pra determinada região. Né? Problema de escola, problema de casa, problema de mulher com relação aos parentes que viviam no local. Tudo isso influenciando negativamente esta ordem de que ele devia se transportar para outro local. E ele ao se transportar para outro estado, para outra região, ele não tinha benefício nenhum. Se ao menos como o militar, tivesse direito a residência, entendeu, e outras, outras facilidades, talvez melhorasse mais. Entendeu? Mas isso não ocorria com o médico sanitarista. Era sacrificado, entendeu? O que me aconteceu, evidentemente, deve ter acontecido a outros. Eu cliquei. Eu não tinha emprego. Eu trabalhava das 4 às 8 da noite, diariamente no consultório. Sem ter emprego nenhum. Mas quando eu conheci a medicina preventiva eu digo: “É isso! Essa é que é a verdadeira.” Porque ao receber um doente num consultório, naqueles poucos momentos de entrevista, fazendo anamnésia, eu sentia que isto não bastava, entendeu? Eu tinha que conhecer mais. Eu tinha que conhecer o ambiente, eu tinha que conhecer a família de...de... desse doente. Eu devia conhecer seus hábitos. Eu devia conhecer as suas necessidades. Enfim, (relógio) eu tinha que ter uma série de conhecimentos que eu não podia (ri) colher no consultório porque o meu tempo era limitado! E depois de fazer o diagnóstico, pedir exame disso, pedir exame daquilo, entendeu, que muitas vezes a pessoa não podia pagar, quer dizer, é uma medicina errada, uma medicina incompleta. Em que a pessoa se sente realmente frustrada. Já a medicina preventiva não. Acompanha a criança no seu desenvolvimento, como havia um programa aqui no antigo Distrito Federal, a que eu me filiei, mas não consegui um emprego, entendeu? Que havia uma carteira com dados somatométricos, com exames periódicos. Com médico escolar, vendo se a criança tinha defeito visual ou auditivo, que impedisse que ela pudesse é... obter o máximo que ela podia na aula, compreendeu? E que significava inclusive o ambiente, a...a... a temperatura do ambiente. A cor das paredes. Já houve isso no antigo Distrito Federal! Entendeu? Mas, como essas coisas são realmente as coisas direitas e exige um pouquinho mais de recurso, não progride! Porque só progride, só progridem aquelas coisas ligadas à política com “p” pequeno, entendeu? Nenhum plano racional, nenhum plano grandioso, progride com continuidade no Brasil. Eu já, se não me engano, contei a vocês, um programa interessante que existia e esse plano existia no Ministério da Agricultura, no campo da extensão rural, em que um médico sanitarista, uma extensionista rural e um veterinário ou um agrônomo, três pessoas faziam... desenvolver a comunidade de uma maneira extraordinária. Entendeu? Captando os líderes ru... locais, compreendeu? Tendo o cuidado de afastar a politicalha da prefeitura, entendeu? Fazer aquilo brotar e se desenvolver. É uma beleza! Já lhe contei também que, com os olhos grandes nesse programa que era realmente produtivo, um ministro... do Ministério da Agricultura, um ministro nordestino, entendeu, resolveu fazer a extensão rural. Quer dizer, política no meio do negócio, fazer um sistema nacional, entendeu, que evidentemente não podia produzir o efeito daqueles, daquelas unidades pequenas, as formiguinhas trabalhando, entendeu, em cada ponto do território nacional. Que foi uma...uma calamidade, não aconteceu nada de bom. Se gastou muito dinheiro e não se fez nada, entendeu? Então, veja que, este rumo seguido pelo Ministério e

sobretudo depois que esse malfadado Inamps foi pro Ministério, o Ministério se arrasou. Nunca houve tanta corrupção, só se fala em corrupção, corrupção, corrupção.

WH - O sr. falou, dr. Walter, que hoje não existem sanitaristas, é...

WS - Eu acho que a Escola de Saúde Pública...

WH - Como é que o sr. vê os sanitaristas de hoje?

WS - Hem?

WH - Eu queria saber, o sr. disse que hoje não existem sanitaristas, né?...

WS - Não.

WH - Eu queria saber porque o sr. acha que...

WS - Não, eu...eu tenho... eu... a minha impressão, eu não digo isso como uma certeza, eu suspeito, de que não haja. Porque ... Acabou?

WH - Não, ainda não.

WS - Porque eu não vejo atuação de novos sanitaristas. Porque na..., o sanitarista tem que ser é... de atuação, eh... exclusiva. O sanitarista não pode ter consultório, não pode ter outras atividades. Ele tem que estar ligado aos problemas de saúde! Isso tá acontecendo em algum lugar? Eu acho que em lugar nenhum! Porque cada vez as pessoas estão trabalhando menos. Inclusive, por culpa do próprio governo. Eu que trabalhei depois de 1960, a vida toda, exclusivamente pro governo, que obrigava a ser seu escravo, entendeu? (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 10 - Lado A.

WH - O sr. dizia, dr. Walter, que o sr. sempre trabalhou pró governo...

WS - Sim.

WH - E que tinha que sonhar com Saúde Pública...

WS - Sim. Sempre ligado fui em saúde pública, dedicação integral e exclusiva, com documento assinado, entendeu, que não podia exercer qualquer outra atividade a não ser àquela. Compreendeu? Depois que sou aposentado, o governo que... Me... me paga apenas 6 horas por dia. A mesma coisa que qualquer médico, que tem seu consultório..., entendeu? Porque o médico pode ter mais de uma atividade. Compreendeu? Eu nunca tive e não posso agora ter opção! Que justiça é essa?! Depois de eu trabalhar sob um regime estabelecido oficialmente, entendeu, esse regime muda...

WH - E aí mudam as regras.

WS - E mu...mudam as regras. Que justiça é essa?! Entendeu? Quer dizer, não pode ser levada a sério essa justiça.

WH - Agora, o sr. então é... na época que foi criado o Ministério, o sr. já tinha essa percepção, essa...essa visão de que a coisa não ia funcionar bem, que ia... a política, como o sr. dizia, interferir... no Ministério?

WS - Não. Não, não, não. A... não tinha, é... De uma maneira geral, a gente tinha a... a idéia de que ia funcionar melhor.

WH - Quer dizer, o sr. na época defendia a criação do Ministério?

WS - É, é. Sim! Eu não defendia! Eu ti...eu...eu ap... porque eu não tinha, eu não tinha condições de defender. Porque, como eu disse, eu sempre fiquei no meu setor de atividade e nunca fui pra esse campo político, entendeu? É... Mas, nos congressos, entendeu, então essas i..., essa idéia era majoritária, era de que realmente o Ministério separado teria melhores condições de recursos e tal, etc.

WH - Fora o *status*, né?

WS - Hem?

WH - Fora o *status* da Saúde de ser um Ministério único, né?

WS - Mas o *status* é nenhum! O Ministério da Saúde é um dos ministérios menos prestigiados pelo governo.

WH - Desde sempre foi assim?

WS - Sempre. Nas é... ocasiões eleitoreiras e eleitorais, uma das premissas exploradas pelos candidatos é saúde. Mas nunca esses candidatos encararam a saúde como prioridade. A não ser para explorar, para dar emprego aos seus cabos eleitorais, entendeu? Isso, quando o Ministério era ligado na Educação, entendeu? Não digo que não se fizesse, mas se fazia numa escala muito menor. Tanto quanto eu sei, entendeu, e senti como chefe de repartição, entendeu? De modo que, foi uma...uma, foi um passo muito ruim. Teoricamente, certo. Mas praticamente, entre nós, completamente errado.

WH - O sr. sentiu essa interferência, dr. Walter, da política no seu trabalho, no seu cotidiano de trabalho?

WS - Não! Nunca eu senti.

WH - Porque assim como o sr. tem uma geração nessa época trabalhando no Ministério, que teve a sua formação, que também trabalhou da mesma maneira que o sr., né?

WS - É.

WH - No campo técnico... E eu queria saber se isso interferiu no trabalho cotidiano das pessoas, né, essa...essa (?)..

WS - Não, não. Olha, eu...eu fu..., eu disse, fui sempre chefe. E chefieei uma repartição que tinha recursos e tinha as atribuições de auxiliar os estados e municípios. Fornecer material para maternidades, para unidades sanitárias, porque havia... tudo isso era padronizado no Ministério. Eu tinha recurso para comprar e para remeter para essas unidades, porque eram previstas com antecedência mínima de um ano. A programação sempre foi feita de um ano pra outro, entendeu?

WH - Que tipo de ma... material o sr. mandava?

WS - Material de consultório! De...de... hospitais, de... Entendeu? A minha repartição, a Divisão de Organização Sanitária, diz lá: é Organização Sanitária. Entendeu? Porque obrigação hospitalar era outra divisão. Hospitais, maternidade, unidades sanitárias, desde de posto de saúde até centro de saúde, tudo isso era com a minha repartição. Então nós fazíamos isso de um ano para outro. Havia uma programação. E quando foi estabelecido o... esse planejamento, que foi uma frustração danada, entendeu? Então, se fazia por etapas. Fazia 1/3 esse ano, outro 1/3 outro ano. (ri) Entendeu? De acordo com a programação. Então havia os recursos para isso. Agora, muito raro, muito raro mesmo, aparecer um político, entendeu, querendo interferir ou tirar vantagem e etc. Pode ser que isso a... acontecesse lá em cima, na área min... do...do ministro. Mas cá embaixo... E o ministro não, não... não interferia no problema, entendeu?

WH - O sr. acha que o ministro não interferia não só no seu, na sua...na Divisão de Organização Sanitária como em nenhuma outra, nenhuma outra área?

WS - Acho que não. Acho que não. Nunca tive conhecimento que houvesse como regra como agora, entendeu?

WH - Quer dizer, o sr. também não teve problema de recursos... Não mudou! O direcionamento do Ministério...

WS - Não...n... não.

WH - ...apesar do que o sr. diz da... da relação...

WS - Não mudava.

WH - ... mais íntima do ministro com a política...

WS - Não, não mudava.

WH - Quer dizer, os quadros técnicos permaneciam os mesmos...

WS - Permanecia...permanecia. A prova é que tá aí essa geração a que eu pertença, entendeu, que trabalhou, que pode dar o depoimento. Entendeu? Nunca se queixa com interferência de política e etc, você...entendeu? Vocês ficam fazendo entrevista, vocês devem colher isso. Entendeu? Nunca nós nos queixamos de interferência da politicalha no...nos nossos programas não.

WH - Porque o 1º ministro, depois que foi criado o Ministério, foi o Miguel Couto.

WS - Miguel Couto.

WH - O sr. conheceu ele?

WS - Conheci muito!

WH - O sr. podia falar um pouco da gestão dele como ministro, o sr. ...?

WS - Olha! O Miguel Couto Filho, entendeu, ele foi beneficiado pela...pelo prestígio do pai. Não é? O grande clínico Miguel Couto. Compreende? Que inclusive, deixou pra ele, um um patrimônio razoável, não é, lá em Cabo Frio, so... pelo... sobretudo que ele continuou e desenvolveu, etc. E que, criou um campo político que o elegeu a dep... deputado, também acho que um neto também foi deputado. Entendeu? E ele chegou a ser ministro da Saúde. Agora, como ministro da Saúde, ele não teve nada de particular. Eu cá no meu, no meu terreno em que tive contato mais íntimo com ele, que foi do bócio endêmico... Como eu disse a você que nós fizemos o... o levantamento de, para determinação das áreas bocígenas e quando chegou o momento em que nós queríamos assegurar as medidas necessárias para a solução do problema, que era através do cloreto de sódio, sal de cozinha, eu o procurei no...no Palácio Tiradentes. Funcionava ainda aqui a Câmara dos Deputados Federais, né? E ele me recebeu na biblioteca e eu expondo a situação ele se interessou muito, dizendo que também tinha feito uns trabalhos já, antigos e tal, etc. E que estava muito interessado e tal. (telefone) E ele tirou vantagem disso, porque com isso ele conseguiu ir à Europa, não é, e conseguiu contratar técnicos para os programas que não eram do bócio, eram da fábrica. Era do enriqueci... do...da... da produção de sal, entendeu?

AA - Essa que era lá em Cabo Frio, né?

WS - Em Cabo Frio. Nas Pirinas, entendeu? Eu acho que ele tirou muita vantagem disso, entendeu? Agora, como ministro da Saúde, passou, serenamente. N... não foi um ministro que revelasse qualquer ponto mais importante. Era um empresário, entendeu?

WH - Médico empresário, né?

WS - É. É a pior coisa que existe é o seguinte, quando o médico passa a ser empresário, a quem o doente vai procurar? Não é... não é a ele. Não é? Porque o interesse dele é outro, não é? O médico passou a ser comerciante, ele só vai ter contato com o doente pra explorar, sem dúvida.

AA - E outros ministros que se seguiram a ele, o sr. destacaria algum? O Aramis chegou a ser ministro por alguns meses, né?

WH - É... O Pinotti.

AA - Pinotti. Depois teve aquele Maurício de Menezes...

WS - Não. O Pinotti era um ministro da casa. Ele era colega. Era político, não é mesmo? Mas, ele tinha essa vantagem, a raiz dele estava no Ministério.

WH - É. Ele trabalhou a vida inteira no Ministério, né?

WS - Passou a vida toda no Ministério.

WH - Porque é interessante, né, dr. Walter, agora que o sr. falou no Pinotti, como é que o sr. vê, é... no caso, falando particularmente no Pinotti que é uma figura interessante, que ele é político por um lado e sanitarista ao mesmo tempo, né? Um homem com uma trajetória importante dentro do Ministério da Saúde, né, da Educação e Saúde. Como é que o sr. vê? O sr. acha que ele conseguiu equilibrar esse lado político com esse lado técnico ou não?

WS - Ele conseguiu equilibrar durante determinado tempo. Porque, ele foi envolvido por pessoas com outros interesses. Inclusive, ele fez coisa que se pensasse um pouquinho melhor ele não faria.

WH - Por exemplo...

WS - Por exemplo: alugou um salão aí no Largo São Francisco para colocar as suas, as suas... Como é que eu posso dizer, me fogem as palavras. Os brasões... as...

WH - Condecorações?

WS - ...condecorações, entendeu? Porque tinham incutido na cabeça dele que ele poderia ser um candidato a... a um prêmio internacional.

WH - Nobel?

WS - Nobel, entendeu? Então, não se pode conceber uma coisa dessa natureza, entendeu, numa pessoa que não... não esteja envolvida com uma idéia de grandeza, não é mesmo? Porque não se pode pensar numa coisa dessas. Ministro político brasileiro que, evidentemente, não apresentava nada de particular, entendeu, que fosse de uma esfera internacional, ser candidato a uma coisa. De modo que, né? Mas, pelo menos no Ministério, ele funcionava com o grupo técnico, que ele conhecia, entendeu, e que evidentemente, se ele fizesse coisa diferente o pessoal estranhava, compreendeu?

WH - Ele tentou em algum momento?

WS - Não, não. Acho que não! Não. Acho que não. Apenas, que como político, ele sofreu as conseqüências de atos políticos, atos que muitas vezes o ministro... o ministro é obrigado a fazer. Ele vivia rodeado de padres e de... e de... e secretários de Saúde, de governadores para

conseguir tirar deles recursos. Entendeu? E no momento ele estava inclusive, de posse das verbas da LBA! Compreendeu? Ele manejava essas verbas, entendeu? E como consequência disso, ele foi pro pelourinho. Não é? Responder a processos jurídicos e etc e tal.

WH - É verdade.

WS - Entendeu? E no entretanto ele era um homem sério, honesto. Compreendeu? A...

WH - Ele teve problemas depois, é... administrativos, né?

WS - Problemas. Lógico! Tinha. Inclusive até com repercussão na família. Ele ficou abandonado. Numa ocasião eu fui visitá-lo, pra dizer a ele: “Agora o sr. sabe quais são os seus amigos.” Ele disse: “É. Você tem razão.” Estava sozinho, quando eu apertei a campainha ele veio pessoalmente abrir a porta porque não havia ninguém com ele, no apartamento lá no Leblon. Compreendeu? É uma coisa trite, né? Mas é, são fatos da política. Não é?

WH - Agora, o sr. falou, dr. Walter que é..., já na década de 60, o Ministério se juntou com o Inamps, né? Na década de 70. 60, 70. Já, recentemente.

WS - Juntou não! Passou do. Quando esp... quando foi... quando extinguiram a... o Ministério da Previdência Social, que nós, eu lutei muito, quer dizer, lutei, falei com os colegas, entendeu? Não é possível num único setor haver dois ministérios! Não pode haver esse Ministério da Previdência Social! Essa Previdência Social é do Ministério do Trabalho! Ministério da Saúde é outra coisa! Não pode conviver esses dois ministérios no mesmo setor. É muito caro para, para um país pobre. Mas felizmente extinguiram esse...esse...esse Ministério da Previdência Social. E passaram o Inamps, que é medicina assistencial, curativa, para o Ministério da Saúde. O que se pensava era que isto daria ao Ministério relevo maior. Ele passaria então, realmente, a coordenar as atividades de medicina preventiva, medicina curativa, entendeu? Mas o que aconteceu, e isso parece que é uma lei terrível, né, o maior engole o menor. Como as verbas da previdência eram maior, entendeu, engoliram o Ministério da Saúde. E o Ministério da Saúde foi de roldão nessa onda tremenda de corrupção. E como os ministros são políticos... Ministro do Paraná, que que faz? Chega no Ministério a primeira coisa que faz, faz um levantamento dos cargos que têm DOS., DAS. As gratificações, né? Então, põe os técnicos de lá e chama os seus cabos eleitorais. O que se pode esperar? Corrupção! Essa Fundação que foi criada com o SESP e o... e a SUCAM...

AA - E a SUCAM. Fundação Nacional de Saúde.

WS - Só...só...só está nos jornais com... como... foco de corrupção. Agora, quem fez? Vai procurar. N... não há um médico, técnico do Ministério metido no negócio. É tudo de fora. Entendeu? De modo que não há aquela continuidade que existia. Porque o Ministério era pobre, (ri) entendeu, e os “Franciscanos” que trabalhavam nela, entendeu...

WH - Que eram vocês, né?

AA - (?) (relógio)

WS - Que iam? (?). Entendeu? É aqueles (ri) que a obediência...

WH - Pobreza, obediência e castidade.

WS - ...pobreza e castidade. De maneira que ninguém queria. Os médicos depois saíam formados do Ministério, já estavam com o internato pago. Antigamente os internatos não eram... (ri) você não recebia nada. Você... a não ser... não ser a experiência nos internatos, entendeu? E tinha o INPS pra dar emprego, entendeu? E eles tinham já condições de comprar automóvel. Casa de campo. Enfim, mas o sanitarista não tinha nada disso. Só tinha realmente, trabalho. Entendeu? Bom...

WH - Agora, o que eu ia lhe perguntar...

WS - Agora eu pergunto... por isso que eu... a sua resposta (ri). Agora não... não há sanitarista? (ri) Que eu... que eu tenha conhecimento, não. Porque forma-se. A escola tá formando sanitarista aí mas, tenho impressão de que é mais um título pro cidadão continuar no seu consultório, no seu raio "x", no seu laboratório. Um título, na gaveta. Porque não é atuando. Porque se atuasse o Ministério não fa... no estaria assim.

WH - Mas eu ia lhe perguntar, dr. Walter, naquela época, quando foi criado o Ministério, já se pensava, havia algumas pessoas que defendiam que o setor de previdência de assistência médica, os institutos previdenciários fossem pro Ministério. O sr. acompanhou essa discussão?

WS - Acompanhei! Eu fiz parte dela! Fiz parte da comissão que unificou os institutos. Eu fui um representante da saúde.

WH - Isso na década... já depois do...do...do...

WS - Da criação do INPS.

WH - É. Mas eu digo antes. Eu digo em, eu digo em 53.

WS - Sim! O que se... o que se dizia era o seguinte, o Ministério não está exercendo a sua função integralmente. Se é Ministério da Saúde, ele tem que coordenar todas atividades de saúde no país!

WH - Tanto curativas...

WS - Como...

WH - ...quanto preventivas.

WS - ...preventivas. Entendeu? Mas ele, é separado, a preventiva, a... a preventiva é pequenina. Tem muito pouca, muito pouco recurso e trabalha muito. A outra tem muito recurso, entendeu, e é um mundo! Entendeu? É preciso acabar com isso!

WH - Com essa...

WS - A gente tava quer...

WH - ...dicotomia, né?

WS - ...tava querendo isso. Mas não, naturalmente, ...

AA - Qual era a proposta de vocês? Como é que vocês pensavam em...

WS - Ué?

AA - ...diminuir essa dicotomia?

WS - Não. Não era diminuir a dicotomia não.

AA - Quer dizer... (fala muito baixa)

WS - Era integrar essa parte, essa parte da... da curativa com a preventiva, fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. O lugar onde se fazia a cura, fazia a educação sanitária. Entendeu? Estabelecia regras para a higiene, entendeu? Procurava integrar essas atividades. Não ficar separada do hospital, entendeu, fazendo cura... fazendo intervenções e coisas etc, apenas...

AA - Seriam unidades de saúde mesmo.

WS - ...deixando escapar, deixando escapar aquela oportunidade que você tinha de educar, de orientar, entendeu?

AA - Prevenir.

WS - Prevenir, entendeu? Criar mentalidade. Compreendeu? Isso é que se pensava, mas, entre a teoria e a prática... aconteceu...

WH - Há uma distância muito grande, né?

WS - ...aconteceu essa coisa tre...terrível que caiu (ri) no Ministério como um pára-quedas, "pá"! O INPS acabou com o Ministério. Agora só se fala... Repara que o nosso, o nosso ministro só fala em hospital. Ele disse que não pode falar em outra coisa porque é tão grande a... o problema de falta de assistência que ele não pode pensar em outra coisa. Não é mesmo?

WH - Agora, também, dr. Walter, eu não sei se é verdade isso, mas, na época, o que se dizia, é que a parte curativa de..., os defensores... os que eram contra essa idéia de juntar a previdência e assistência, falavam que o Ministério da Saúde era um Ministério que devia trabalhar basicamente na área rural, né?...

WS - Ah, não!

WH - ...Então a previdência cuidaria dos trabalhadores no setor urbano e o Ministério da Saúde trabalharia basicamente com a prevenção no meio rural.

WS - Não. Isso nunca foi pensamento de sanitarista não. Nunca, nunca, nunca! Houve, até 30, entendeu, houve um serviço de ...

AA - Profilaxia rural, né?

WS - É. Até 30. Isso tá escrito, eu tenho até lido a respeito disso. Entendeu? Mas porque era um serviço voltado realmente para as áreas rurais. Compreendeu? Então, era coisa diferente, completamente. Agora, fazer ou dar atribuições a por exemplo, ao...ao Ministério da Previdência para fazer a...a... Saúde Pública nas zonas urbanas, nunca se pensou nisso.

WH - Não. Saúde Pública nas zonas urbanas não. Não era, não era isso o que se falava. O que se falava era que na área urbana, a previdência fazia a parte curativa, controlava, enfim, curando os trabalhadores. E que a Saúde Pública, o... o espaço privilegiado onde a Saúde Pública devia atuar era na prevenção e no setor rural, não nas grandes cidades no caso, né? Áreas rurais eram...

WS - É. Mas isso...isso é um dos maiores absurdos. Pensar uma coisa dessa natureza. É um absurdo! Uma coisa que se tem de fazer num país pobre, é somar! (ri)

WH - É...?

WS - É somar! Somar! Não é dividir. Então se você tem pouco recurso, você vai dividir um bocadinho pra lá, outro... O que acontece é anarquia. Nenhum deles funciona. Você tem que juntar! É idéia nossa. No mesmo local onde faz, cura. Ensina-se. Educa-se. Orienta-se. Entendeu? Ensina-se a se defender, entendeu? Faz medicina preventiva, sobretudo educação sanitária. Entendeu?

WH - É. Até porque o sr. acha que é... a população ela tem mais interesse em ir num hospital pra se curar do que de repente ir pra...

WS - Claro! Eu disse a vocês já, quando os “Jovens Turcos” começaram as suas atividades, eles criaram o quê? (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 10 - Lado B

WH - ...Os “Jovens Turcos” criaram postos de Higiene.

WS - Postos de Higiene! E o posto de Higiene não era pra curar! Era pra trabalhar a população no sentido da prevenção, entendeu? Mas ninguém ia lá pra ouvir conversa. O sujeito no Brasil só procura médico quando tá doente! E só procura o hospital quando está em último grau. Compreendeu? Então tivemos que fazer as unidades sanitárias diferentes. Centro de saúde que abrangia tudo. Então fazia isso. Cada centro de saúde tem, tem, é...: pré-natal, antes...pré-nupcial, pré-natal, maternal, tem especialidades em tuberculosa, lepra, que hoje é hanseníase,

tem é... higiene escolar, higiene no trabalho. Tudo isso na unidade. Entendeu? Então, fazia tudo. O sujeito vai...vai num centro de saúde, chega lá, tira a sua radiografiazinha de pulmão, não é mesmo?

AA - Vai ao oftalmologista. Tem toda essa parte de oftalmologia também.

WS - Tem...tem...tem tudo. Otorrino. Tem tudo, entendeu? Então, liga realmente a casa do indivíduo ao centro de saúde com as atividades das visitadoras. Cada visitadora com o seu quarteirão, entendeu? Conhece todo mundo. Quem vai casar, quem...quem... já cas..., quem...quem tá tossindo, o velho que tá tossindo. Se tá tossindo: “Vamos dar um pulinho lá, vamos tirar uma radiografiazinha e tal.” Entendeu? Ensina a mãe a cozinhar, a escolher seus alimentos. Não é? Porque a enfermeira tem, é... tem todo o conhecimento da... da comida dietética. Entendeu? Enfim, dentro daquele, desse universo, entendeu, em que a enfermeira conhece, é tratada como gente de casa e que resolve uma série de...de problemas, ela é consultora, entendeu? Ela é da família, ela leva isso tudo para o centro de saúde, entendeu, e vai para conhecimento do epidemiologia, da... da epidemiologia, entendeu? De modo que, quando acontece alguma coisa em algum lugar, já sabe os antecedentes, já sabe o que está acontecendo. É um negócio bonito, bem feito, entendeu? Mas não pode, isso não pode ter uma politicalha infiltrada com outros objetivos. Os objetivos da saúde são su...sublimes. Não se..., não pode de maneira nenhuma se casar com essa coisa suja, medonha que é a politicalha. Entendeu? Essa coisa de partidos, entendeu, em que o sujeito mata, esfola por... aquele grupinho se apoderar do poder. Em tenho horror a isso. Entendeu? Você diz: “Ah! Então você não admite política?” “Admito. A vida é uma política!

WH - É. Ou talvez vê, vê a política num bom sentido...

WS - É claro!

WH - ...do que que a política pode...

WS - Pode...pode fazer...

WH - ...fazer em...

WS - ...em benefício das coletividades.

WH - E o sr. acha que na Saúde não se deu esse caso?

WS - Não! Política não... Não! A política é u...um desastre! A política em saúde e educação é um verdadeiro desastre. Entendeu? Não tem nada que seja sadio, entendeu? A influência da...

WH - O sr. participou da SBH, dr. Walter? Sociedade Brasileira de Higiene.

WS - Eu fiz. Fui sócio até pouco tempo. Depois que vi que...que a... que não era atuante, eu pedi demissão. Só pedi demissão. Saí.

WH - Como é que o sr. via a atuação da SBH?

WS - Hem?

WH - Como é que o sr. via a atuação da SBH?

WS - Bom. Antigamente, essa nossa associação era ativa, entendeu? Ela tinha opinião. Apesar, de não ter sede e depender do ministro. Antes da Socie...

WH - Dependia do ministro...

WS - Do ministro da Saúde.

WH - ...pra quê?

WS - Ué! Porque dinheiro pra pagar...pagar aluguel! É. Antes dessa...

WH - Ela não se sustentava com recursos dos sócios não.

WS - Não. Não dava. Antes da... da compra deste...desta sala, ali naquele edifício...

WH - Lá na Avenida Rio Branco?

WS - ...Rio Branco.

WH - Isso. Ali é Carioca, né?

WS - Eu tomei parte nisso. Eu fui também tomei parte pra comprar aquilo, entendeu? A Sociedade de Higiene vivia na dependência do ministro, não é, mas apesar disso ela tinha uma opinião própria. Entendeu? Ela realizava coisas. Por exemplo, os Congressos de Higiene eram feitos periodicamente. Ora aqui, ora no Nordeste, ora no sul. Entendeu? Então aí era a oportunidade da gente discutir os programas, apresentar os trabalhos para crítica, para eh... para eh... a...a... a evolução daqueles que estavam chegando, para conhecimento deles. Havia então uma entrosagem, entendeu, interessante, que era em todo Brasil. Entendeu? Sanitaritas de todo Brasil. Se reuniam periodicamente. Era...esse...esses congressos eram muito prestigiados. Geralmente, era até o presidente da República que ia fazer a abertura, compreendeu? De maneira que, estão aí publicados. Entendeu?

WH - Alguns. Outros não. (ri)

WS - É. Bom, de um tempo pra cá...

WH - A gente tem um problema com essas fontes na área da Saúde...

WS - Mas filha..., mas filha, olha, para ser publicado agora aquele relatório do congresso que tratou dess...da municipalização no tempo do ministro... aquele ministro da Aeronáutica, esqueci o nome dele, que está agora. É...

WH - Está agora aonde?

WS - É diretor de um Banco.

AA - Ah, do Wilson Fadul?

WS - Fadul. Pois o Fadul pegou isso...

WH - Ministro da Saúde, né?

WS - Saúde, entendeu? Ele...ele é que, não sei como ele conseguiu publicar.

AA - É. Ele fez uma integração com a prefeitura de Niterói e...

WS - É. Eu sei que ele, ele publicou com uma dificuldade tremenda. E foi muito bom, porque acabou com essa idéia desses é... pára-quadistas que achavam que essa idéia da municipalização era deles. O Ministério já vinha tratando disso, estudando com seriedade, vendo os prós e contras, etc. Aí, está aí no relatório, compreendeu? Foi ótimo que o Fadul tenha publicado esse relatório. Então, como esse, foi publicado outro, um maior, com mais facilidade. Havia realmente, uma seriedade maior e a... e... o prestígio, entendeu, do grupo era maior, compreendeu? O negócio veio decaindo, naturalmente o Ministério como veio decaindo, decaindo, tudo que dependia dele se deteriorou, entendeu? Mas você perguntava...

WH - Do...da SBH. Da Sociedade Brasileira de Higiene.

WS - Então, quem cuidava disso era a Sociedade Brasileira de Higiene. Entendeu? Ela quem cuidava. Entre outras coisas disso. Tinha opinião. Compreendeu? Se manifestava, contra ou...ou a respeito de qualquer assunto de interesse geral. Compreendeu? Era...era uma voz que existia

WH - Hum, hum!

WS - ...no campo do sanitaria.

WH - Era lá também, dr. Walter, que os sanitaria defendiam propostas?

WS - Ééé...! Ali sempre se reuniam. Havia reunião, havia debate e mais, havia também eh... conferências, entendeu, eram convidadas pessoas de...de conhecimento mais apurado para fazer, para fazer conferência. Entendeu? Era realmente uma Sociedade...

AA - E tinha bastante repercussão?...

WS - Tinha!

AA - ...vocês defendiam naquela época o posicionamento da Sociedade...?

WS - Tinha! Tinha! Era um bom, bem recebido e tal. Nessa ocasião, inclusive, ainda uma das filiadas continua em boa, agora não sei, mas até pouco tempo. Até a... a morte do Gilberto da

Costa Carvalho, em Pernambuco. Gilberto da Costa Carvalho era, foi o delegado federal de Saúde da... daquela região, não é, com sede em Pernambuco. Ele impulsionava muito as coisas de Saúde e promovia, entendeu, e a Sociedade de Higiene de lá, ativa, entendeu? Agora, não tenho... não tenho ouvido nada, depois que ele morreu, não tenho ouvido nada, entendeu?

AA - Então assim, nas re...nos estados...

WS - Estados...funcionavam...

AA - ...e nas regiões, funcionavam como se fossem sub-sedes assim...

WS - É, é.

AA - Ligadas à Sociedade Brasileira.

WS - Sociedade ligada à Sociedade Brasileira, entendeu? Agora não sei, eu tenho a impressão de que morreu tudo, entendeu? A própria Sociedade... não tem repercussão nenhuma e tal. Por isso eu saí. Ficar pagando, pagando, pagando sem ver resultado. Não vale a pena, né? Porque lá é que a gente devia brigar contra as coisas erradas que o governo faz no Ministério. Entendeu?

AA - Deixaram de haver as reuniões...?

WS - Não...não...

AA - ...os encontros, deixaram...

WS - Não, não... não há nem... Acabaram-se as... as... os Congressos de Higiene, acabaram, ué! Não existe mais, né? Não. Não existe...

AA - Havia reuniões internas, quer dizer,...

WS - Não...

AA - ...não tinha mais nem espaço pra se posicionar...

WS - Não tem. Não, não, não. A Sociedade, com o pouco dinheiro que arranjou, comprou uma salinha muito pequena. Entendeu? Apenas pra sair daquela situação horrível de depender do ministro. Da boa vontade do ministro dar dinheiro pra pagar aluguel. Entendeu? Antes de ir para a avenida, a Sociedade estava com sede na rua das Marrecas, numa salinha, paga pelo... paga pelo ministro. Entendeu? Ora! Se depende do ministro, não podia criticar o Ministério, né? De modo que...

WH - Eles criticavam o Ministério...

WS - Hem?

WH - ...os sanitaristas criticavam o Ministério?...

WS - Ah, sim!

WH - ... Na SBH?

WS - Quando...quando havia necessidade, de uma maneira, naturalmente, cuidadosa, né?

WH - Eram todos funcionários, praticamente?

WS - Eram funcionários. É.

WH - O sr. se lembra assim de alguma divergência mais importante...?

WS - Não. Não me lembro.

WH - ... Que tenha acontecido...?

WS - Não. Não me lembro não.

WH - Porque eu...eu...eu lendo alguns documentos da SBH, eu me dei conta que havia duas questões importantíssimas que a SBH discutia. De carreira, né, de profissão. Que era a questão do tempo integral...

WS - Hum. Ah, bom! Nesse terreno, nesse terreno a Sociedade realmente é..., ela é muito ativa. Porque, já há algum tempo, o presidente é...é... colega Nílson Guimarães.

WH - Ah! Isso hoje que o sr. tá falando.

WS - Não. Já há bastante tempo! Pelo menos uns dez anos, entendeu? Alterna, ele tem umas pessoas que ficam como o presidente, mas ele não deixa.

WH - É ele que tem...

WS - É ele é que tem...

WH - ...a chave da casa.

WS - ...Ele é que tem. E ele a respeito dessa questão de salário, ele é tremendo. Agora mesmo... Bom, agora não porque está em recesso. Mas quando...quando está funcionando o Congresso, e há aquele perigo tremendo daquela emenda do governo, entendeu, ti... caçando uma série de direitos é... dos médicos, sobretudo médicos...médicos funcionários, entendeu? Ele não sai de lá! Ele vai pra lá! Entendeu? E ele é realmente uma pessoa que conhece isso, ele é guerreiro, entendeu, e não deixa perder, não perde a oportunidade de estar presente com a sociedade, né? Ele usa a Sociedade, entendeu? Ele agora está ligado ao Sindicato Médico também. A Sociedade e o Sindicato Médico.

WH - O Sindicato é forte hoje em dia.

WS - É. Inclusive parece que o Sindicato paga a estadia dele lá. Entendeu? Para estar atento para essas questões que dizem respeito ao...ao médico.

WH - Mas então, a SBH sempre se interessou até hoje, né, é uma das poucas...

WS - Ah, Bom! Isso não tem dúvida que...

WH - A questão do tempo integral...

WS - Na...na ocasião do tempo integral foi muito atuante. Muito. É, muito atuante mesmo, entendeu? E havia gente que ajudava, né, porque agora não há quase ninguém lá pra ajudar. Fica lá o Dagoberto, o outro que ficava também lá morreu agora há pouco tempo. O que era o... Esqueci o nome dele.

WH - Tem o Nílson Moraes, o Nelson Guimarães...

WS - Não. Nilson Guimarães... Nelson Moraes, não!

WH - Nelson Moraes, não.

WS - Não. Nelson morreu.

AA e WH - (??)

WS - Nelson morreu. Não, era o Nílson Guimarães, Dagoberto Alves e um outro que também era permanente lá, Ialmo de Moraes.

WH - Ah, Ialmo de Moraes!

WS - Ialmo de Moraes. Morreu no passado.

WH - Eu confundi com o Nelson.

WS - Morreu no ano passado. De maneira que ficavam os dois lá, né? Não sei se há mais gente, porque como eu disse, eu... me afastei. Achei que a Sociedade devia se manifestar.

AA - E outras pessoas desse grupo que o sr. circula e tal, que o sr. sempre tem contato, também estão se afastando da Sociedade?

WS - Não, mas os que eu conheço...

AA - Essa percepção de que a Sociedade está afastada...

WS - É...

AA - ...é comum a outras pessoas.

WS - É. É comum. A maioria. A maioria. Ninguém vai lá. O próprio Lima Verde não vai lá. Ele paga, mas não vai. Então,...

WH - Ele ainda é sócio?

WS - É sócio. Mas eu raciocinei, eu tô sócio num negócio que não funciona... vou me declarar fora.

WH - Outra, outro tema importante na SBH, era a questão das enfermeiras, né?

WS - Ah, sim! Porque houve, houve inicialmente, uma desavença nesse sentido. Porque as enfermeiras vinham lutando pela sua ascensão, não é mesmo? Inicialmente, elas precisavam obter apenas ginásio, depois começaram a também querer universidade e curso e tal, e os médicos (ri) não viam isso com bons olhos por causa do salário, porque afinal de contas daqui a pouco era o mesmo, não é? Agora nem sei como é que está isso. Mas as enfermeiras foram galgando. Agora, foram galgando e também, apesar de é..., financeiramente serem beneficiadas, pelo pequeno número a que foram sendo reduzidas, entendeu, elas perderam até certo ponto a força. Porque elas foram se afastando da... da... das atividades práticas, né? Foram dando essas atribuições à auxiliar de enfermagem. E foram aumentando as...as auxiliares de enfermagem. O número de auxiliares de enfermagem começou a aumentar em um volume tão grande que, se tornou numa força poderosa, compreendeu? De modo que com isso perderam, as enfermeiras perderam porque elas são realmente em número muito menor porque a gente não pode deixar de...de chamar para o problema do salário. O custo é grande, é tão grande quanto o de um médico. De maneira que, num hospital às vezes você encontra uma enfermeira formada, né? O resto é tudo é...

WH - Auxiliar, né?

WS - Hem?

WH - Auxiliar de enfermeira.

WS - Auxiliar de enfermeira e muitas vezes práticas. Entendeu?

WH - É. Agora a enfermeira passa a ter um papel importante na Saúde, a partir de um certo período, né?

WS - Ah, claro! Claro. Olha, quando...

WH - Ela vira o agente de Saúde, praticamente.

WS - Quando, quando foi feito o plano de saúde, já naquela época dos jovens médicos, entendeu,...

WH - Dos “Jovens Turcos”?

WS - “Jovens Turcos”, então, a... a, o peso que se dava à enfermeira era grande como deve ser. Mas exorbitava a coisa. Ao invés de ter enfermeira de saúde pública, só, começaram a ter especialidades: enfermeira para tuberculose, enfermeira para doenças mentais... entendeu? E...

WH - A enfermeira também se especializou.

WS - Se especializou, entendeu? E... isto era contra a filosofia de trabalho. Porque o médico sanitarista, entendeu, ele tem todas as cadeiras em que ele se instrui para exercer atividade de múltiplas áreas. Porque quando ele chefia uma unidade sanitária, ele tem que ter idéias de saneamento rural, doenças transmissíveis, não é, de imunização, de... de... demografia. Ele é senhor de todos elementos para que ele possa atuar naquele universo. A enfermeira também!

WH - É. O sr. dizia multidisciplinar, né?

WS - É. Porque ela vai ser enfermeira especialista em...em tuberculose? Não é diferente de doenças transmissíveis! Não é? Se ela é preparada pra atuar no campo de doenças transmissíveis, não tem razão nenhuma de ser. Quer dizer, esses absurdos todos, também depois foram... Mas eu tô chamando isso pela importância que já na época se dava à enfermeira. Entendeu? Então é isso que tinha que dizer da sua...sua resposta. Mas não falamos nada de nutrição. (ri)

WH - Ainda não. A gente tá falando de assuntos mais gerais. Hoje a gente começou por outro caminho. Depois a gente vai falar. O sr. não se preocupa que a gente chega lá.

WS - Tá.

WH - Porque é..., outra coisa que eu ia lhe perguntar, dr. Walter, eh... nessa época... tem o... bom, a redemocratização e a época do Juscelino, né? Que é uma época, parece muito otimismo no Brasil, né? E é a época do desenvolvimentismo, né? E essa ideologia que chamam de desenvolvimentismo, ela entra na saúde, né? De certa forma a saúde se junta também ao desenvolvimentismo. Como é que o sr. vê essa questão toda, essa questão do desenvolvimentismo na saúde Pública...

WS - Essa...essa... nesta época do Juscelino, esse entusiasmo que ele levava para as metas, né, evidentemente que isso repercutiu na saúde, né? Com novas esperanças, com maior vigor nas atividades e etc. E o Juscelino, realmente, ele deu um apoio bom à saúde nessa época, né? Porque o que o presidente pode fazer? O entusiasmo dele deve se manifestar, compreendeu, de acordo com as diretrizes do Ministério comandada pelo ministro, que é o... o oficial dele, não é mesmo, é atender reivindicações. Não é? E na realidade ele auxiliou mais. Eu não posso dizer em número, mas, ele favoreceu o Ministério. Houve algumas coisas criadas, mas que minha memória não...

WH - O DNERu, né?

WS - Hem?

WH - O DNERu é dessa época.

WS - É, é. Uma das coisas, não é? Mas, eu não...

WH - O sr. não acompanhou a criação do DNERu?

WS - A... acompanhei! Bom! No Ministério havia umas coisas interessantes, e algumas das quais a gente crítica e também lamenta. Uma das coisas interessantes no Ministério é esse fenômeno de nós, os médicos sanitaristas, nos conhecermos pessoalmente, mas não há nenhum contato com as famílias. Porque isso que existe com a família militar, que eles vão pra um lugar, se entrosam, se...se visitam, se... enfim, se harmonizam, o médico sanitarista não tinha nada disso. Ele era... tava ali, tava aqui... agora uma família lá... Não tinha a...a... nunca nos visitamos por exemplo. Eu visitei uma única vez, Lima Verde lá na casa dele. Ele insistiu, eu fui. Mas, eu e minha mulher não fomos. Nem ele, nem ela, vêm aqui. Entendeu? Resquício desse isolamento das famílias. Entendeu? Isso...

WH - Essa vida...

WS - ...um aspecto, um aspecto negativo, porque tudo levaria a entender que essa comunhão das famílias, seriam um dos processos para revigorar, não é mesmo, as energias dos agentes que éramos nós, né? Mas não...n... nunca aconteceu isso. Entendeu? Até hoje. A maioria já morreu e (ri) a gente não conhece a família, nem... Não tem até no enterro, não tem até, não sabe até a quem dar os pêsames, porque não conhece ninguém. Não é?

WH - Mas o sr. dizia a propósito de DNERu, da criação do DNERu...

WS - Do DNERu.

WH - ...Eu tinha lhe perguntado se o sr. tinha acompanhado a criação do DNERu.

WS - Tem. Então, essas...esses processos que ocorriam fora da..., fora do ambiente ou do campo de trabalho nosso, quase que não influía. A gente sabia! Sabia porque afinal de contas, a gente participava teoricamente porque é... a estrutura do Ministério se mudava...

WH - É. Foi uma revolução, né? A criação do DNERu...

WS - ...e a gente tinha que tomar (?).

WH - ...botou de cabeça pra baixo tudo que já existia, né?

WS - Bom, você vê, você vê o que aconteceu foi o seguinte, a repercussão que teve na Divisão de Organização Sanitária. Vamos tratar disso futuramente, não sei. ...

Fita 11 - Lado A

WH - O sr. tava nos falando, Dr. Walter, sobre as repercussões na criação do DNERu...

WS - Sim.

WH - ...na DOS.

WS - Sim, é. É, você vê o seguinte, que até a criação do DNERu, uma das atribuições da Divisão da Organização Sanitária, era de procurar soluções para problemas de saúde pública para os quais não havia órgão específico no Ministério de Saúde. Criado DNERu, lhe deram uma série de atribuições, entendeu, que resultaram como consequência absorção de atividades que eram feitas pelo, pela Divisão de Organização Sanitária, entre as quais o bócio, que tinha sido feito pela...pela DOS, entendeu? E que na fase de... de, é..., avaliação e de manutenção do sal iodado, para a segurança da profilaxia, passou para o DNERu, entendeu? Então não podia, (ri) a gente não podia deixar de tomar conhecimento dessa, dessas modificações. Entendeu? E outras, não é? Que, é..., eu não me lembro mais. Foi amplo, entendeu? E na ocasião até havia uma discussão, afinal de contas o DNERu ficava com atividades rurais só, ou também ela...

WH - É.

WS - ...se introduzia em atividades urbanas.

AA - Urbanas.

WS - Entendeu?

AA - E como é que, essa questão, como é que você vai definir o que o que vai ser a doença que tá no âmbito dela e que vai permanecer no DOS. Como é que foi essa...?

WS - É... É... (ri). É. O... o bócio é um.

AA - Teve disputa em torno dele?

WS - Não. Não houve disputa nenhuma pelo seguinte, que nós respeitávamos a lei e não tinha essa...essa fraqueza de querer lutar para ter atribuições pra isso ou pra aquilo. Era tudo do Ministério. Agora quem fosse fazer isso ou aquilo, a lei é que ditava, né? Mas ficou uma coisa no ar. Por exemplo: o bócio. O bócio é uma doença que tanto afeta a quem está na zona rural como quem está na urbana. Não é mesmo? E a prova disso é que depois que nós tratamos do bócio, por exemplo, eu vou mostrar depois um trabalho meu que está aqui, né? De o bócio no antigo Distrito Federal. Entendeu? Nós achamos em média 21,3% de bócio aqui. Eu disse até a vocês que os psiquiatras acharam que talvez houvesse uma..., um exagero. E nós tivemos que provar que não havia exagero nenhum. Porque morar aqui e morar em Minas, é a mesma coisa. Porque aqui, a água vem de fora, de áreas bocígenas. A comida vem de fora. Tudo quanto é vegetal, carne e tal, vem de fora. Aqui não se faz nada, não se produz nada. Não é mesmo? De modo que, só as fontes de minerais, não é, que os alimentos fornecem, que não são daqui. Então tanto faz morar aqui como lá em Minas. A atuação é..., não é? Então é... e onde nós pesquisamos? Pesquisamos tanto na zona urbana como rural. Vocês quando lerem o trabalho, vocês verificam que a mostra abrange o universo todo. Entendeu? Só ... zona rural, e suburbana. E todas elas são bocígenas. De modo que... a filosofia da..., o critério com que foi estabelecida,

foram estabelecidas atribuições, evidentemente não tinham essa precisão matemática que (ri), que a gente poderia querer, né?

WH - Mas o bócio então ficou todo pra depois?

WS - Todo depois. E nem havia necessidade de ficar. Por quê? Não é?

WH - Agora, essa questão da... da..., (buzina) de praticar a saúde na área urbana ou na área rural, no caso era o DNERu, né?

WS - É.

WH - Departamento de Endemias Rurais. É..., houve alguma divisão de tarefas, afinal já que o DNERu tinha de trabalhar na zona rural ou ele trabalhava tanto na área rural quanto na urbana?

WS - Não...não. Olha, o Ministério..., como eu já disse a vocês. O Ministério é um órgão essencialmente normativo. Ele faz a legislação da saúde pública para o Brasil todo. Entendeu? A sua atuação executiva, entendeu, é de acordo com as necessidades das áreas, dos estados. Dizia eu a vocês: “A presença maior do Ministério da Saúde é proporcional às necessidades do estado”. Piauí, no Piauí, o Brasil... o... o Ministério, carreava recursos e atuava, executava coisas que evidentemente, não ia fazer em São Paulo que não precisava disso. Não é mesmo? Então, proporcionalmente às necessidades, entendeu?

WH - Hum, hum!

WH - Então, quais eram as suas atividades? Eram atividades para as quais o Ministério tinha atribuições. Não é? Ele fornecia material.

AA - Questões de recursos humanos, né?

WS - Recursos humanos. Ele preparava...

AA - Preparar as pessoas pela área.

WS - Enquanto não tinha, ele mandava... ele mandava seu chefe pra lá, não é? Era o que eu chamo de... desse cacheiro viajante. Em termos que...

AA - Os cacheiros viajantes iam...(ri)

WS - Tinha de ir pra lá. Entendeu? Quando estavam preparados, então o sujeito voltava. Entendeu? Então, esse mecanismo é racional. Não é?

WH - É. Porque... é interessante isso que o sr. tá dizendo, porque vez por outra a gente se depara com essa discussão dentro do Ministério: se é rural, se o Ministério tinha que trabalhar com a saúde pública na área urbana...

WS - Mas, isso...

WH - ...se o DNERu não tinha que trabalhar na área urbana ou tem que trabalhar na área rural...

WS - Mas..., mas isso... isso é uma coisa que não tem razão de ser. Não é? Se há um órgão que está aparelhado para as dificuldades, as dificuldades ou peculiaridades de áreas urbanas. Compreendeu? Por quê que não vai atuar? Não é mesmo? A minha Divisão, não é, a Divisão de Organização Sanitária, que... que... que programava, não é mesmo, é... unidades sanitárias, é... maternidades, especificamente, dentro do hospital, entendeu? Pelo seu interesse peculiar. Entendeu? Ele não ia... se a ... a... unidade era urbana ou rural, pra ele não interessa. Ele fornecia tanto pra área urbana como rural. Não faz diferença nenhuma. Entendeu?

WH - Se fazia essa distinção.

WS - Agora, se havia polícia sanitária, entendeu? no DNERu. Ué! Evidentemente que ia mandar... ia lá matar mosquito, matar pulga, e coisa e tal. Que nada! Não é mesmo? Havia os Serviços Nacionais, né? Além das Delegacias Regionais, havia os Serviços Nacionais. Esses Serviços Nacionais também, tinham uma dimensão proporcional às necessidades da área. Também em São Paulo, não havia necessidade. Mas no Ceará precisava. Entendeu? Então, era maior. Ele agia ne...nesta área, de acordo com as suas atribuições. E não se chocava. Não havia, não havia confronto nenhum. Entendeu? Não havia confronto nenhum. Eu estava na Bahia. Vocês vão ver até uma fotografia. Eu separei essas fotografias também. Entendeu?

WH - Olha! Que maravilha!

WS - Tá lá, o Lessa, o Luís Lessa, que é chefe da circuns..., da... Circunscrição de Febre Amarela, não é? E eu era da Circunscrição de Malária. Nós trabalhávamos perfeitamente. Entendeu? E ambos matando mosquito. Não tinha esse negócio de mosquito municipal, mosquito estadual. Não havia nada disso. (Risos)

WH - Federal... (ri)

WS - Não é mesmo? Mas, ele cuidava do estegomia e eu do resto. Entendeu? E sobretudo, das doenças, não é? Dos amarementos. Compreendeu? Que era importante. Não é mesmo? De modo que nunca houve entrechoques. Nós trabalhávamos sempre com muita harmonia.

AA - E aí conversando sobre essa integração que o sr. falou, em diferentes âmbitos, questão municipal, estadual, federal. Eu queria conversar um pouquinho com o sr., sobre a própria harmonia, integração do Ministério com o..., quer dizer, do Serviço da DOS e tal, com a Fundação SESP. Quer dizer...,

WS - Não, não...

AA - ...como é que o sr. analisa, da própria atuação da Fundação SESP, como é que era esse...?

WS - Não. Olha, a Fundação SESP era um caso muito particular.

AA - Isso. Então fala um pouquinho pra mim... sobre isso.

WS - Ele foi criado, foi criado para, para... é, atuar na área onde o americano tinha interesse de tirar minério. Não é? No caso foi no Espírito Santo, não é mesmo? Então foi criado...

AA - No Nordeste também, né? No Recife não teve (?)

WS - Como é?

AA - ... em Recife também, em Pernambuco também, né?

WS - Não, não, não. Em Pernambuco não.

BG- Teve no Amazonas.

WS - Vou chegar lá. Então, foi criado, para aquela área em que o americano tinha interesse em tirar minério. Que ia ser num serviço especial. Não é mesmo? Em que eles davam, entravam também com recursos. E eles eram chefes. O americano era o chefe. Entendeu? E os técnicos eram brasileiros. Compreendeu? Então tava funcionando o negócio assim. Mas acontece que o interesse americano passou para a Serra do Navio, lá no Amapá. Entendeu? Então, o serviço estava funcionando aqui, eles não tiraram, mas fizeram outro lá. Quer dizer, o mesmo, entendeu, já com um ramoo lá, na Serra do Navio. Entendeu e, tá? Começou a atuar, naquela área do Amazona..., do Amazonas. Tá entendendo? Bem... Já aí não era um americano que comandava, mas sim um brasileiro. Entendeu? Era um superintendente. Como tudo no Brasil é feito de improviso, entendeu, e aquele que tem força é que manda, entendeu? O SESP, né? Compreendeu? com um padrão lá em cima, com... comparado com...com o nosso padrão. Nós éramos os primos pobres, entendeu, e nós achávamos que eles estavam certos e que eles deviam ser mantidos, porque era um degrau ao qual nós futuramente queríamos chegar. Entendeu? Eles então, começaram a fazer saúde pública em outras áreas próximas, entendeu, que não aquelas, para os quais, para...para o qual ela tinha sido criada. Entendeu?

AA - Atendia também a região em torno?

WS - Foi...foi... e foi indo e coisa, etc. E como evidentemente eles eram padronizados, eram ricos e funcionavam bem, entendeu? Pessoal era recrutado...

AA - E o custo era muito elevado, Dr. Walter?

WS - Hem?

AA - O custo desse tipo de instalação deles...

WS - Era mais elevado.

E- ...era muito elevado?

WS - Olha, eu acredito que... devia ser, sabe. Eu não tenho... não posso responder. Mas devia ser um pouco mais elevado. Eu não acredito que seja, seja muito elevado não, sabe.

BG- Os centros de saúde que eles faziam, diferiam muito do...dos centros de saúde que eram feitos pelo...pelo Ministério mesmo?

WS - Não. Essencialmente, não. Compreendeu? Porque e... eles, eles atuavam mais na zona rural, sabe? A origem deles é na zona rural. Não é mesmo? De maneira que, adaptado a área, universo que eles tinham que ser atendidos. E em certos aspectos era bastante diferente porque eles tinham internações, entendeu?

AA - Quer dizer, tinha uma parte de assistência médica também?

WS - É. Eles tinham uma parte de assistência médica e internações e etc. Entendeu?

WH - Tinha leitos, no caso?

WS - Leitos, então. E... socorro. Eles foram criados numa zona que não tinha nada. De maneira que tinham que suprir aquelas necessi... é..., suprir a...

AA - Demanda reprimida, né? muito tempo, né?

WS - Muito tempo. Portanto, tinha que... Então, com essa filosofia, era um trabalho diferente. Entendeu? Porque o nosso trabalho não tinha internação, não tinha esse...é..., essa assistência tão... tão... é apurada. Entendeu? Porque não... pobre não tinha, não tinha muito dinheiro, né, pra... para... Então, quando acabou o interesse, porque a parte de mine... essa parte de mineração, depois passou para um grupo brasileiro, entendeu, que até hoje atua nessa, lá na Serra do Navio. Não é? E em outros lugares. Eu estou ao par disso, mas é um grupo rico, entendeu, de São Paulo. E, deixou de ser aquele SESP que foi criado especificamente pra atender atividade do americano, entendeu? Então, como aquele negócio funcionava bem ali e aqui, então foi pleiteando, entendeu, junto, eles trabalhando junto aos esta... aos governadores, foram criando em outros estados também, entendeu? Ficou, ficou um serviço paralelo, entendeu? (toque do relógio)

WH - Era realmente paralelo? Não tinha contato, o Ministério não tinha contato com a Fundação SESP?

WS - Tinha. O contato era, era de cúpula. Entendeu? Mesmo porque, como já disse a vocês, o Ministério só executava excepcionalmente.

WH - Só executava?...

WS - A função do Ministério não era executar.

WH - Ah!

AA - Quer dizer, excepcionalmente executava?

WS - Excepcionalmente. Entendeu? O SESP, não. Foi criado para executar. Especificamente. Entendeu? É bastante diferente. Não é mesmo? De modo que, é..., os superintendentes depois, passaram a ser o quê? Sanitarista do Ministério, né?

AA - É. Mas tem o Marcolino Candéu, Ernani Braga, o Maia Penido.

WS - Não. O Candéu não era do Ministério não.

AA - Ele nunca foi do ministério?

WS - Não. Nunca foi. Ele era funcionário do Estado do Rio. Entendeu? Depois ele foi contratado, entendeu...

AA - Que foi o...

WS - ...com o Pinottes. Ele tava muito ligado ao Pinotti.

AA - Ah! O Marcolino era muito...?

WS - Era muito ligado ao Pinotte. E daí, ele subiu. Acabou...acabou Diretor da Organização Mundial da Saúde, acho que, 2 ou 3 períodos. Não é mesmo? Era, era um *gentleman*, sabe? Era... era um homem muito polido, muito agradável. E capaz, né? De modo que, pa...para ele, dominar a Organização Mundial de Saúde, né, precisava ter realmente, mérito, né?

BG- Havia um grupo de sanitaristas que criticava muito o SESP, né, a atuação deles. Por quê que o sr. acha que... que havia essas certas críticas ao SESP?

WS - É por, justamente por causa disso. Porque, o SESP tinha sido criado com uma...para, com uma finalidade. E ele passou a ter outras finalidades. A finalidade dele era realmente proteger as populações da área em que os americanos tinham interesse em extrair minérios. Entendeu? Tanto que passou do Espírito Santo para o Amapá, ele continuou com essa, com essa com esse objetivo. Agora, terminado aquilo, tinha que acabar. Não é mesmo? Era Serviço Especial, era pra acabar. No entanto não acabou, se expandiu. Essa é que era a crítica. Entendeu?

BG- Mas prejudicava em algum sentido a atuação dos sanitaristas...?

WS - Não! Não prejudicava nada. Eu acho que não prejudicava nada. Apenas, no meu modo de entender, era ótimo que eles permanecessem, porque eles não sendo mais especiais, não é mesmo, eles eram uma, uma...um objetivo, que nós, pobres, queríamos... íamos lutar por alcançar futuramente, que era chegar aos padrões deles. Entendeu? Padrão econômico, porque...

AA - (??)

WS - ...padrão técnico era o mesmo, né? Não tem nada.

AA - E entre as prioridades que eles destacavam, a educação sanitária, a formação de agências, de saneamento, tinha muito destaque, né? Como é que era nessa área específica da Educação Sanitária?

WS - Eu acho que...

AA - Os princípios eram muito diversos do que os que eram defendido no Ministério?

WS - Não. Era muito boa equipe. E uma das pessoas que vocês vão entrevistar em Pernambuco, que é o ...

BG e AA - Brito Bastos?

WS - Brito Bastos, é um dos respeitáveis. Entendeu? O Brito Bastos é uma pessoa que assim, a primeira vista é... é difícil. Entendeu? De relacionamento difícil. Mas é uma boa pessoa, que sabe as coisas, entendeu?

AA - E participou muito diretamente, né?

WS - Não. É, ele era chefe do...do..., da parte de Educação Sanitária. Ele e aquela enfermeira, a... eh..., cujo o nome eu não me lembro agora. Eles atuaram muito nessa parte educativa. O que eu acho ótimo isso. Eu acho que gente devia dar um peso maior. Mas...

AA - E ele também chegou a ser, por um momento, curto, mas por 1 ou 2 anos, o próprio Serviço Nacional de Educação Sanitária, né?

WS - Pois é, eu o substituí lá! (ri)

AA - O sr. foi substituto dele?

WS - Hem?

AA - O sr. o substituiu?

WS - É. Eu o substituí. Ele foi o Diretor do Serviço de Educação Sanitária. Quando ele saiu, eu fui nomeado para lá.

AA - Mas ele quando foi do Serviço Nacional de Educação Sanitária, ele já tinha toda uma passagem na Fundação SESP. Ele vinha de lá, né?

WS - Ah, sim! No SESP, no SESP. Ele vinha de lá. Era, ele era muito mais credenciado para ser Diretor do que eu. Não é? Porque eu nunca tinha atuado em Educação Sanitária. Evidentemente que eu tinha a minha, o meu aprendizado no Curso de Médico Sanitarista, não é? Mas evidentemente que há uma série de técnicas e tal que, é..., ele era senhor delas e eu não. É verdade que em âmbito nacional, a pessoa não pode estar com...com... segredinhos, com coisas pequeninas. Quando tem de pensar, é pensar amplo, é pensar alto para..., pensar elevado.

Não é? E não ficar preso à execução de programazinhos peculiares a determinados assuntos, etc. Mas ele, vocês vão ver que ele é uma pessoa muito capaz. O Brito Bastos.

AA - Essa questão da Educação Sanitária, é uma questão muito rica, né?

WS - É, é, é. (buzinas)

AA - Tem alguma coisa?

Data: 03/08/1995

Fita 11 - Lado B

WH - Bom, estamos começando hoje, a 6ª entrevista com o Dr. Walter Silva. Hoje é dia 3 de agosto de 1995. Estamos sempre presentes: Ana Beatriz Almeida, Maria Beatriz Guimarães e Wanda Hamilton. Dr. Walter, a gente vai falar hoje da Comissão Nacional de Alimentação, e eu queria lhe perguntar, é... pro senhor nos contar como é que foi a passagem da Comissão Nacional de Alimentação, do... pro Ministério da Saúde. Foi em 53. Não é isso?

WS - Foi em 1956.

WH - 56?

WS - É. Transferido do Ministério das Relações Exteriores, pelo decreto 31.730 de 30 de janeiro de 1956.

WH - E o sr. poderia me dizer, é..., qual foi o... a justificativa dessa passagem. Por quê que ela saiu do Comércio Exterior e foi para o Ministério da Saúde?

WS - Bom, os argumentos...

WH - Hum, hum!

WS - ...políticos usados, eu não sei, porque é..., quando eu me interessei pelo assunto já tava a transferência combinada. Entendeu? Mas eu acho que na Comissão... no, no Ministério do Comércio Exterior, ela estava mal colocada. Porque se havia algumas razões de ordem tarifária, é... e naturalmente de entender interesse, do, do... Gu... da (GAT?), assunto alfandegário. Por outro lado, a maioria das atribuições da Comissão de Alimentação era muito mais ampla. Basta dizer que, em resumo, ela era encarregada de assessorar o Presidente da República na questão de política Nacional de Alimentação. De modo que daí, traduzindo em miúdos, porque esse contexto con, continha, é muito grande. A pesquisa, né, através de inquéritos, inclusive, através do Brasil todo, sobre condições de alimentação no que tange a hábitos alimentares, a grau de nutrição, orientação da produção. É... facilidades para indústria de alimentação de interesse do governo, isto é, de interesse de favorecimento para alimentação do povo. De modo que era um leque muito grande de atribuições que não cabia na...na..., no local em que estava colocada anteriormente a Comissão. Como eu já, já talvez me expressasse a vocês, a Comissão Nacional de Alimentação, com atribuições tão amplas, que ela tem, ela devia estar ligada diretamente ao Presidente da República. Entendeu?

WH - Houve alguma tentativa desse tipo?

WS - Não. Nunca houve uma tentativa porque o assunto é muito complexo. E se de um lado, pudesse favorecer politicamente algum grupo, por outro lado, acarretava ônus que não interessavam, não interessava ao grupo, naturalmente procurar disputar, entendeu?

WH - Porque.

WS - De modo...

WH - O sr. tá falando de grupos, de interesses. Quê grupos eram esses? O sr. podia nos dar uma idéia?

WS - Capi... Grupos de indústria

WH - ãh!

WS - ...e de comércio. Evidentemente indústria, né? Que poderiam, naturalmente, ter em mãos, é... a... as atribuições que pude... pudessem favorecer. Não é mesmo?

AA - A proposta dos agricultores também tinham (?)?

WS - Hein?

AA - Dos grandes agricultores da...?

WS - Não, não. No Ministério da Agricultura não havia nenhuma pressão, a não ser na legislação, na legislação para a... para o consumo.

WH - Que era também era função da Comissão Nacional de Alimentação?

WS - Hein? Não, não.

WH - Não, aí não.

WS - Essa aqui é a Comissão de Normas e Padrões para Alimentos.

WH - Ah! Tá.

WS - Mas também tava no Ministério da...

WH - Sei.

WS - Saúde. E estava comigo, né?

WH - É.

WS - É.

AA - Quer dizer, nesse momento que ela foi transferida pro Ministério da Saúde, não houve uma pressão mesmo no sentido de que ela passasse para o Ministério da Agricultura?

WS - Não, não, não.

AA - Não houve nenhum tipo de disputa entre os Ministérios? A relação era boa com o Ministério da agricultura? (Falas sobrepostas)

WS - Passiva. Passiva. Nessa ocasião quem tinha a... a grande autoridade nesse campo de alimentação e nutrição, era Josué de Castro. Que levantou essa bra...bandeira, entendeu, e explorou muito. De maneira que, o primeiro interessado nisso era Josué de Castro, que era um peso político na ocasião. De modo que, ele estava a frente deste, deste...da dessa finalidade de trazer pro Ministério da Saúde. Tanto que o...o..., a coi... essa transferência foi feita no momento em que Josué de Castro era o presidente da Comissão Nacional de Alimentação. Entendeu?

WH - Ah!

AA - Interessante!

WH - E foi quando o sr. entrou?

WS - Não, não. Eu entrei bastante depois. Eu entrei na Comissão Nacional de Alimentação, como representante do Ministério.

WH - Como é que foi essa indicação, Dr. Walter?

WS - Hem? Não, essa indicação, que como eu disse já algumas vezes, o Ministério não estava muito interessado nessa questão de alimentação. Compreendeu? A não ser, os pediatras, pela questão da dietética infantil, o resto não se interessava absolutamente. E eu achava isso um absurdo, porque eu sempre pensei que a alimentação e evidentemente nutrição que é o mais, é um termo que abrange todos esses aspectos da alimentação e, e o aproveitamento do alimento pelo organismo, o aspecto de nutrição propriamente dito. Eu sempre achei que era uma arma mais poderosa da medicina preventiva. Sem que o indivíduo esteja suficientemente nutrido de modo a permitir o seu desenvolvimento físico e sobretudo o cérebro, que se constitui da sua estrutura até os sete anos de idade, entendeu? Se isso não for feito dentro desse espaço, o indivíduo tem grande probabilidade de ser ave de vôo rasteiro no campo da inte..., intelectualidade. Ele não será uma pessoa é..., em condições de ter pensamentos altos. Entendeu? De modo que, é... a minha luta no Ministério foi pro Ministério se compenetrar, que na realidade a nutrição e alimentação, compreendeu, era de grande interesse, compreendeu?

WH - O sr. acha que na verdade não havia esse interesse porque o Ministério estava mais preocupado com doenças, campanhas...?

WS - Perfeitamente. Perfeitamente. Porque se você examinar sob esse ponto de vista, você vê que o Ministério, naquela ocasião, chamava o serviço, que atualmente é de... de... é..., esqueci até o nome.

WH - Tratava de quê?

WS - De doenças. Chamava-se de doenças, de doenças mentais. E não era de saúde mental. Entendeu? Posteriormente é que foi chamado de saúde mental...

AA - Saúde mental.

WS - ...porque era doença mental. O quadro, o aspecto era de doença. Entendeu? De modo que, é..., essa vinda da Comissão Nacional de Alimentação, pelo Ministério, nesse particular foi ótimo, porque todos os problemas depois ligados à alimentação, passavam para o Ministério. E naquela ocasião, eu era o chefe da Seção de Nutrição da Divisão da Organização Sanitária, que diga-se de passagem, tinha as mesmas atribuições quase, da Comissão Nacional de Alimentação....

WH - Eu ia até lhe perguntar isso.

WS - Entendeu? Então, é..., eu... tive a oportunidade então, de ver o somatório, entendeu, a força então, dessas duas repartições no Ministério da Saúde. Tudo que havia de alimentação e nutrição, entendeu, passava pelo Ministério e passava por minha mão e durante um longo período.

WH - Essa área, Dr. Walter, depois que a Comissão Nacional foi incorporada, essa área de nutrição cresceu dentro do Ministério? Se incorporaram novos pesquisadores, novos sanitaristas ou permaneceu mais ou menos do jeito que tava?

E- Não. Se desenvolveu bastante, entendeu? Porque, inclusive, nos Congressos de Higiene que eram programados pela Sociedade de Higiene, era incluído a parte de alimentação e nutrição. Entendeu? E isso extrapolava para os estados e municípios, entendeu, chamando, focalizando esses aspectos, sob o ponto de vista de saúde pública.

WH - Claro!

WS - E no mini..., no Departamento Nacional de Saúde, o... um Curso de Saúde Pública, havia um programa de alimentação no campo da saúde pública. (barulho de sirene) De modo que houve um enfoque, entendeu, mais intenso nesse assunto depois que a Comissão Nacional de Alimentação passou para o Ministério da Saúde. Entendeu?

AA - Hum, hum!

WH - Os estados demandavam algum tipo de serviço nessa área de nutrição, tanto da comissão, quanto da seção de nutrição?

WS - Sim. O... o..., uma seção do Ministério, da Comissão Nacional de Alimentação projetou bastante, evidentemente, isso também deve ao Josué, que era o interessado, era de Pernambuco. Entendeu? Em que a Comissão tinha ingerência direta. Entendeu? Inclusive, incluso, inclusive, é..., elegendo o chefe dessa Comissão. Não é?

WH - Era Comissão...

WS - Comissão...

WH - ...de Pernambuco.

WS - De Pernambuco. Comissão Nacional, Comissão de Alimentação do estado de Pernambuco.

WH - Cada estado tinha uma comissão?

WS - Hem? Não, não...

WH - ...Ou era um caso atípico?

WS - Não chegou. Era um caso atípico. Ou por outra, singular.

AA - Talvez pelo interesse da postura do Josué, né?

WS - É. Interesse pela postura do Josué. Entendeu? Mas, todas as, todos, todas as Secretarias de Saúde passaram a considerar melhor questões perto de alimentação e nutrição. Nessa época também, o... havia programas americanos, entendeu, ligados a...a... a contratos do governo com o governo americano lá, em que é... dava uma ênfase muito grande aos estudo de alimentação e nutrição, entendeu? Daqui a pouco, podemos falar inclusive, num dos inquéritos muito importantes. Tem aqui um relatório bastante volumoso...

WH - Aqueles grandes?

WS - Justamente de uma, de um... uma comissão dos Estados Unidos era...era a militar, veio aqui ao Brasil e conosco fizeram um grande inquérito de alimentação e nutrição no Nordeste. É. De maneira que houve realmente, muita, muito, muita ênfase depois que a Comissão Nacional de Alimentação passou para o Ministério da Saúde. Né?

WH - E essa Comissão, Dr. Walter, como é que ela se compunha? Eram representantes do Ministério...?

WS - Não. A comissão era um órgão de representação coletiva. Entendeu? Ela tinha um participante, é..., pessoas do Ministério da Educação, Ministério do Transporte, Ministério da Marinha, Ministério do Exército...

WH - As pastas militares também...

WS - Militares. Não havia da aeronáutica porque o Ministério da Aeronáutica ainda não tinha sido criado. E... esse, esse colegiado funcionava, porque se reunia com freqüência e os assuntos nacionais eram debatidos nessa, nesse plenário e daí naturalmente, saíam proposições que eram levadas ao governo, entendeu?

WH - Havia desentendimentos? Porque eu fico imaginando...

WS - Não.

WH - ... representantes de diversas áreas, com interesses diferentes, criava...

WS - Não, não. Interessante que não havia muita..., havia a... aliás muita concordância.

WH - É?

WS - É. Primeiro pelo seguinte: o assunto apesar de ser um..., se prestar para polêmica política, entendeu,...

WH - Pois é.

WS - ... era um assunto novo. Como eu disse, Josué que foi levan..., levantou bandeira nessa ocasião, não é mesmo? Era um assunto novo. Por outro lado, a industrialização de alimentos estava se iniciando nessa... nessa época. Compreendeu? De modo que, as pessoas estavam muito interessadas em ter financiamento, de... de procurar orientação técnica, entendeu? E essa parte política ainda não tinha se desenvolvido. Não é? De modo que, não havia (tosse), nunca houve (tosse) é..., pelo menos na época em que eu fui presidente, nunca houve nenhuma polêmica. Pelo contrário, era...

WH - Atritos entre...

WS - ... era o debate era sereno, era... muito produtivo porque quando se estabelece a discórdia, a...as conclusões são muito demoradas pra chegar, né? De maneira que aí não, a... as conclusões (tosse) eram rápidas, sabe?

WH - O sr. quer tomar um copo d'água? Tá bem?

WS - Não, não. Não quero não. Tô bem.

AA - Em... se as conclusões eram rápidas assim, como é que eram as operacionalizações?

WS - Era o quê?

AA - Era fá...fácil executar...

WS - É, bom.

AA - Quer dizer, era fácil conseguir que o governo tornasse aquilo norma, tornasse aquilo algum tipo de medida a ser cumprida pelos estados ou pelas escolas ou em todos os outros âmbitos da alimentação, ou era difícil?

WS - Não. A... a... a execução, entendeu, ou por outra, a... as medidas a serem postas em execução, naturalmente demoravam, né? Demoravam. (barulho do relógio) Porque tudo que diz respeito a burocracia no Brasil é demorado, não é mesmo? Porque passam por, passam por projetos muito longos, entendeu? A burocracia é muito longa.

AA - Os caminhos são...

WS - É. Os caminhos são muito... ínvios, não é mesmo? Nunca são da ordem direta, né? De modo que sempre demoravam, né? Demoravam. Nós de uma maneira geral, o campo em que a gente agia, funcionava bem. Como eu vou mostrar a vocês, aqui eu tenho...

WH - Qual era o campo em que vocês agiam diretamente? O sr. pode...

WS - O campo da..., por exemplo: das..., vou dizer realizações e tem, acompanhados aqui, naturalmente, das...das...dos relatórios, das atividades, etc. Pesquisas de hábitos alimentares, consumo e custo. Isso foi, aqui nos anais, vocês encontrarão uma riqueza de informações a respeito disso. A respeito dos hábitos, do consumo e do custo. Entendeu? Sendo que...

WH - Consumo...?

WS - Consumo. A quantidade. Quantitativamente. Quantas pessoas, quanto a pessoa...

WH - Da população brasileira como um todo?

WS - Não. Não...do... do universo pesquisado. Não é? Do universo. Evidentemente que essas, as amostras para a pesquisa era estatis... estatisticamente, significativa. Que ele realmente refletia a realidade do universo. Entendeu? Então você via, no que diz respeito a hábitos alimentares, as coisas mais mirabolantes, inclusive, no que tange a maternidade, porque nos interessavam muito o período de amamentação, não só como fato mas como também um período é..., de fornecimento do leite materno, não é mesmo? Porque, chegou-se a conclusão de que quanto mais cedo a criança era... era privada do leite materno, quer dizer, o desmame. Quanto mais cedo se desmamava a criança, mais cedo e com mais frequência ela era atingida por infecções que acarretavam mortalidade infantil. Por quê? Porque a ignorância das mães era muito grande e elas não tinham condi... conhecimentos bastante para proteger a alimentação da criança. Entendeu? Então, era o vasilhame que estava... não estava em condições higiênicas perfeitas. A água que não tinha condições de potabilidade, que era usada. As moscas que poluíam o bico da mamadeira. Enfim, é um rosário de coisas captadas que estão aqui descritas pormenorizadamente. Entendeu?

WH - Quem fazia esses inquéritos?

WS - Hem?

WH - Quem fazia esses inquéritos?

WS - Era um grupo de nutricionistas, muito preparado para isso.

WH - Era gente do Instituto Nacional?

WS - Não, não. Era gente da Comissão Nacional de Alimentação.

WH - Ah! A Comissão Nacional tinha um corpo de...

WS - Tinha, tinha. De pesquisa. Entendeu? Então, eram...eram..., eram nutricionistas que, que se deslocavam para um local que era eleito para a pesquisa. E aí elas permaneciam. Daí a vantagem. Elas permaneciam e entravam na privacidade do lar. Entendeu? Elas conheciam os hábitos das famílias. Porque as famílias aceitavam pelo prévio prepa..., pela preparação, entendeu, psicológica da família, para quebrantar possíveis (assobio ao fundo) é..., possíveis interpretações, que não...não fossem aquelas positivas para nós (campanha). Não é? Então, elas quebravam esta desconfiança. As famílias passavam realmente, a ter confiança na... E então, não negavam informações

WH - Hum!

WS - ...e era fácil captar a realidade, não é mesmo? De modo que é..., essas... esses relatórios dessas pesquisas, retratam, realmente, o momento em que a... a realidade ocorreu. Entendeu? Merece realmente confiança...

AA - Hum, hum.

WS - ...esse...esse tipo de inquérito. INTERRUPÇÃO DA FITA

Fita 12 - Lado A

WH - Pronto. O sr. dizia, Dr. Walter, que esse, essa Comissão Nacional de Alimentação tinha, o sr. estava nos falando...

WS - É!

WH - ...contando sobre esse inquérito, que eu fiquei curiosa sobre essa equipe de nutrólogos que a Comissão Nacional de Alimentação...

WS - Não. Nutricionistas.

WH - Nutricionistas. Perdão.

WS - Certo.

WH - É... E o que eu fiquei querendo saber, se além desse grupo, tinha algum tipo de cooperação com a Seção de Nutrição, com o Instituto Nacio..., com o Instituto de Nutrição, no caso, né? Se havia...

WS - Qual Instituto?

WH - O Instituto do Josué de Castro. Que o Josué de Castro era o diretor. Era o Instituto Nacional de Nutrição.

WS - Sei.

WH - Instituto de Nutrição.

WS - Sei.

WH - Se a Comissão trabalhava também junto com essas... com esses grupos?

WS - Não. A Comissão, uma das atribuições da Comissão, era coordenar todos os órgãos que cuidassem de alimentação e nutrição. Coordenar, entendeu? Agora, veja que, num país continental em que, em que a... as vias de informação eram tão precárias, não era fácil fazer uma... Apesar disso, a Comissão procurava reunir periodicamente esses grupos, entendeu, para uma atualização para um... um trabalho de cooperação como seria necessário. Entendeu? Inclusive órgãos internacionais, que também se reunia na Comissão Nacional de Alimentação, entendeu?

AA - Quais órgãos?

WS - Hem?

AA - Quais órgãos?

WS - É... o..., havia na ocasião, um programa cujo nome não me recordo, ... cujo nome não me recordo agora, entendeu? Era no fim... no fundo era um programa de auxílio, entendeu, alimentar no Brasil. E havia um relacionamento muito estreito com a... da Comissão de Alimentação com esse grupo, porque pertencia a esse grupo uma americana chamada Maryon Frazon, Frazão. Essa Maryon Frazão nos auxiliou bastante, financeiramente. Porque a Comissão, inicialmente, dependia apenas de recursos do Ministério. Mas, eu tinha uma secretária de um... uma visão bastante grande e de um preparo (telefone) bastante elevado. Era a D. Hercínia.

AA - D. Hercília?

WS - Hercínia.

AA - Ah! Hercínia.

WS - Hercínia. E D. Hercínia (voz ao fundo atendendo o telefone) então, me... que era secretária da Comissão. Entendeu? Ela me chamou a atenção da possibilidade de criar um fundo da Comissão. Coisa que nessa época era muito difícil, porque o Ministério dava contra porque havia já muito...muitos órgãos que pleiteavam fundo, entendeu?

AA - Hum, hum!

WS - Que davam liberdade de você poder trabalhar melhor, inclusive, no início do ano é uma dificuldade porque, os recursos só eram liberados tardiamente, entendeu? Então, essas limitações, também dificultavam muito a...

AA - Administração... (fala sobreposta)

WS - ...administração do órgão. D. Hercínia, então, argumentou em favor da criação desse, fez o documento necessário e nós conseguimos o fundo.

AA - O fundo... (fala sobreposta)

WS - E através então, da Maryon Frazão, que era do...do...da, inicialmente era ligada à Embaixada Americana, entendeu, e...e... e esse programa americano que ajuda a...ao Brasil na época, entendeu, então conseguia recursos, entendeu? Porque a Comissão podia fazer publicações, entendeu, podia é... manter grupos funcionando fora da sede. Custava dinheiro, né?

AA - Hum, hum!

WS - Transporte de avião pra cá e pra lá, entendeu? E... e com isso, realmente, nós tivemos oportunidade de trabalhar melhor, não é?

WH - A Comissão tinha programas também, e que também demandavam recursos de fornecimento de algum tipo de alimento pra grupos carentes?

WS - Sim, sim. A Comissão estava com o... alimen...a... a alimentação, Programa de Assistência Alimentar, de gestantes, lactentes e nutrízes. Entendeu? Então, a Comissão recebia leite excedente de países em que a produção era, era maior do que a necessária, excedente de leite que tinha eh..., uma taxa de gordura menor, porque naturalmente era retirada a gordura para a industrialização de laticínios, não é, leite, manteiga e etc, não é? E esse leite vinha através do chamado FISI, do Fundo Internacional de Socorro à Infância. Entendeu? Então, no Brasil, esse programa era coordenado pela Comissão Nacional de Alimentação em 11 estados, entendeu? E, evidentemente que, o Brasil pagava apenas o transporte do leite. Entendeu? E quando o leite vinha, já vinha a programação e deixava em cada estado, entendeu, já a sua cota para...

WH - Quer dizer, o estado fazia a distribuição, né?

WS - Fazia. E havia..., no estado havia um coordenador nosso. Entendeu? Que supervisionava a, a distribuição do leite. Que aliás, diga-se de passagem, sofria muito porque é... àquela época, eu não sei se hoje mudou, porque eu saí do circuito, a..., o leite era muito parasitado o... ou com tendência a parasitismo político. Porque o seu deputado com maior, (sirene) com maior influência em determinada área, ele achava que o leite devia atender aquela, aquela, aquele curral eleitor. Entendem? Entendeu? E que, evidentemente, eu não deixava e por isso brigava muito e às vezes eu era chamado pelo Ministro para é... dar explicações, porque o deputado vinha diretamente ao Ministro se queixar que eu estava criando dificuldades lá à... à execução do Programa de Alimentação, Programa de...de, Alimentar Materno-Infantil, Entendeu? Mas, eu não tinha e nunca tive medo e nunca tive, absolutamente, nenhum receio de enfrentar essa situação. E por ocasião em que eu estive no Nordeste, com o chefe do grupo que foi mandado

para socorrer as vítimas do... (tosse) do... da seca, entendeu? Em Limoeiro, Limoeiro do Norte, interior do Ceará, ...

WH - Onde?

WS e AA - Limoeiro do Norte.

WH - Limoeiro do Norte.

WS - Do Norte. Na área quem mandava era a UDN, entendeu? E quem é..., chefiava a distribuição do leite, desse leite do FISI, entendeu? era do grupo da UDN. E ele só fornecia o leite a filiado do partido. E eu tomando conhecimento disso, eu denunciei. Entendeu? E veio a ordem para a chefia pra mim (ri).

AA - O senhor tomou conhecimento e tomou o leite ao mesmo tempo. (ri)

WS - De modo que eu tive uma dificuldade tremenda porque, inclusive, tinha que fazer fichas e... pra controlar. Entendeu? No interior, foi tudo feito de uma maneira artesanal. Entendeu? Mas nós fizemos. E passou, passou, então, a distribuir esse leite. Tô citando esse caso, porque isso se repetia muito, sobretudo em Minas.

WH - Claro!

WS - Numa ocasião, eu recebi dois, dois deputados de Minas na Comissão. Eles vinham tomar satisfação, porque eu negava leite da maneira com que eles desejavam. Eu tive um argumento muito forte que parece que calou no espírito deles. Eu disse: “Olha, eu me re..., eu me admiro os srs., como bons mineiros e por isso mesmo participando dos hábitos dos mineiros que, no interior eles não dão valor nenhum ao leite desnatado. O leite desnatado eles dão pros porcos. No entanto o sr. está querendo leite desnatado que vem de fora para dar à gente”. “Ah, mas o leite desnatado...”. “É leite desnatado!” Eu não disse a eles que com o leite também ia vitamina suplementar, não é? A vitamina do grupo A, D, é..., A, D, E e K, não é? Que são as vitaminas lipo, lipo-solúveis, que, obrigatoriamente, a gente tem que dar porque, inclusive, a criança que é alimentada com leite desnatado, quer dizer, com baixa taxa de gordura, também é deficiente em vitamina A...

WH - Hum, hum!

WS - ...que fabrica o pigmento visual...

WH - Hum, hum!

WS - ...e a criança pode ficar cega.

WH - É. Da problema de visão.

WS - De visão.

WH - Carência.

WS - É. Carência. Então, eles saíram e eu fiquei muito satisfeito...

AA - (ri)

WS - ...pelo parasitismo. Então, isso...

WH - Com o Ministro o sr. não chegou a ter problema não?

WS - Não, não.

WH - Quer dizer, o Ministro apoiava ou ele...

WS - Não, não, não. Eu explicava ao Ministro. Eu não, a orientação da distribuição é técnica. E a técnica tá com a Comissão, não tá com o Ministro.

WH - Em nenhum momento se questionava a...

WS - Não, não, não, não.

WH - ... o poder da comissão de definir...

WS - É..., nessa ocasião...

WH - ...as normas técnicas de distribuição?

WS - Não, não. Nessa ocasião inclusive, o Ministro era o Mário Pinotti. Com quem eu, nós do Ministério tínhamos franca é... conversa, não é? Então, dizer de pessoa pra pessoa, entendeu, de técnico pra técnico. Quem orienta aqui sou eu, porque eu é que sei disso, você não sabe. Não pode se meter nisso, entendeu?

WH - E ele não se metia?

WS - Não. Eu tive problemas. Eu tive com problemas com o pessoal de Minas, eu tive com problema. Mas todos eles, felizmente, eu resolvi de acordo com a...

WH - Quer dizer, o Ministério apoiou o sr. no caso?

WS - Apoiou, apoiou.

WH - Apoiou a sua decisão.

WS - Apoiou, apoiou. Entendeu? De modo que esse programa foi um programa, não sei se continua, entendeu? Naquele tempo, esse Programa de Assistência Alimentar (toose) de gestantes, nutrízes e lactentes, entendeu, contemplavam 11 estados.

AA - 11 estados.

WS - 11 estados.

AA - E havia outros países que participavam desses tipos de convênios...

WS - Quem?

AA - Outros países, além dos Estados Unidos...

WS - Não, o... Não, não...

AA - ...que fizessem acordos na semelhança daquele que o sr. falou do governo norte-americano?

WS - ãh!

AA - Havia outros com outros países que o sr. se lembraria de falar?

WS - Não...

AA - Convênios de cooperação que enviassem dinheiro, ajuda de...

WS - Ah, sim! Havia, mas vou falar isso num outro, num... num...

AA - Porque o sr. citou só os Estados Unidos em tese...

WS - Sei, sei.

AA - Mas eu fiquei curiosa em saber se tinham outros também.

WS - É, eu vou deixar isso...

AA - Tá bom!

WS - ...pra ocasião em que for...

AA - For falar do, do balanço, ...

WS - ... desse negócio. Não do balanço não.

AA - ...desse inquérito. Inquérito no Nordeste.

WS - Não, não, não. Isso já é um outro..., é um outro..., é um outro ítem, entendeu, em que eu fui à América do Norte, é..., para discutir essa questão e etc.

WH - Agora, os americanos tinham, não sei se eu estou enganada nisso, né, toda a parte de... normas e padrões e definição de alimentação e nutrição. Isso os americanos desenvolveram muito essa área, né? Havia uma troca de...

WS - Informações.

WH - ...de informações nesse sentido. Ou seja, por exemplo: na hora de definir algum... algum plano, é... os modelos que se tomavam como exemplo eram, vinham também da experiência americana?

WS - Não, não.

WH - Qual era a referência da Comissão?

WS - Essa... quando, quando acontecia alguma coisa dessa natureza, então nós nos reuníamos, entendeu, brasileiros e americanos, discutindo os assuntos etc, de comum, comum acordo. Entendeu? Para que não se obedecesse à realidade. Quer dizer, as condições num país como a América do Norte, são condições muito diferentes. E naquela época mais ainda, do, do, das condições do Brasil. De modo que, nós nos juntávamos pra discutir esses aspectos, entendeu, para que o programa realmente se encaixasse na realidade brasileira.

WH - Quer dizer, fazer uma adaptação, no caso. (Falas sobrepostas)

WS - É, e não tomar programa de fora, (*in topo?*) para aplicar. Isso nunca deu resultado, não é? De modo que, nós, a esse respeito nós tínhamos muito cuidado, né? Nunca fazíamos esse tipo de...de programação.

WH - Agora, os Estados Unidos eram, era o país que tinha mais trabalho nessa área de alimentação?

WS - Não. O... o... o órgão que presidia todas essas atividades, entendeu, eram...era a FAO, né?

WH - É!

WS - A FAO é, era que presidia isso internacionalmente, não é? Tanto assim que, na Comissão Nacional de Alimentação, havia um órgão da FAO.

WH - Havia um representante da FAO?

WS - Havia... Não. Representante não, havia um órgão correspondente a FAO, entendeu? Que, é... ... (buzina). Que tinha, entendeu, aquelas atribuições da FAO, entendeu...

WH - Dentro da Comissão, do Brasil.

WS - Dentro da Comissão, dentro do Brasil. Era, era uma comissão que, é..., que funcionava aqui..., dentro da Comissão nacional de Alimentação e depois, quando a comissão passou para dentro do Ministério da Saúde, tempo depois, ela foi transferida para o Itamaraty. Entendeu?

WH - Ah!

WS - Entendeu? Passou a ter um representante específico no Itamaraty. Entendeu?

WH - Essa Comissão da FAO, no caso?

WS - Da FAO, da FAO. Que funcionava dentro da Comissão Internacional de Alimentação. Quer dizer, com a Comissão, entendeu? De modo que, havia um entrosamento muito bom. E essa preocupação de entrosamento e coordenação, vinha da experiência que a gente tem no Brasil, da multiplicidade de órgão fazendo a mesma coisa sem uma ligação de uns com os outros. Entendeu? Esse aspecto sempre foi, da minha parte, muito cuidadoso. Tanto que eu vou mostrar a vocês, entre as publicações que nós fazíamos, entendeu, tem uma específica para isso. Que era o boletim informativo em que nós queríamos que todos os órgãos, entendeu? recebessem pra saber o que um e um outro tava fazendo, entendeu?

WH - Claro!

WS - Era esse boletim informativo.

WH - Até por isso que eu lhe perguntava, Dr. Walter, é..., se a Comissão trabalhava em conjunto com o Instituto de Nutrição e a Seção de Nutrição do Ministério. (relógio) Até pra não ter esse problema de multiplicidade de trabalhos. Isso não se verificou na época em que o sr. era presidente?

WS - Não. Não pelo seguinte, porque a Comis..., a... o Instituto Nacional de Alimentação da Universidade, tá entendendo, ela ficou muito, particularmente presa, à pesquisa no campo da Patologia da Alimentação, entendeu? Nos hospitais, nas clínicas, entendeu? Ela circunscreveu mais a sua ação nesse aspecto. Entendeu? Uma vez ou outra fazia um tipo de pesquisa como aquela que foi feita, é... para..., para os chamados: “Alimentos, Alimentos Bárbaros do Nordeste”, entendeu? Que eram aqueles alimentos, é..., que eram, é..., consumidos em épocas de crise tremenda de alimentação, de seca e etc. Entendeu? Então, comiam uma série de coisas como bró, eu até vou mostrar a vocês, ...

WH - Como o quê?

WS - Bró. O bró.

WH - Bró!

WS - É. Eu depois mostro a você, um trabalho (ri) que eu fiz sobre o bró. Tá aí escrito. Bró. Então, que..., é..., que eram mais fibra, entendeu? Mandacuru, mandacuru é aquele alimento que dão, eles dão até pro gado na seca, porque é muito rico em água. Enfim, aqui na... há um trabalho sobre alimentos bárbaros que inclui um trabalho feito pela, pela, pela... Comissão, Comissão não, ...

AA - Pelo Instituto...

WH - Instituto.

WS - ...pelo Instituto, entendeu? Mas ele ficou mais circunscrito à patologia da alimentação, entendeu? À doença clínica, entendeu?

WH - Resultante de uma...

WS - De alimentos, de alimentação.

WH - ...de uma carência alimentar, né?

WS - ... de alimentar. Veja que, eles aprofundaram muito isso, entendeu? E a nossa parte...

WH - E em geral com as populações pobres, né?

WS - Hem?

WH - Em geral com as populações pobres, né?

WS - É. Com as populações pobres. É. E a nossa parte, o que a... o... a..., a orientação sempre que nós tivemos, foi preventiva. É justamente...

WH - De quem? Da Comissão?

WS - Não, não. Preventiva. Preventiva no sentido de prevenir para que não houvesse a doença e não deixar haver a doença pra então estudar a doença. Entendeu? Então, essa prevenção, foi sempre o que nós fizemos. Esses inquéritos mostram isso. Por quê nós íamos, por quê nós fizemos inquéritos de alimentação e nutrição? É justamente pra isso. Para verificar. Em que condições estava aquele grupo, entendeu, para orientá-lo no sentido de evitar que ele chegasse à doença. Evitar sempre a doença, quer dizer, a carência alimentar de modo a se manifestar de uma maneira elevada de patologia. Não é mesmo? (tosse) Então, era esse a nossa, eh... Agora, afora isso, não havia um entrosamento, vamos dizer assim, representantes da... do Instituto. Não! Nós éramos um grupo só. E geralmente, um grupo que tinha nascido daquela influência do Josué, naquela época dele, chamando atenção para uma coisa tão importante e que estava de... de..., relegada a uma situação inferior entre todos os...

WH - Ele foi presidente da Comissão.

WS - Foi. Foi.

WH - Por quê que ele saiu?

WS - Ah, não sei! Eu não sei. Quando a Comissão passou para o Ministério da Saúde, naturalmente, mudou. Não é mesmo? Porque o presidente da Comissão de alimentação, era uma pessoa eleita, entendeu, pelo Presidente da República. Ao Presidente da República, levavam três nomes. E o Presidente da República escolhia um.

AA - E esses levavam, era o Ministério da Saúde, indicava três...

WS - No caso do Ministério da Saúde, evidentemente, não é, era o Ministério da Saúde que indicava. Dava os três nomes. Entendeu? Não quer dizer, que aqueles três nomes fossem do Ministério da Saúde.

AA - Hum, hum!

WS - Eram técnicos, entendeu, que existiam, e que, naturalmente, mereciam essa...essa faculdade de ser presidente da comissão, né? Então, quero crer que, a saída do Josué não quer dizer que ele tenha sido exonerado não. Não, um, um ato comum. Passou pro Ministério, naturalmente o Ministério tem condições de indicar outra pessoa, não é, como podia ele continuar. Enfim, esse... esse...

WH - O Josué não tinha problema no Ministério da Saúde. Tinha?

WS - Não. Não tinha não. Não tinha.

WH - Tinha relação com o Ministério, com algumas pessoas...?

WS - Não, não. O, o, Josué, era um homem de clínica. Ele tinha o seu consultório. Exercia a sua clínica. Entendeu? Era apaixonado por esse campo de atividade, de alimentação e nutrição. E depois político, não é? Político de esquerda, né? É. Tanto que ele foi exilado. Entendeu? Morreu. Morreu em Paris e tal, etc. Mas, era uma pessoa de...de...

AA - Com bom circuito dentro do...

WS - Inteligência privilegiada. Um orador como eu nunca vi. Entendeu? Ele, ele realmente, ele prendia, ele falava muito bonito e muito certo. Entendeu? De uma simpatia muito grande, entendeu? Se bem que, em Pernambuco ele não tinha muita simpatia, porque sabe como acontece nesses meios, né? Quando a pessoa se projeta, entendeu,...

AA - Acaba sendo...

WS - É...

AA - ...meio...

WS - ...isolado, porque tá dando mal exemplo.

WH - (ri) Como assim?

WS - (ri) É. Tá dando mal exemplo. Não é? Num meio medíocre, (ri) o sujeito diz: “tá dando mal exemplo”. (risos)

WH - Pros medíocres, né?

WS - É. Pros medíocres. Pra... De maneira que, ele procurou um meio maior, né, que foi a Corte, não é? O Rio de Janeiro.

WH - Agora, quando o sr. foi indicado pra ser presidente, o sr. se lembra que outros nomes que estavam...?

WS - Ah, não sei quem foi não. Não sei.

WH - Com quem que o sr. tava sendo indicado...

WS - Não sei. Não sei. Mas eu sei que o Josué sempre me apoiava. Nós tínhamos um relacionamento muito bom. Não é? E no fato da criação do Instituto de Nutri..., de Nutrição da universidade do Brasil, eu também tenho um mérito porque torci para isso e agi para isso também. Para que se fizesse um Instituto lá, na Universidade, com o Josué, não é? Dei umas certas dicas, que no Ministério eu podia ter, entendeu, para que ele agisse. E foi criado esse Instituto, que eu acho muito bom. E eu tive sempre muito boa, muito bom tran...

Fita 12 - Lado B

WS - ...entrar, né, no que a gente fez na Comissão.

WH - Isso. O sr. pode contar pra nós.

WS - Não é? Bom, entre as realizações da Comissão, no tempo em que eu presidia, já referi às pesquisas de hábitos alimentares...

WH - Hum, hum!

WS - ...de consumo e de custo, que estão publicadas nos anais da Comissão Nacional de Alimentação. Importante também, pelo... pela necessidade de se saber, de uma maneira mais correta, das disponibilidades alimentares para consumo humano. Precisávamos ter um balanço.

AA - A disponibilidade dos, é...

WS - Disponibilidades alimentares pra consumo humano.

AA - Certo, então...

WS - Pra cada um comer...

AA - Que tipos de alimentos e de... quantidade (fala sobreposta)

WS - ...de quantidade e tal. Por grama, por ano e etc, etc. Entendeu? Isso tudo obedece a uma tecnologia bastante peculiar, entendeu, para seu efeito. Disso eu tinha um grupo do IBGE, para fazer a parte estatística, ...

AA - A parte de censo, estatística médica.

WS - Estatística, né? Em que saía um balanço alimentar do Brasil. Entendeu? Trata das disponibilidades para o consumo humano, discriminação por grupos e gêneros de alimentos, suas formas primárias e usuais de apresentação no comércio varejista, e no consumo domiciliar...

AA - (?)

WS - Entendeu? Então, esse balanço alimentar, entendeu, dava realmente com...

AA - Quer dizer, tinha também um espaço pra questão da produção, da importação...?

WS - Tudo! Tudo! Contratou-se..., entrava tudo. Importação...

AA - Quais desses...

WS - Hein?

AA - ...produtos que não havia muito aqui, com a necessidade de importar. Era com essa lógica?

WS - Era com essa lógica toda. O que..., o que fica do Brasil, o que ele...

AA - O que precisa vir...

WS - ... o que ele produz, entendeu, afora o que ele exporta.

AA - Certo!

WS - O que é destinado à alimentação de animais.

AA - Certo!

WS - Os desperdícios, entendeu?

AA - Hum, hum! (Fala bem baixo)

WS - E o que se importa.

AA - ...que se importa (fala bem baixo novamente)

WS - Então, essa quantidade é que está aí para o indivíduo consumir se ele tiver...

AA - E da mesma forma

WS - ...capacidade...

AA - ...para o governo trabalhar também, né? Pro Ministério da Agricultura, né? O...

WS - É claro, é claro, é claro... (fala sobreposta)

AA - Quer dizer, trabalhar a questão de suprir as carências, né?

WS - Pois é, entendeu? Então, este...este balanço alimentar, tem um valor bastante grande para que a gente possa, realmente, saber. Por exemplo: hoje está se dizendo que o brasileiro tá com... com o colesterol alto, porque come muita carne verde. Pois bem, pelo balanço alimentar da época, evidentemente, não sabiam que isso não era verdade porque o consumo da carne verde, (ri) era muito baixa. Entendeu? O consumo de peixe baixíssimo, correspondia a uma colher de sopa por ano. Entendeu? E coisa dessa natureza que o balanço dá. Entendeu? Que gordura... O brasileiro não comia quase gordura. Entendeu? Porque aquela gordura de porco que na minha casa e da... das pessoas da minha época, que comprava o toucinho e é..., levava ao fogo...

AA - Derretiam pra comer.

WS - ...para derreter...

WH - A banha, né?

WS - ...fazer a banha, daquela banha do porco e depois botava os pedaços do porco dentro daquela banha pra conservar, entendeu? Resultava aquele da... da...da... liquefação da gordura, ficava aquele torresmo gostoso que a gente comia e tal, etc. (ri) Fazia a...a... entupindo as artérias. (Barulho estranho) Que entupiu as minhas e que eu tive que me operar, etc. Entendeu? Quer dizer, isso era peculiar à... às pessoas que tinham, naturalmente, capacidade aquisitiva pra comprar mais toucinho e tal, etc. Isso não era... Agora, quem..., naturalmente, quem criava porco tinha essa possibilidade. Mas a gente via que, no cômputo geral, a quantidade de gordura do brasileiro era mínima. Entendeu? E essas coisas só podem ser conhecidas, se pesquisadas, não é mesmo? Então, é isso que mostra esse balanço de alimentação que se fazia anualmente.

WH - O sr. acompanha até hoje, esse tipo de...?

WS - Não. Não e nem sei! E nem sei se há mais Comissão de Alimentação.

WH - Se ainda se faz. Não! Mesmo que não seja da Comissão?

WS - Não, não. Eu com..., eu acompanhei as coisas no Brasil porque, naturalmente, eram informadas pelo Anuário Estatístico do IBGE. Mas depois que eu me aposentei, eu abandonei pelo seguinte: porque inclusive, eu me desfiz dos anuários porque tomavam muito espaço, entendeu, apesar de ser uma publicação de uma importância tremenda pra quem precisa conhecer os problemas nacionais, entendeu? Mas, atualmente, e...eu já entreguei isto, da minha

parte às gerações, às gerações que estão atuando. Eu já estou fora do circuito. De maneira que, tô cuidando de outras coisas da minha velhice, me preparando pra partir para outras galáxias.

WH - Porque eu ia lhe perguntar, Dr. Walter...

WS - Hein?

WH - ...o sr. falando... o Sr. tava aqui falando do estado nutricional da população brasileira, né? Nos contando um pouco, essa..., esses inqueritos que o sr. fez. Eu até queria saber se o sr. tinha noção de como é que, se isso mudou hoje, se há outras características...?

WS - Olhe, eu tenho a impressão que tenha havido alguma mudança. E eu digo isso pelo seguinte: pela experiência que eu tive ... é..., na... em problemas no Ceará, no interior, como eu disse, de é... daquele município.

AA - Ah! Em Limoeiro Verde?

WS - ...Limoeiro do Norte.

AA - Limoeiro do Norte, (?) de Limoeiro Verde... (fala baixo, se corrigindo)

WS - Quando eu estive, a primeira vez em Limoeiro do Norte, entendeu, primeiro: não se cuidava de mecanização de agricultura. A coisa era muito primitiva. As pessoas andavam de pé no chão. Aqueles pequenos produtores, colocavam os seus produtos num jeguezinho, entendeu, e iam oferecer ao mercado à uma distância tremenda, de pé no chão. Aquela roupazinha que é realmente é boa para os trópicos: uma calça, um blusão fora das calças, tudo muito largo, entendeu, pé no chão e um sapato, um chapéu de caruá na cabeça. Que aquele chapéu é poroso, funciona como manda a higiene, entendeu? Dez anos depois ou doze, eu fui chefiar um grupo que foi dar... eh, atenção à... à população que estava sofrendo uma seca muito grande. E eu fui pra essa região e como nessa ocasião, o Dr. Pedro Borges estava trabalhando comigo. O Dr. Pedro Borges era um técnico muito bom que depois..., ele era muito ligado ao Josué e depois ele também faz parte do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil. Era um dos técnicos de lá, entendeu? Mas nessa ocasião, ele estava trabalhando comigo e nós fomos, então eu o convidei para que nós fôssemos lá, para o interior do Ceará. Ele ficou em Russas eu fiquei em Limoeiro do Norte. Pois bem, a transformação que eu senti foi muito grande. Já se falava em tratores, já se falava... já havia casa para vender esses artefatos para, para a agricultura. Ninguém mais andava de pé no chão, usava umas alpercatas de couro, entendeu? E havia, se não me engano, 1.500 bicicletas registradas na prefeitura. Que significa isso? Significa progresso. Não é? Progresso. Em plena seca, eu comia carne de bode, carne de boi e galinha. Quer dizer, havia. Porque dizer: “Não, você comia porque tinha dinheiro pra pagar!”. Mas se não tivesse (ri) não adiantava nada o dinheiro pra pagar. Então, daí eu me inferir, se um município lá no interior do Brasil, que eu conheci em precárias condições dez anos antes e apresentava uma face tão diferente depois, então isso me dá a esperança de crer, que no Brasil isso tenha acontecido também. Entendeu? Porque eu não tenho, não tive mais, acesso às pesquisas que teriam sido feitas. Nem sei se existe mais Comissão Nacional de Alimentação. Não sei nada disso. (ri) Eu me..., eu tornei meu mundo muito pequeno nesse universo que está aí, é aí dentro...

WH - Que é aquele seu quarto?

WS - É. Meu quarto é minha, eu digo que é minha vida.

WH - Fantástico, aquele seu quarto!

WS - É. Ali tem tudo.

WH - Aquelas ferramentas, o...

WS - Tem minhas ferramentas, tem meus livros, que eu adoro, eu amo e sinto não ter tempo de ler todos. Que têm coisas... Eu compro sempre livros, né? Mas, não é isso que eu queria lembrar a vocês.

WH - O sr. tava contando aqui, o sr. tava lendo sobre esse, essas pesquisas...

WS - Bom, tá aqui, a outra...

WH - ...trabalhos que a Comissão desenvolveu na época que o sr. era...

WS - Pois é. É.

WH - ...isso na época em que o sr. era presidente, né?

WS - É, perfeito. Agora, planejamento e execução de seminários. Encontro governo-empresas, para soluções do problema da carência de vitaminas da população de baixo poder aquisitivo. Isto aqui, eu tinha pouco dinheiro e era dinheiro do fundo que eu tinha instituído na comissão. E para fazer esse encontro, era um seminário grande, eu precisava de...de..., de técnicos pra fazer, enfim, empresas que se encarregam disso e tal. Então, eu estive indagando e era muito caro. Muito caro! E eu resolvi eu mesmo fazer.

WH - Organizar o...

WS - Organizei...

WH - ...o evento?

WS - ...e executei o... coisa. Aluguei o Hotel das Paineiras. Porque eu não tava querendo fazer, num lugar de fácil acesso, para esse pessoal que vai, entendeu, por curiosidade à uma sessão e tal, pra conversar, encontrar amigos etc, e depois sair, entendeu, ir lá tomar um cafezinho e tal. Não vou querer esse tipo de coisa. Eu vou arranjar um lugar de difícil acesso porque só vai quem...

AA - Quem tá interessado literalmente.

WS - Interessado. Então, Hotel das Paineiras. Vocês vão ver os retratos que..., tem, é melhor mostrar depois, né?

AA - Hum, hum!

WH - É.

WS - Depois, não é? Desse, desse simpósio. Foi muito interessante, entendeu, e rendeu bastante, porque compareceram pessoas de nível bastante elevado, entendeu, para..., é... trabalhar neste seminário. Teve uma repercussão bastante grande e as indústrias estavam interessadas, inclusive, em certos programas. Por exemplo: enriquecer a farinha, entendeu, a farinha de mandioca, por exemplo, é um alimento de hábito geral no Brasil. Então, ela poderia ser veículo, por exemplo, é... de proteínas, não é? Porque a farinha de mandioca é quase tudo fibra, não é, pouco hidrôcarbonato, podia ser uma... um veículo para proteína, para pessoas de baixa renda. É... o pão, que a gente sabe, representa a vergonha do homem sobre a terra, porque o pão, inicialmente o pão de fazenda, era feito com o grão inteiro. E por isso era um pão escuro, um pão de aspecto não muito simpático, mas era nutritivo. E era aquele pão que Cristo apresentou na ceia, que era o símbolo do alimento. Pois bem, o pão deixou de ser o símbolo do alimento. Por quê? Primeiro, inventaram que o pão branco seria mais simpático e então tiravam do grão, a cutícula que é de proteína, o germe que é de proteínas e tem sais minerais e... é rico...

AA - Rico.

WS - ...em coisas, entendeu? E deixaram só o quê? A... a parte de açúcar que, de hidrôcarbonato que o grão tem. Então, aquilo é que é a farinha de trigo. Branca, entende, e com valor nutritivo apenas de fornecer calor, como a gasolina fornece combustível pro carro. Entendeu? Depois se deram conta que aquilo que se tirava, se tinha tirado do grão, entendeu?...

AA - (?)

WS - ...aquilo é essencial para a, para a, para a nutrição humana. Então quiseram corrigir. Então, os países que tinham condição econômica e técnica pra fazer, começaram a acrescentar então, aquilo que tiravam: as vitaminas, os sais minerais, a proteína, entendeu? Inclusive, acrescentando ao...ao pão, o leite. Entendeu? Agora, os países pobres como o Brasil que adotaram esse critério, entendeu, e que não tinham condições, continuam com um pão que não é aquele alimento simbólico que existia no início. Entendeu? Então é por isso que eu digo, representa uma...uma tristeza muito grande esse pão branco, com relação à racionalidade humana. Compreendeu? Então, esse simpósio, entendeu, era justamente para a gente corrigir esse tipo de coisas, enriquecendo aqueles alimentos que poderiam ser veículos para os grupos populacionais mais carentes economicamente, entendeu? Isso, esse simpósio foi muito bom, teve uma repercussão muito boa. E as indústrias que estavam, vocês vão ver, naquela época, tomaram conhecimento e se prontificaram, entendeu, à cooperar, coisa e etc. Entendeu?

WH - Deu algum resultado concreto?

WS - Hem? Hem?

WH - Houve algum resultado concreto desse encontro? (barulho do relógio) Quer dizer, se firmaram...

WS - Entre nó... Não. Não. O...o...o... o que, o que sucedeu depois disso é que houve maior cuidado com a produção dos alimentos, para não perder as... cara...características necessárias de alimento protetor. Entendeu? Mas, no Brasil, não a...a, e se...e se enri... procurou se enriquecer a farinha de mandioca. É...

WH - Chegou a se (?)

WS - ... juntando à farinha de mandioca, a farinha da soja, à farinha da mandioca. Isso foi feito com Josué, lá no, lá em Pernambuco, entendeu? Então era muito bom, porque era mais barato, entendeu, e era mais nutritivo. Então, no Sul havia uma produção, a produção de soja era no sul. Rio Grande do Sul, sobretudo. Entendeu? E no Rio Grande do Sul, não se aproveitava a farinha. Porque a soja era só para fornecer óleo, vender o óleo. Então, a farinha era subproduto. Eles vendiam muito barato. Então, comprava-se ba..., essa farinha barata e acrescentava-se uma porcentagem ao... à farinha de mandioca, para distribuir, para vender.

WH - Isso as empresas faziam.

WS - A empresa não, porque quem fazia isso lá, era o...o... a Comissão de Alimentação com...

WH - Ah! Tá!

WS - o, um, uma... com um órgão do Josué que tinha criado, cujo nome não me recordo agora, entendeu? Minha memória tá muito ruim pra essas coisas. Então quem fazia isso, era sob orientação do Josué. Entendeu? mas acontece, que com a demanda cada vez maior da farinha de soja, o preço começou a subir.

AA - É. É só valorizar o produto, que ele...

WS - Então, já não era mais...

AA - ...tão...

WS - ...economicamente, tão...

AA - Viável.

WS - ...viável. E a coisa acabou morrendo também. Entendeu? Esse tipo de coisa no Brasil, em que a gente, realmente, pensa numa coisa boa e tal. Mas que, ... no fundo, a teoria é diferente da prática. Não é?

WH - Isso depende da vontade da pessoa que tá fazendo, não é, Dr. Walter?

WS - É. É. Então, esse encontro governo-empresa, para a solução, é uma pretensão aqui, solução (ri), no problema da carência de proteína na população de poder aquisitivo, evidentemente, eh..., foi uma espécie de relâmpago iluminando um aspecto do problema, mas que, realmente, eh... depois que apagou, não teve essa...essa ação prática que todos nós desejamos, porque

evidentemente, a indústria no Brasil, àquela época, também era uma indústria que ainda estava eh... se... procurando se realizar. Não é mesmo? É preciso a gente se lembrar que, ninguém tinha geladeira no Brasil. Num país tropical, ninguém tinha geladeira porque não havia, não havia a fábrica de..., a Volta Redonda com..., pra fornecer a matéria prima, entendeu? Não tinham geladeira, não tinham automóvel, não tinha coisa. Era tudo importado. De maneira que a gente tem que se localizar, se situar no tempo e no espaço. Não é mesmo? Para se compreender porque quando se fala uma coisa hoje se..., que bobagem, fazer esse negócio pra quê?... Não é mesmo? Mas vai se colocar na...naquela situação. Não é mesmo? Participação também de congressos, de seminários, pesquisa sobre alimentação e nutrição.

WH - Aliás, o sr. falou em congressos e seminários, eu queria que o sr. me falasse um pouco sobre um congresso. Era um Congresso Latino-Americano de Alimentação e Desenvolvimento Sócio-Econômico.

WS - Esse, eu não...não... não me lembro não. Não participei desse seminário não. Não posso lhe adiantar nada porque não... Os seminários em que nós participamos à época, estão aqui, que eu pretendo dizer a você. Não é? Seminário de Alimentação e Desnutrição e Endemia no Nordeste. Quer dizer, são coisas mais, é..., menos ambiciosas do que um inquérito internacional, entendeu? Porque esses inquéritos internacionais que se realizaram aqui, entendeu, se não me engano, esse foi até é..., até eh..., trabalhado pelo Walter Santos. Pois foi realizado aqui, como sede num dos... num daqueles hotéis ali da Barra da Tijuca. Entendeu? E cujo, e cujo relatório, até hoje eu não conheço. Não sei se foi publicado. Entendeu? Mas me recordo que foi, eu parti... eu não participei, eu fui. Eu não... já estava fora do circuito de nutrição e... eu fui, porque afinal de contas, é..., meu passado sempre ligado também, a essa parte da, da saúde pública. Entendeu? Mas não, não foi... não foi publicado, se não me engano, o relatório. Walter Santos...

AA - Esse que o sr. falou..., esse que...

WS - Esse seminário...

AA - ...foi em quando?

WS - ...de Nutrição, foi em 1958.

AA - Ah! Em 58.

WS - Entendeu? Endemias do Nordeste e Desnutrição. Isso tem um...

AA - E vocês fizeram aqui no Rio de Janeiro ou fizeram lá mesmo?

WS - Não! Não, não. Lá! Isso foi lá.

AA - E teve uma boa aceitação técnica... especialistas...?

WS - Uma coisa! Uma... Isso, isso... esses tipos de inquéritos davam uma....

AA - Uma repercussão.

WS - ...uma repercussão. E depois davam uma força muito grande aos serviços, entendeu?

AA - Sem dúvida. Tinha um retorno...

WS - Isto, isto, olha que esses dois as..., esses...essas duas palavras mostram aquilo que eu disse, depois que a Comissão Nacional de Alimentação passou para o Ministério, como este assunto passou a ser delegado a um nível diferente, porque aqui dizia: “Desnutrição e Endemias”, para mostrar o vínculo tremendo que tem, entendeu, a desnutrição com as doenças que existem endemicamente, entendeu, e pior ainda as epidêmicas. Quando eu fui para o nordeste combater aquele mosquito *gambiae*, que passou da África para o Brasil e eu encontrei aquelas casas com uma cruz na porta dizendo que todos morreram, entendeu? Também eu verifiquei depois que isso foi uma fase em que a colheita tava ainda por fazer e o pessoal estava mais carente ainda. Quer dizer, isso significa o quê? Falta de defesa no organismo. Que resulta em quê? Aumento da gravidade da doença. Daí, eles di... Desnutrição e Endemias. Que realmente foi uma...um inquérito, um inquérito não, um seminário muito proveitoso para todo serviço. Compreendeu? Inquérito e Desnutrição do Nordeste. Comissão Inter-Departamental de Nutrição para o Desenvolvi..., para o Desenvolvimento, grupo americano que veio aqui em 1963. Este grupo era militar e que fez o inquérito nos Estados Unidos, entendeu, para o mesmo fim, saber as condições. E eles vieram aqui, propuseram ao governo fazer a mesma coisa. E daí resultou esse catatau aqui: “Nordeste, Brasil”, entendeu?

AA - (?)

WH - Uma pública...

Fita 13 - Lado A

WH - O sr. estava nos mostrando essa publicação, né?

WS - É.

WH - Desse grupo..., desses militares que vieram pro Brasil fazer esse, é...

WS - É. Militares técnicos. Técnicos.

WH - ...pesquisa de nutrição. Técnicos militares.

WS - Não é... Não são generais nem nada. Técnicos militares, não é?

WH - É de março a maio de 1963. Ele foi publicado em 65, né?

WS - 65. É.

WH - O sr. disse que eles é que financiaram, que pagaram...

WS - É. Eles pagaram. Eles pa... pagaram tudo! E nós, naturalmente, como... como... como nós coordenávamos tudo o que se passava, isso aqui no tempo da Comissão Nacional de Alimentação. Tudo que se passava de nutrição...

AA - No tema...

WS - ...tinha que ser coordenado, entendeu? E nessa ocasião então, eu não sei se eu assinaiei aqui. Tá aqui, oh! “O Brasil com... comício, Comissão Nacional de alimentação”. Entendeu?

WH - O... Aí nessa época, o Pedro Borges é que era o...

WS - É que...

WH - ...era o presidente?

WS - Não. E... era o presidente, geralmente. Era o presidente. Eu era o...o...

WH - Coordenador?

WS - Não. Eu era representante do Ministério da Saúde. Entendeu?

WH - O sr. deixou de ser presidente, mas continuou... atuando na Comissão...

WS - Não. É. Não. Eu...eu vou te explicar isso, mas antes do que você deseja.

WH - Com certeza!

WS - É o seguinte: é que, nessa ocasião, entendeu, estava mudando o governo. Saía..., entrava o Catete Pinheiro para Ministro da Saúde. Catete Pinheiro era de, do Pará. Era deputado pelo Pará. Era do Pará. E Pedro Borges era do Pará. E o Pedro Borges e eu, éramos unha e carne. Sempre trabalhávamos juntos. Bem. E nessa ocasião, eu estava chefiando, eu estava com a Divisão de Organização Sanitária. Estava com a coordenação de todos os serviços de alimentação dos órgãos do Ministério da Saúde, de todos os órgãos. Compreendeu? E que me dava um trabalho tremendo porque, vamos falar sobre isso daqui a pouco. Entendeu? Eram muitos órgãos! Então, quando o Catete Pinheiro veio de Brasília para tomar posse do Ministério, entendeu, ele já veio avisado pelo Jânio, que era Presidente da República, de que no Ministério, havia uns problemas de alimentação. Porque o Ministério da Saúde fazia contrato com uma firma, que fornecia os gêneros, fornecia o pessoal, coordenava os trabalhos e se..., e fiscalizava a si própria. De maneira que, era uma coisa muito triste porque, como as verbas do Ministério, no início do ano, custavam a ser liberadas, a firma é que custeava isso e o Ministério ficava devendo favor à firma. E aí havia uma série de cambalacho, que ge...

WH - Da firma que fornecia alimentos para os funcionários do Ministério?

WS - Pra..., por todo o serviço de alimentação. Porque...

WH - De bandejão, né?

WS - Era. Entendeu? Então o Jânio chamou a atenção do Catete Pinheiro. Quando o Catete Pinheiro chegou, entendeu, me chamou, eu era presidente da Comissão Nacional de Alimentação. Eu disse: “Olha, isso é uma das coisas...”, mostrei a ele, “Olha, há um ano, eu pedi ao Ministério, por ofício, ...”, tá aqui o ofício, “...que eu estava querendo saber as condições e etc.” E até hoje, ninguém me respondeu. E evidentemente, eu fiquei tolhido, porque insisti junto ao Ministro, um negócio desses podia parecer que eu estava duvidando da integridade dele, então... “Agora, desse... nessa oportunidade, eu vou lhe pedir o seguinte, me alivia um bocadinho que eu tô cheio de coisas. Eu tô fazendo muita coisa, junta. Basta essa questão de alimentação, entendeu, que eu... que ele botou sobre mim, e nessa ocasião ele disse assim: “O sr. então, vai organizar todos os serviços de alimentação dos órgãos do Ministério.” Ora, é brincadeira! Juliano Moreira. Que era um mundo! Câncer. Escola Alfredo Pinto. Escola Ana Nery. É..., tuberculose lá, como é, da... da, serviço de tuberculose lá do... Jacarepaguá. Enfim, ...

AA - Do Hospital de Curicica.

WS - Curicica!

WH - tinha o Instituto Oswaldo Cruz também.

WS - Oswaldo Cruz. (ri) Ainda presidia a Comissão Nacional de Alimentação. Então, ele fi..., ele disse: “Tá bom. Então o Pedro fica no seu lugar.” Tá bom.” (ri) Isso o Pedro é meu irmão, deixa ele aí, entendeu? Aí é que, o Pedro assumiu.

AA - Mas aí o sr. continuava participando da Comissão como representante do Ministério, né?

WS - Representante do Ministério. Sim. Mas, a minha ..., mas aí, a minha...

AA - Mas deixava a presidência? (?)?

WS - É. Mas aí a minha...

AA - Sobrecarga.

WS - É. Sobrecarga. Mas a minha responsabilidade era menor, porque eu era chefe lá da Seção de Nutrição, o... da Divisão de Organização Sanitária. Entendeu? Que já era um peso tremendo, não é? O sujeito fazendo... Era uma coisa, entendeu? E ainda mais! Reben... quando eu, quando eu a..., quando houve a, aquele incêndio do, do Circo, do coisa, entendeu, eu, lá fui como diretor do Hospital Antônio Pedro. A... A....Antônio Pedro. Porque eu tinha que... era o *free-lancer*, né? Eu tinha que estar em todo canto, não podia... Era um negócio muito... Então, Pedro ficou na presidência já da... Então esse inquérito do Nordeste, já foi um desses inquéritos que, eh..., nessa época se fez, né? Outro... Aí que nós vamos então, entrar naquilo que você falou, né? Que... a atuação internacional, não foi? Bom. Então, eu participei desse Conselho Interamericano, para combater a má nutrição. Re..., é... reunião em maio, em Miami, em maio de 1968. Então lá fui eu pra, para Miami. Entendeu? E isso precisa uma explicação: é que, naquele momento, como o Brasil estava realmente interessado nesse problema de alimentação

e nutrição, e o...o... havia, havia possibilidade de um entrosamento maior com a América do Norte lá nesse campo técnico, de alimentação industrial, no campo industrial, no campo eh... de higiene, enfim, em todos esses campos em que a nutrição se apresenta como um fator importante, entendeu, um deputado americano que tev..., que viveu algum tempo aqui no Brasil, entendeu, e nessa época era deputado nos Estados Unidos, ele tomou então conhecimento, que vários órgãos do Estados Unidos, entendeu, contribuíam com recursos para alimentação e nutrição no Brasil. Entendeu? E ele examinando a questão, verificou que havia uma certa política nisso. Entendeu? Tal verba ia pro..., através de órgão tal, outra verba ia pro outro tal que era mais simpático. Enfim, então ele pensou: “Quem sabe, se a gente reunindo aqui no Estados Unidos, essas verbas todas desses órgãos, a gente pode fazer uma programação melhor pro Brasil.”

AA - Mais centralizada.

WS - Entendeu? Então, essa era a finalidade desse Conselho...

AA - Dessa reunião reunião que o sr. fez, desse conselho.

WS-...Interamericano para combater a nutrição. Seria Conselho Interamericano, entendeu?

AA - Hum, hum. E aí o sr. participou prestando (?)...? (ruído na fita)

WS - Então, eu não... eu... Não, não. Eu era representante do Brasil!

AA - Pois é. Mas a dinâmica assim... o sr. se lembra, o sr. destacaria alguma coisa da reunião...?

WS - Não, não. Essa reunião, essa..., foram feitas várias reuniões, entendeu, mas essas reuniões eram mais no campo americano do que no brasileiro, (ri) porque eles é que forneciam o dinheiro. O Brasil estava interessado em receber.

AA - E eles solicitavam algumas informações?

WS - E como receber. Hem?

AA - Eles solicitavam alguns dados? Eles queriam que o sr. esclarecesse algum discurso?

WS - Ah, sim! Sim!

AA - A questão de como é que era essa taxa de nutrição? Eles queriam...

WS - Sim. Pois é, pois é. Bom, isso é o meu papel...

AA - Era o seu papel lá, né?

WS - O meu papel era esse. Porque era um representante. Não é mesmo? Era um representante no Brasil, um representante da Colômbia, um representante da Venezuela. Enfim, esses países

do 3º Mundo. Entendeu? E, eu era o representante do Brasil. Infelizmente, isso não deu em nada.

AA - Não veio essa verba centralizada?

WS - Não. Não conseguimos. Ele não conseguiu.

AA - Ele tentou, né?

WS - Ele tentou, não é? Mas foi um esforço muito interessante para unificar essas verbas. Participação, colaboração em programas, em atividades de alimentação e nutrição. Por exemplo: alimentação e nutrição em cursos estaduais de saúde pública. Então, nós fizemos, tomamos parte, no Curso de Nutrição de Pernambuco, não de..., o Curso de Saúde Pública em que a cadeira de nutrição era ensinada por nós. Entendeu? Então,...

AA - Mas o sr. colocou cursos é... estaduais.

WS - Cursos estaduais.

AA - Quer dizer, era o curso que o DNS levava pros estados, não é?

WS - Sim, sim. Pelo seguinte: porque havia o Curso de Saúde Pública ...

AA - No Rio.

WS - ...no Rio.

AA - Certo.

WS - Entendeu? Bem. Mas acontece que era...

AA - Limitado.

WS - ...muito limitada e inclusive caro. Porque ele tinha o..., o estado tinha que manter o pessoal aqui em hotel e coisa e tal.

AA - Pra ter conhecimentos, né?

WS - É. Então, e tal. E o número também, era limitado.

AA - Certo!

WS-Entendeu? Então, João de Barros Barreto, que era o diretor nacional, do Departamento Nacional de Saúde, imaginou fazer cursos, cursinhos de saúde nos estados, entendeu? Com o mesmo currículo, naturalmente, reduzido, com as coisas básicas. Então, neste curso, entrava alimentação e nutrição. Quer dizer, alimentação, num curso de saúde pública. Entendeu? E quem dava era eu. Então, participei...

AA - E nesses cursos de Pernambuco...

WS - ...Pernambuco, Espírito Santo, Rio Grande do Sul. Aliás, eu sou grato, porque, eu quando eu saía desses cursos, eu pedia um certificado. (ri) Eles me davam... pra, naturalmente, meu controle. Nos programas de reunião dos secretários de saúde do nordeste. O Ministério fazia reuniões do nordeste. Em pontos diversos do Nordeste, com os secretários de saúde para, é... para padronização das ações. Por exemplo: nós fornecíamos o material para um...uma unidade sanitária, vamos dizer assim, Itapipoca, lá no Ceará. Não é mesmo? Mas precisava que aquela gente tivesse a técnica necessária para usar esse material. Entendeu? Tanto quanto possível, o Dr. Barros Barreto chamava, pelo menos o técnico, o médico, que devia chefiar aquela unidade. Ele ia ser preparado pra isso. Não havendo quem estivesse preparado, Barreto mandava um de nós pra lá, pra chefiar até que ele tivesse terminado o curso pra lá. Mas precisava também, que essa pessoa tivesse o amparo do Secretário da Saúde. Porque naquele tempo, exigia-se que o secretário de Saúde, entendeu, fosse um médico sanitarista. Mas, aquilo, às vezes não podia ser, porque depende muito de política local. Então, ia um sujeito, por exemplo, especialista em raio X, pra lá. Não entendia nada daquilo. Então essa pessoa que estava engrenada com o Ministério, dentro daquela tecnologia, entendeu, às vezes tinha atrito com esse camarada, que era superior dele. Então, o Ministério reunia esses secretários de saúde para dar um banho de atualidade, entendeu, conversar sobre os problemas, entendeu? E enfim, dar a unidade da ação do Ministério da Saúde. Entendeu? Então, essas reuniões, eram muito úteis. E nós, que éramos chefes de serviços, íamos para...

AA - E elas tinham continuidade?

WS - Tinham.

AA - Ou acontecia muito esporadicamente. Ou elas tinham algum (?)?

WS - Não, ela... Não, não. Ela...ela era periodicamente.

AA - Periodicamente. Mas com algumas irregularidades?

WS - Sabe por quê? Pelo seguinte: porque é caro, né? (ri) Levar... é, levar um grupo de pessoas, de avião. Mantenho até 800. Caro, né? Então, nem tudo o que a gente deseja pode ter. Não é mesmo? E, o Brasil nunca foi rico economicamente, né? É rico, mas potencialmente. O que é diferente. O negócio tá debaixo da terra ainda. Colaboração, por exemplo, no Curso de Nutrição da Nestlé. A Nestlé fazia cursos de...de... de alimentação e nutrição, pagos por ela. Entendeu? Em auditórios pagos por ela, etc e tal. E convidava, naturalmente, o chefe de serviço respectivo, para..., também têm umas fotografias que eu vou mostrar a você. Então a gente, participava do curso. Não é mesmo? Apesar de ser um curso particular, mas como a gente era coordenador de tudo que fosse de alimentação e nutrição, entrava também, essa coisa, não é? Publicações, o balanço alimentar do Brasil, a respeito do qual eu já falei, anais da Comissão Nacional de Alimentação, em que estavam, está tudo escrito do que foi operado durante o ano, não é? O boletim da Comissão Nacional de Alimentação. ... Tá aqui o boletim informativo. E as... e... esse periódico do, da comissão de alimentação, que, é... têm uns trabalhos meus aí, inclusive aquele que eu disse, do bró. Tem. (relógio) Tem de... de bócio, etc. E o Programa de Assistência

alimentar de gestantes, nutrizes e lactentes, de que eu já falei. Essas eram as atividades mais efetivas... que nós, no meu tempo, quando presidente da Comissão Nacional de Alimentação, eu faria. A respeito das atividades alimentares dos órgãos do Ministério da Saúde, eu gostaria de, de enumerar, o que eu tinha que programar (ri) nesse campo da alimentação do Ministério.

AA - Quer dizer, da alimentação dentro do Ministério da saúde?

WS - É. Dentro do Ministério. Colônia Juliano Moreira, Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Instituto Oswaldo Cruz, Instituto Nacional do Câncer, Instituto Nacional de Puericultura, Manicômio Judiciário, Hospital Psiquiátrico, Instituto de Neuro-Sífilis, Colônia Gustavo Redel, Instituto de Pis..., de Psiquiatria. Então, 1º de tudo: levantamento das condições materiais, da demanda especificamente de cada órgão, instalação, utensílio, pessoal e etc.

AA - E era nesse caso, que apareciam problemas, por exemplo, problemas com quem fornecia os alimentos, né?

WS - É. Não...

AA - Com quem, com a firma que produzia? Era nesse momento que o sr. localizava aonde estavam os problemas, os desvios?

WS - Sim. Claro.

AA - Né?

WS - Claro, claro. Preparo de pessoal. Convênio com sindicato de pessoal, de hotéis, restaurantes e seminários. (ri) Imagina que nessa época, eu introduzi no Ministério, entendeu, o contrato CLT, que não existia. Isso deu um problema danado no Ministério, que não estava habituado a admitir pessoas dessa forma, sem ter...

WH - Contrato de CLT, né?

WS - É. CLT.

WH - CLT.

WS-Então, fiz um contrato CLT com o sindicato de...de hotéis e similares, entende, para ele me fornecer gente. Porque o Ministro me diz: “Você organiza alimentação nesse, nos órgãos do Ministério, que são esses.” Mas eu não podia ficar com aquele pessoal da firma!

WH - Claro.

WS - Esse negócio foi da noite pro dia! Eu digo: “Meu Deus, eu tenho que... como é que eu vou me arranjar? Eu não posso ficar preparando gente aí, a vida toda pra aí, não posso botar pessoa que não, esteja adequadamente preparado. (ri) Então, fiz esse contrato com o sindicato. Eles me forneciam pessoal. E pra evitar, essa pendenga jurídica, briga de pessoal e coisa e tal, ...em juízo, contra patrão, coisa etc. Nós fizemos uma comissão de coordenação e...

coordenação..., esqueci o outro nome da, da... entendeu? Aí, eu tinha todos esses conflitos, se um indivíduo tivesse posto pra fora, por exemplo, ele não ia reclamar ao Ministério do Trabalho não. Havia uma comissão no Ministério que ia cuidar disso. E tinha nessa comissão, um delegado do Ministério do Trabalho. De maneira, que essa comissão tinha força jurídica. O Mini..., o..., nada chegava ao Ministro. Tudo se..., era conciliação. Era uma comissão de conciliação. Entendeu? Então, tudo ficava aí nessa comissão e a gente resolvia todos os problemas. Porque havia muita facilidade. Se o sujeito, por exemplo, não..., tinha medo de lidar com maluco, no Juliano Moreira, entendeu, nós passávamos ele pra Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Ficava mais adequado a...a...a..., a maneira dele poder trabalhar, com mais tranqüilidade. Não é mesmo? E assim havia a possibilidade muita de trocar um indivíduo de um lugar pra outro e tal. E tudo na mesma cidade, de maneira que, não havia nenhum problema de mudar de residência, coisa e tal. Essa comissão podia, realmente, resolver todos os problemas. Não é mesmo? E assim, nós, no 1º ano, fizemos uma economia de $\frac{1}{3}$ do valor, fornecendo alimento de 1ª qualidade. Houve até um flagrante muito significativo. A 1ª, a 1ª ... semana de, de... de nossa interferência no serviço, entendeu, a... os doentes mentais de um desses coisas, começaram porque tinha e tal, comendo pão com manteiga. Eles nunca visto manteiga na vida dele. Entendeu? Manteiga! (ri) Outro fato muito interessante, que eu vi quando comecei a...a... pesquisar o ambiente, entendeu, é que todos estavam com seu prato, entendeu, e sua caneca presa, ninguém largava! Eu digo: “Ué! Por quê que eles têm tanta, é..., tanto cuidado em manter consigo esse apetrecho de comida?” Depois que eu comecei, eles acabaram com isso. Depois é que eu vim saber é que eles só podiam comer uma vez. Não podiam repetir. Entendeu? E, a... se não tivesse, se eles não encontrassem a..., se não houvesse número suficiente de prato e tal, eles ficavam por último e deixavam de comer porque acabava a comida. (ri) Então, cada um tinha... Entendeu? Se defendia com um prato e com sua caneca. Entendeu? Daí por diante, eles não apareceram mais com..., porque eles podiam repetir, entendeu? Não havia nenhum... Porque eu coloquei nutricionista em cada um desses serviços. Foi a época em que foi introduzida a nutricionista do Ministério da Saúde, porque não havia. Entendeu?

WH - Já existia como carreira, a nutrição?

WS - Não, havia... Não havia como carreira. Tanto que, eu fui é... contratado numa ocasião, para o Ministério da Saúde, como nutricionista. (ri) Quando devia ser como nutrólogo, né? Pra ver como a coisa era...era... muito confusa. Entendeu? Depois é que foi criando a carreira. Mas, eu contra..., o Ministério contratou essas nutricionistas. Também eu tinha o...o..., Catete Pinheiro reunia os diretores e dizia: “Olha, isto é uma guerra. E o comandante da guerra é Fulano.” Apontava pra mim. De modo que eu tinha uma força tremenda, né?

WH - Já... (pausa na fita)

WS - Aqui tinha uma série de coisas, mas não sei. Não dá!

WH - Não dá o quê?

WS - Não dá pra falar.

AA - Por que não dá? (ri)

WH - O sr. quer, quer falar?

WS - É. Ué! O que eu fiz aí!

WH - O sr. pode contar pra nós. Só daqui a pouco eu vou virar a fita pra...

WS - É. Regime de trabalho, rodízio, atualização, rações padronizadas, avaliação, medida efetiva para controle de entrada e saída de produtos alimentares dos almoxarifados.

WH - Avaliação de, de...?

WS - Avaliação da... da... da alimentação. Alimentação fornecida.

AA - Quer dizer, das dietas, dos cuidados, né?

WS - É, é, é. Isso aí, e... Porque aqui diz: “Saída de produtos alimentares, de almoxarifado.” Entrada e saída, evidentemente. Incluído, inclusive balança, não existia balança no...no almoxarifado. O almoxarife é que...

WH - Mais ou menos, olhava...

WS - Recebia. Recebia a coisa e assinava e coisa. Eu... então, eu tirei da circulação o almoxarife e botei a nutricionista. Mas ela, só podia ficar lá 15 dias porque a lei dava força ao almoxarife e não à nutricionista, né? Mas pra botar a coisa em ordem. “Orientação para aquisição quantitativa e qualitativa dos gêneros alimentícios para efeito de fornecimento.” E tendo em vista, aperfeiçoar os quadros vigentes da Divisão de Material do Ministério, na sua Divisão de Material, de 18/12 de 1943. Porque quem fazia as tabelas era o Ministério de Material e eu acabei com esse negócio. Entendeu? Aliás, aí deve ter um..., até uma tabela feita por eles. “Apuração do preço da ração em cada uma das unidades trabalhadas”.

WH - Deixa só eu...

Fita 13 - Lado B

WH - Hum! O sr. dizia?

WS - Apuração do preço da ração em cada uma das unidades trabalhadas. Porque essas unidades, entendeu, tavam...tinham...eram trabalhadas por uma nutricionista. Porque não queria saber, o preço da ração da Juliano Moreira. Entendeu? Para efeito de depois fazer uma padronização racional. Se era diferente da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, que era um outro tipo de gente, entendeu? Ento, os hábitos também diferentes. Entende? Daí a apuração do preço da ração em cada uma das unidades trabalhadas. Considerando a grande extensão de terra da Juliano Moreira, 7 milhões de quilômetros quadrados, de quilô..., de metros quadrados, com água bastante e outras condições para plantação, criação, preparamos os seguintes projetos: “Projeto para Laborterapia”, o próprio doente precisava trabalhar, não é mesmo?; “Criação de

algumas, de alguns animais utilizáveis na alimentação: aves, porcos, coelhos e etc, com a colaboração de um técnico do Ministério da Agricultura”; “Projeto para a produção de vegetais com a colaboração do Ministério da Agricultura”. Porque havia uma extensão de terra grande. Está tudo lá sem fazer nada! Os doentes sem fazer nada, quando eles podiam trabalhar! Alguns faziam colchão, outros faziam coisa e tal, mas, no campo, não é mesmo? Era oportuno ele trabalhar na terra! E muitos gostam disso, não é? E tornava a ração mais barata, não é mesmo? Con... considerando as ótimas condições oferecidas por grupamentos de doenças, porque o número de doentes é imenso. 5 mil doentes, entendeu? Considerando que havia uma diversidade muito grande de doenças, doentes, que cada é... psiquiatra, naturalmente, sabia melhor do que eu, por grupos de... de doenças, eu imaginei o seguinte: “Projeto de estudo sobre a influência da alimentação no doente mental e vice-versa”. Por quê? Havia doentes que não queriam comer, porque eles desconfiavam do médico e da enfermeira que era inimigo, que botava o veneno na comida deles e coisa, etc. Como ia, é... corrigir isto com relação ao doente. E como isso ia refletir na nutrição do doente que deixava de comer, entendeu, porque tinha esse medo. E vice-versa, não é? A influência da alimentação no doente. Não é? Essa questão das vitaminas, por exemplo, não é? A...a... o grupo do complexo B, por exemplo, na...na... no desenvolvimento da ação mental do doente, representado no seu papel, por exemplo, de artista que, que tocava, que... ou que dançava ou que fazia...

AA - Pinturas...

WS - pintura. Não é mesmo? Nesse, é... negócio do, do inconsciente cole..., do inconsciente da Dra. Nize, entendeu?

AA - (?)

WS - Enfim, eu tava abrangendo todo esse tipo de coisa que podia dar uma coisa linda de pesquisa, que podia sair desse problema de alimentação. Mas nunca encontrei um colaborador. Ninguém queria saber de nada, entendeu? Então, era isso que... foi isso que eu fiz, entendeu, na...nessa minha atuação desse programa, né? De... de..., é... coordenação, que era... não foi só de coordenação, foi realização. Porque eu consegui depois padronizar a... a... alimentação, porque a nutricional..., as nutricionistas faziam o relatório e eu recebia o relatório com... com aquela..., a parte de... de eficiência. Entendeu? Eu podia comparar, inclusive o preço. Entendeu?

AA - E aí poder planejar, né?

WS - Planejar a coisa direito, né? Mas, aí saiu o Minis... o Ministro e eu dei o fora também. Eu digo: “Não quero fazer o... não, pelo...” Porque enquanto o Ministro Catete Pinheiro estava lá, eu tinha o...o... a autoridade que ele me fornecia. Quando mudou o Ministro, a influência dos diretores, sobretudo da Colônia Juliano Moreira, se fez muito forte junto ao Ministro. Então uma vez o Ministro me... me chamou e disse: “Dr, o...o... o diretor da Colônia Juliano Moreira me trouxe um problema aqui, queria que o sr. resolvesse e etc...” Ele queria que os estudantes, é... fossem permitidos trabalhar na Colônia, mediante eh... alimentação de, gratuita. Eu disse: “Olha, Ministro, eu já falei com o diretor que isso não é permitido não! Porque isso, isso é um...uma... é uma escravidão. Ninguém trabalha por comida! A lei não permite isso, entendeu?” E ele começou a insistir e tal. Eu digo: “Isso não tá bom não, sabe?” Já que eu não tenho... (ri),

larguei pra lá. Eu nem sei se essa portaria de coordenação, que me foi dada, não é, se isso foi tornado sem efeito. Eu tenho impressão que não foi.

AA - O sr. acha que acha que nem chegou a ter um substituto no mesmo...?

WS - Hein? Ah, não! Não. Nunca mais. O negócio morreu! O negócio simplesmente morreu. Tá compreendendo?

Data: 08/08/1995

Fita 14 - Lado A

WH - Hoje estamos começando a 7ª entrevista, com o Dr. Walter Silva, é dia 8 de agosto de 1995. Estamos aqui na casa do Dr. Walter, é... Ana Beatriz Almeida, Maria Beatriz Guimarães e Wanda Hamilton. Dr. Walter, na última entrevista a gente falou sobre a Comissão Nacional de Alimentação. O sr. nos contou o seu trabalho lá...

WS - Foi. É.

WH - E, é... eu queria lhe perguntar sobre a Comissão de Padrões, Normas e Padrões de Alimentos, né?

WS - Normas e Padrões de Alimentos.

WH - Que eu acho que elas se complementavam no trabalho, não era não?

WS - Não, não. Não era não.

WH - A Comissão de Alimentação e a de Normas?

WS - Não, não.

WH - Não?

WS - Não. A Comissão de Normas e Padrões para Alimentos, como o nome indica, era realmente, com esse..., que tinha esse objetivo, não é? Porque é...a nossa indústria de alimentação estava se desenvolvendo de uma maneira eh... intensa. E, é evidente, que para que a..., houvesse a defesa do consumidor, havia a necessidade de se estabelecer normas para que a... os produtos fossem (tosse) padronizados, não é? Daí a criação dessa...dessa Comissão dentro do Ministério da Saúde. Ela estava diretamente ligada ao Departamento Nacional de Saúde.

WH - Não tinha nenhuma relação com a Comissão Nacional de Alimentação, por exemplo?

WS - Não, não Não havia ligação nenhuma...

WH - Interessante.

WS - Não havia ligação nenhuma, entendeu? Se bem que...

WH - Nem orientações comuns...?

WS - Não, não. (tosse) O pessoal da... Comissão de Normas e Padrões (tosse), eram especialistas, eram técnicos, ...

WH - Especialistas em quê?

WS - Em... química de alimentação. Em...em... ... é... legislação sanitária no campo da alimentação, eh..., eh... nutrólogos, entendeu, eh... farmacêutico, como posso indicar aqui. Eram membros da comissão, representando o Laboratório Bromatológico Francisco de Albuquerque. Que era o laboratório do...do antigo Distrito Federal que depois passou para a Guanabara, né? Representante do Instituto Adolpho Lutz, de São Paulo, não é? Representante da Associação Brasileira de Indústria e de Alimentação. Representante da Confederação Nacional da Indústria. Né? E representante do Ministério da Agricultura, ... do Ministério da Agricultura, esses eram..., estes eram os técnicos permanentes da... Comissão de Normas e Padrões.

WH - Esses eram indicados.

WS - É. Agora ...

WH - Depois o sr. tem aqui...

WS - E...e... eram membros natos...

WH - Isso...

WS - do diretor do Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina e Farmácia. Diretor do Laboratório Central de Controle de Drogas, Medicamentos e Alimentos. Não é? Esse era o...

WH - Era a composição da...

WS - A composição da Comissão de Normas e Padrões. E eu era o... presidente, fui presidente do... da Comissão de Normas e Padrões para Alimentos, que quando houve uma...a... uma reestruturação do Ministério, não é, criando o Conselho Nacional de Saúde. Então foram criadas, as Câmaras Técnicas.

WH - Hum, hum!

WS-Então, passou a Comissão Nacional de Padrão, passou a ser a Câmara Técnica de Alimento e eu continuei como presidente, entendeu?

WH - Até o sr. se aposentar, né?

WS - Até eu me aposentar que eu fui obrigado a (tosse), a escrever uma carta pro Ministro, me desligando, porque eu continuei e não havia nenhum...nenhum obstáculo em continuar porque não teria, teria então, muito mais tempo, não é? Mas, eu nessa ocasião, eu tinha recebido... Posso contar? Eu tinha recebido um convite para...para levar para o..., à Previdência Social, entendeu, umas normas de medicina preventiva. E eu fiquei muito entusiasmado com isso. Foi pra lá pro INAMPS, para presidir...presidir o INAMPS, um colega meu de...de universidade, da Faculdade de Medicina, e ele então me convidou para é..., trabalhar nesse setor, entendeu? E eu, fiquei entusiasmado com isso, não é? Porque eu via perfeitamente que, se houvesse um

pouco de luz nesse campo de medicina...medicina preventiva no INAMPS, que ficaria muito mais barato o trabalho. E nessa ocasião em que eu fui empossado como chefe do grupo, que compreendia dois, duas, dois campos muito, muito importantes. Que era um, era... era é... doenças transmissíveis e o outro era..., deixa eu ver se me lembro bem... Ah! Era acidente de trabalho. Não é? Eu já havia, como estudante, já havia trabalhado nesse campo. Inclusive, escrevi um trabalho que eu, aqui sou..., que eu me referi já a vocês. Que eu tinha... fiz um inquérito, entendeu, que cujos dados não pude trabalhar porque, não tinha dinheiro para trabalhar estatisticamente aqueles dados. De modo que, eu perdi. Mas fiz um resumo que foi publicado numa revista, mas eu atualmente, não tenho essa revista. De modo que não me era desconhecido, muita desconhecida a atividade nesse campo muito importante. Mas eu me, eu me concentrei inicialmente, em... no campo da cardiologia, entendeu, focalizando a hipertensão arterial. Nessa ocasião então, eu reuni, alguns cardiologistas do INAMPS, expus um projeto que, em linhas gerais, era o seguinte: todo o cidadão que fosse à consulta num posto do INAMPS, era tomado, tomada a pressão arterial. ... E depois, que nós tivéssemos estudado, estudado uma amostra representativa dos doentes dessa área, entendeu, nós iríamos então, selecionar alguns postos para que esses hipertensos fossem à consulta, sem entrar em filas, sem ter nenhum motivo de estresse que é..., ainda aumentasse a pressão. E essa pressão tinha que ser tirada por médico. E esbocei uma série de conseqüências que talvez, é... fosse conseqüência desse trabalho. Porque nós evitaríamos por exemplo, muito... muitas paralisias, né? Muitas hemorragias cerebrais, muita trombose. É... enfim, muito, muita, muito...muito...muitos aleijados em que se perpetuavam no Instituto, sem trabalhar, e evidentemente, ganhando dinheiro. E o pior ainda, o sofrimento dele e da família. Não é mesmo? Depois...

WH - Quer dizer, além de tirar a pressão, se acompanhava o hipertenso e...?

WS - Ah, sim. O hiper..., o hipertenso era isolado, ele já, não seria atendido como qualquer outro. Nós íamos é... eleger postos, em que ele como hipertenso, com a carteirinha, com..., enfim, com uma identificação, ele fosse diretamente atendido. Não como os outros que ficavam em filas, iam às 5 horas da manhã pra obter a ficha. Nada disso! Para evitar, naturalmente, é...maior transtorno e o estresse que aumentava.

WH - O sr., o sr. organizou outras medidas...

WS - Hein?

WH - ... preventivas...

WS - Hein?

WH - ...no caso particular? Algumas outras medidas pra prevenção de hipertensão?

WS - Não. Não. Esse cidadão hipertenso ia ao posto “x”, tirar pressão. Mas eu vou continuar.

WH - Pois é. E ele teria, ele teria prioridade no atendimento?

WS - No atendimento. Bom, mas...

WH - Isso. Mas nas medidas de prevenção...

WS - Mas, eu vou chegar lá. (ri)

WH - Ah, tá bom!

WS - Ainda não cheguei lá. (ri)

WH - Tá bom!

WS - Primeiro então, identificar o indivíduo. Não é mesmo?

WH - ãh, han!

WS - Dar a ele condições para que não aumentasse a sua, a sua doença. Não é mesmo? Esse indivíduo então, seria trabalhado por... pelas visitadoras, não é, sociais. Instruídas para é... educar a família e ele, entendeu? E de modo que, conforme a situação dele então, obter uma maneira de ajustá-lo em outro trabalho que não fosse aquele que estava produzindo a hipertensão, não é mesmo? A que ele já estava exposto como, como... é..., como organicamente defeituoso, não é mesmo? Porque um hipertenso, ele... a tendência dele é ter acidente, um acidente cardíaco, um acidente cerebral, entendeu? Então, pra evitar isto, então ele seria tratado de uma maneira diferente. Depois de toda essa, esse trabalho, então, eu saí do gabinete... do meu gabinete pra visitar os tais postos da...do INAMPS.

WH - Pra definir quais seriam os...

WS - É, é, é.

WH - ...que tratariam dos hipertensos?

WS - É. E conversar e tal. Aí é que foi o desastre, sabe! Quando eu verifiquei (tosse) que nos postos do INAMPS, o indivíduo era atendido no máximo em 3, 4 minutos. Não tirava a temperatura, não tirava a pressão, ... “O que é que tem?”, “É isso...”, então receitava. Entendeu? Tal a quantidade...

WH - A demanda que o senhor quer dizer?...

WS - É.

WH - ... de serviço médico.

WS - Eu digo: “Não é possível! Como...como é que eu posso montar uma coisa perfeita e um campo completamente perfeito? Eu não posso modificar a mecânica dos postos! Não tenho condições pra isso. Ora, os postos como estão, da maneira com que eles funcionam não poderão atender aquilo que eu desejo! Não é? Então morreu aí. Eu...

WH - O sr. abriu mão do seu projeto?

WS - Eu não, eu não só abria mão do meu projeto, (ri), como tive que pedir pra sair! Fui me embora! Eu digo: “Bom, o que é que eu vim fazer aqui? Não posso mais!”

AA - A dificuldade de concretizar ia ser tanta, não é?

WS - É. Pois então. E depois, eh... aí estava em véspera da mudança do...do presidente do INAMPS. Viria então, um político, que eu já conhecia do Rio Grande do Sul, ele era, era... dentista, tinha sido Secretário de Saúde no Rio Grande do Sul. De maneira que eu digo: “Esse camarada aí não, não oferece confiança.” E então, (ri) pedi o meu chapéu, sabe? E, fui me embora, larguei o...

WH - O sr. ficou impressionado com as condições, né? ...

WS - Fiquei, fiquei.

WH - ...o funcionamento daquilo.

WS - Não. Aquilo me chocou tanto que... não é possível fazer uma coisa dessas. E é até hoje. E é até hoje. Não é? O sujeito tinha... não pode examinar, se não pode tomar, tomar uma temperatura e uma pressão... “O que é que você tem?”, “Ah, eu tenho dor de cabeça.”, ... “Eu tô com o intestino assim.” Entendeu? Faz uma receita. Não, não é possível. O médico não pode, ele não tem condições. Tal o volume de... atendimento que ele tem que fazer. (ri) E eu digo: “Então, vamos arquivar o projeto e...” E eu estou certo que seria uma coisa extraordinária, evitava uma, é... uma sangria muito grande de recursos, entendeu, e por outro lado, minorava muito o sofrimento de muitas famílias e muitas pessoas heiniplégicas, entendeu, e... não morre, porque o heiniplégico... em decorrência de um acidente, eh... cerebral. Não é por isso que ele morre. Poderá morrer. Mas geralmente não. Ele...ele leva muito tempo ainda vivendo, sofrendo, entendeu? Impossibilitado de trabalhar e tal. Quando uma medida muito simples tirava ele de lá, para ele, periodicamente fazer a sua consulta, receber o seu remédio e... fazer uma avaliação da sua situação e coisa. Continuava trabalhando, não é? Num campo de atividade diferente daquele que o obrigava a...a um esforço maior, entendeu? Ele continua... continuaria, continuaria cumprindo a sua... o seu dever, trabalhando e por outro lado, vivendo em condições mais, eh... normais para a situação dele, não é mesmo? (Barulho estranho) Mas isso não foi possível, né? Mas isso veio a propósito...

WH - Da Comissão de Normas e Padrões.

WS - ...Normas e Padrões, que eu, eu deixei o Ministério. Escrevi uma carta ao Ministro. Ele me respondeu, etc. Tenho a carta aí, né?

WH - Isso depois... o sr. foi trabalhar no INAMPS, depois que o sr. se aposentou?

WS - Foi. Foi depois que eu me aposentei. Eu recebi esse convite em Brasília. Porque o colega que vinha para presidir o INAMPS, entendeu, meu colega de turma, era um almirante. E ele, e eu estava chefe de gabinete do Ministro. E aí, no gabinete, é que ele me convidou. Foi visitar o Ministro, entendeu, e me fez esse convite sabendo que eu estava aposentado. Que eu queria vir

embora pro Rio, né? Porque, imediatamente, quando ele entrou pra reserva, ele veio pro Rio pra assumir o INAMPS. Então...

WH - Quem era?

WS - Hein? Olhe, sabe que eu não me recordo o nome dele não, sabe?

AA - Tudo bem. (?)

WS - Não me recordo. (ri)

WH - Ele foi presidente do INAMPS?

WS - Foi. Foi.

WH - Almirante.

WS - Almirante. E assim terminou o sonho de fazer alguma coisa nesse sentido na Previdência Social. E então essa comissão de normas e Padrões, cuja composição já mencionei, entendeu, ela se reunia de 15 em 15 dias ou de mês em mês, conforme a pauta. Não é mesmo? Os assuntos eram discutidos, por esse grupo a que eu já mencionei. As resoluções votadas eram encaminhadas ao Ministro. O Ministro encaminhava ao Diário Oficial. E publicadas, tinha força de lei. Entendeu? Isso aí é como eu posso mostrar aqui, esse aqui é de um ano, porque só é de 72. 71, 72. Eram desse tipo. Resolução número tal. Entendeu? Isso aqui passava a ser então, a lei para aquele tipo de alimento, entendeu? Isso foi feito por vários anos, entendeu? E um trabalho que, realmente, era bastante trabalho é..., meritório, entendeu? Não só para nós que trabalhávamos nesse campo, como também para a indústria, não é? (barulho do relógio)

AA - E as pautas dos temas que iam receber resoluções, os alimentos que iam estar em discussão...

WS - Como?

AA - As pautas, né? Eram formadas, basicamente, por demandas que a própria Comissão levava...?

WS - Não.

AA - Ou também por integração direta com o Ministério...

WS - Não. Não, era...

AA - Ou era a presidência direta da Comissão que...

WS - Não, não, não, não. É o... os... é... as..., os assuntos eram levados, entendeu, por consulta, pela própria indústria, não é? Porque como havia fiscalização, se eles não estivessem dentro do padrão, eles eram multados, né? E...

AA - Então, eles pediam como se fosse assim pra informar (??).

WS - Informar e coisa, etc. Então, levavam... E a própria fiscalização, né?

AA - Também apresentava.

WS - ...porque ao Ministério, como órgão federal cabia estabelecer as normas e padrões. Agora, aos, ao estado e município, cabia a fiscalização, entendeu? De maneira que havia um entrosamento. Daí também, essa representação, entendeu, na estrutura da Comissão desses órgãos que eram os órgãos máximos no assunto, não é mesmo?

WH - Agora, o sr. dizia na entrevista passada, quando a gente falava sobre a Comissão Nacional de Alimentação, que lá não havia pressões da indústria, da Agricultura.

WS - Não. Não.

WH - Mas aqui havia algum tipo de pressão, pra definição de normas, de padrões...?

WS - Não, não. Não havia condições.

WH - É?

WS - Não havia condições. Vamos supor, por exemplo, que a...a... o representante da Associação Brasileira de Indústria da Alimentação, entendeu, tivesse interessado em torcer, por exemplo, o padrão do pão. Entendeu? (ri) Porque havia representante do... do Laboratório Bromatológico, que não tinha nada que ver com a indústria. A... a função dele era é... estabelecer realmente, a diretriz dentro da química, entendeu? De modo que, a...a..., não havia a possibilidade de ter voto. Ele podia votar, mas ficava isolado.

WH - É. Porque, pelo o que eu estou entendendo, Dr. Walter, essa...essas...essas normas..., quer dizer, essa Comissão eram fundamental...

WS - Ah! Sim.

WH - ...pra o funcionamento da empresa, né?

WS-Ah! Claro, claro! Pois é.

WH - Se houvesse uma boa fiscalização, as indústrias tinham um problema sério.

WS - Sério, claro.

WH - ... se ela produzisse fora das normas e dos padrões, não é?

WS - É. E até hoje é assim. E até hoje é assim. Porque deve funcionar como área técnica. Porque como eu disse a vocês, depois que eu me aposentei, eu não me..., não é... me preocupei em seguir, como vai isso, como vai aquilo, como vai o Ministério. O Ministério vai é... como...como os jornais me...me informam. Eu só sei o que tem no jornal. Entendeu? Evidente que nós, os aposentados, que facul..., nos reunimos mensalmente num almoço e tal, trocamos idéia e coisa, etc tal. Mas, não temos nenhum espião lá pra..., no Ministério. (ri) Isso tá em tal atividade, tá acontecendo isso ou aquilo. Não queria saber nem pelos jornais, não é mesmo? Só tenho o trabalho de recortar. Eu tenho aí (ri) tonelada de recorte que eu vou estudar, vou... é..., espero, né? Fazer um estudo, entendeu, comparativo, e coisa etc. Se houver tempo, eu vou fazer isso. Mas fora disso, não. Então, aqui na...nessa, na...no plenário, não...não havia possibilidade desse tipo de pressão, porque a coisa... (ri) o que acontecia é que dava na vista de tal jeito que... Porque todo o pessoal aqui é...é... é técnico, né, todos eles têm visão da situação, né? De modo que, ... Olha, dois Laboratórios Bromatológicos que são padrões no Brasil, não é? Que é o... Albuquerque aqui no coisa, e o Alfredo Lutz, não é? Por onde passa toda a fiscalização de São Paulo, não é mesmo? E aqui no Rio pelo Bromatológico do... do... Francisco de Albuquerque. Não é mesmo? De modo que, eles têm uma experiência muito grande, entendeu, de... tudo que acontece, de bom e de ruim. Inclusive, as fraudes eh..., não é mesmo, as maracutaias que é..., que acontece. Tudo isso constitui uma experiência muito grande desses laboratórios, não é? Então, aí...

WH - Eu ia até lhe perguntar, se não...não, não houve algum caso, dentro da Comissão, de fraude...?

WS - Não. Nunca.

WH - Não, né?

WS - Nunca, nunca, nunca, nunca. A resolução saía daí, era publicada aqui e, lei. Tinha que, tinha que ser seguido. Não é mesmo? Às vezes tinha que ser, a gente tinha que rever também, não é, depois de algum tempo, podia-se fazer uma revisão nas leis. Sobretudo, no que diz respeito a aditivos, não é, para alimentos. Porque são essas substâncias químicas que se põe pra conservar, para corar, para dar sabor, entendeu? E isto é uma coisa que, perante à lógica, devia ser condenada simplesmente. Mas, isso não pode ser. Se isso acontecesse, os produtos de soja então, estavam perdidos. Porque é... de soja se faz tudo! Não é? Faz queijo, faz leite, faz doce, faz não sei... Cada qual com suas características, não é mesmo? Agora mesmo aconteceu uma...uma...uma coisa interessante comigo: eu estava ouvindo, vendo na...na televisão um anúncio de... presunto de carne de peru. Eu digo: “Isso deve ser uma coisa muito boa!” Porque o presunto, no... o presunto o que é ruim é a gordura, não é? E tem que separar a gordura, e a carne do peru é uma carne...

AA - Mais seca.

WS - ...seca e tal. Deve ser ótimo! E minha mulher, Beth, quando eu expresso um desejo assim, ela vai arranjar de qualquer maneira pra me satisfazer, sabe? (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 14 - Lado B

WS - ... No lanche, ela me preparou um sanduíche de presunto de peru.

WH - De peru.

WS - Eu achei aquilo um gostosíssimo. Foi um desastre! Não houve jeito de fazer a digestão. Entendeu? É a química, né? Porque...

AA - A quantidade de conservantes, (?)...

WS - É. Porque o sabor, o aspecto, é de...de presunto. Que não tem nada que ver com carne de peru, não é? É tudo artificial. Não é mesmo? E aquele negócio não houve jeito de digerir... (ri)

AA - (ri) É pra nunca mais. Esse, muito obrigado... (fala sobreposta)

WS - Acabou, foi... Não, não mais. Então, eu estou dando esse exemplo, pra mostrar que apesar de ser uma coisa condenável, vamos dizer assim, não é, porque aditivo químico é uma coisa artificial, contrária à natureza do alimento, não é? Por imposição da civilização, da... da..., afinal de contas, é...a demanda de produtos alimentares é grande. As fontes de produção cada vez são mais longínquas dos aglomerados humanos. Não é? A cidade tem que ter um estoque enorme, para vários meses. Para que haja possibilidade de satisfazer a demanda. Então, tudo isso, obriga a que se use conservadores. Não é? E esses conservadores não são lá muito inocentes para com...com a saúde. Não é mesmo? Muitos deles até são... cancerígenos.

AA - Cancerígenos.

WS - Não é mesmo? Mas, é... os...os que vi..., os aditivos que nós usamos, é..., estão fora do códex, porque há um códexes alimentares, que é internacional, e para fazer isso que nós fazemos aqui, com essas normas, existe o códex que faz isso internacionalmente. Entendeu? E nós participávamos desses...dessas reuniões, que se re...realizavam anualmente. Entendeu? Tomava conhecimento e além disso, durante o ano, há naturalmente, um estabelecimento de comunicação entre os órgãos, não é? Nós tínhamos a comunicação. De modo que, é... esses produtos todos com aditi... esses aditivos, eram objeto de pesquisa constante, não é?

WH - É. Inclusive mudanças, né?

WS - Não, não. Não só...

WH - Ou desenvolvimento de novos produtos também?

WS - Não só isso! É que também, as...as condições de exame, a tecnologia...

WH - Ah, claro!

WS - ...se aperfeiçoa. Se hoje nós estamos com um microscópio que é possível multiplicar cem vezes a imagem da objetiva, daqui a pouco aparece um outro que dá mil vezes. Então, o que não se vê com um de cem vezes...

AA - Pode se ver... (?) (fala sobreposta)

WS - ...a gente vai... pode com outro. De modo que tem que, constantemente, estar fazendo, entendeu, a revisão. E quem faz isso, naturalmente, é órgão que tem condições econômicas suficientes para isso. Não...não é um país de 3º Mundo que vai fazer isso, não é? Nós recebemos isso, não é, já pronto. Já como consequência, né? Como...como resultado final.

WH - Isso, mais ou menos, em todos os países é igual?

WS - É igual. É a mesma coisa.

WH - As normas...

WS - É. São as normas. Obedecem ao...

WH - A esse códex que...

WS - Esse códex. Códex.

WH - ...que junta, né?

WS - É. Códex alimentares. Entendeu?

WH - É internacional. Junta vários (??)?

WS - É internacional. É, é. E... não, é um padrão, lá existe um corpo de técnico, entendeu, eh... especialmente preparados para isso. São homens, não é mesmo, que se dedicam inteiramente a isso. Em tempo integral.

WH - Tem ligado à Organização Mundial de Saúde?

WS e AA - É a FAO.

AA - É a FAO, né?

WS - É. É ligado à FAO. E assim é que funcionava ou funciona a... a Comissão de Normas e Padrões. Atualmente então, Câmara Técnica de Alimentos do Ministério da Saúde.

WH - Agora, o sr. acumulava tanto como presidente da Comissão Nacional de Alimentação...

WS - Sim.

WH - ...quanto da Comissão de Normas e Padrões na época.

WS - Sim, certo.

WH - O sr. teve duas...

WS - Sei...sei...

WH - ...a visão dos dois lados, né?

WS - Sei...sei... Bom! A gente podia, posso lhe dizer, que a gente acumulava mais trabalho, né? (ri) Do que propriamente vantagem econômica, não é? Porque havia, naturalmente, um prolabore, não é? Porque, por exemplo, o pessoal que vinha de São Paulo, tinha que viajar, tinha que se alimentar, não é mesmo? Então, então sempre tinham um...um prolabore pra eh..., esses dias em que funcionava. E funcionava o dia todo, né, porque, é... acumulava o trabalho para “x” dias, 15 dias, um mês, entendeu? Pra também não ficar muito onerada a coisa, não é, porque pras pessoas que vinham de outro estado, tinha que despender de maior quantia, não é? E muitas vezes essas quantias não estavam ainda, consignadas no orçamento, já tinham sido extrapolado e tal. Tinha que ver. Essa coisa de administração pública, é muito séria por causa disso. Não é uma coisa elástica, a gente tem que ater a determinados limites, né? E assim, durante o tempo em que eu fui presidente, fui bastante tempo, as coisas funcionaram regularmente. Ainda guardo isto aqui como lembrança. (ri)

WH - Agora, o sr. também foi da..., diretor do Serviço de Educação Sanitária, Dr. Walter?

WS - Ah! Se...

WH - Como o sr.... foi parar lá?

WS - Você que ir entrando na Educação Sanitária?

WH - Podemos!

WS - Eu vou ter... eu tenho...

WH - O sr. tem todos os seus papezinhos anotados (?).

WS - Não, essa aqui...essa aqui foi de Organização Sanitária, foi...

WH - Ham!

WS - Essa aqui foi lá...?

WH - Aí é contra a varíola, né,...

WS - Não! Não.

WH - ...da Campanha da Varíola?

WS - Não, não. É... É...é... é mais ...

AA - DOS, né?

WS - Da Organ..., da Divisão de Organização Sanitária. Mas foi da... da....

WH - Vamos falar um pouquinho sobre a...

WS - Diga.

WH - Vamos falar um pouquinho sobre a Educação.

WS - Como? Ah, tá. Tá.

AA - O sr. foi substituindo o Dr. Brito Barros, não foi?

WS - Não... É, é, é. Eu fui substituir o Brito Bastos da Educação Sanitária. E... também não permaneci muito tempo, porque voltei para, depois para a Divisão de Organização Sanitária, para a Divisão de Organização Sanitária.

WH - Quer dizer, o sr. tava na Divisão de Organização Sanitária...

WS - Quando saí para...

WH - ...como chefe da Seção de Nutrição.

WS - Como chefe da Seção de Nutrição.

WH - E aí trabalhando na Comissão de Alimentação, na Comissão de Normas e Padrões...

WS - É. Perfeito.

WH - Aí o sr. foi...?

WS - Fui para a Educação Sanitária. Para o Serviço Nacional de Educação Sanitária.

WH - Como é que foi o convite pra ir pra lá?

WS-Hein?

WH - O sr. que tinha uma carreira de tempo tempo já, na Nutrição, na Divisão de Organização Sanitária... Da onde partiu esse...essa idéia de..., dar um pulo na Organização Sanitária?

WS - Não sei porque... nós que somos sanitaristas, entendeu? Nós somos preparados para qualquer atividade dentro do campo da saúde pública. E uma, um dos ramos mais importantes, sobretudo em país do 3º Mundo, entendeu, é educação sanitária. Então, nós aprendemos as

técnicas... enfim, as diretrizes que devem conduzir a educação sanitária, entendeu, como... como um dos ramos importantes. Então, ...

WH - Agora, o sr. diria, que no Brasil essa área se desenvolveu bem? Da educação sanitária?

WS - Não. Não! Não, não. A... a educação sanitária evoluiu menos, inclusive, do que a educação geral, sabe? (ri) O que é horrível! Não é mesmo? Está essa confusão. Não é? Cada...cada governo estabelece princípios e, há uma legislação que ninguém, ninguém obedece, não é mesmo? E a educação está num ponto em que todos nós sabemos, né? A ignorância é, eu costumo dizer que a ignorância humana é maior do que Deus, porque é tão grande a ignorância que... Entendeu? Então, a educação sanitária, 1º: é preciso que tenham um pessoal preparado pra isso. Não é? É um pessoal, pra educação sanitária, é um pessoal especial, não é? É um pessoal que deve ter um nível bastante bom, para que ele se convença daquilo que vai transmitir, não é mesmo? E, cada programa, cada projeto, cada...cada...cada, programa que se quer desenvolver no campo, entendeu, simultaneamente devia ser acompanhado pelo técnico de educação sanitária.

AA - O sr. fala devia, porque esse tipo de integração não havia?

WS - Hein?

AA - O sr. fala devia, porque esse tipo de integração não havia?

WS - Não, não. Não tinha integração não, não tinha o técnico! Porque essas pessoas são caras. Não é? Ué! Se você, num programa, consegue ter do estado, entendeu, um... sanitaria, uma enfermeira de saúde pública, uma extensionista... rural. Isso aí já é muito! Essas...esses três elementos podem fazer realmente, um... uma revolução no meio ambiente. Se eles se convencerem do... da força que têm, entendeu, para levantar uma comunidade. Agora, pra se ter ainda pessoas com especialidade em educação sanitária, e não é uma só, não pode ser uma só, não é? Você tem que ter uma e..., tem que ter equipes, entendeu? ...

AA - É porque, a grande ...

WS - Pra acompanhar o...

AA - ...o acompanhamento é que é importante, né?

WS - ... o acompanhamento, né? Você tem o campo da tuberculose. Você..., tinha que se acompanhar por educação sanitária. Não é mesmo? O campo da varíola, o campo da... do câncer, o cam.... Enfim, você tem que ter a educação sanitária junto, entendeu, para que essa atividade produza efeito. E essas coisas em país pobre é muito difícil, entendeu?

AA - Era difícil também, além de recurso humano, era difícil recurso material pra essa área?

WS - Muito! Muito difícil!

AA - O sr. destacaria assim, alguma dificuldade na sua gestão?

WS - Muito difícil. O Serviço Nacional de Educação Sanitária, entendeu, os técnicos, por exemplo, de fotografia, de... encadernação, nesse campo, entendeu, eram todos pessoas improvisadas. Entendeu? Não havia nenhum preparado...

AA - Formados com aquele...

WS - É. Eles trabalhavam. Eu fiz muitos...muitos... é, muitos folhetos, entendeu, de educação sanitária, para agentes, para acompanhar programas, entendeu? Feito por eles! Mas, é... esse pessoal todo, era pessoal... arrebanhado do...do...do... da gente comum, entendeu? Nenhum tinha tido curso especializado disso ou daquilo. Entendeu? Se bem que, eu também não estou aqui é..., apregoando a necessidade de que o indivíduo tenha diploma nem nada. Não tô isso. Porque muitas vezes essas pessoas adquirem, realmente, uma capacidade muito grande de conhecimentos aplicados, entendeu? Se bem que não tem aquela teoria, que ele teria se tivesse uma carreira e tal, etc. Mas, a finalidade é obtida, entendeu, de uma maneira razoável. Entendeu? A pessoa preparada praticamente..., entendeu? E assim funcionava na..., a Educação Sanitária era assim. Entendeu?

AA - O sr. falou dos folhetos, esses folhetos, livros, essas...esses cartazes, a distribuição era pelos hospitais?

WS - Então, eu vou buscar lá. Eu...eu...eu pensei nisso aqui... e não trouxe a... Eu tenho, eu tenho as coisas da educação sanitária, não é? Deixa eu pegar aí, rapidamente...

AA - Vamos..., dar uma paradinha...

WH - Fazer uma pausa, então?

WS - Só, só um minutozinho, né? (pausa na gravação)

WH - O sr. apanhou o... boletim técnico?

WS - É, isso era um tipo de boletim, entendeu, boletim técnico. Ele parece que foi criado pelo Brito Bastos, entendeu? E eu continuei porque achei muito interessante e escrevia, é..., a respeito (relógio) da, naturalmente, da... maneira de como nós podíamos, eh... obter ou multiplicar a maneira de fundir conhecimentos através de, eh... pessoas que exerciam outras atividades. Por exemplo, aqui: nos escolares, aqui... eu achava que a escola, que... as professoras poderiam ter uma ação muito, mas muito grande nessa parte de educação sanitária. Entendeu? Porque, elas estavam com um elemento a plasmar que é a criança, entendeu? Formar a sua, é... a sua personalidade, não é? Essa criança poderia, realmente, receber um acervo muito grande de informações, através da... da professora, entendeu, que iriam favorecê-la no seu desenvolvimento em contato com o meio em que eles iam viver, pra trabalhar, para afinal, não é, agir, compreendeu, e o meio, esse meio de defesa eram essas informações que podiam ser até específicas, né? No campo da tuberculose... como no...no campo da... de todas as doenças transmissíveis como as...as desinterias, as... as... as doenças... as viroses, entendeu? Enfim, as doenças que se transmite por contato direto, indireto, através da água, através do...do... através da...do... dos aerodispersórios? (ruídos na fita) (????)

AA - (????) Vou botar o microfone aqui na mesa.

WS - Hein? (??)?

WH - Vou botar ele aqui na mesa. É. Assim o sr. pode se mover com mais tranquilidade.

WS - Então, aqui, por exemplo, eu deixando isso nas escolas, nas escolas primárias, a professora então...

AA - Sobre educação Sanitária nas escolas primárias?

WS - Nas escolas primárias, não é? Aqui, a professora escreveu é...

WH - Professora da escola primária e educação sanitária.

WS - Educação sanitária. A luta contra a tuberculose no Brasil, né? A fome, essa parte de...de...

WH - Ah, o sr. juntou, né?

WS - Nutrição, é...

WH - Nutrição ali?

WS - Ficou milhões, não é? Aqui: enfermeira de saúde pública, educação em matéria de nutrição, né? Quando eu fui professor na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, em que eu tinha a cadeira de nutrição dietética, entendeu? Eu levava todos esses conhecimentos, todas essas informações para a enfermeira. Pra enfermeira transmitir, entendeu, a...

AA - E o sr. foi professor nesse curso, nessa área de nutrição dietética, uma coisa assim, por um longo período, né?

WS - 15! 15 anos! 15 anos! Entendeu?

AA - E o sr. percebia que esse tema, esse tipo, é... essas preocupações, eram básicas pra época, (barulho do microfone) eram bem aceitas? Bem trabalhadas?

WS - Bem aceitas. Bem aceitas. As enfermeiras de saúde pública, (barulho do microfone continua) foram... foram ou constituíram, um dos pontos altos da Organização de Saúde Pública no Brasil. Porque permitia que um médico sanitarista, compreendeu, pudesse, é... expandir os seus conhecimentos através delas. Entendeu? Porque, naquela ocasião, o médico sanitarista, evidentemente, era de um preço muito mais elevado do que a enfermeira de saúde pública. Naquela... naquele... naquele período, porque depois vinha indicado, é...é...a...um paralelismo...

AA - Uma isonomia?

WS - (ri)... e ficou sendo também muito cara. Daí a... a multiplicação tremenda de auxiliares de enfermagem. Não é mesmo? Então, a enfermeira de saúde pública era tão importante que começaram os serviços especializados, a requererem também enfermeira especializada. Enfermeira de saúde pública especializada: em tuberculose, em lepra, e... em...em... educação sanitária, e coisa e tal. Chegou a um absurdo! Porque, se nós não tínhamos condições de ter a enfermeira de saúde pública em número suficiente, (ri) quanto mais a esp..., dar especialidade a cada uma. Coisa que, evidentemente, é... não pode ser continuada. E ficou realmente, no bom sentido. E essa enfermeira, a enfermeira de saúde pública, na organização municipalista, era uma coisa extraordinária! Porque nós tínhamos o centro de saúde, como unidade central e os serviços dentro do centro de saúde, que seriam desde o pré-nupcial até o... engenharia...engenharia...

AA - Engenharia industrial?

WS - Não. Engenharia Industrial! Tinha todo... toda essa gama! Tá entendendo? E com o serviço de epidemiologia.

AA - E com o papel da enfermeira, né?

WS - A enfermeira, a enfermeira visitadora, é que fazia a ligação da residência, da oficina, da fábrica, com o centro de saúde. Entendeu?

AA - Era um agente de educação sanitária o tempo todo, né?

WS - É. É. E, o pessoal, o sanitarista que trabalhava no centro de saúde, entendeu, era tempo integral. Porque a coleta... o material, as informações colhidas por essas enfermeiras, pelos guardas sanitários, entendeu, eram de um volume extraordinário. E indispensáveis para a epidemiologia. Entendeu? De modo que tinha que funcionar muito bem.

AA - Era tudo muito integrado, né? A busca da integração pra poder...

WS - É. É. E depois, dentro daquelas diretrizes, da saúde pública da época, tá entendendo, e que o chefe do posto, tinha que fazer um trabalho muito importante no campo da epidemiologia porque ele tinha que estar ao par do número de casos existentes no momento. Número de casos passados, para comparação. E daí deduzir, o número de casos futuros. Quais são os números de casos esperados disso ou daquilo dentro da área. Então, ele tinha para cada, para cada elemento desses, ele tinha um gráfico na parede, e a qualquer momento ele estava com... em condições de dizer se havia um surto de doença "x", ou se aquilo era normal, entendeu? E, saber se aquele, se o mom..., se o número de casos que ele recebia naquele momento, se, poderia dar em consequência um aumento futuro, compreendeu? Ele de...devia estar ao par...

AA - Projetar, né?

WS - Projetar.

AA - E voltando um pouco pro Serviço de Organização Sanitária, tem alguma atividade, algum trabalho, alguma realização que o sr. destacaria assim, que o sr. gostaria de destacar? Que

organizasse algum grande evento, alguma semana, alguma jornada, na época em que o sr. estava... porque por um período curto...

WS - Não. Não. É porque o meu período foi muito curto na Educação. Não é? Educação Sanitária. Entendeu? Porque foi um período, politicamente, muito confuso. Eu já, me referi aquele momento em que eu saía do serviço e encontrava aquele grande comício na Praça da República, em que se apregoava a revolução, em que só se via a...a... a bandeira vermelha com a suástica. Com a suástica! Com a...

WH - Com a foice. (ri)

WS - (ri) Com a foice e o martelo. Entendeu? E todo mundo se agitando muito e o seu..., o nosso...nosso... ex-governador...

WH - Brizola?

WS - ...fazendo um discurso tremendo. (ri)

WH - Agora, já que estamos falando um pouco de política...

WS - Então, por isso...

WH - ...o sr. votou no Jânio?

WS - Hein?

WH - Jânio Quadros?

WS - Não. Nunca votei no Jânio. Depois me arrependi. Nunca..., nunca... mas, quando ele tomou posse e começou a colocar as coisas nos seus devidos lugares, e nós sentimos isso nos serviços, ...

WH - Ah! Isso o sr. sentiu na saúde pública?

WS - Sim! Gente que não aparecia e que... começou a se chegar, pra trabalhar e tal... Eu digo: “É esse!”

WH - Porque ele ameaçou algum... demitir quem não...não trabalhasse?

WS - Ah, claro! Claro...

Fita 15 - Lado A

WS - Eu tenho que responder o seguinte, é... de uma maneira geral, eu acredito que não, sabe? Mas, sempre existiu isso.

WH - Pessoas que não trabalhavam, né?

WS - As pessoas, essas pessoas, indicadas politicamente, essas pessoas pouco ou nada trabalhavam. Havia o DASP na ocasião, (sirene) que controlava o... a administração pública, quanto a pessoal, eles eram muito rigorosos. Ninguém era nomeado sem fazer concurso. E o concurso era feito pelo DASP. Tá entendendo? (sirene) Agora, o que acontece é que a lei, determinava, por exemplo, que... só havia determinado número de... profissões. E aquela, para essas profissões, evidentemente, o DASP tinha o concurso adequado, não é, para ingresso no serviço público. Mas, os políticos... sempre descobriam uma maneira de burlar essa barreira. Então, por exemplo, no serviço público não havia antigamente, esse papel de assessor. Não existia. Então, se não havia, era aí o...o... a brecha por onde...

WH - Era uma porta que entrava, né?

WS - ...era nomeado. Nomeado. Então... E eram nomeados indivíduos com padrões muito mais altos do que os serviços tinham. Por quê? Cada carreira tinha um número limitado de vagas. E evidentemente, cada...cada carreira podia ser afigurada com uma pirâmide. À medida que subia, o número de vagas diminuía. Não é mesmo?

WH - Hum, hum. Claro.

WS - Então, as promoções só podiam ser efetuadas de acordo com as vagas. Ora! Se, as vagas obedeciam a, a determinado período de tempo, entendeu, você tinha que esperar. Eu, por exemplo, esperei dez anos para subir uma letra. Entendeu? Então ficava... Mas pro político isso não era negócio, porque, 1º: o sujeito ganhava pouco, entrava, naturalmente, em carreira inicial, eles não queriam isso. Eles queriam colocar logo o indivíduo em...

WH - Lá em cima.

WS - ...lá em cima.

WH - No topo.

WS - Entendeu? No topo. Então, inventaram essa questão do assessor, que passou a ser uma epidemia tremenda. Era uma quantidade de assessor que era tremenda, né? E entrou aí também, a “Maria Candelária”.

AA - O que que é isso?

WS - A Maria... Não conhece a música, Maria Candelária?

WH - Não! (ri)

WS - Que pulou..., que...caiu da, caiu de pára-quedas da letra “o”?

WH - Não!

WS - Porque a carreira era de “k”,...

WH - Era uma marchinha de carnaval?

WS - ...de “k” ... É! Era de “k” a “o”.

WH - Ham!

WS - Não é? Então, esse...e... esse pessoal assessor, entendeu, ia lá pra letra “o”.

WH - Já ia direto...

WS - Então, Maria Candelária, não é,...

AA - ...pulou de cá pra lá...

WS - ... ca...caiu de pára-quedas na letra “o”. Entendeu? Tornou-se então, esse assunto, objeto...

WH - De chacota.

WS - ...de crítica, de chacota e coisa, etc. Porque é uma maneira de reagir, não é? Quem não pode reagir de outro jeito, entende, faz essa reação que desde, desde a... desde que o homem é homem, ele usa isso. Não é mesmo? A ironia e a chacota, para... para chibatar o que ele não pode fazer de outro jeito. Entendeu? Então, essa gente, não trabalhava. Quem trabalhava eram aqueles que (ri) não tinham uma proteção política. Entendeu?

AA - Os que estavam na letra “k”.

WS - Hem?

AA - Os que estavam na letra “k”.

WS - (ri) É. Letra “k”.

WH - Agora, o Jânio, o sr. tava dizendo que foi o Jânio que, começou a pressionar...

WS - O Jânio, o Jânio, quando entrou começou a... a pressionar, se bem que, ele às vezes estava muito mal orientado. Por exemplo, no nosso caso, compreendeu, em que nós tínhamos a obrigação de trabalhar com “time”, dedicação exclusiva, não podia ter outro emprego, etc. Por isso nós estávamos, nós ganhávamos mais, entendeu? Ele cortou isso! Simplesmente cortou. Entendeu? E, aos outros ele fez trabalhar durante o dia todo também. Entendeu? Então... Se bem que isto tenha sido..., tinha ocorrido durante pouco tempo, porque é...é... anticonstitucional, né, reduzir o salário, não é mesmo?

AA - Aí, a reação de vocês, do conjunto dos médicos, foi entrar por essa via legal de questionar... (fala sobreposta)

WS - Foi boa. Foi. Claro, claro. É. Claro. Penso que alguns fizeram isso e foi logo restabelecido. Entendeu? Mas, vale a pena a gente citar coisas. Então, ele realmente, ele começou a pôr seriedade, entendeu, das coisas públicas e eu disse: “Olha, eu... realmente eu estava enganado com esse homem. É esse homem que deve ser apoiado e tal, etc.” Infelizmente por pouco tempo, né? Mas, nunca votei nele. Porque ele tinha fama de pessoa desvairada, né? Desde o tempo em que ele foi prefeito de São Paulo, ele já tinha esta fama, né? A luta que ela...ele moveu contra a “Coca-Cola”, foi uma coisa tremenda! Entendeu? Porque foram dizer a ele que havia gente que limpava a banheira com “Coca-Cola”. Então, se é uma coisa tão forte que tira essa sujeira e coisa e tal, deve fazer um mal tremendo. Caiu de pau em cima da “Coca-Cola”. Entendeu? Queria proibir a “Coca-Cola” de funcionar no estado de São Paulo. Mas ele perdeu a..., foi pra Justiça e ele perdeu. Eu tenho livro, tenho um livro assim, ó, o processo da “Coca-Cola”. Eu tenho aí, dele. E ele perdeu.

WH - O sr. se interessou particularmente por esse processo?

WS - Hem? Não. Eu me interessei porque ele estava obrigando, o...o... Instituto Adolpho Lutz, os técnicos do Instituto Adolpho Lutz, a condenar a “Coca-Cola”.

WH - Hum! E aí...

WS - E quando eles não condenavam, não davam... não davam a, não obedeciam a ele, ele aposentava.

WH - Ele pressionou também a Comissão de Normas e Padrões em algum momento?

WS - Ah! Não, não, não! Ele com... essa, ele fez isso quando governador de São Paulo, não é? Mas aqui no Instituto...

WH - Ahhh! Mas o Instituto Adolpho Lutz tinha gente na Comissão de Normas e Padrões, né?

WS - Hem?

WH - O Instituto Adolpho Lutz...

WS - Não! Não era...

WH - ...não tinha um representante do Instituto na Comissão...

WS - Tinha, tinha...

WH - ...de Normas e padrões?

WS - ...tinha, tinha. Mas não... o... Jânio Quadros não respeitava isso não. Tanto que quando ele veio, veio presidente, ele chamou o Ministro da Saúde da equipe dele, que era o Catete Pinheiro, e disse: “Olha, você toma conta da “Coca-Cola”.” Entendeu? O Ministro nos disse.

AA - (?)

WS - Por quê aquilo? Por que a “Coca-Cola”? Eu tinha que explicar a ele. Eu levei o livro, esse livro, pro Catete Pinheiro ver. É isso! Ele perdeu o negócio. Ele não tinha razão. Entendeu? Ele se embarafustou por um caminho errado, entendeu? Cismou e... isso não pode acontecer com um presidente da República ou um té..., ou um...um...um... uma pessoa de respon... Ele era do governo. Tem que estar dentro da lei. Não é? E por isso ele perdeu a... perdeu o processo, né? Mas assim. Então, re...respondendo à pergunta que você fez, na realidade, todo serviço público você sabe que é, é... no que diz respeito à pessoal, é muito confuso nesse particular. Muita gente que não trabalha. Não é? Há muita gente que vai receber e tudo, a gente sabe disso. São apadrinhados, protegidos, politicamente, não é? Agora, os que não o são, é que levam trabalho nas costas, né? É que...

WH - Carregam o fardo.

WS - ...carregam o fardo, né?

WH - Agora, quando o Jango caiu, Quando o Jânio caiu. Perdão, Dr. Walter, como é que o sr. sentiu essa mudança no governo, né? A queda do Jânio, a entrada do João Goulart?

WS - Mas, até que é interessante citar o que aconteceu no momento em que o Jânio caiu. Nós estávamos reunidos na Comissão de Normas e Padrões do Departamento Nacional de Saúde, à tarde. Não sei se 3 horas, 4...3, 3 e pouco, não é? E o... Bichat Rodrigues, meu colega de turma e de... amigo, era diretor do Departamento Nacional de Saúde. E, quando surgiu a notícia de que o governo tinha caído, ele disse: “Não temos mais nada o que fazer. Acabou.” (risos)

AA - Acabou a reunião. Acabou-se tudo.

WS - Porque a reunião se fazia na, lá na sala do... do diretor do Departamento Nacional de Saúde. “O governo acaba de cair”, não é? E quando saiu, caiu, saiu o Jânio, e ficou aquele substituto, que era substituto de todo, de todo governo que ... que saía... Esqueci o nome dele.

WH - Café Filho?

WS - Paulista... Não, não...

WH - Não era o Café?

WS - Não. Ele nunca foi presidente assim. Ele era, era deputado...

AA - Assumia pela, pela Câmara?

WS - É. Assumia pela Câmara. É. Ele assumia o governo. Mas...

WH - Masíli? Não, não era Masíli. Ranieri Masíli, não? Eu estou trocando os nomes. Quem foi que assumiu no lugar do Jânio, do João Goulart?

WS - Era o Ranieri Masíli sim.

WH - Não era?

WS - Era o Raniero Marsíli sim. Era. Que era, era o pé de boi lá. (risos) Tava sempre ...

AA - Tava sempre ali, pronto.

WS - É. Pronto pras coisas, não é? Mas assim terminou. Mas, eu tenho impressão, de se ele continuasse, ele faria um bom governo. Mas, ele sentiu que não tinha cobertura, a cobertura do Congresso. Entendeu? O Congresso sempre foi o que a gente conhece, né?

WH - Já era desprestigiado naquela época?

WS - É. Ele lá, ele tinha lá o seu prestígio próprio, entendeu? Agora, acontecia, como acontece hoje, com as coisas de interesse do Brasil. Muitas vezes o que eles fazem? Eles dão preferência às coisas do interesse de grupos, grupo deles, que não tem nada que ver com o interesse do país. Entendeu? Foi nessas condições que, o Jânio se insubordinou. Porque ele tava querendo ter força. Mas, o executivo, num regime presidencialista, não tem toda a força, ele tem que repartir as forças com os outros dois poderes. Ele, ele encontrava grande ... obstáculo no poder legislativo, não é? Por isso que dizem que ele fez a uma farsa, que ele tentou com esse ato de deixar o, a presidência, crente de que iam buscá-lo, sobretudo as forças armadas, e nessa ocasião, ele (relógio) impunha, ele iria: “Só poderei..., só ficarei se...”

WH - Sob certas condições.

WS - É. Condições, assim... assim... assim...

AA - É. Apoio...

WS - É. Mas, o negócio saiu pela...

AA - O tiro saiu pela...

WS - ...pela culatra. Não é? Não foram muitos casos, no entanto, saíram. Mas,... Dizem, que era isso que ele queria fazer. Queria ter força, entendeu?

WH - Agora, vocês que estavam no Ministério, né, no caso o sr., que vinha já desde a época do Getúlio, do 1º ..., do Estado novo..., depois veio a democratização..., enfim, volta o Getúlio, Juscelino... E essa época, principalmente do Jânio, do João Goulart, é... como é que se sentiam as mudanças, né, as mudanças de presidente...

WS - Bom! Olha, ... (fala sobreposta)

WH - ... de ministro..., como é que isso se refletia no trabalho de vocês?

WS - Isso era uma coisa tremenda! Isso era uma coisa tremenda! Cada, cada ministro que mudava, a gente sentia que a coisa piorava. Entendeu? Olha, o período do Getúlio, que foi um período de governo forte, foi quando as coisas andavam mais serenas.

WH - É. O sr, falou.

WS - Havia continuidade, havia respeito. Entendeu? No Ministério da Educação e Saúde com o ministro ... o nome...

WH - Capanema?

WS - Capanema, entendeu? Um homem sério, não é mesmo? No Departamento Nacional de Saúde, o Barros Barreto. No Departamento de Educação o (Bilat Renaut?), entendeu? As coisas funcionavam serenamente, havia continuidade. A pessoa podia fazer previsão. Entendeu?

WH - Hum, hum.

WS - Depois, começou, sobretudo no Ministério, depois que foi criado o Ministério da Saúde, foi uma (?), uma coisa tremenda! De ministro pra ministro, a coisa foi caindo.

WH - Quer dizer, o sr. ..., uma avaliação pessoal sua, de que a saúde a partir de... da saída do Capanema, da criação do Ministério, basicamente, foi em decadência, foi caindo?

WS - Decadência, é. Decadência, é. Decadência completa.

WH - Como é que o sr. avalia essa decadência?

WS - Hem?

WH - Como é que o sr. avalia, o que é que o sr. acha que foi caindo, que foi...?

WS - Eu...eu avalio pelo seguinte: que a estrutura feita para aquela época, era uma estrutura adequada. 1º: a presença do governo federal, tanto maior quanto maior a necessidade do estado. Piauí precisa mais da presença do governo federal do que São Paulo! É uma coisa clara! Não é mesmo? 2º: no território nacional, existem doenças comuns a todos os estados: malária, aqui, ali...ali...; febre amarela... O que a lógica determina nesse momento? Que haja, um combate com diretrizes diretas com normas centrais e execução centralizada, não é mesmo? É o que se fazia. Como os estados não tinham, de uma maneira geral, a organização necessária, tava...tava se... estava, é... o governo estava procurando, é... dar a cada um essa...e... essa organização, o governo federal assumia. Daí o nascimento dos Serviços Nacionais. Serviço Nacional de Tuberculose, Serviço Nacional de Malária, Serviço nacional de Peste, entendeu? Então, esses serviços funcionavam, entendeu, com padrões. Era o mesmo papel, eram as mesmas diretrizes dos técnicos, entendeu? Que funcionavam nos estados, entendeu? Com a colaboração do estado e o município. Enquanto, paulatinamente, foi se preparando gente, entendeu, em condições econômicas para eles poderem agir. Então, esses Serviços Nacionais, eram realmente ... os serviços indicados para aquela época, entendeu? E funcionavam bem! Funcionavam bem. A prova é que, dentro dessas diretrizes é que foram erradicadas alguns...algumas doenças. Não é

mesmo? Nunca se trabalhou tanto, depois eu vou mostrar a vocês, como... aqui com a Divisão de Organização Sanitária, que é o órgão que eu também dirigi, entendeu? Colaboração com o estado! O estado não fazia nada, entendeu, que compromettesse a orientação do governo federal. Por quê? Porque era tudo feito de acordo com as diretrizes determinadas e conhecidas que o estado aceitava. Então, o estado queria fazer uma maternidade. A Divisão de Organização Sanitária tinha uma engenharia, tinha uma seção de engenharia que fazia isso pra ele! Entendeu? Agora, não... não fazia aqui, dentro da... da... coisa, ou na Corte não. Ia pra lá! Para que eles acompanhassem a feitura desta... deste órgão, entendeu? Não era imposto! Era dialogado! Eu já falei a vocês que havia reuniões de secretários... com secretários de saúde. Saíamos nós daqui e íamos nos concentrar num estado, onde reunia os secretários de saúde daqueles estados todos. Sobretudo do Nordeste. Não é? Porque era... o Nordeste sempre foi a... a, o local de maior carência, entendeu? Isso se fazia, compreendeu, é... de uma maneira simples, direta, entendeu, sem exigir eh... grandes complicações. Não! A coisa se desmanchava normalmente. Entendeu? Havia um timoneiro, esse timoneiro merecia a confiança de todo mundo. Porque era um indivíduo de capacidade internacional. Conhecia muito o Brasil. Não ficava sentado no gabinete dele. Ele viajava pra ver as coisas. Entendeu? Então, as coisas marchavam, normalmente.

AA - E essas mudanças todas, que a gente estava conversando, o sr. acha que desandou essa marcha...?

WS - Desandou completamente! Desandou... e... E como acontece sempre, né? 1º começa a criticar: “Ah! Porque que a estrutura é velha, ... Porque coisa... Porque... funciona... não sei quê... Porque podia ser assim, podia ser assado...”. A gente sabe disso e brasileiro é muito disso. Não é? Ele gosta de conversa fiada, né?

AA - Muda o nome...

WS - Hem?

AA - Muda o nome.

WS - É. É. Então, evidentemente que, as coisas mudam. O Brasil muda. E tudo que há dentro do Brasil, tem que mudar também. Não é mesmo? Agora, é preciso que essas mudanças obedeçam a determinadas diretrizes que sejam feitas por pessoas capazes. Isso nunca mais ocorreu. Por quê? Porque o... o Ministro da Saúde é político! Ele quer, tá... tá fazendo tempo ali, para ser candidato à presidência da República ou coisa que o vá, senador ou... Ele não quer sair dali. Político tem, quer ser profissional. Ora! Política não é profissão! Esse negócio do político ser, ter aposentadoria, porque trabalhou...foi eleito...

AA - Por dois mandatos...

WS - ...dois mandatos. Isto é o maior absurdo! Isso não pode acontecer em lugar nenhum a não ser no Brasil! Ele tem a profissão dele! Ele vai se aposentar é na profissão dele, não é agora no, é... Político, político não é profissional! E no Brasil o político é profissional. E porque sai mais, entendeu, ele quer ser aposentado na política. Quer maior absurdo, entendeu? Então, o que aconteceu com o Ministério da Saúde, eu tenho a impressão, que com outros ministérios... ninguém se entende. As pessoas pre..., que antigamente, eram preparadas para assumir e

dirigir... Acabou! Isso não existe mais! Manda o Ministro pra lá, a 1ª coisa que ele faz é saber quem é que tem DAS. Porque DAS é a gratificação, que se supõe, seja mais interessante para os afilhados. Entendeu? Então é o Seu Fulano, que é cabo eleitoral aqui e... e... aqui no Méier e outro que vai de Engenho de Dentro e tal. Então, essas...esse pessoal é que vai pra lá! É que vai pro Ministério. Não entende, absolutamente, também não tem... ninguém cobra. Entendeu? Então, tem que afundar, né? Tem que afundar.

WH - Vocês como técnicos não tinham condição de... de cobrar esse tipo de...

WS - Não temos. Não temos condição nenhuma. As... a Sociedade Brasileira de Higiene, que devia ter condições para isso, não tem porque... a Sociedade Brasileira de Higiene, morreu.

WH - Só...

Fita 15 - Lado B

WS - ...Não é? Então, você vê, que não há nenhuma razão para que se tenha entusiasmo por esse tipo de regime, compreendeu? Porque...

WH - Agora, o sr. dizia que quando o sr. tava no...no Serviço de Educação Sanitária, era um momento... politicamente agitado...

WS - É. Agitado, muito agitado.

WH - ... né? O sr. falava da coisa do João Goulart, do...do governo dele, né?

WS - É. Porque no momento que mudava o ministro,...

WH - É. Era o Wilson Fadul, era o ministro?

WS - Era o Fadul. Poderiam..., começaram a... começaram aqueles inquéritos...

WH - Antes do...da, do Movimento de 64?

WS - Hem? Sim, no tempo do Fadul, que começou!

WH - Ah, é?

WS - É! Começaram os inquéritos, entendeu? As mudanças, entendeu? Eu fui... voltei para, eu voltei pra a Divisão de Organização da Sanitária. Entendeu? (ri) Claro! No meu lugar, porque eu sempre estive lá. Era...

WH - O sr. foi... o sr. foi..., aliás o sr. não nos disse, foi chamado por quem...

WS - Hem?

WH - ...pro Serviço de Organização Sanitária? Pra ser diretor de lá. Quem lhe chamou?

WS - Ora, quem...

WH - Quem lhe convidou?

WS - Foi o... ... Foi aquele Ministro mineiro, Paulo...

AA - ...de Almeida Machado.

WS - Não! Não!

WH - Não? Ah, sei.

WS - É o...

WH - O Serviço de Educação Sanitária.

WS - É um historiador de Minas, que foi Ministro. Não me recordo o nome dele.

AA - De Educação Sanitária?

WS - É.

WH - Ele foi Ministro da Saúde?

WS - Hem? Foi Ministro da Saúde. Agora eu me lembro. Eu estava diretor da Divisão de Organização Sanitária. E, Dr. Mário Magalhães da Silveira, conseguiu grande amizade com esse Ministro. E o Dr. Mário queria ser diretor da Divisão de Organização Sanitária. Então, o Ministro me passou para o Serviço de Educação Sanitária e botou o Dr. Mário no Serviço de Organização Sanitária. Foi isso que aconteceu. Entendeu?

AA - Paulo Pinheiro Chagas.

WS - Pinheiro Chagas. Pinheiro Chagas.

WH - Mas aí, mudou o Ministro, mudou tudo também? O sr. pôde voltar...

WS - Não, já...

AA - O Pinheiro Chagas foi um ano só, né?

WS - Não. Depois que o Chagas saiu, eu voltei (ri) simplesmente juntos, eh... pra di... porque saiu... o...o... Mário Magalhães saiu e eu entrei.

AA - E aí foi quando o Wilson Fadul entrou?

WS - Hem?

AA - Foi quando o Ministro Wilson Fadul assumiu.

WS - Assumiu. Entendeu? Porque ele sa..., o Fadul assumiu... é, naquele momento em que estavam fazendo aqueles inquéritos, né? É..., em que a gente era chamado como testemunha para dizer o que estava havendo no Ministério, o que acontecia com “fulano”, com “cicrano” e tal.

WH - Mas eram inquéritos pra quê, Dr. Walter?

WS - Inquérito pra ver a subversão, né? Pra ver, pra apurar.

WH - Mas isso foi depois...

AA - Isso já foi quando...

WS - Só sobre subversão.

WH - Mas isso foi depois do...da..., do Movimento de 64, dos militares, né?

WS - Foi. Militares.

WH - Ah! Eu pensei que era no... durante a gestão do Fadul. O Fadul foi indicado pelo João Goulart.

WS - Não, não, não. Ele era ele era da aeronáutica. Era...

AA - O Fadul saiu quando teve o Movimento, né?

WS - É. O Fadul, Fadul...

AA - Entrou o Leitão da Cunha e o Raimundo.

WS - O Fadul era um ótimo Ministro!

WH - É. O sr. achava...

WS - Ministro formidável!

WH - Que quê ele, o que é que o sr. destacaria assim, da atuação dele?

WS - Eu destaco a... eu destaco do... Era, era...foi um Ministro que, que realmente, se ocupou de problemas ... que o Ministério devia solucionar. Entendeu? Inclusive, aquele inquérito municipalista. Eu tenho a... tenho... Eu tenho o relatório dele aí. Entendeu? Em que se, indicava o município como o lugar certo para administração da saúde pública local, porque quem está

mais perto dos fenômenos, é que melhor nos entende, nos vê e pode solucionar. Não é mesmo? Então, foi feito esse congresso. Não sei se é o VI Congresso ou VII, não sei.

BG- É o III.

WS - Eu tenho... Não!...

WH - É a III Conferência Nacional.

WS - ... Conferência Nacional de Saúde. III não! Que! Essa outra...

AA - Porque aí muda...

WS - ...essa outra, essa outra conferência é meio fajuta, né? A sé... a sé...

AA - Era aquele XV Congresso Brasileiro de Higiene...

WS - É o quê?

AA - O XV Congresso Brasileiro de Higiene, alguma coisa assim? Naquele...naquela linha de congresso?

WS - É, é con...

AA - Porque o XV foi...

WS - Foi congresso, é.

AA - ...fundamental pra enriquecer...

WS - Pois é, pois é. Justamente isso...

AA - ... a municipalização...

WS - E... era a continuidade dos congressos. Entendeu?

AA - Continuidade. É. De 58.

WS - E esse congresso foi então, é... foi promovido pelo, pelo Fadul. Tanto que, estando ele agora, na direção de um banco, o Fadul, ele conseguiu então, editar o relatório. Eu tenho aí o ...

WH - Da... III Conferência, né?

WS - É III... III Conferência.

AA - III Conferência Nacional de Saúde. Foi logo depois desse XV Congresso. Em seguida.

WS - É, entendeu? Pois bem, é... mostra que ele estava interessadíssimo nos programas. Ele se dedicou inteiramente. Entendeu? E, eu nunca vi um Ministro receber um subordinado com tanta atenção. Numa ocasião, eu tinha recebido a comunicação, de um caso de... de varíola. Eu estava, nessa ocasião, com o negócio da varíola. Na..., numa área da... da... da Estrada Belém-Brasília, e eu queria ir comunicar a ele isso, porque eu que tinha que tomar umas medidas. O Lima Verde era o chefe do gabinete dele e era hora do almoço. E eu su...subi e falei com o Lima Verde: "Lima Verde, eu preciso falar com o Ministro." E o Lima disse assim: "Olha, você tem que, tem dois deputados com ele e ele já está atrasado porque ele está comprometido com um almoço não sei com quem e tal, etc. Então no caso, você espera por aí e vamos ver o que é que dá." Pois bem, poucos minutos depois, o Fadul abre a porta do gabinete dele e mete a cabeça pra falar com o Lima Verde, e me vê sentado. E ele pergunta: "Você quer falar comigo?" e eu digo: "Quería." Entrou pra lá, ele sentou, me fez sentar. Não falou em pé, não. Eu me sentei e expus o negócio a ele. Outro Ministro, não tinha dado bola nenhuma! Entendeu? Ia lá pro almoço dele porque o interesse dele era político, não tava interessado? O Fadul, entendeu, ele estava querendo candidatar-se ao governo do Mato Grosso. Porque o governo do Mato Grosso era disputado sempre entre duas famílias. Feli..., era Müller..., e uma outro cujo nome não sei..., era até de um colega meu de saúde pública, cujo nome agora eu não me lembro. E o... o Fadul tava querendo furar essa barra, entendeu? Mas não estava se servindo do Ministério pra isso não.

WH - Ele conseguiu manter separados?

WS - Estava realmente se dedicando à saúde pública da União. Entendeu? Por isso, eu sempre o achei u... uma pessoa séria, entendeu? E geralmente, esses militares são pessoas muito sérias, compreendeu? Se há uma coisa séria no Brasil, é a organização militar.

WH - Wilson Fadul e... era militar?

WS - Era da aeronáutica. É. Era da aeronáutica.

WH - Ah, é?

WS - Brigadeiro. Então, eu vi isso, quando fui pra Escola Superior de Guerra. Porque eu sempre admirei o serviço do americano. Você vai pra América do Norte fazer alguma coisa, o negócio tá todo no papelzinho lá. Tantas horas aqui, ali. Você tem que fazer isso e tal. Se sair daqui vai pra ali. O negócio é todo milimetrado, é todo é... é todo... não é? O relógio, como é, é...?

WH - Cronometrado.

WS - Cronometrado. Entendeu?

WH - Organizado.

WS - E eu tinha uma inveja de...isso aqui é, não se perde tempo. Tem que ir lá, o...o carro já estava lá em baixo esperando. Então chofer tá. Você não tem nada que ver com o chofer. O chofer, ele já tem a organização dele, ele tem... ele tem o...o serviço é que cuida do carro, é que

manda limpar, que manda consertar, que manda verificar, que coisa e tal. Não é mesmo? Cada qual da sua...

AA - Na sua função?

WS - ...no seu poleiro, lá. Entendeu? Eu tinha uma inveja disso. Quando eu fui pra Escola Superior de Guerra, encontrei isso lá. O negócio é... é cronometrado. É milimetrado. Entendeu? Sério. Você vai pras reuniões, você já sabe como a coisa vai se processar. Você tem, o documento tá na tua caixinha. Você chega lá na caixinha, mete a chave, tá tudo lá direitinho.

AA - E os cursos tinham um tema maior ou eram vários temas da questão nacional?

WS - Tema, tema... temas... os problemas do Brasil.

AA - Os problemas do Brasil.

WS - Problemas do Brasil.

AA - Aí, dividia em grupos pra trabalhar (?)

WS - Sim! Sim! E depois o sujeito sai. Os grupos saem. Um vai pro Norte, outro pro Sul. (?) Entendeu? Antes disso, cada autoridade, brasileira ou estrangeira que trabalhe aqui, que tenha responsabilidade, vai lá dizer o que está fazendo. Entendeu? O embaixador não sei o quê e tal, etc, vai lá dizer o que está fazendo. Entendeu? O Ministro vai pra lá, vai dizer o que está fazendo. Depois a gente vai lá vê o que que ele está fazendo, o que que ele está fazendo mesmo. A gente se desloca, vai pra lá, pra ver. E tudo isso tem relatório, tem nota, entendeu? Um negócio sério. Depois o grupo, faz um plano para o país. “Plano de Desenvolvimento do País”. Todo ano, essa equipe extraordinária que vai pra lá, faz um plano para o país.

WH - Como é que estava... selecionando...?

WS - Não impõe, não impõe! Se o governo quer, pede. Entendeu? Mas um ponto..., quer dizer, uma equipe que tem representantes de todas, em todos setores de atividades do Brasil. É engenheiro, é médico, é... enfim. Todos! Então esse grupo todo, fazia um plano de desenvolvimento para o país.

WH - Como é que o sr. foi..., é... eu queria lhe perguntar, a... a seleção pra fazer o Curso da Escola Superior de Guerra...

AA - É por indicação?

WH - ...o sr. passou por uma seleção, foi indicado? Como é que é isso?

WS - Não. Não, não. Isso... é a coisa mais mirabolante que existe. No meu caso é o seguinte: quem devia ir era o Lima Verde que estava junto com o Ministro. Não é?

WH - Com o Raimundo de Brito?

WS - Hem? Não.

WH - Com o Fadul?

WS - Fadul. É mesmo? Foi o Fadul?

AA - Não, já era ... Foi 69 que o sr. ...

WS - Não, não... Foi em 1969?

AA - 69.

WS - 69 eu não me recordo quem era não.

AA - Era o Leonel Miranda.

WS - Miranda, sim. Miranda. Que..., outro horrível. Então, quem ia, era o Lima Verde. O Lima Verde, não sei por que, não pôde ir, entendeu? E indicou meu nome. (ri)

AA - Ah, sei.

WS - (ri) Eu me, devo o Curso ao Lima Verde. Foi ele que indicou.

AA - Que indicou.

WS - Porque nós tínhamos sempre, mais ou menos sempre juntos.

AA - Então, por exemplo assim, do Ministério da Educação, também então, iria alguém diretamente...

WS - Do Ministério de Educação.

AA - ...ligado ao Ministro, pra poder dar essa...

WS - É. É. É.

AA - Quer dizer, havia um processo de...de indicação? Os próprios Ministérios indicavam...

WS - É. Indicavam a pessoa que iria fazer...

AA - ...a pessoa que iria fazer...

WS - É. Que...que ia representar...

AA - Representar.

WS - ...lá, não é mesmo? É. Então, foi esse um dos pontos altos da minha vida. Escola Superior de Guerra, que eu respeito muito.

WH - O sr. é..., porque essa época, Dr. Walter, é uma época em que começa a se falar muito, na questão do planejamento.

WS - É. Pois o planejamento começou na Escola. Foi ela que trouxe.

WH - Pois é. Eu queria lhe perguntar, como é que o sr. que já tinha uma trajetória dentro do Ministério da Saúde, né, de 50 anos ou... 40. Não! 50 não. 30 anos.

WS - Quem?

WH - O sr. que já trabalhava no Ministério...

WS - É... Sim... Sei...sei...

WH - ...30 anos, né, quase?

WS - É. Bastante tempo. É.

WH - ...Como é que o sr. via essa questão do planejamento?

WS - Ah, eu achava...

WH - Principalmente pra saúde?

WS - O...o...o planejamento, entendeu, começou na Escola Superior de Guerra. As boas coisas desse país, (ri) saíram da Escola Superior de Guerra. Entendeu? Porque o nome de “Guerra”, não é adequado para o... Porque é muito mais civil do que militar. Porque só po..., militar só pode ser é..., ser ligado à Escola, depois de coronel. (Relógio) Tenente, capitão, coisa... pode não. Tem que ser um homem já experimentado dentro... Entendeu? Então, se supõe, que nos Ministérios também mandem pessoas..., mas se não manda, lá eles renovam. Porque tudo é anotado: as intervenções, os tipos de intervenção que o sujeito faz... Tudo é anotado. Entendeu? De modo que, lá é que começou o planejamento. Depois os plane..., o planejamento veio pros Ministérios e Ministério da Saúde, de uma maneira, entendeu, ... completamente é... complicada, entendeu?

AA - Em que sentido que era complicada?

WS - A gente tinha que fazer... Por exemplo: a gente tinha que fazer um... um programa. Esse programa tinha que ter um tempo para execução. Então, tinha que di...dividir em etapas. Cada etapa tinha que ter o seu orçamento. No seu orçamento, você tinha que colocar: material, pessoal, luz, é... gás, enfim o que fosse necessário. Entendeu? O que muitas vezes não pode ser simplesmente. Eu estou num... numa parte do..., num conjunto que é o Ministério, vamos dizer, Ministério da Saúde, entendeu? Então eu tenho: três salas, um gabinete, entendeu, um almoxarifado, ... Eu tenho que agir, como se esse negócio aí fosse independente. E não pode

ser. Porque, as coisas ligadas a esse conjunto, estão ligadas aos outros. Entendeu? Você para adicionar este com aquele não vai dar certo nunca. Porque são, é... muitas vezes, é... elementos completamente heterogêneos. Entendeu? Então, pra você fazer o... o planejamento central, como faziam os países totalitários, é uma loucura! Sé eles que podiam fazer isso mesmo, porque, eles que mandavam. Com... mandavam e comandavam. Não é mesmo? Mas num país como o Brasil! Em que cada um tem a sua área de atuação, entendeu, fica muito complicado o negócio.

WH - Nem mesmo num lugar...?

WS - Tanto que não deu certo! Tanto que não deu certo. Hem?

WH - Nem mesmo num governo militar centralizado, com...?

WS - Não. Não podia ser. Não podia ser. Não há, democracia, como...com po...poder militarizado é... é ditadura, não é? Não podia. De modo que, o planejamento na Escola é um planejamento geral. Entendeu? Não entrava em detalhe, em detalhe, entendeu? A gente aprendia a fazer o planejamento, as linhas do planejamento geral. E não deu certo! Entendeu? Continua a mesma... Você vê que chegou ao absurdo de você aprovar um orçamento com um ano e meio atrasado. Não é possível um negócio desses.

Data: 17/08/1995

Fita 16 - Lado A

WH - Bem, hoje é dia 17 de agosto de 1995, estamos começando a 8ª entrevista com o dr. Walter Silva. Aqui presentes: Ana Almeida, Maria Beatriz Guimarães e Wanda Hamilton que sou eu. (muito ruído de trânsito ao fundo). E... dr. Walter, a gente na última entrevista, a gente falou sobre o seu trabalho na... Nossa, é terrível aqui! Sobre o seu trabalho na Educação Sanitária, né? E a gente queria continuar hoje, justamente com a sua volta pra DOS.

WS - Ah, sei! É, é.

WH - Né? O sr. trabalhou algum tempo, um ano, eu acho que foi, né, que o sr. ficou na Educação Sanitária e eu queria que o sr. nos contasse como é que foi o seu retorno pra lá, porque é que o sr. voltou pra lá.

WS - Eu expliquei porque eu saí, não foi? Expliquei.

WH - O sr. disse que...

WS - Foi o quê? Eu disse que... eu fui pra Educação Sanitária, porque era diretor da Divisão de Organização Sanitária e mudou o ministro para a... é...

WH - Pinheiro Chagas?

WS - Pinheiro Chagas, mineiro, né, historiador e etc. E o Mário Magalhães da Silveira, entendeu, é... se aproximou muito dele e... mostrou desejo de... ser diretor da Divisão de Organização Sanitária. Era um sonho dele.

WH - Ele tinha algum projeto em mente? De mudança...?

WS - Não. Não tinha projeto nenhum. Apenas queria ir pra lá. Era um desejo como outro qualquer, né? E o ministro fez a vontade dele, então, me passou para a Educação Sanitária que estava saindo o... Brito Bastos, entendeu? E eu fui pra lá, pra Educação Sanitária. Como acontece geralmente com as pessoas que... têm sonhos e esses sonhos se frustram, não é, parece que aconteceu com essa pessoa porque, é... pouco tempo depois, saiu... da Divisão de Organização Sanitária e eu voltei, simplesmente. Compreendeu? Fui..., se não me engano, fui levado à Divisão de Organização Sanitária, pelo ministro Souto Maior, se não me engano. Então, tem uma fotografia aí, eu tomando posse novamente da... diretor da Divisão.

WH - E o sr. não sabe por que o Mário Magalhães da Silveira saiu?

WS - Não sei.

WH - Desistiu ou teve algum problema?

WS - Não sei, não sei não. Não sei.

WH - Não conseguiu realizar alguma coisa que ele queria?

WS - Não sei. Não sei.

AA - Foi com o Souto Maior ou com o Wilson Fadul que o sr. retornou?

WS - Com o Souto Maior. Tem uma fotografia aí, eu assinando. Por isso estou me lembrando. Porque senão eu me lembraria. Compreendeu? E assim é feito, são feitas as coisas, né? Não foi porque eu me empenhasse e... e... fosse ao ministro pedir, nada disso. Que, graças a Deus, eu sempre regulei a minha vida de modo que, é... não me trouxesse problemas difíceis de solucionar. Especificando melhor, eu sempre fui diretor de alguma coisa, e a diretoria tem sempre uma gratificação. Eu nunca assumi responsabilidade, que comprometesse a gratificação. Porque eu sempre pensei: “Poxa! Eu tenho gratificação, amanhã eu não terei talvez, né? Então, eu vou ter problemas econômicos na minha casa.” Assim eu não... ao invés de morar num apartamento com muita comodidade, como a gente deseja e etc, eu morava de acordo com o que eu ganhava, entendeu? Se eu passasse a ganhar mais, no caso da gratificação, eu não contaria nunca com essa gratificação para modificar o meu sistema de vida. Porque tive ocasião de ver como é difícil. Exemplo de colegas que assim fariam, fizeram, e se deram muito mal. Porque ficaram em dificuldades muito sérias, porque assumiram compromisso que não podiam depois é... arcar com eles, entendeu?

WH - Quando acabasse a gratificação, né? Ou eles perdessem o cargo.

WS - É. Então, não sei de que propósito eu estou dizendo isso.

WH - O sr. estava falando da sua volta pra Divisão de Organização Sanitária.

WS - É. Pois é, é, é. Ah, sim! Que eu nunca me... pessoalmente, fui pedir para ser isso ou aquilo, né? Apenas tive a felicidade de ter, de... de... cumprir meu dever e naturalmente isso, talvez é que tenha me levado a...a... ser requerido para chefiar Órgãos no Ministério, né? Que também eu só trabalhei no Ministério desde o início até o fim, né, minha carreira. Não trabalhei em lugar nenhum no que diz respeito à Saúde Pública, entendeu?

WH - É. Dentro do Ministério o sr. tinha vários focos de atividades, né?

WS - Vários... atividades.

WH - Era a Escola Alfredo Pinto. Instituto Nacional de Alimentação. A Nutrição. A Divisão de organização Sanitária...

WS - É. E fora isso, também diretor do Hospital que foi Antônio Pedro...

WH - É, o sr. falou.

WS - Né? De maneira que, era o descascador de abacaxi, não é? ... (risos)

WH - Oficial.

WS - Oficial.

WH - Agora, lá na DOS, dr. Walter, esse período que o sr. volta, pouco depois, é o período do Movimento de 64, né?

WS - Sei, sei. É.

WH - Da chegada dos militares..., né? E... isso como se sentia o sr. que era diretor, né, no caso diretor da Divisão de Organização Sanitária que era um setor importante dentro do Ministério, né? O que alterou na rotina, no trabalho...?

WS - Nada. Nada. Não alterou, não alterou em coisa alguma. Entendeu? Continuamos no mesmo ritmo. E os programas que estavam em execução, continuaram...

WH - Quais eram?...

WS - ...Da mesma maneira...

WH - ...O sr. lembra? Que programas o sr. estava desenvolvendo nessa época?

WS - Não... não me lembro não, sabe? ... Não me lembro. Porque a...a... Divisão de Organização Sanitária era um Órgão é... bastante complexo. Como eu já me referi em alguma oportunidade, entre as atribuições da Divisão, havia aquela em que ela trataria de qualquer problema sanitário... para o qual não houvesse Órgão no Ministério para... Pra isso ela tinha essas cinco divisões: Divisão de Administração Sanitária, Seção de Doenças Transmissíveis, Seção de Engenharia Sanitária, Seção de Nutrição e Seção de Enfermagem. Por aí se vê que...

WH - A variedade...

WS - ... a abrangência era bastante grande. E o pessoal muito bom, entendeu? A... a Divisão foi organizada pelo dr. Barca Pelon. Sanitarista muito competente e que tinha grande prestígio junto a..., junto a Barros Barreto que era diretor do Departamento Nacional de Saúde, né? E numa época de governo forte, que era na época do... presidente Getúlio Vargas, né? E as coisas andavam com a uniformidade que era desejável, evidentemente, dentro do padrão econômico da época. Porque o Ministério nunca foi rico no orçamento. Era orçamento do Ministério, 2 e 1/2, 3%; compreendeu, do orçamento geral. De maneira que era, para atender às necessidades de um país como o Brasil, e dentro das atribuições que lhe eram dadas pela Constituição, que era ação normativa e supletiva e nesta parte de auxiliar o Estado, isso era... requeria, verba muito maior... porque a gente depois pode, resumindo, a ação do... da Saúde Pública, através da colonização, que são 3 séculos e tanto da... do reinado que foram 12 anos o 1º Reinado. Ô! 1º Reinado. Reinado! 1º Império, foi 10 anos. 2º Império, foram 58 anos. E depois a República com 106 anos, né? É... se a gente olhar as organizações do serviço através desse tempo todo, a gente verifica que, realmente, é... fazer mais do que foi feito, seria impossível. Inclusive, há um

aspecto bastante interessante aí que a gente é..., dificilmente encontra razões para que tenham ocorrido, a não ser a razão econômica realmente. Porque passou o... o... Serviço de Saúde Pública, é... passou através desse tempo todo, compreendeu, no início da colonização e na...na... e no Reinado, com o serviço emanado de Portugal, que era o... o... o físico-mor, que era o cirurgião-mor e, depois, foi passando para a, é... outros períodos que são: o 1º Reinado, 2º Reinado e depois a República, entendeu? Alternando serviços com sistema centralizado e descentralizado ou municipalista, entendeu, com grande prejuízo das organizações, ou por outra, da execução desse serviço. E eu di..., eu estava então dizendo que é difícil compreender porque em 1919, quando foi proposta a criação do Ministério da Saúde, que não tenha sido feito.

WH - Como é que o sr. entende isso?

WS - E a...a... o argumento foi que não havia recursos pra isso. E no entretanto havia uma série de serviços, entendeu, é... funcionando de uma maneira desintegrada como..., é comum ocorrer no Brasil, entendeu, sem que é... houvesse possibilidade de haver uma coordenação de modo a tirar mais proveito da existência desses serviços. O argumento, os argumentos apresentados, inclusive num congresso do tempo, pelo deputado ... acho que Armando Sodré, entendeu? ... Argumentos muito fortes que captavam esses serviços todos para é... formar o Ministério da Saúde, mas não conseguiu. Ele sempre, até a República, ele ficou preso ao Ministério do Interior. Compreendeu? Então, veja que, sempre houve muita dificuldade em atender às necessidades da Saúde Pública no Brasil. Até hoje, não se conseguiu fazer realmente um plano que pudesse ser executado integralmente, ou com a coordenação da União ou sem ela, até hoje não se conseguiu. O estado que mais se organizou foi São Paulo que, evidentemente, aí, é... funcionou bem a parte econômica, entendeu?

WH - Agora, o sr. está dizendo que não se conseguiu porque não havia recursos no...

WS - Recursos financeiros. Financeiros.

WH - ...nas bases, ou algum outro motivo mais...?

WS - Não. Não houve recursos, recursos financeiros.

WH - Não houve recursos.

WS - É, recursos. Bem, eu me desviei um bocado da..., da rota que nós estávamos seguindo...

WH - É. Porque eu lhe havia perguntado, aí o sr. começou a fazer toda essa análise histórica sobre se a Divisão de Organização Sanitária, com todas as mudanças políticas que teve em 64, se tinha mudado...

WS - Sei, sei, sei. Se...se tinha mudado, sei. Não! Não mudou e não mudou, continuou na mesma rota. E já naquela época, a abrangência das atividades do... da... da Divisão de Organização Sanitária, era bastante grande. Porque sempre houve carência também de recursos para os estados. Evidentemente, uns mais do que outros. E já disse em alguma oportunidade, que de acordo com a constituição, a presença do Ministério ou da União na parte de Saúde

Pública, era inversamente proporcional à...à... à pequenez dos recursos do estado. Por exemplo: no Piauí a presença do Ministério era total. Então, precisava mais recursos para o Piauí, não é mesmo? E quando eu falo de Piauí, eu posso generalizar, não tanto em tamanho, mas nas necessidades que os estados é... ofereciam, porque a não ser São Paulo que é sempre a exceção, entendeu, todos os estados requeriam a presença do Ministério e a Divisão de Organização Sanitária era o elemento do Ministério que mais tinha contato com os estados.

WH - Mais que o DNERu, o sr. acha?

WS - Hem?

WH - Mais que o DNERu?

WS - Mais que o DNERu no que diz respeito à... à... à suplência, não é? O DNERu era executivo e nós éramos além de, é... fornecedores do material necessário para as unidades sanitárias, para a maternidade, é...

WH - Postos de saúde...

WS - ...creche, posto de saúde e etc, entendeu? Além disso, nós fazíamos também a... a parte normativa, entendeu? E auxiliávamos também na organização, de maneira que era uma ação bastante grande para é... os recursos de que dispúnhamos, entendeu? ...

WH - Quer dizer... Interessante isso que o sr. tá dizendo, dr. Walter, que eu tava...não tava entendendo, agora eu talvez eu tenha entendido. O órgão dentro do Ministério que fazia essa ponte com os estados, era realmente a Divisão de Organização Sanitária?

WS - Não. A ponte era o seguinte: a Divisão de Organização Sanitária - Delegacia Federal de Saúde.

WH - Humm! Claro.

WS - Entendeu?

WH - Mas a Delegacia tava ligada...

WS - A Delegacia estava sempre ligada à Secretaria de...de Saúde dos estados, dos estados.

WH - Mas estava ligada à Divisão de Organização Sanitária, né?

WS - Sanitária, entendeu? Então, havia essa ligação bastante estreita, entendeu, e nós tínhamos sempre essa preocupação de estabelecer normas para o serviço do estado nunca fazê-lo sem a presença da Secretaria de Saúde.

WH - Do representante do estado, não é?

WS - Entendeu? Do estado. Isto é, a maior parte das vezes, nós nos deslocávamos então para o estado, entendeu?

WH - Eu ia lhe perguntar isso. O sr. ia muito, viajava muito?

WS - É. Viajava muito sim. Mas, viajava muito não só para atender a essa, esse particular, como também para controlar serviços, fiscalizar, etc. Compreendeu? Então veja, de acordo com as atribuições que...que...que possam fluir dessas cinco seções, é uma abrangência bastante grande, entendeu?

WH - Todas essas seções, dr. Walter, elas funcionavam bem...

WS - Funcionavam bem.

WH - ...Funcionavam de acordo com o...

WS - Bem, bem, bem. Funcionavam...

WH - Tinham o mesmo peso ou tinham algumas que tinham mais peso que outras que tinham mais importância dentro dessa...

WS - Não. A importância estava localizada no tipo de problema. Entendeu? Por exemplo: engenharia sanitária, tinha um problema de saneamento, água, esgoto, não é, e dejetos e etc. Lixo, entendeu? Administração sanitária, tinha então, todo o sistema de organização das Secretarias de Saúde, entendeu? Com toda, com todos os detalhes de... posto, sobre posto. Enfim, das unidades necessárias.

WH - Quem chefiava esse setor de administração sanitária nessa época? O sr. lembra?

WS - Não me lembro não. Não me lembro. ... Aliás, não me lembro... quase, quase de nenhum, compreendeu? (ri)

AA - Mas normalmente, por exemplo, era um médico sanitarista?

WS - Ah, sempre!

AA - A integração com esse grupo desses engenheiros era...?

WS - Era...era... era uma exigência, era uma exigência do Barros Barreto, de que a... a, o serviço fosse sempre feito por técnico preparado. Era isso.

WH - Agora, isso perdurou mesmo depois da saída do Barros Barreto?

WS - Continuou.

WH - Continuou.

WS - Continuou.

WH - Porque, por exemplo, a seção de...de engenharia sanitária...

WS - Engenharia sanitária.

WH - ...era um engenheiro ou com formação...?

WS - Era um engenheiro sanitarista.

WH - Ah! Ele tinha formação específica.

WS - É. Porque a... é... era uma exigência para que o serviço funcionasse adequadamente, como também para exemplo da Secretaria de Saúde. Porque o Ministério exigia que os serviços do Secretaria de Saúde também fossem executados é... por pessoas, eh..., especificamente preparadas. Já talvez eu tenha dito que, é... houve caso, por exemplo, em que, na Bahia, o ministro que era baiano, recebeu o pedido para a chefia de uma unidade sanitária e o candidato prestigiado politicamente, era um técnico de raio-x. Técnico não, era médico no campo de... do raio-x. Entendeu? Era clínico. E precisou então, que o dr. Barros Barreto com o dr. Pelon, fossem ao Simões Filho que era o ministro da época. Simões Filho era jornalista, diretor da tarde, da Bahia, entendeu? Então conversar com ele que ficava fora da linha do Ministério, entendeu, que exigia para isso tempo integral e um preparo específico que o homem não tinha. Então, deixasse para atender em outra oportunidade, quando houvesse, né, mas não para aquilo especificamente. Então, essa linha de conduta era preservada pelo Ministério, que também, por isso mesmo, não fazia seção pra ser..., para todo o serviço. Dela era o técnico que era chamado para trabalhar. De modo que...

WH - O sr. dizia da administração sanitária, engenharia sanitária... Essa Seção de Doenças Transmissíveis?

WS - Bom. Essas doenças transmissíveis eram todas aquelas doenças para as quais o Ministério não estava preparado. Era a... a varíola, era a bolba, era a... as doenças venéreas, era...

WH - Chagas também?

WS - Chagas. Tudo! Não havia no Ministério quem tratasse desses problemas. Entendeu? Então, eram essas doenças transmissíveis é... que atendiam, entendeu?

AA - Quer dizer, depois que criou o DNERu...

WS - Ah, bom! Isso...

AA - Aí chagas passou pra lá, quer dizer, aí teve uma divisão, né?

WH - Chagas, chagas... acho que, no DNERu, passou pro DNERu, doença de chagas?

WS - Passou, passou. Passaram, passaram. Foi na época em que eu me referi que, inclusive, a varíola também passou pra lá. Entendeu? É...

WH - Não, a varíola...

WS - Inclusive, não. O bócio.

WH - Não, o bócio, né?

WS - O bócio. Entendeu? É... Aliás, já tinha sido determinado...

Fita 16 - Lado B

WS - Então, veja, essa Seção de Administração, entendeu, representa um grande... representava um grande peso na... nas... na suplência das necessidades do estado. Inclusive que, ela que preparava as normas para o funcionamento do serviço no estado. Aqui tá vendo: “As normas dos serviços para os postos de higiene.” Isto aqui era em Maceió. Isto aqui era feito...

AA - Em 1946, né?

WS - É. Isso era feito de acordo com...

AA - Uma publicação...

WS - A publicação do Ministério...

AA - E essa era uma publicação da diretoria de Saúde Pública do Ceará...

WS - Do Ceará. É.

AA - ...Do estado, que seguia a padronização...

WS - A padronização do Ministério.

AA - ...da DOS...

WS - Perfeito.

AA - ...encaminhava, né?

WS - Não é mesmo? Que fazia isto, olha aqui: campanha de profilaxia, não é, que é as doenças..., olha aqui...

AA - Ah, então isso aqui são instruções e normas de serviço.

WS - ...Doenças venéreas, febre tifóide, helmintose, tracoma, bolba, etc.

AA - Na publicação de 1948 da DOS.

WS - Entendeu? É. Centros de saúde. As normas para o funcionamento de centros de saúde. Entendeu?

WH - Isso aí é de... .. Essa não diz a data.

WS - Diz sim. Não diz não?

WH - Não. (ri) Não tem a data. Interessante essas publicações. Isso era aplicado para todos os estados? Tinham que seguir essas normas?

WS - Isso aqui, isso aqui é a norma. A norma para os centros de saúde. É...é... naturalmente, cada estado tinha as suas normas baseadas nisso, atendendo às peculiaridades locais.

AA - Quer dizer, que sempre alguma coisa poderia ser alterada...

WS - É. É. Por exemplo, se aqui estabelecesse que os estabelecimentos de venda de alimentos tinham que ter a parede impermeabilizada com... azulejo, (barulho de sirene) vamos dizer assim, pra facilitar a limpeza e tal e etc, não é? No local, se houvesse um material correspondente mais barato, de mais fácil aquisição, podia colocar, entendeu? O essencial é que fosse impermeabilizada, entendeu? O material era... era local, entendeu? Atendendo às peculiaridades dos locais. Aqui é o..., o trabalho aqui da seção de enfermagem, né? “Organização e funcionamento dos lactários das unidades sanitárias.”

WH - É. Essa modificação da seção de enfermagem é Isaura Barbosa Lima.

WS - É Barbosa Lima. É.

WH - Ela era... chefe da seção?

WS - Ela era chefe, chefe da seção.

WH - Ela era enfermeira?

WS - Enfermeira. Enfermeira chefe.

WH - De 1952.

WS - Era uma, uma... formidável... ela, era.

WH - O sr. trabalhou com ela, né?

WS - Quem?

WH - O sr, quando o sr. tava na DOS e ela ainda era...

WS - Era chefe da, da enfermagem. Isso aqui é um guia para o Curso de Auxiliar de Enfermagem. Porque não havia uma orientação, o médico por exemplo, é... tinha uma pessoa que trabalhava com ele, uma moça e tal, ele ensinava a dar injeção e coisa e etc e tal. Daqui a pouco, aí ela saía como auxiliar de enfermagem. Então, foi feito aí, foi feito um convênio, entendeu, com um órgão americano, esqueci o nome dele, a Onicef.

WH - A Unicef?

WS - É, Unicef.

AA - É. Um Fundo das Nações Unidas....

WS - É. E nós fizemos... fizemos isto, esse... guia, entendeu, estabelecendo as normas, período, tempo de formação e etc e tal para auxiliar de enfermagem.

WH - Isso aqui já é uma publicação de 75. Isso aqui tem...

WS - É.

AA - Aqui tem uma de 73, já nesse projeto, né, de auxiliar de enfermagem.

WS - É, é, é... de enfermagem.

AA - Aqui o presidente em 75, Ernesto Geisel...

WS - É. Eu faço a apresentação do...

WH - O sr. era diretor da DOS.

WS - Da DOS. É. Eu era o diretor nessa época.

AA - Interessante que esse relatório aqui, que também está aqui, que o sr. separou, traz o período de 63 a 73. Quer dizer, é um projeto que desde dos anos 60...

WS - Esse não, pelo seguinte, porque isso o...o... exigia uma experiência, não é mesmo? Pra saber como iam as coisas por esses Brasis. Bom, captando inclusive, experiência que tivesse sido já realizada e etc. Depois disso é que se...

AA - É, existência legal desde de 63.

WS - É, é.

AA - Aí que ele assinou esse convênio. Quer dizer, ...

WS - Hem?

AA - E quem participava nessa formação? Aqui tem referência de pessoa da..., Alfredo Pinto, do Ana Nery, ...

WS - Tem, tem, é.

AA - ...mas também do SESP, quer dizer,...

WS - Todos.

AA - ...integrava todos os (?)...

WS - É. Integrava pra fazer, fazer naturalmente, um grupo, compreendeu, coordenado pela Divisão de Organização Sanitária, né, que a atribuição era dela. Não é?

WH - Era o sr. que coordenava...?

WS - Hem?

AA - Era o sr. que coordenava?

WS - Não. No caso, não, no caso não era eu. Era a d. Isaura que era chefe da seção de enfermagem, não é. E evidentemente, a responsabilidade era do diretor. (ri)

AA - E o interessante que ocupava uma quantidade razoável de escolas no Nordeste, né?

WS - É. É.

AA - Bem variada. Têm escolas em Recife. Escolas no Maranhão. ...

WS - Havia uma necessidade muito grande...

AA - No centro-norte também.

WS - ...de auxiliares de enfermagem. Porque...

WH - É essa idéia, dr. Walter, da... da necessidade da enfermeira é uma idéia que vem desde..., praticamente início do século, né?

WS - Sim.

WH - E ela perdura e sempre há uma necessidade de enfermeiras.

WS - Não. Isso vem, isso vem já de cunho religioso. Porque antigamente, quem cuidava de doente eram pessoas caridosas.

AA - Vide a Santa Casa, né?

WS - É mesmo. Caridosas. Então, ah... chegou-se à conclusão de que havia necessidade de pessoas preparadas para isso, não é? Não bastava a ação caritativa. Era necessário também a...

AA - Uma formação...

WS - Uma formação. Daí então, evoluiu a ponto de você mais tarde, eu já falei também a respeito, não é, preparar enfermeiras especificamente para determinados campos de atividades. Que inicialmente foi até exagerado. Cada serviço queria uma enfermeira especificamente preparada, (ri) tuberculose, para...para doenças mentais e coisa e etc, não é? Para doenças mentais, até muito interessante no Brasil, que a 1ª escola, foi uma escola para enfermeiras para doentes mentais, que era Alfredo Pinto. Não é mesmo? (barulho do relógio) Que depois, pela demanda, foi preparando enfermeiras para os outros setores de atividades. Até que veio a época dos “Jovens Turcos”, não é, com as modificações, é... introduzidas no... nos serviços de saúde pública, compreendeu? Apontando a necessidade de médicos sanitaristas, de enfermeira de saúde pública... Que, inicialmente, começaram com preparo específico para isso, para aquilo e tal. Depois verificou-se que não era possível, tinha que ser uma enfermeira polivalente. E até hoje a enfermeira é polivalente. As enfermeiras também foram evoluindo, inclusive no seu conceito de progresso. E, é... começaram a... exigir para o ingresso da carreira primeiro o curso primário, depois secundário, depois até o superior, ficou como o médico. Então, ficou tão caro quanto um médico, entendeu? Daí a necessidade de... é... auxiliares mais baratas, da onde se, donde surgiu auxiliares de enfermagem. Formação de um ano, entendeu? Muito mais barato e com possibilidade de atender melhor pelo número. Hoje eu não sei, não acompanho a estatística, mas acredito que o número de auxiliares de enfermagem seja bastante grande. Porque para... para uma unidade de serviço com... uma, duas enfermeiras diplomadas, há um número muito maior de auxiliares de enfermagem, porque são realmente as executivas. Passaram a enfermagem, as enfermeiras passaram quase que apenas normativas, controladoras e etc. Porque as auxiliares de enfermagem passaram a executar os trabalhos, entendeu? E eu acredito que o número de enfermeiras não aumentou muito por causa do preço, entendeu? A gente vê isso nos serviços. Não é? Enfim, a enfermeira diplomada é a chefe e o resto todo é auxiliar de enfermagem. Quer dizer...

AA - O sr. está falando de serviço, eu posso pensar isso também dentro de um centro de saúde, de posto assim...?

WS - É.

AA - Também acontecia isso,...

WS - Também acontecia.

AA - ...as auxiliares de enfermagem passavam a trabalhar junto com uma enfermeira só no caso.

WS - É. É. É. Entendeu?

WH - Muitas vezes substituindo o médico no caso, né?

WS - Não. Nunca substitui não. Nunca. Enfermeira nunca pode substituir um médico porque ela não tem preparo pra isso. Ela tem a sua trilha e já bastante grande. O... o médico tem na enfermeira, seja ela diplomada ou não, uma possibilidade de multiplicar muito o seu serviço. Entendeu? Mas nunca ela pode suce..., substituir um médico.

AA - Mas esse reconhecimento do papel, da importância dela, até nesse processo de cura que que ela também faz, o sr. acha que isso é uma coisa que todos os médicos possuem, quer dizer, eu sinto, não sei se isso é percepção, alguns grupos, algumas linhas de médicos, algumas camadas que não conseguem perceber muito, que não dão o destaque nem a relevância que essa profissional mereceria. Como é que o sr. percebe isso assim no dia-a-dia, como o sr. conviveu com isso...?

WS - Isso aconteceu muito. Ih, não sei, talvez aconteça. Pelo seguinte, porque os médicos estavam habituados com esse tipo de auxiliar que eles mesmos formavam. Como eu disse, eles ensinavam a fazer uma injeção, a fazer um curativo e coisa e etc, não passava disso. Mas, a enfermeira diplomada, ela tem um cabedal de conhecimento, compreendeu, e também, evidentemente a tecnologia, bastante apurada. De maneira que, quando elas entram em serviço com um médico desatualizado, é o choque. Há coisas muito interessantes... por exemplo, numa sala de operação, entendeu, o médico, aquele tipo de médico que eu falei lá, apresenta uma pinça com gase para a enfermeira colocar o anti-séptico, entendeu? Então, ele... ele... ele sobe, ele quer colocar aquela gase na boca do tubo que tem o anti-séptico. A enfermeira, (ri) a enfermeira puxa e quer guardar uma distância já estabelecida pelas normas técnicas, entendeu? Mas o médico não sabe, tanto que ele quer colocar junto pra não pingar e coisa e etc. Enfim... Então, ela não deixa, então há o choque. É um exemplo, entendeu?

AA - É. Mas isso no meio de uma cirurgia...

WS - Desse tipo, entendeu? Coisa desse tipo. Então, houve... atualmente eu não sei, porque parece que os médicos estão mais avisados nesse modo de agir, né? Mas, o choque ocorria justamente por isso. Porque o médico habituado com uma auxiliar que não tem preparo, quando ele encontra uma auxiliar que tenha realmente uma formação... elevada, então há esse choque. Compreendeu? Ela tem mais ciência da tecnologia da enfermagem do que ele, que não tem... Não é? É. Mas houve muito, muito choque nesse tempo. Muito, muito. E muitos não queriam nem saber, chamavam de dra.: “Não aquela dra. que... e tal e etc.” Entendeu? Criaram um certo choque entre as enfermeiras diplomadas e os médicos, entendeu, de serviços diversos. Mas então, (tosse)

WH - O sr. mostrava as suas publicações aqui...

WS - É. Então, veja que, dentro das atribuições do Ministério, fazia-se realmente aquilo que estava estabelecido nas atribuições. Quer dizer, preparavam normas para os diversos serviços. E mais, como as atribuições da... da...da... Divisão de Organização Sanitária eram bem amplas, era freqüente o atendimento às calamidades públicas. Por exemplo: enchentes, seca no Nordeste, etc. E aqui, nós temos um relatório do...do..., da seção de enfermagem, da Divisão, não é, que foram acudir os flagelados nas secas na Paraíba, entendeu? E eu participei muito dessa atuação de seca no Nordeste, de inundação...

AA - O sr. trabalhou..., o período é esse de 51, né?

WS - Hem?

AA - De 1951, né?

WS - É. Nós até, é..., brincávamos com isso, que a Divisão era um órgão de secos e molhados. Porque ele atendia às secas (ri) e às inundações também, né?

AA - E aí, deve ter nesse relatório deve ter que a Escola Ana Nery enviou pessoas do quadro dela, enfermeiras também, ...

WS - É, é, é, é...

AA - ...enfermeiras pra acompanhar esse trabalho também, né? A FAB participava com a (??)...

WS - É. Eu, numa ocasião, eu fui, eu comandi uma equipe para o período de seca no Nordeste, em que há aquele deslocamento daquele pessoal que trabalhava nas fazendas e os donos das fazendas liberavam. Eles ficavam, coitados, desempregados, desamparados... Enfim, sujeitos a todos os malefícios em que se encontram as pessoas indefesas, né? Então, eu fui comandar um grupo para atender à seca no interior do Ceará. E... observei coisas extraordinárias, como esta... a indústria da seca, entendeu? A ação política, parasitária da... da seca, entendeu? E o sofrimento daquela gente, não é? Que ficam em grupos, feito animais, escorraçados daqui pra ali, não é? Tendo sempre o governo federal que, a pedido dos representantes políticos da região, entendeu, pedindo verbas para socorrer as... aos flagelados da seca. Acontece, que muitas vezes, esses flagelados não vêm um real do que o governo manda. Porque ele já tem uma estrutura formada pra exploração da seca. No Ceará eu vi coisas extraordinárias nesse sentido. O prefeito que era de um determinado partido político, compra tudo quanto é rapadura, farinha, feijão, estoca, entendeu? E os políticos, representantes da área, tanto no estado como no Congresso Federal, começam a grita, né: “Os favelados, tão com fome, coitados...!”, fotografia do pessoal nas estradas e tal. O governo federal (??). Só que, ele estabelece logo um programa de... eh... obras, obras. Essas obras significam apenas isso, contrata o flagelado, o pobre do... sertanejo e pagam por exemplo, pagavam, 20, Cr\$20 por dia, entendeu, pra capinar, fazer estrada de terra, entendeu? (ri) Aquilo não vale nada. Aquilo é só pra não dizer que... Agora, ao invés de dinheiro, eles recebem um...

WH - Um bônus.

WS - ...um bônus para comprar no armazém do prefeito. O prefeito já estava com o negócio montado...

AA - E estocado.

WS - ...e estocado. Agora, o dinheiro eles não vêm. Entendeu? Isso eu vi, eu estou contando isso.

WH - O sr. foi fazer que tipo de trabalho lá?

WS - A seca!

WH - No Ministério da... Sim, mas, dentro das normas...

WS - Vacinar. Vacinar o pessoal, entendeu?

WH - Ah, vacinar! Hum, hum.

WS - Fazer a prevenção, entendeu? Porque, eh... (tosse) se lavra uma epidemia num meio desses é uma coisa terrível, não é mesmo? Gente enfraquecida... Como aconteceu na época do gâmbia no Ceará, em que a epidemia rompeu num período anterior à coleta dos produtos da terra, até que o pessoal estava enfraquecido, não é, ou pela carência de alimentos e tal e etc. Os anticorpos também, entendeu? São poucos, de modo que o germe ataca com mais facilidade e com grande eficiência a epidemia se alastra, não é? De modo que, o Ministério, a Divisão de Organização Sanitária, já sabe, mandava um grupo pra vacinar o pessoal todo.

WH - Vacinava-se contra o quê?

WS - Hem? Contra a varíola, contra a febre tifóide, entendeu? O que predominava na época, né, na área. Pra evitar que... malária...

AA - Quer dizer, o grosso era a vacinação, mas que tinha um espaço também pra fazer tratamento, pra saber se, por exemplo, se o (???)...

WS - Ah, não! Não, educa... Educação... Educação sanitária, né? Mais educação sanitária, né?

AA - Quer dizer, a parte mais de atendimento...

WS - Atendimento, não...

AA - De uma doença transmissível ou mesmo de uma carência alimentar ou um estado de...

WS - Não, não. Se não houvesse por exemplo...

AA - ...desnutrição.

WS - É. Por exemplo, se houvesse... por exemplo, coisa de dente é uma coisa tremenda, não é?

AA - (??)

WS - É um caso... é... pessoal e tal... O...o... a parte odontológica é uma coisa triste porque ela quase... é... se cingia à extração de dente, que é já... tá tudo estragado. Entendeu? De maneira que, não se podia fazer prevenção odontológica num caso desses, né? Eu tinha que mediar, né, tratar da melhor maneira possível, como... é... como um caso de emergência, entendeu? Mas se vê muita coisa. Muita coisa errada, entendeu? De modo que, a gente examinando as condições no interior do país...ih! Nem só no interior, também nas capitais. Nas capitais há sempre

excessos, tá entendendo? Uma multiplicidade de serviços fazendo a mesma coisa, sem controle, sem... sem coordenação. E no interior: ausência.

AA - Uma desperdiça, a outra...

WS - É. De modo que, é muito difícil planejar e executar um programa com grande eficiência nessas condições. Entendeu? Sobretudo, com a rédea curta dos recursos. Compreendeu? Porque tem que se aproveitar o máximo do que se possa, compreendeu? E com serviços simples, diretos, simples, sem sofisticação. Que eu penso sempre nisso no Brasil. Nós temos uma parte altamente sofisticada, atendendo a 0,01/1000, entendeu? E a massa enorme que está precisando de um... remédio pra lombriga, entendeu? E que não tem, porque o dinheiro é todo carregado para esses centros sofisticados. Pra dizer que o Brasil está na 1ª linha e coisa e etc. Essa massa toda está completamente desamparada. ...

Fita 17 - Lado A

WH - O sr. falava da... da DOS, dr. Walter, e eu... a gente tava falando dessa época também, quer dizer, falando em geral, da DOS e falando também dessa época do Movimento de 64. O sr. tinha falado na entrevista passada, que houve inquéritos dentro do Ministério, né?

WS - Houve. Vários, vários inquéritos.

WH - Eu queria que o sr. contasse, esse...esses inquéritos, o que aconteceu. Como é que foram instituídos. Que tipo de situação criou-se. Houve algum problema, alguma tensão dentro do Ministério...?

WS - Não, não. A... a... a.... Divisão de Organização Sanitária fez grandes, grandes inquéritos, entendeu? Grandes inquéritos...

AA - Quem que fez?

WS - A Divisão de Organização Sanitária. Entendeu?

AA - Ah! A Divisão de Organização Sanitária.

WS - Houve um grande inquérito sobre helmintose.

WH - Ah, tá! Eu tinha lhe perguntado sobre inquéritos militares, administrativos, que o sr. tinha falado.

WS - Ah, sim!

WH - Mas se o sr. quiser falar, depois a gente fala disso. O sr. pode falar do...

WS - De helmintoses. Quer dizer, foi um inquérito extraordinário mostrando a... expansão das helmintoses no país. Entendeu? E evidentemente, é... levando a estabelecer programas para se atender à... à necessidade de controle dessas... dessas endemias, não é? Foi feito um grande...um grande inquérito de bolba. Compreendeu? Aquele grande inquérito que foi feito por nós sobre o bócio endêmico, entendeu? Com a, com a necessária correção através do sal iodado. É... inquérito sobre doenças venéreas também, era atendido pela Divisão de Organização Sanitária. E outros, que no momento eu não me lembro, entendeu? Mas que, esses... inquérito, inquérito era sempre feito por pessoas especializadas, preparadas. Quando o mini..., quando...quando no... na Divisão não havia uma pessoa melhor preparada do que existia no estado, o...o...o... a Divisão requisitava essa pessoa. Por exemplo, o Samuel Pessoa que era uma pess..., que era um...um... cientista eh... importante em São Paulo, não é, foi contratado pela Divisão pra fazer um inquérito de leishmaniose no Ceará, entendeu? Esse tipo, compreendeu? Também havia essa...essa facilidade, porque eh... entre... entre os tipos de verba, havia o tipo de “verba três” que eh... permitia o seu uso para material e para pessoal. De modo que facilitava muito a...a... essa, estas campanhas, entendeu? E por falar em campanha, entendeu, abusava-se muito e abusa-se muito de campanha, porque em Saúde Pública, campanha significa atuação rápida, eficiente, em tempo determinado, entendeu? É como na guerra, campanha veio... a campanha de Saúde Pública, a palavra veio da área militar, entendeu? E no Brasil sempre se usou mal esse nome. Campanha de tuberculose, não terminava nunca.

AA - É. (???). Desde de 43 até 89... são 40 anos de campanha. (ri)

WS - Não é possível campanha. Então, tinha que ser um serviço atuante e não campanha, entendeu? Campanha tem lei própria. Entendeu? Então não se pode abusar.

AA - Ela existia inclusive, a campanha de tuberculose, trabalhando em conjunto com o Serviço Nacional de Tuberculose.

WS - Sei.

AA - E um dos argumentos, não sei se o sr. concorda ou..., que se levantou nesse grupo de pessoas que a gente entrevistou sobre a tuberculose, era da agilidade, da flexibilidade de orçamento que a campanha possibilitava. Quer dizer, por ter lei própria, ela tinha uma autonomia administrativa superior acho que aos serviços, porque os serviços estavam vinculados ao Departamento Nacional de Saúde. Então essa flexibilidade, essa maior, que eles chamavam de liberdade, de autonomia administrativa e financeira é que era a grande justificativa de permanência das campanhas.

WS - Mas aí, você...

AA - Mas aí há uma perda na sua função mesmo, né, como o sr. está levantando, né? Dá uma perda no seu...

WS - Mas aí não justifica isso.

AA - Não justifica.

WS - Não justifica pelo seguinte, porque quando eu estava trabalhando de varíola, entendeu, e precisava que o programa não se interrompesse, entendeu, havia a lei eleitoral que não permitia que se deslocasse a pessoa de um lugar pra outro durante os seis primeiros meses. Eu digo: “Não é possível!”

WH - Como assim? Eu não entendi.

WS - A... a lei eleitoral não permite, entendeu, que o empregado seja do governo, seja deslocado do lugar onde está, onde ele vai fazer a... o seu voto...

AA - O domicílio. O domicílio eleitoral, né?

WS - ...entendeu? É. Seis meses antes ele não pode...

WH - Da eleição?

WS - Da eleição. Eu digo: “Eu não posso! Eu tenho o meu... o pessoal tem que deslocar, pôxa!”

AA - Campanha nacional... (ri)

WS - Campanha nacional. Como é que eu vou fazer um negócio desses!? Entendeu? Fui ao consultor jurídico. Eu digo: “Você resolve esse problema pra mim. Eu não posso trabalhar assim.” E ele foi lá e resolveu! O negócio é o sujeito procurar a lei adequada às suas necessidades, não é mesmo? Mas não é isso. É que a campanha tem uma série de outras vantagens, inclusive, liberdade de contratar pessoal e coisa, entendeu?

AA - Pois é, uma flexibilidade, né, maior.

WS - É, flexibilidade errada, né? Errada porque quando se abre muito a porta, entendeu, entra gente demais, entendeu?

WH - E sai do que tinha...demais também.

WS - É. Então, eu... Bom, eu não quero ser crítico dessa situação, mas eu acho que campanha, a campanha tem tempo determinado, é movimento rápido, eficiente, tal qual na guerra, de onde vem a palavra campanha. E por isso... se abusa...

AA - O sr. falou do linguajar da guerra, né?... (fala sobreposta)

WS - Hem?

AA - O linguajar... esse linguajar bélico, né, que a gente usa muito na saúde, né? Nas campanhas, combate, é... (??), né?

WS - É, é. Combate, é. É, é.

AA - Quer dizer, tem toda uma terminologia...

WS - É, é. É porque o negócio...

AA - ...combativa, né?

WS - ...é eficiente. Não é mesmo? A gente sempre procura imitar aquilo que deu certo, não é? Bem, agora erra porque abusa. (relógio) abusa-se daquelas possibilidades que são dadas para determinados momentos. Campanha de vacinação. Quando há uma campanha, você pode escrever que o serviço não presta. Não é bom. Por que a campanha de vacinação? Por quê, a campanha? É porque o serviço não funciona, ou não existe. Porque se os serviços funcionassem, o sujeito nasceu na maternidade, é vacinado na maternidade, não é? Se há unidades sanitárias funcionando, a mãe leva a criança à unidade, a unidade vacina. Então, não precisa gastar dinheiro, entendeu, pra comprar um... milhões e milhões de doses de vacina, entendeu? Gastar milhões e milhões com é... pessoal pra se deslocar daqui pra ali, em veículo e coisa e etc, pra vacinar. Então... é errado isso? É um erro tolerável porque, afinal de contas, não há estrutura. Mas a verdade é a seguinte, a campanha está denunciando a desorganização do serviço de Saúde Pública, se houver... se houver um serviço de Saúde Pública com vigilância sanitária, como deve ser e etc...

AA - E uma educação sanitária constante, né?

WS - É claro! Constante. Isso é...

AA - Aí fica difícil é...

WS - Tá implícito.

AA - ...as pessoas têm dificuldade de estarem bem informadas, nesse sentido as campanhas até funcionam, porque elas chamam tanto a atenção, que elas divulgam o problema e aí você canaliza as pessoas pra irem ao centro de saúde.

WS - Sim. É, é.

AA - Mas é por isso. Porque os próprios centros de saúde, as próprias unidades não conseguem, né,...

WS - É.

AA - ...puxar as pessoas, né, e fazer a educação.

WS - Mas não conseguem justamente porque elas... Mas, filha, não conseguem porque elas não funcionam direito! Unidade sanitária funcionar só de manhã, por quê? Ela tem que funcionar o dia todo pra atender à população. Eu quando fui para... diretor do... Hospital Antônio Pedro, encontrei isso lá, entendeu?

AA - (??)

WS - ...o... (ri) a tesouraria só funcionava de manhã. Eu digo: “Ué! Que negócio é esse!” Eu vou querer que as pessoas paguem, só se atende gratuitamente, o que o serviço social disser: “É carente”. Então, essa não paga. Mas os doutores, com consultório, estão mandando os seus clientes tirarem radiografia de graça, aqui. Pessoas que podem pagar. Então, eu quero que essas pessoas paguem. Então, a tesouraria tem que estar aberta o dia todo para atender essas pessoas que vêm aqui. E por que não atende, só atende de manhã? “Ah, porque de tarde o sujeito trabalha...” Ah! Tenha paciência! Ele tem que trabalhar o dia todo aqui. Senão vão substituir, entendeu? O serviço na ortopedia, entendeu, o sujeito ia lá, saltava do seu automóvel na porta do hospital e ia lá botar o aparelho de graça. Porque o doutor que mandou era aquele que também ia botar o aparelho lá, entendeu? Então, pagava a ele no consultório, sua consulta e tal e ia gastar chapa de raio-x caríssima, que tinha que ser importada na época, entendeu, gesso e gase, atadura e coisa etc. Tudo de graça, não pode ser! Então, serviço social tem que funcionar lá fora, dentro do hospital não, entendeu? Dentro do hospital eu vou botar gente pra funcionar, entendeu? Na ortopedia, botavam lá uma pessoa pra atender: “O sr. deseja o quê?”, “Ah, eu queria...”, “A sra. tem ordem? Então a senhora tem que passar lá na tesouraria.” Tava lá escrito: “Aparelho de pé custa tanto, de perna tanto e tal”. Controle, entendeu? Então, no Brasil, o negócio funciona ao contrário, entendeu? As pessoas abusam da liberdade. E por isso é que nós ficamos vendo os serviços aí não funcionarem. Porque ninguém tem responsabilidade. Porque se você controla o serviço, ele funciona. Compreendeu? E não... e não dá prejuízo. Vê os pioneiros sociais como funcionam? Por quê? Eu conheço, conheci aliás, o pai, não é, do...do atual diretor, porque é o... esqueci o nome dele. Foi meu colega de...de... de internato de hospital, entendeu? Ali..., o negócio é de controles. Se não há controle, assim é que funcionam as tais campanhas. É um gasto de dinheiro enorme, pra vergonha nossa, comprar vacina em Cuba, entendeu? Pá! Campanha de vacinação. Campanha de vacinação. Cada...cada...cada remessa de vacina custa um dinheirão. Entendeu? E nesse particular eu acho uma vergonha para o Instituto Oswaldo Cruz, até hoje não transformar uma parte daquilo em fábrica de vacina. Não é laboratório não. Laboratório com frasco de coisa, não. É...é... é fábrica, é fabricar em massa. Não é pra ficar fabricando é... em doses homeopáticas não. Porque é assim que funcionam os países que nos estão vendendo vacina. O nosso ministro Alfredo Machado, quando saiu daqui...

AA - O Paulo de Almeida Machado?

WS - O Paulo de Almeida... É. Quando saiu daqui e foi pra França, foi sozinho. Porque... eh... eu sou até suspeito em estar falando nisso, porque trabalhei com ele e sempre achei um homem extraordinário. Entendeu? Um sujeito que falava várias línguas, entendeu? Um sujeito culto, sabia o que estava fazendo. Na parte de Saúde Pública ele não sabia muito bem, mas aprendeu, compreendeu? Saiu daqui, foi pra França, chegou lá falou com o diretor do laboratório... esqueci o nome do laboratório.

WH - (?)?

WS - (?), entendeu? Com a ministra... porque a ministra era uma mulher, entendeu? Acabou trazendo essa gente pra cá, entendeu? Comprou a vacina e coisa e... Chegou aqui entrou em choque, porque o negócio aqui era fabricado em coisa e tal. Tem que ter, tem que mudar isso! Não pode um...um laboratório, um Instituto Oswaldo Cruz. Laboratório não, uma organização grande como o Instituto Oswaldo Cruz, você mesma me mostrou, com aquela biblioteca,

entendeu? Não pode ficar inferior a Cuba, pôxa vida! Tem que funcionar! Entendeu? Porque a verba que se carrega pra se comprar vacina, entendeu, é enorme, menina. Entendeu? Em grande parte se perde por esse Brasil, entendeu? Então, é preciso que a gente veja isso. Então, acabar com esse negócio de campanha, vamos estruturar, vamos ver se a gente dá uma estrutura simples, mas que funcione. Não queremos uma estrutura de 1º Mundo. Porque não se pode! Entendeu? Funciona bem com um serviço modesto que não queira se introduzir luxo nele e fazer logo um...um prédio, um grande palácio. Não. É fazer como se deve fazer também com educação, ensinar embaixo da árvore. País tropical, pôxa vida! Tudo fresquinho, debaixo da árvore, vai lá e coisa. Vai ensinar lá embaixo da árvore.

AA - Vai pegar uma maçãzinha...

WS - Hem?

AA - (ri) Pegar uma frutinha na árvore...

WS - Não. Vai lá embaixo da árvore. Vai fazer uma coisa simples. Uma casinha como a de...de...de japonês, não é? Um negócio baratinho e coisa... Sem esse negócio de arranha-céu, negócio pesado e que não... é... fica calor, tem que botar ar-condicionado e coisa. Nada! Negócio tão simples, por que não... por que complicar!? Não é mesmo? País tropical. Tudo num país tropical é mais barato que num país frio. A civilização num país tropical deve ser melhor que num país de clima frio. Clima frio é muito caro! A comida é cara porque tem que ter mais gordura, proteína. Entendeu? É... a casa tem que ter calefação. O sujeito só trabalha 6 meses por ano porque a terra, a terra só dá uma vez por ano. País tropical, dá várias ve...! Feijão! O feijão, três vezes por ano, tá dando o feijão. A roupa é simples! Não precisa sofisticação. Agora esse pessoal, é aquela... é uma calça, um blusão por cima e uma alpercata, pronto! Um chapéu de caruá, acabou! Entendeu? Barato! Agora, sofisticar, porque lá nos Estados Unidos, lá na Europa... Tenha paciência! Minha geração já se foi, sabe? (ri) E não deu certo não porque errou tudo, entendeu?

WH - (ri) Como assim?

WS - A minha geração! A minha geração é que..., não é, que está acabando, entende, e não fez nada. Não entendeu que num país tropical é muito mais barato as coisas. Entendeu? A civilização é muito melhor do que em países frios.

WH - Quer dizer, o que o sr. está me dizendo é que o sr. acha que vocês, quer dizer, a sua geração, podia ter montado essa estrutura...?

WS - Podia. Podia ter pelo menos, dado um começo mais racional às coisas, entendeu? E não deu!

AA - Ficou muito preso aos modelos...

WS - É! Muito preso a esses modelos europeus e american... e agora é americano, né? Essa... o sujeito que não fala inglês tá perdido, não é, porque não pode ser absorvido. De modo que é um negócio difícil, né, muito difícil. Minha geração já se perdeu. Entendeu? Porque acreditou que

tinha que imitar. Não tinha que imitar nada, as coisas são tão racionais, pôxa vida! Não precisa ser grande doutor pra fazer as coisas. O Gandhi... o Gandhi, o Gandhi se vestia com um lençol que ele embrulhava nas pernas e coisa e etc. Mas a cabeça dele tava lá em cima. Conseguiu a independência da Índia contra o...o... poderoso império britânico, entendeu? Deu liberdade aos seus..., a seu povo, entendeu? E não fez mais porque mataram, não é? Agora ficamos nós nessa campanha. Toma campanha, toma campanha! Vamos sair pra uma estrutura. Vamos fazer funcionar. Centro de saúde, você chegou lá à uma hora, não tem mais ninguém. (ri) E é engraçado, o que nesses postos de saúde o que atrai o pessoal é o leite. Então, eles ficam ansiosos pelo leite e o chefe do posto de saúde também interessado pelo leite. Todo mundo esperando o leite e a população também esperando o leite. Chegou o leite, distribui tudo de uma vez só: “Hammm”. Acabou o leite, fechou o posto. Não há educação sanitária, não há sanitarista. Acabou. Entendeu? As pessoas que vejam as coisas por outro prisma, racionalmente, acabando. Entendeu? Acabando.

WH - O sr. acha que falta condução?

WS - Falta.

WH - Faltou homem como o Barros Barreto...?

WS - Tá faltando. O Barros Barreto é um exemplo que você..., foi bom você lembrar. Por que é que o Barros Barreto é esquecido? ... Porque foi direito. Era um homem reto. Um homem que trabalhava e fazia os outros trabalharem. E ninguém quer trabalhar! Entendeu? Ele achava que as pessoas estavam lá pra trabalhar. Então, dizia: “Tá precisando de você lá no Ceará.”

AA - Ali em Crato, né?

WS - É. Ali em Crato.

AA - Ali, pertinho. Muito...

WS - “Ah, mas eu não posso. Porque coisa e tal.” “Bom. Você não é sanitarista? Sanitarista não é pra trabalhar em todo território nacional? Tempo integral? Então...” “Ah, porque eu tenho um filho ali, tenho...” “Você tem que deslocar pra lá e botar o filho lá, onde você olhe.” Pois bem, ninguém gosta do Barros Barreto. A prova é que você não vê uma linha a respeito dele. Um homem que deu a vida à Saúde Pública. Entendeu? Nunca me favoreceu não. Pelo contrário, briguei com ele. Ele me mandou pro Ceará e eu estava bem aqui, entendeu? Eu digo: “Eu não vou. Por... pelo seguinte, primeiro: eu tenho a minha vida presa aqui, minha família é uma coisa e tal e tal... Não vou pro Ceará.” “Ah, mas lá você tá... o pessoal de lá tá precisando que você vá e eu só disponho de vocês quatro aí, entendeu? Agora, depois, de acordo com as necessidades daqui da Baixada Fluminense, eu chamo você pra cá pra Baixada Fluminense”. Então, eu que não queria ir, acreditei nele e fui, entendeu, e quando eu voltei, ele não me recebeu. E eu então, disse pro chefe de serviço: “Olha, diga a ele, diga pro Barros Barreto, que eu não vim pedir emprego a ele não. Eu trabalho em qualquer lugar, entendeu?” Fui-me embora. Acabaram depois, me chamando, entendeu, pra eu ir pra Bahia. (ri) Bom, aí eu digo: “Bom, agora eu não posso dizer que não vou, porque afinal de contas, eu fiz o curso de malária, entendeu? Achei que esse era o meu destino. Medicina preventiva, medicina curativa é uma porcaria, entendeu?”

Porque não se pode fazer direito nem em consultório. Por quê? Porque a população é pobre. Os...os exames caríssimos. Mal a pessoa tem dinheiro de pagar o médico, a consulta médica. É muito confuso isso e muito triste. Então eu vou fazer aquilo que a minha razão indica, eu vou fazer medicina preventiva, evitar que o indivíduo adoça para não chegar esse ponto terrível. Larguei tudo e fui pra Bahia. Daí por diante, entendeu, eu digo: “É isso mesmo. Tem que ser como o Barreto quer.” O Rio Grande do Sul precisa de você? Vai pro Rio Grande do Sul. Não é mesmo? Agora, ninguém gosta do Barros Barreto. O que que ele fez? Ele apenas, o que a consciência dele ditou. Quer dizer, é um homem que trabalhava, se dedicava inteiramente à atividade de Saúde Pública. Escrevia, orientava, coordenava. Saía daqui e ia ver o que você estava fazendo lá e etc. O pessoal não gosta disso. E então, não se encontra uma palavra sobre o dr. Barros Barreto. Eu tenho um telegrama dele, entendeu, entre as minhas coisas aí. Eu fui a uma reunião, entendeu, de sanitaristas, e que os colegas começaram a... a dizer coisas dele. Que não simpatizava por isso, né? E eu aí, tomei a palavra e disse o contrário. Disse: “Não, não é assim não. Eu acho que ele tá direito. Tem que exigir. Porque se não exigir ninguém faz. A gente sabe que todo mundo faz corpo mole. Então, ele é o diretor, ele tem que dirigir e dar exemplo.”

AA - Isso era uma reunião ou um congresso ou era um encontro entre pessoas...?

WS - Não, não, não. Um encontro de pessoas...

AA - Uma reunião informal, uma coisa informal.

WS - Informal, informal. Eu não sei como ele soube disso. Eu sei que ele mandou um telegrama...

Fita 17 - Lado B

WS - ...saiu alguma coisa no jornal, que eu falei bem do Barreto... tô perdido!

WH - Ele tinha antipatia no meio? Os sanitaristas tinham antipatia por ele?

WS - Tinha, tinha, tinha. Tinham antipatia por causa disso.

WH - Por essa autoridade que ele tinha?

WS - Eu acho! Por ele ser... tem que ser autoritário, filha, né? Se ele está num comando de uma... de uma guerra...

AA - Comando de uma guerra.

WS - Não é mesmo? O sujeito vai ser bonzinho por quê? SAAe que ele sendo bonzinho... Olha o que aconteceu agora, com o nosso presidente por ser bonzinho. Não é mesmo?

WH - Do que que o sr. está falando?

WS - Hum? (ri) Eu tô falando do Banco Econômico da Bahia.

WH - Ah! Do Econômico.

WS - Entendeu? Não pode ser bonzinho. Tem que seguir a regra. É a mesma coisa pra Fulano e pra Cicrano. Não pode ser é... passar a...

AA - Dois pesos, duas medidas.

WS - ... Dois pesos, duas medidas. Tem que ser aquilo. Tem que exigir, não é? É o direito.

WH - Agora, interessante, dr. Walter, porque a gente tá falando de um outro período aqui, né? Pós 64, não é, já depois com os governos militares, né, onde progressivamente é... o poder ficou concentrado na mão desse grupo, né, não tinha mais eleição num certo momento...

WS - Certo.

WH - ...Né? Quer dizer, eu estou tentando fazer um paralelo com a época de Vargas. É óbvio que são dois momentos totalmente distintos, né? Mas são dois momentos onde temos essa ditadura, né? Poderíamos dizer assim. É... em termos da questão da Saúde Pública, o sr. vê que teve algum... alguma possibilidade de reverter esse quadro nesse momento que o sr. tá falando?

WS - Não.

WH - É... de perda de autoridade, de... instabilidade ministerial, que o ministro muda todo ano...

WS - Filha! Não. Para lhe... para lhe responder essa pergunta, eu vou lhe dar um exemplo do que eu senti quando fui para a Escola Superior de Guerra. Eu tinha muita inveja do americano quando ele ... convidava uma pessoa, um técnico para fazer determinada coisa nos Estados Unidos e você chegava lá e encontrava tudo milimetricamente é... planejado. O táxi tava no ponto, entendeu? Você saltava do avião já tava... Era levado para um determinado ponto à determinada hora. Tinha reunião em tal lugar e todo mundo estava lá firme. Tudo, tudo controlado, entendeu, com tempo determinado, com a avaliação do que foi feito, que no Brasil não se faz, entendeu? Você vê se o resultado é negativo ou positivo. Eu digo: “Que coisa... isso é uma coisa formidável, meu Deus!” A gente fazer um programa, entendeu, levar esse programa à prática, entendeu? Colher o resultado, avaliar o resultado pra saber se o negócio é certo ou errado. Avaliar, quantitativamente, que benefício trouxe. Isso é uma coisa extraordinária, meu Deus, isso que a gente tem que fazer! Mas aqui no Brasil não se faz! É uma bagunça muito grande! Quando eu vou pra Escola Superior de Guerra e encontro justamente isso. Se eu disser isso a certas pessoas, iam dizer: “É imitação do americano!” (ri) Mesmo que fosse imitação de americano, é imitação boa! Lá, na Escola Superior de Guerra, o negócio funciona realmente, entendeu? Desde o cidadão que está fazendo a conferência como o controlador que está lá olhando para dar a palavra na ordem em que a coisa foi estabelecida, medindo o tempo. Falou demais, chama atenção. Não obedeceu, cortou. O sujeito fica falando sozinho, entendeu? Tudo ali... Tantas horas... Viagens, pra quê? Pra fazer isso, isso. Você, então você está escalado pra fazer o agradecimento de um almoço em tal lugar assim. Você já sabe que vai fazer aquilo, você se prepara pra fazer aquilo. Entendeu?

AA - E ai de você se não for fazer aquilo.

WS - É, pois é. Entendeu? Então... e você está sendo observado, está sendo avaliado, entendeu? Você merece pontos positivo ou negativo, entendeu? Eu digo: “Puxa! Eu não estou no Brasil aqui! Isso está fora do Brasil!” Então, eu acho que o militar é formidável no Brasil. No meio dessa desorganização, entendeu, o militar organizado... se fazendo obedecer, entendeu? Trabalhando, porque também eles estão fazendo estrada na região Amazônia, em que não há... não havia quase serviço. Até a Saúde Pública era feita pelo... pela, pelo militar, compreendeu? Então, essa gente é que carrasco porque veio, vieram os militares... O que que os militares fizeram? Puseram os comunistas pra correr! Simplesmente. Quem é que é comuna acha horrível. É claro! Quem é de esquerda é... exagerada acha que o militar é o algoz. Não é mesmo? Porque é... matou não sei quem e escondeu o corpo de Fulano e coisa e etc. Queria fazer o quê? Se o sujeito é contra a lei, o sujeito vai oferecer pudim a ele? Tem que prender, tem que obedecer a lei! agora, se há... exagero, em todo campo de atividade há, não é só no militar. (latido de cão) Em qualquer campo existem exageros, não é? A gente tá vendo aí o que tá acontecendo no Rio de Janeiro. Entendeu? (relógio) Não é militar que está fazendo isso. Entendeu? Então, eu acho que...

WH - Acontecendo o quê, dr. Walter? Que eu...

WS - Hem? Essa... essa confusão de polícia com bandidos e coisa e etc, entendeu? Não é o exército que está fazendo isso. Pelo contrário, eles até aceitaram uma posição que sabia que ia desmoralizar a classe. Porque exército é pra combater, é pra matar. Vai subir morro pra quê? Pra levar é... pó de arroz pra bandido? Então, eles não vão subir morro. Se for subir morro, o que que vão fazer? Vão matar! Porque é contra a lei, é bandido. Vão matar! Então, vai se desmoralizar. Eles aceitaram não subir o morro. Ficaram aceitando as coisas aqui embaixo, não é? Até que convenceram ao governo do estado que não... não são pra isso. Eles são preparados pra matar. Entendeu? Para considerar o sujeito invasor, inimigo. Contra a lei é inimigo, entendeu? É isso que o militar é, entendeu? Então fica: “Porque o regime militar... porque o coisa...” Quem diz isso? É esse pessoal que tá aí, beneficiado pelo... é... pela... Como é o nome da coisa, meu Deus? Anistia! Há pessoas, entendeu, que discordaram... como o presidente, discordaram, foram pro exílio, saíram. Foram dar o seu auxílio a outro país. Professor, produziu muito, coisa e tal. Não sofreu nada! Entendeu? Mas há outros que mataram, que é... destruíram coisas e etc, entendeu? E que, fugiram. Agora estão aí deputado, entendeu, chefe de repartição, chefe disso e daquilo tal. E isso é diploma, é diploma hoje, para as pessoas, entendeu, ganharem dinheiro. “Ah, fui exilado!” “Ah! Então você tá com emprego garantido.” Não pode ser assim. Não pode ser assim. Não é mesmo? De modo que eu pondero as coisas, não é? Eu não acho o militar um algoz. Eu acho o militar um brasileiro bem preparado, bem organizado, não é?

WH - Agora, justamente...

WS - Evidentemente, não tô falando de soldado não...

WH - É. Justamente por esse lado...

WS - ... soldado é mandado, não é?

WH - ... que eu queria lhe perguntar. Quer dizer, essa organização que o sr. tá dizendo que o sr. viu na Escola Superior de Guerra, né, tirando toda a parte de...

WS - Sei.

WH - ...luta, de repressão. A parte mais complicada, mais política. O sr. acha que esse lado eh... ele se refletiu dentro do Ministério da Saúde no caso?

WS - Não, não...

WH - Com essa organização que os militares têm. Essa capacidade que o sr. tá dizendo?

WS - Não, não. O...o...o... A Escola Superior de Guerra, é a melhor equipe que o Brasil tem de técnicos.

WH - É, pois é, dr. Walter, mas, por exemplo, o sr. e assim como outras pessoas, outros sanitaristas, né, outros... outras áreas de governo foram fazer formação, foram fazer curso...

WS - Sei... É... Para administrar o país.

WH - Pois é. Na Escola Superior de Guerra. O que eu quero lhe perguntar é se houve, depois voltando...

AA - O retorno...

WH - ...esse retorno houve condição de aplicar essas coisas que o sr. aprendeu, que o sr. viu, dentro do Ministério. Quando o sr. assessorou o Paulo de Almeida Machado, por exemplo...

AA - Todo esse planejamento teve uma (??)...

WH - Essa coisa de planejamento, de racionalidade, de organização. Porque o sr. está nos dizendo que...

WS - É claro, é claro, que essa contribuição, que você está me pedindo, entendeu, essa contribuição depende, entendeu, de alçada superior. Se... você tá junto do ministro e o ministro acha que você tem elementos para contribuir de maneira positiva pro que ele está fazendo, um programa, um plano, etc, você evidentemente contribui. Mas, você não vai sair da sua modéstia, não é, (barulho no gravador) como auxiliar, pra dizer ao ministro: "Oh! Você tá errado. Você tem que fazer assim, assim.". Não pode, né? Tudo é relativo. É o único princípio absoluto, da vida, é que tudo é relativo. (risos)

WH - É verdade.

WS - Não é mesmo? Então, cada qual auxilia no que está fazendo. Agora, no meu trabalho, com meus auxiliares então, aquilo que eu aprendi, eu procurei dar.

WH - É. Era isso que eu queria que o sr. me explicasse.

WS - Entendeu? Procurei dar. Quer dizer, organização, entendeu? É... responsabilidade, orientação, entendeu? Olhar as coisas com mais seriedade, compreendeu? Mais do que isso não se podia influir, não é mesmo? Agora, a Escola não... não obriga a coisa nenhuma. É a maior... é o maior... é a maior equipe técnica que existe no Brasil. Todo ano essa gente que está sempre preparada e coisa, de cada ministério. De modo, que é um universo que representa o Brasil. Aí vem ter as informações de todos os setores de atividades no Brasil. São governadores. São deputados. São senadores. São ministros. Entendeu? São embaixadores de outros países. Todos vão lá e vão dizer o que estão fazendo. E porque estão fazendo. Isso tudo é anotado. Entendeu? Esse material é objeto de discussão de grupos dentro da Escola, entendeu? E daí saem, os alunos, saem para verificar o que essa gente diz que fez e tal nas regiões do Brasil. Entendeu? O sujeito diz: “Ah! Ah, porque fiz uma ponte não sei quê. Fiz uma estrada não sei quê. Fiz uma indústria...” Isso vai ser verificado. Entendeu? Vai um grupo pro Norte, outro pro Nordeste e coisa... entendeu?

WH - Isso dentro do curso ainda?

WS - Dentro do curso. E traz tudo pra cá! Entendeu? E tudo isso é... vai ser juntado aquilo que foi dito e que já foi, já foi sintetizado pra facilidade. Então, comparado e tal. Diante disso, vêm os desvios. Então, tá errado isso, tá errado aquilo. Isso não tá certo. Fulano disse isso, mas não é verdade. Por outro lado, é preciso isso, é preciso aquilo e tal. Tem o lado positivo e o negativo. De acordo com isso é feito um plano de desenvolvimento do Brasil. feito esse plano, é discutido em plenário com toda a liberdade. O sujeito lá pode dizer não, pode dizer sim, pode dizer o que quiser, entendeu? Agora, não oferece esse negócio ao presidente da República. Se o presidente da República quiser, está à disposição dele. Se não quiser, é arquivado, simplesmente. Sabe que serviu de treino apenas, né? Mas, muita coisa é aproveitada, sabe? Muita coisa é aproveitada, entendeu? Por isso é que eu acho, entendeu, que há uma certa paixão, entendeu? Há, de uma maneira geral, as pessoas não gostam de militar. Militar foi feito pra matar, pra guerrear, pra coisa... Isso é antipático, né? É negativo e tal, etc. Mas, é necessário para o país que haja isso, entendeu? Então, quem viu como eu vi, passando pela Praça da República, Partido Comunista, aquela gritaria danada! Aquela zoeira! Aquela falta de compostura do pessoal na rua a gritar! A dizer desaforo às autoridades, entendeu? O ministro da Guerra no palanque, recebendo descompostura. Entendeu? Os... esses (tosse) é... alguns desses dirigentes de partido de esquerda lá, entendeu, insuflando o povo... à desordem. Isso não pode ser meu Deus! Eu tô vendo aqui uma coisa completamente... é... absurda. Como é que pode, meu Deus, existir isso na Praça da República, aqui em frente ao Quartel General, entendeu, o ministro da Guerra sendo... presenciando a essa anarquia, entendeu? E tudo tá muito bem, daqui a pouco vai chegar o presidente da República que era o João Goulart, entendeu, e o... primo dele, o... Como é? (tosse) Eu fui pra casa não tive ânimo nem de tirar o paletó. Sentei no sofá, abri a televisão e disse pra minha mulher, eu digo: “Olha, talvez daqui a alguns dias, eu não possa usar nem paletó, porque vou ser julgado como é... Como é que se chama a coisa? Os que não estão de acordo com... com essas idéias, não é? Nós não vamos ter nem o direito de ficar em casa, nem a privacidade de casa. Entendeu? Da maneira que eu tô vendo a desordem... Fiquei apavorado com aquilo! Entendeu? Então, a coisa caminhou de tal jeito que começou a destruir a coisa mais perfeita de conter hierarquia que é o respeito à autoridade. Você vê, o soldado não está obedecendo mais o superior, entendeu? Os marinheiros... (tosse) tomaram de assalto o poder.

O presidente da República na... na... é... .. ali na Lapa, naquele prédio do Automóvel Clube, a fazer discurso incendiário, entendeu? Daqui a pouco, um almirante desacatado e enfim, subverteu o negócio todo. Pois bem, as donas de casa vieram pra rua bater panela. Nessa altura, era desordem completa. Os preços não tinham mais controle e as coisas faltando porque quem tava produzindo, tava com medo de produzir e levar pra cidade, porque não sabia o dia de amanhã e coisa etc. Então, o povo, foi o povo, as donas de casa, que obrigaram o exército a sair, pra controlar a coisa. Eles não saíram por auto-recreação não. O erro dos militares no negócio, foi a demora de deixar o poder. Porque, infelizmente, o poder atrai muito. (sirene) O poder atrai, tem o atrativo muito grande e com o tempo permite a... essa coisa tremenda que é a... poluição não, a...

WH - Corrupção.

WS - ...corrupção. (buzinas) Os próprios militares começaram a corrupção. Porque não devia passar de Castelo Branco. Castelo Branco botou em ordem o país, devia sair logo para a eleição do presidente da República como normalmente. Mas não saiu. Foi um erro! Entendeu? E deu essa catástrofe, né? Que ficou, ficaram muito tempo no poder, entendeu, e também a corrupção dominou a platéia, entendeu? No meu modo de ver foi isso que aconteceu. E eu vivi isso tudo. Eu vivi isso tudo. De modo que, é... na época da chamada “ditadura militar”, o Ministério não sofreu nada não. continuou na sua meta de trabalho, entendeu?

WH - O que eu lhe tinha perguntado é se tinha transformado alguma coisa, se tinha... desenvolvido algum aspecto que não tenha sido...

WS - Não, não... Não, não...

WH - Continuou fazendo...

WS - Não. Continuamos...

WH - ...as atividades que já vinha desenvolvendo?

WS - É, é. Não houve ministro, ministro da Saúde, militar. (ri) Porque a 1ª coisa que devia vir, não é, é botar um militar na..., né, um comandante na...na... Ministério da Saúde. Não houve, entendeu?

WH - Quando o sr. tava na... o 1º ministro, a gente queria que o sr. falasse um pouco dessa época que o sr. tá na DOS que é o Raimundo de Brito. Quem era diretor do Departamento Nacional de Saúde, eu acho que era o Scorselli, né?

WS - Era o Scorselli.

WH - E o sr. era da... Divisão de Organização Sanitária, né?

WS - E eu era... eu era... é...

AA - Diretor substituto dele, né?

WS - ...substituto dele, entendeu? Era o diretor.

WH - Eu queria que o sr. contasse um pouquinho sobre essa época, esse ministro, sobre o... dr. Scorselli, a sua substituição. Como é que, como é que foi esse período pro sr.?

WS - Olha, o... esse período, não apresentou coisa nova. Compreendeu? Porque nesta ocasião... Quem era o ministro, meu Deus? Não sei se...

WH - Raimundo de Brito?

WS - Raimundo de Brito. O Raimundo de Brito era político. E eu vou lhe dizer... contar uma coisa que lhe responde à pergunta. O Raimundo de Brito costumava reunir alguns subordinados dele, inclusive eu. Aliás há uma fotografia aí que nós estamos reunidos numa mesa fazendo o relatório do Ministério. Relatório das atividades do Ministério. E, evidentemente, esse relatório, tinha por base, aquilo que realmente se fez durante o ano “x” e a expectativa de fazer “y” no outro ano. Entendeu? Então, nós fizemos assim. Aconteceu isso, ocorreu isso, aquilo. O resultado foi esse. Agora, pro ano, pretende-se fazer isso, continuar aquilo, terminar isso, iniciar isso. Compreendeu? O negócio... “Ah, não!” ... “Eu quero que vocês digam quantos milhões de doentes existem.” (ri) “Bom, é fácil de pegar estatística. É tanto de tuberculose, tanto... de malária. Tanto disso e daquilo e coisa e etc. Isso é muito fácil.” “Não! Você junte tudo isso e diga quantos, (ri) quantos estão doentes e quantos vão morrer.” Porque isso é que impressiona os deputados. Os deputados que vão dar o dinheiro pra nós! Eu digo: “Não é possível um negócio desses.” Né? A gente fazer um relatório na base, (ri) na base de chantagem... não dá, entendeu? Então, o Brito era político, entendeu? Diretor do Hospital dos Servidores do Estado. Boa pessoa. Amável. Mas, político! 100% político! Evidentemente, que ele não tinha capacidade de fazer nada novo.

AA - Nem de reformas políticas, (??)...?

WS - Nem nada! Não tinha condições. Como não tinham muitos polít..., muitos ministros... Eu já disse a vocês que, em 25 anos de Ministério... 25 anos, 23. Parece que em 23 anos de Ministério, houve 25 ministros! Quer dizer, um ministro por ano!? Você pode pensar que um ministro pode fazer alguma coisa ou ele pensa em fazer alguma coisa? Pode! Porque primeiro, o homem está fora da sua... da sua área, entendeu? Era político, outro era da Comissão de Orçamento, outro era não sei quê, outro..., né?

Fita 18 - Lado A

WS - ...quando, quando esse ministro... tomava posse e começava a...

AA - Essa fita... (ruído com pausa na gravação)

WH - O sr. falava do ministro, o que que eles... o que que eles faziam...

WS - Sim.

WH - Da reunião...

WS - Hum.

WH - Que eles tinham pedido pra vocês... que o Raimundo de Brito era político e...

WS - Era um político...

WH - ...tinha pedido pra vocês fazerem um relatório dizendo quantas pessoas...

WS - Um relatório que eu fiz... É... quantos...

WH - ...quantos doentes...

WS - ... quantos. É... Quantos doentes existiam no Brasil... Quantos iam morrer... Quanto... Enfim, coisa pra impressionar os deputados e senadores, porque eles é que iam... fazer dotação, né? Iam dar o dinheiro para o Ministério. E evidentemente, eu estou dizendo isso como um exemplo de como os ministros que passaram pelo Ministério da Saúde, com raras exceções, entendeu, estavam preparados para vãos mais altos. Porque, ficando um ano, um ano e meio no Ministério, evidentemente que, mal dava tempo pra eles tomarem conhecimento da situação do Ministério. Não é? Um dos ministros que completaram o tempo de 4 anos foi Almeida Machado. Não me lembro de outro que tenha levado 4 anos não.

WH - É. Ele conseguiu completar o... período Geisel, né?

WS - É. Ele completou... o Geisel. Só. Entendeu?

AA - É o Rocha Lagoa também ficou. Acho que ficou...

WH - Não. Dois anos.

WS - Não! Não!

WH - Dois anos.

AA - Ficou até 73. 72. 73, 72.

WH - 73 não.

WS - Não! São quatro anos.

AA - Não. 70, 71, 72.

WS - Ué! Mas, são quatro anos!

AA - Sim, é. O Rocha Lagoa ficou três. (??) também ficava seis meses...

WS - É. E então, vocês vêem o seguinte, que pelo tempo em que o... o ministro permanecia no Ministério, por mais boa vontade que ele tivesse ele não podia fazer grande coisa. Também, a maioria não estava interessada nisso, a não ser como ponto, trampolim para... out... cargos maiores, né? De modo que, é... sob esse ponto de vista, foi muito triste a vida desse Ministério desde que ela foi criada. Entendeu? Produziu muito mais no tempo em que era Educação e Saúde, entendeu?

WH - Agora, nessa época, dr. Walter, tem a campanha da varíola, né. O sr. na DOS...

WS - Não, era... Tinha campanha de controle.

WH - Isso! Campanha de controle.

WS - Campanha de controle da varíola. Entendeu? Esta campanha de controle da varíola, entendeu, era o primeiro passo para erradicação da varíola. E isso foi feito... com a ajuda da... Organização Panamericana, não é? Já contei a vocês o... o episódio do... do ministro com o ... o colega que vocês já...

WH - Dr. Bica?

WH - (ri) Bica.

WH - Ah, o sr. podia nos contar porque a gente não gravou não.

WS - Ah! Não gravou não?

WH - Não.

WS - Não, não. É. O...

WH - O sr. contou pra nós.

WS - É. O Bica...

WH - Aliás, a gente não... não tratou ainda em..., gravando, sobre a questão da varíola. O sr. se o sr. ... a gente vai...

WS - Ah, não?

WH - Não, não! A gente vai falar mais sobre isso.

WS - Mas, o...o... o Bica era diretor da Divisão de Epidemiologia da Organização Panamericana com sede em Washington. E, competia esta Divisão, a colaboração com os países da América Latina sobretudo, para equacionar, entendeu, problemas de doenças epidêmicas, não é, doenças

transmissíveis. E a varíola estava... na, em pauta para serem, para ser erradicada no mundo, entendeu?

WH - Como é que a varíola..., isso que eu queria entender, dr. Walter, como é que a varíola toma importância ou seja... a idéia da erradicação (relógio) surge nesse momento e a varíola é uma doença que toma uma importância tão grande.

WS - É. A importância...

WH - Tanto a nível mundial, não só nacional, como a nível mundial.

WS - É! Mas é terrível pelo seguinte, porque a varíola no Brasil, além do mal inerente à doença, quer dizer, é... torna a pessoa incapacitada e morrer, tem um reflexo político muito grande. A varíola no Porto do Rio de Janeiro... primeiro, classificava o Porto como sujo. Então, os navios, tanto turístico como comerciais e tal não tocavam aqui. Ora! O comércio internacional era completamente prejudicado com isso, não é mesmo? As atividades das pessoas se reduziam também, porque... os estrangeiros que vinham pra cá e, naturalmente, com o desejo de trazer capital e investir e etc... eles não vinham. Ou vinham e eles eram preferencialmente atacados pela varíola. (ri) Porque havia um certo... uma certa tolerância da varíola pelo...pelo nacional, né, o estrangeiro era o preferencial. De modo que, isso causou um prejuízo tremendo pro povo... pro país, não é mesmo? Se você tá no comércio internacional, não é, (ri) você não pode exportar e não pode importar, não é mesmo? A indústria é prejudicada por falta de capital. Os investidores não aparecem. Os que estão aqui morrem. Então, uma calamidade tremenda, entendeu? Então...

AA - O sr. tava contando pra gente o caso do dr. Bica.

WS - É. Então, o... o Bica veio ao Rio e... eu, nessa...nesse momento, substituía o Scorseli que era o diretor geral, né, do DNS. E conversava muito e tal... E o Bica disse assim: “Vamos... vamos fazer um plano aí, um plano... mais é... amplo para, para já sair pra erradicação, né?”

WH - Porque nessa época a campanha de controle...

WS - Era o controle...

WH - ...já existia, né?

WS - ...já existia. Pois é... pois eu...

WH - O sr. falava como coordenador dessa campanha.

WS - Como...como... como coordenador da campanha do controle da varíola, entendeu?

WH - Sei. Ham, ham.

WS - Eu digo: “Olha, ô, é ótimo isso. Puxa vida! Porque nós, realmente, não temos condições financeiras para...para ampliar esse tipo de programa e muito menos pra erradicação que... Bem!

O Bica, como naturalmente pessoa experiente, trouxe um auxiliar dele também para nos auxiliar nessa...nesse plano e sentamos lá no gabinete, entendeu, sei lá quanto tempo, e saiu um plano. Esse plano custava “x”. Esse “x” era enorme, né? Então eu perguntei ao... Bica: “Quanto é, quanto é que você acha que a gente pode obter para... para... complementar o que nós podemos dispor para esse... esse programa?” E ele: “Mais ou menos “x”. Eu digo... (ri) Era um negócio mais ou menos... sei lá! Parece que 5%, um negócio assim. Era baixo, sabe? E eu aí, eu disse: “Olha, é muito difícil isso, ô Bica, porque nós já temos uma dificuldade muito grande em aumentar o orçamento e aumentar desse jeito pra varíola, vai ser muito difícil. Em todo caso...” Eu disse... Eu disse a ele: “Eu acho que é até, é perigoso levar isso ao ministro porque, o nosso ministro atual não é muito... diplomata não, sabe? Ele... ele às vezes diz umas coisas que a gente não gosta de ouvir, né?” “Então vamos lá.” Eu digo: “Tá certo. Você quer ir, vamos.” E o departamento era no 5º, no 4º andar, então passamos pro 5º que era o ministro. Então, subimos, já era...já era tardinha, né, não tinha ninguém. E... sentamos lá, esperamos, o ministro tava não sei onde e tal. Chegou...chega o ministro. Eu apresentei o Bica como diretor do... órgão encarregado e coisa... Botei uns confetes no negócio. Ele, nós fizemos esse plano aqui de acordo com a divisão, aí eu botei a Divisão, não é? E... para...para esse programa tem que dispor de tanto. (ri) Ele olhou: “O quê?! Rapaz...” “É.” “E quanto vocês nos dão?” (ri) “Quanto vocês nos dão?”. O... Eu olhei pro Bica, agora que vai ser o diabo, vai ser um coice. (risos) Ele...ele disse assim, o Bica: “Nós podemos dispor de tanto.” Aquela miséria e tal. “Ora, doutor! Por isso eu prefiro ficar sozinho!” “Não dou. Eu prefiria então ficar sozinho. Mas não é possível, não é possível fazer uma coisa dessas!” Virou-se pra lá e foi embora. Eu fiquei com uma cara desse tamanho. Disse pro Bica...

AA - Mas o sr. já tinha avisado, né?

WS - ... “Você já vendo o negócio lá, né?” E o negócio nessa época não saiu não. Não saiu porque, negócio nesse...nesse, nessa situação, né? E mais tarde então, que eu já não era mais coordenador, porque eu tinha deixado de ser coordenador no...no Aeroporto Santos Dumont, à uma hora da madrugada. É! Não sei se vale a pena contar isso...

WH - Claro!

WS - ... Mas eu deixei porque o... Scorseli, que era o diretor do Departamento Nacional de Saúde, ele era professor de duas universidades. Pessoa competente naturalmente, né? E, o expediente deles, era depois das 5 horas no Ministério. Olhe, eu...eu estava lá desde manhã, compreendeu? Eu é que ficava preso lá pra resolver problemas e tal. Tinha minha repartição. Eu ia pra lá quando precisava, né? E, e ele...ele que, como diretor geral, ele é que estava ligado diretamente ao ministro. Então, as coisas que o ministro queria saber, perguntava a ele, entendeu? Ele transmitia e tal, certo. Mas acontece, que às vezes ele, dizia coisas ao ministro, sem saber e coisas que eram da minha área, compreendeu? E foi o que aconteceu com a varíola. Nós tínhamos ido numa reunião de secretários de Saúde do nordeste. Um negócio demorado e... não muito agradável... e depois já tarde. (telefone) Pegamos um avião horroroso do Ministério e que, acabou nos deixando, parece que uma hora da madrugada no Aeroporto Santos Dumont. Todo mundo já alquebrado, aborrecido, louco pra tomar um banho.

WH - Ir embora pra casa.

WS - Ir embora pra casa e tal. Eu saí logo, eu digo: “Vou pegar uma condução. Vou me embora logo e...” Ia lá na frente quando cheg..., passou... veio correndo um rapaz atrás de mim: “Doutor, doutor! O ministro quer lhe falar.” Eu digo: “Ué! Saí de lá agora, ele não falou nada!” Chega lá ele me faz uma pergunta de um assunto que não tinha passado por mim. Eu disse pra ele: “Não tenho conhecimento disso não.” “Ué! Scorseli... Scorseli combinou comigo isso num almoço, não sei o quê, e tal.” Ah! Eu fiquei danado da vida. Eu digo: “Essa, não!”

AA - Quer dizer, o ministro cobrou diretamente ao sr., determinada...

WS - A mim, um negócio que eu não, eu digo...

AA - ...questão, que ao sr. não tinha sido repassada?

WS - Ah, eu cheguei em casa, àquela hora, telefonei pro Scorseli, tirei ele da cama... e disse o diabo a ele, sabe? Eu digo: “Olha, de agora em diante a da varíola fica com você. Porque eu não quero saber nem fal... nem de ouvir falar em varíola.” “Ah!...” Eu desliguei. Pumba! E dessa época em diante, nunca mais, realmente, eu me meti em assunto de varíola, entendeu?

Data: 23/08/1995

Fita 19 - Lado A

WH - Bom, hoje é dia 23 de agosto de 1995 e a gente vai começar a 9ª entrevista com o dr. Walter. Estamos aqui sempre: Ana Beatriz Almeida, Maria Beatriz Guimarães e Wanda Hamilton. E, dr. Walter, a gente tinha terminado a última entrevista falando sobre a varíola, né? E a gente falou mais sobre a sua saída da varíola... a tentativa de conversar com o dr. Raimundo de Brito, não é? E... a maneira como o sr. saiu, se desligou. E a gente queria saber como o sr. entrou. Como é que o sr. foi ser coordenador da campanha de controle, né? Que há uma diferença...

WS - Há uma diferença.

WH - Controle e erradicação.

WS - Ah, sim! A... a diferença é muito grande. A camp... a, o... a campanha de controle visava, como o nome está dizendo, é... fazer todo o possível para que a varíola não se estendesse mais do que havia se estendido à época em que... na realidade, o maior foco da varíola estava em São Paulo. Compreendeu? E, se bem que nós trabalhássemos em todos estados... em que a... os agentes federais, juntamente com...com os estaduais, não é, se empenhavam nesse trabalho. Se bem que ha...ha... havia um grupo em cada estado que é... liderava essa atividade, né? E... não podia, porque não podia haver esmorecimento. O trabalho, é... como já disse em... uma outra entrevista, a campanha é uma atividade no campo da saúde, imitando o que ocorre no campo militar, não é? Atividade rápida, eficiente e com um tempo determinado de ação. Então, nós tínhamos que realmente, fazer esse grupo funcionar no estado com auxílio dos...dos agentes estaduais também. Tá entendendo?

WH - Se envolveu os secretários estaduais de Saúde também, a Secretaria...?

WS - É. Os secretários. Secretaria de Saúde, não é?

WH - De todos os estados brasileiros?

WS - De todos os estados brasileiros. Compreendeu? Evidentemente, é... naqueles em que a varíola estava ocorrendo com maior intensidade e nos outros para prevenir que não... a varíola não se estendesse ou não atingisse, entendeu?

WH - São Paulo também, colaborou, se envolveu?

WS - São Paulo também.

WH - Porque normalmente a visão que a gente tem é de São Paulo como uma coisa separada, né? Até nas questões de Saúde Pública, né?

WS - É. Mas em São Paulo ocorreu um fato singular. Eu fui a São Paulo num momento até muito propício porque era secretário de Saúde o dr. ... E agora? Não me ocorre. Vou ver se me lembro daqui a pouco. E estava trabalhando com ele, Mário Lemos que era eh... do Ministério da Saúde, mas tava... eh... estava assessorando o secretário de Saúde. De modo que eram pessoas minhas amigas, né? E, fui justamente pelo motivo de que São Paulo oferecia muito maior perigo pela extensão e gravidade da varíola naquele estado. Nessa ocasião, num almoço que eles me ofereceram, para nós trocarmos idéia, eu dizia a eles: “Olha, eu ofereço o que posso para auxiliar vocês a irem, a fazerem a campanha no estado. Eu ofereço as pistolas para vacinação, entendeu, e ofereço auxiliares se vocês quiserem. Mas uma coisa que eu preciso que desde já fique combinado, é de que haja uma pessoa que durma, acorde, coma e tal: varíola. Entendeu? (risos) Essa pessoa tem que ficar em tempo integral, trabalhando na varíola, que é realmente a pessoa que vai coordenar aqui as atividades de varíola. E com uma grande surpresa eles me disseram: “Isso é a maior, é a maior dificuldade que se pode, que se possa encontrar aqui em São Paulo. Uma pessoa que fique inteiramente é... disponível para essa atividade. Isso vai ser muito difícil.” Porque nessa oportunidade, nesse tempo, os...o pessoal de Saúde Pública de São Paulo, ganhava muito bem. Os professores também ganhavam muito bem. E, naturalmente tinham outras atividades também. Para que... para deixar essas suplementares em troca, vamos dizer, de alguma...alguma vantagem pecuniária, eles achavam que não era negócio bom porque isso era efêmero, tinha um tempo pra terminar, né? De modo que eles perderiam o que eles ganhavam com essas atividades suplementares que, naturalmente, eram mais seguras, né? Daí a dificuldade de encontrar essa pessoa disponível, dessa maneira. E como isso não foi possível, nós também entramos em São Paulo pra fazer a... a campanha da varíola.

WH - Quer dizer, o sr. teve que mandar uma pessoa...

WS - É. Eu entrei pra... mandar a equipe pra lá pra fazer, né? Bom. Então, com o pessoal de Saúde Pública de lá também, entendeu?

WH - E eles o receberam bem, não teve...?

WS - Receberam. E...

WH - ... algum problema na relação?

WS - Não, não. Nenhuma, porque eu acabei de dizer, que o secretário de Saúde era amigo meu também, entendeu? Não havia nenhuma... nenhuma dificuldade.

WH - Quer dizer, foi ele que lhe abriu as portas, né?

WS - É, é. Eles tinham uma estrutura montada, né, que eram as delegacias de Saúde com pessoal, de maneira que era mais fácil, entendeu, se entrosar. E houve uma outra circunstância, eles iam fazer uma vacinação geral, entendeu, para é... no tempo era para a... Não sei...

AA - Essas campanhas múltiplas?

WS - Umas campanhas múltiplas que eles iam fazer, né? E eu dizia então: “Vocês podiam aproveitar isso, aproveitar essa campanha também.” E surgiu uma dúvida, entendeu, se podiam

fazer justamente com essa campanha, com essas campanhas, também a varíola, que seria adicional. E isso, também não, não foi...não foi possível.

AA - Uma dúvida de que ordem? A nível técnico ou a nível...

WS - Hem?

AA - Uma dúvida de que ordem? Por problemas técnicos? Por problemas de ser uma campanha estadual?

WS - Não. É de... Não. Problemas técnicos deles lá, né, de estrutura e etc. De modo que a varíola continuou sendo uma campanha...

AA - Isolada...separada.

WS - ...isolada, separada, né? E, essas campanhas, ou por outra, essa campanha que se multiplicou nos estados, não é, ela foi bem, entendeu? Porque eu já peguei a campanha com o bonde andando porque ela já vinha com o... o...

AA - Brito Bastos.

WS - O Brito Bastos, não é? Que era...

AA - Então, o sr. fala pra gente...

WS - Era o coordenador, não é? E quando eu assumi o Serviço Nacional de Educação Sanitária, também recebi de, de... contrapeso, a campanha de varíola. Entendeu?

AA - Então foi assim que o sr. foi indicado pra ser coordenador?

WS - Assim... assim que eu passei a ser coordenador, o coordenador da campanha.

WH - O Serviço de Organização Sanitária ou a... a DOS?

WS - Educa... Serviço... Não. Serviço de Educação Sanitária.

WH - Aí o sr. já assumiu a coordenação...

WS - É. Porque o Brito Bastos era diretor do Serviço Nacional de Educação Sanitária, não é? Ele saiu, eu entrei, da maneira como que eu já disse a vocês, e assumi também a coordenação da varíola.

WH - Mas ela tava ligada...

WS - Hein?

WH - ...ao Serviço de Educação Sanitária?

WS - Não, não, não. Não tinha nada uma coisa a ver com a outra, mas aconteceu.

AA - O próprio Brito Bastos também acumulava?

WS - Hem?

AA - O próprio Brito Bastos também acumulava...

WS - Também, também acumu...

AA - ...Ele acumulava o Serviço de Educação com o...

WS - Também, também. Não é?

WH - Por que essa idéia do controle da malária, dr. Walter, ela vem...

WS - Malária?

AA - Varíola.

WH - É... perdão! Desculpe, da varíola. Ela vem de quando, todo essa...esse impulso na questão da varíola...?

WS - Aaah! Da varíola, varíola? Ah! Vem de muito longe! A varíola vem do Império!

WH - Não, não, a doença sim. Mas eu digo, a idéia de uma campanha de controle de varíola?

WS - Ah, bom! Essa idéia de campanha sempre esteve viva no Ministério. Entendeu? E o Ministério sempre usou e abusou desse sistema de...de campanha e eu já expliquei a você que, quando se fala em campanha, já se pode inferir que a estrutura não funciona. Porque se a estrutura normal de Saúde funcionasse, não havia necessidade de campanha. Havia o Serviço de Vigilância Sanitária, entendeu, com os órgãos funcionando, os hospitais, as maternidades, as unidades sanitárias... Então, em cada uma dessas unidades se processaria a...a... a vacinação, não é?

WH - Agora, no caso da varíola, dr. Walter, quando é que ela aparece como uma questão no Ministério? É isso que eu queria saber. Quando é que se começa a pensar em fazer uma campanha de controle de varíola, né? Da onde surge essa idéia, de tomar varíola e... e controlá-la?

WS - Bom... Essa... É, é, é... nasceu da necessidade é... representada pelo perigo da extensão. Uma coisa é você ter uma doença endêmica, a outra coisa é você ter uma doença epidêmica. Não é mesmo? Ora! A varíola tornou-se epidêmica, não é? Já se tinha a experiência do que havia ocorrido no 2º Império, não é, em que os portos se fecharam aqui diante do perigo da transmissão da varíola. Entendeu? De modo que prejudicou tremendamente o país porque os navios não encostavam aqui, não havia possibilidade então também de enviar mercadoria pra

fora porque o porto estava interditado sanitariamente, entendeu? Então o prejuízo... é fácil, é fácil estimar a... o prejuízo que o país tomava com isso porque o porto da época, o principal porto de movimento e de comércio, era o Rio de Janeiro, entendeu? Era...era... por ser a...a... a Corte, entendeu? Então, nessa ocasião, né,... foram tomadas as medidas necessárias para coibir, né, no 2º Império para a República, já em 1903 com Oswaldo Cruz, entendeu? Que, coitado, recebeu logo um batismo tremendo de epidemias, com a... epidemia de peste em São Paulo... Enfim... então, como a varíola estava sob forma epidêmica, entendeu, e a estrutura da Saúde Pública não estava em condições de enfrentar esta...esta luta, não é, só campanha, não é? E quando diz campanha você pensa logo em orçamento, dinheiro para aplicar, não é, extra, fora do orçamento da Saúde, que aliás nessa época, nem era... não havia nem Ministério, era...era Ministério da Justiça, né? É, porque a... é curioso...

AA - O sr. tá falando...

WS - ...esse fato...

AA - ...pra trás. O sr. tá falando da época do Império República.

WS - ...é... é. Esse fato é interessante. A maior parte do tempo da vida de Saúde Pública do Brasil, aconteceu sem Ministério. Primeiro Ministério do Interior.

AA - (??)

WS - Aí depois passou pro Ministério da Justiça, não é? (ri) E quando foi apresentado um projeto pra fazer Ministério da Saúde, não foi aceito. Apesar da argumentação apresentada que era mais do que suficiente pra justificar a criação do Ministério da Saúde, né? Então, nessa conjuntura, entendeu, o perigo da... da...de uma epidemia, não só no Rio de Janeiro... epidemia podia se dizer para o Brasil uma pandemia, não é mesmo? Então, o único recurso seria o combate militar, tipo militar. Daí a campanha, né? E, como todas as campanhas no Brasil, (ri) com... combateu-se campanha até que conseguiu-se eliminar, não é, tornar a... o coeficiente zero, né, de varíola. Felizmente. Foi assim que aconteceu.

WH - Mas essa campanha de controle de varíola, ela surge quando?

WS - Hem?

WH - Essa campanha de controle da varíola?

AA - No final dos anos cinquenta...?

WH - Já em forma de campanha. Quando é que ela se institui?

WS - Olha, ela... a campanha de varíola... Olha, eu não...não posso precisar assim de memória a... a data.

WH - A época mais ou menos. Década de cinquenta, década de sessenta?

WS - Não, eu acho que já em quarenta, já se estava...

AA - Quer dizer, até como Ministério de Educação e Saúde mesmo?

WS - É. Como Ministério da Saúde... É, entendeu?

AA - Quer dizer, o Brito Bastos não tinha sido o primeiro coordenador não, né? Tinha sido um diferente.

WS - Não, não, não... Já tinha... Já havia antecedente, né? É... de controle, né?

AA - É, de controle. Essa campanha de controle.

WS - Controle. E eu já expliquei a vocês que nós estávamos trabalhando no controle, mas com vista à campanha para a erradicação. Porque essa atividade para controle já dava uma riqueza de elementos para que se pudesse então armar uma campanha de erradicação. Que não foi feita também imediatamente, por... apenas por falta de recurso. Não foi por falta de...de ação técnica não. Foi por falta de recursos. Eu já...já...já...

WH - Por que precisaria de recursos pra quê... pra... pra essa campanha de erradicação?

WS - Ah, sim! Pra mobilizar. Pois você precisava...você precisava veículo, precisava de mais gente, né, tinha que pagar gente, não é? Tinha que pagar vacina, entendeu? De modo que precisava... Você vê quanto...quanto o governo está gastando em vacina apenas para apenas essa...essa ação contra meningococo. Custa um dinheirão, não é mesmo? De modo que, naquela época então, ainda custava mais, porque a tecnologia estava mais atrasada. O volume eh... de vacina era muito grande, entendeu, uma demanda tremenda. De modo que, apenas recurso financeiro, entendeu? Que... esses recursos, parte desses recursos, geralmente vêm de fora, né? Vêm da... da... através da Organização Mundial da Saúde, através da Panamericana e etc, né?

WH - É. Aí quando se montou a campanha de erradicação entraram recursos...

WS - Entraram rec... Ah, sim. É, é...

WH - ...dessas agências, né?

WS - É. Agências, é.

WH - É curioso porque o sr. nos contou na outra entrevista, eu tô indo pro final mas depois a gente vai voltar pro começo.

WS - Sei, sei.

WH - Que o sr. foi falar com o Raimundo de Brito, com o dr. Bica, e naquele momento, a Organização Panamericana ofereceu uma quantia que não...

WS - Que não...que não era significativa, não é?

WH - ...Não era atraente, né, no montante.

WS - Justamente.

WH - Como é... como é que foi esse acerto afinal pra...pro funcionamento da campanha de erradicação, o sr. sabe?

WS - É pelo seguinte, que a...a... a Organização mundial de Saúde tem os seus programas, não é mesmo? Programas de...de âmbito mundial, não é mesmo? Estava vendo que estava acontecendo essa coisa tremenda, que lançavam recurso num determinado, em determinados países, tá entendendo? Por exemplo: a... na Venezuela, na Argentina, no Peru... Mas acontece que, esses... os recursos empregados nesses países, entendeu, se perdiam porque quando deixavam de trabalhar nesses lugares, entendeu, voltava por quê? Porque de outros países passavam pra lá. Então, era procurar é... eliminar incêndio com...com balde... balde d'água e furado, não é mesmo? Então, o que precisava era fazer uma campanha mundial, entendeu? Era atacar esses países, entendeu, de uma vez só, entendeu? Então foi feito um programa, entendeu, para atender esses países em que a Organização Mundial de Saúde e a Panamericana se entrosavam, entendeu, e com os países que entravam com recursos também e todos eles faziam ao mesmo tempo nos seus territórios. Para que não acontecesse como aqui no Brasil, por exemplo, o que está acontecendo com...com... com os... com malária, não é mesmo? De um país passa pra outro, não é mesmo? O Brasil... Brasil trabalha, elimina no seu território os transmissores, mas daqui a pouco (ri) entra de outro país, passa pra cá, entendeu? De modo que, é uma... é um trabalho muito caro, entendeu e ineficiente. E foi encarando assim que as coisas progrediram de modo que nos principais focos mundiais, foram atacados simultaneamente, compreendeu, deram como resultado então, o desaparecimento mundial, não é mesmo? Da... da varíola.

WH - Eles conseguiram erradicar, né?

WS - Conseguiram erradicar.

WH - Agora, essa campanha de controle, dr. Walter,...

WS - Agora, o que acontece é o seguinte, não basta erradicar. É preciso que haja vigilância sanitária permanente para que não ocorra a volta, não é mesmo? Então, vêm reinfecções aí, entendeu? Então a vigilância sanitária tem que trabalhar intensamente, entendeu? Não pode... não pode descuidar, porque esse...esse... termo erradicar, entendeu, a gente tem que tomar com... relativa... significação. É muito difícil erradicar qualquer coisa, entendeu? Pode estar zero, mas a gente se não tiver o cuidado da vigilância, entendeu, pode reaparecer, entendeu?

WH - Mas hoje, a varíola, eu acho que não tem nem esse risco, o sr. acha que tem?

WS - Hem? Tem sempre.

WH - Sempre tem?

WS - Sempre, sempre, sempre. É preciso que vacine, vacine, vacine.

WH - Hoje não se vacina mais a varíola.

WS - He...em?

WH - Contra varíola, né? Acho que nem se vacina mais hoje em dia.

WS - Por enquanto não.

WH - Não.

WS - Não. Mas...

WH - Porque as cepas foram destruídas. Só tem uma matriz num centro de investigações...

WS - Sei. É...é...é...

WH - ...guardada com todo o cuidado...

WS - E que eu acho, eu acho, na minha grande ignorância, eu acho um perigo isso. Porque, erradicar, é muito difícil sabe? Muito difícil. Estabelecer índice zero, pode-se estabelecer em determinado momento, mas se não houver vigilância sanitária, pode ocorrer, não é? Pode ocorrer. Por enquanto, nós estamos contando vitória, não é? Estamos partindo pra erradicação de outras endemias e epidemias, não é?

WH - Agora, na campanha, nessa campanha de controle mesmo. Eu soube que havia diferentes fases, né, que era a fase de preparação, de ataque, de vigilância e de integração que se chamavam.

WS - Ah, bom! Não, não... Mas isso é realmente pra toda campanha.

WH - Tem essa...essa...?

WS - Toda campanha tem essas fases, né?

WH - E o que que essa campanha, nessas quatro fases dessa campanha quando o sr. coordenou, o que que ela conseguiu realizar? Até onde ela pôde ir?

WS - Ela pôde ir até o controle apenas. Não é? Porque vai até a eliminação. Mas foi até o controle, né? Quer dizer, evitar que a... a... a epidemia se alastrasse mais ainda, não é mesmo? É... evitando que aqueles que fossem nascendo, entendeu, fossem sendo vítimas, novas vítimas, etc. Entendeu? Então, esse ponto é que é importante para que não haja a expansão da epidemia, não é?

WH - Vacinação infantil?

WS - Infantil, então. A...a... a intensificação e a... Como é que se diz? A... a continuidade do processo, não é mesmo? Nisso é que se baseia a segurança, não é? Porque se não houver continuidade abrangendo as populações vindouras, entendeu, há o risco de...de... se expandir, não é mesmo? Porque o homem, apesar de ser... (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 19 - Lado B

WH - O homem...

WS - O homem apesar de ser o... o animal racional... o dono do mundo, ele dispõe de tudo, mas ele oferece peculiaridades extraordinárias, difíceis da gente compreender, né? Por que que um médico fuma? E ele não deixa de fumar, se ele sabe todos os perigos que está exposto quem fuma? (relógio) Por que que ele não deixa de fumar? Não é difícil de compreender isso? Agora, eh... exponha isso com relação à população, não é? É difícil compreender! As pessoas sabem, você explica e coisa etc. É um perigo, é um mal... fácil de se corrigir. Mas a pessoa não se corrigi. É inteligente, né? Tem um entendimento bastante grande das coisas e etc... mas não aceita simplesmente, não é mesmo? Não é religião nem nada! Apenas um mau hábito, não é mesmo? Que ele não deixa e não se sabe por quê. (ri) Não há filosofia nenhuma que explique porque o homem eh... procede dessa maneira, não é mesmo? Então, a gente pode inferir que grande número de pessoas da população também não queira se defender apenas, não é? Não queira se vacinar, não é? Porque acha que apenas não quer se submeter, que não queira perder a sua liberdade de... de... de aceitar ou não aceitar uma coisa, não...não se deixar dominar por... por uma lei. Não é mesmo? Então, isso tudo constitui dificuldade para... um médico ou para ...para o órgão de Saúde Pública que queira realmente, eh... fazer uma programa de controle ou de erradicação e etc, porque encontra sempre pessoas dessa natureza, entendeu? E nesse particular, eu acho que a... a ditadura é mais eficiente, porque aqui no Brasil por exemplo, na fase da febre amarela, em que estava com a... a Fundação Rockfeller, ninguém desobedecia sem que sofresse realmente a pena da lei. entendeu? Porque havia um poder que obrigava, exigia e fiscalizava, entendeu? Eu já dei um exemplo a vocês do que ocorria em regiões como o nordeste, não é, em que a pessoa eh... tem na água uma das coisas mais preciosas, apesar da...da preciosidade que representa a água para o gênero humano, não é, para o animal de uma maneira geral, não é? Pois bem, o guarda encontrava na talha uma larva de um mosquito, não é? O que que o livrinho dizia? Porque havia na...na Rockfeller, eh... todo trabalho estava codificado em quatro livros, entendeu? O que que dizia o livro no que diz respeito a... este achado? Achou... eh... a...a... Como é que se diz?

WH - A larva.

WS - A larva, tem que botar petróleo. “Ah, mas o petróleo o sr. não põe. Por que que eu não posso comprar outra talha? E me estraga, vai dar um gosto ruim na água e tal.” Tem que botar petróleo. O guarda não conseguia porque o homem não deixava, né? Chamava então, o guarda chamava o guarda-chefe. O guarda-chefe ia lá: “Eu sei que tem que botar petróleo.” “Mas, não...!” “Tem que botar petróleo.” “Ah, mas...” Criava dificuldade. Vinha o médico, então vinha o médico: “O sr. tenha paciência, mas o sr. tem que botar petróleo. Não há outro jeito.” “Ah, mas eu... eu lavo, eu... é... eu ponho sabão, eu... lavo da melhor maneira que posso, esfrego

e coisa, ponho no sol e tal.” “Não. Tem que botar petróleo.” (???) Você acabava quebrando o negócio, né? “Não, porque não pode petróleo.” Quebrava o negócio! Entendeu? Mas não botava petróleo porque tava ferindo um direito dele e etc. mas havia um poder, entendeu, que garantia ao serviço isto. Por quê? Era ditatorial. Não tinha falar com seu deputado... seu senador, esse negócio... “Tenha paciência... Ah, apenas fecha os olhos por isso e tal”. Não havia isso não, entendeu? Tem que botar petróleo e tinha mesmo. Compreendeu? E para se conseguir em Saúde Pública, resultados positivos, a gente tem que ter autoridade necessária, entendeu, e a segurança de uma penalidade se a coisa não ocorrer, para corrigir, não é mesmo? Se não for assim não há possibilidade de ação. Por isso é que eu digo, numa época como aquela, entendeu, em que funcionava um poder central forte, entendeu, podia se contar com isso. E é uma organização com nome estrangeiro ainda por isso, não é, Fundação Rockfeller, não é mesmo? E o negócio funcionava direitinho mesmo, compreendeu? E por isso teve é... boa... bons resultados, compreendeu?

WH - Quer dizer, dr. Walter, o que o sr. tá dizendo é que no fundo, a Saúde Pública no Brasil, sempre se debateu com essa... essa, esse bloqueio, essa barreira da população?

WS - Sempre, sempre, sempre. O que aconteceu com Oswaldo Cruz? A imprensa... a imprensa...

WH - É. A situação inversa nunca foi verdadeira? Ou seja, a população demandar ações de saúde, postos de saúde, vacinação...?

WS - Não, não... Nunca, nunca!... Não, não! Eles pedem isso, mas quando as medidas a serem postas em prática, é... naturalmente produzem algum prejuízo material, compreendeu? Produzem dor ou coisa e coisa, há uma reação. Não é mesmo? No tempo de Oswaldo Cruz ele encontrou barreiras de todo jeito, inclusive da imprensa que devia ajudar, entendeu? Correu risco de vida, entendeu, para conseguir. Mas, o presidente da República da época, entendeu, não deixou, porque ele inclusive, teve intenção de largar, de sair. Mas o presidente da República disse: “Você tem toda a minha... a minha proteção. Vá em frente!” E ele foi, compreendeu? E veja que não é fácil fazer o bem, compreendeu? A pessoa, às vezes, pra fazer o bem corre risco de vida, entendeu?

WH - Nessa campanha o sr. teve problema também? Com a população? Nessa da varíola.

WS - Não, o... É verdade que eu não trabalhava diretamente com a população. Eu trabalhava com as pessoas que entravam em contato com a população, entendeu? Havia um probleminha aqui, ali e tal, mas... não havia grandes... não era um obstáculo tão grande que não se pudesse transpor, entendeu? Inclusive, da esfera política e etc, que sempre (tosse ao fundo) se mete nessa...em tudo que se faz no país e, às vezes, atrapalha, mas... felizmente não houve não. Já havia uma... é... uma impressão formada... de que a... o perigo era muito grande, entendeu?

WH - A população já tinha noção disso?

WS - Já tinha noção disso porque já tinha exemplo do passado, né? E uma das coisas que...que... eh... ameaçam muito as pessoas e que tornam as pessoas também mais fáceis de...de ser dominada, é prejuízo em dinheiro, é o bolso. Entendeu? Quando ele tem prejuízo, ele faz tudo

para que não ocorra isso, não ocorra, entendeu? E nesse momento é propício a quem está trabalhando, né? Como eu já disse, a doença traz um prejuízo tremendo, não é? De diversas dimensões. Desde o prejuízo individual, familiar até o econômico de uma grande coletividade, não é? De modo que, pro... por esse caminho, é fácil, entendeu? Eu já também dei o exemplo da minha atividade no Nordeste, onde eu estava trabalhando em malária e tinha que combater os... combater a água no lugar em que a água é escassa. Compreendeu? Mas que, como acontece em todas as regiões, há sempre grupos de poderosos e que pensam que não tem... que a força da lei não chega até eles, entendeu? E eu tive isso com coronéis, né, que tinham os seus cataventos e o catavento funcionava, espalhava água, formava coleção... criava mosquito e tal. E eu resolvi então, estabelecer então um período para funcionar. Quando não obedecia, eu chegava lá simplesmente e botava um cadeado. Botava um cadeado. O que representa isso para um coronel do interior? Isso é uma afronta tremenda, entendeu, mas eu fiz. Eu fiz, compreendeu? No entretanto, no entretanto, uma ocasião... três coronéis apareceram na sede. Um guarda disse: “Doutor! Coronel Fulano, coronel Cicrano, Beltrano... Olha, um deles já matou não sei quantos não sei o quê.” Eu digo: “Ué! Que que eu vou fazer?!” (ri)

WH - Um currículo e tanto.

WS - “O que eu vou fazer? Eu só posso esperar pra ver o que eles desejam, né?” Eles chegaram com uma humildade tremenda, entendeu, pra conversar comigo. Me ofereceram 600 contos em 1.9... e 30... Parece que 1.940, 1.939, assim, entendeu? “O sr. tem 600 contos pra fazer um hospital aqui para nós que não temos. Mas o sr. é que vai ficar dono do hospital.” (ri) Eu digo: “Isso pra mim é realmente uma prova extraordinária de...de...”

AA - De reconhecimento, né?

WS - Não. De... confiança, entendeu? Me entregar dinheiro, tirar o dinheiro do colchão. Me entregar 600 contos naquela época, era dinheiro! Compreendeu? Então, queria que eu ficasse. Por quê, se no lugar havia três médicos? É que eles não tinham confiança. Entendeu? E essa confiança nasceu de quê? Do meu atrevimento para defender a família dele da doença, eu proceder um ato violento desse, não é? Entrar numa propriedade particular e botar um cadeado num catavento. Entendeu? Longe deles tomarem isso como uma... uma... um excesso da minha parte, não é mesmo, eles viram nisso eu ter capacidade de ação e... segurança num ato em que eu estava exercendo, entendeu?

WH - E sua dedicação, né, no seu trabalho, né?

WS - Enfim, eles viam que eu trabalhava o dia inteiro, não tinha hora pra..., entendeu? Me dedicava inteiramente. Também o que que eu ia fazer lá? (risos) Eu morava aqui, não é mesmo? Então, veja que, realmente, essas coisas ocorrem, entendeu? E que muitas vezes a gente tem que praticar atos dessa natureza para fazer funcionar aquilo, que nós da Saúde Pública, achamos que é defesa da comunidade. Entendeu?

AA - É, nesse espaço de relação com a comunidade, é... uma das fases que tá aqui, na fase da preparação por exemplo, a questão de estudar e da Educação Sanitária, né? Então eu fico pensando o papel que o sr. considera, que o papel da Educação Sanitária nesse processo de conscientizar essa população da importância daquilo. Quer dizer, não é também porque em

alguns momentos, essa fase da Educação Sanitária ficou um pouco sem a atenção devida e aí essas pessoas não conseguiram receber um grau de informação clara, pras pessoas poderem se conscientizar que aquilo ali podia ser naquele momento ser um mal pra elas, por exemplo, perder a água, mas que era pra proteger. Quer dizer, tinha esse trabalho de se conscientizar e se tentar chegar a um grau de compreensão maior?

WS - Sim, sim, sim... Mas...mas filha, por isso é que o dr. Barros Barreto, entendeu, fazia o médico sanitarista. Porque o médico sanitarista ele está a par de todas essas normas gerais. Ele não é especialista em Educação Sanitária, mas ele sabe as normas gerais da Educação Sanitária. E sabe perfeitamente, que num país como o Brasil, entende, de... de muito pouco recurso pra Saúde Pública, ele não pode ter ao lado de um programa, um grupo de educadores sanitários. Porque tem que se fazer simultânea e muitas vezes antes. Fazer um programa para determinada área e com determinados objetivos, para lá deve ir antes, um grupo de Educação Sanitária. Pra preparar o terreno. E durante o trabalho... trabalhar também paralelamente, entendeu? Explicando as razões, entendeu? So...so... dando soluções aos problemas, entendeu? Mas isso fica muito caro!

AA - É, na prática, a falta de recursos dificultava.

WS - É a coisa esbarra na falta de recursos, entendeu? Se é um médico sanitarista... Eu, por exemplo, eu trabalhei! Eu tive que explicar! Eu fazia palestras, entendeu? Eu me irmanava com o padre lá, entendeu, de... na hora da missa eu estava lá na frente, entendeu? Por quê? Porque eu precisava daquela autoridade. O padre no interior, naquela...naquela época, tinha uma força tremenda! Então, era com o padre que eu casava.

AA - Casava. Tá certo! (ri)

WS - Entendeu? E ele me auxiliava. Eu pedi naquela época...

AA - Era o canal mais eficiente que...

WS - É. Eu pedi os presos pra trabalhar comigo em malária. Por quê? Porque os presos precisavam receber refeições do estado, né? E o estado, município, tinha muito pouco recurso. Então eu oferecia: “Eu pago a comida deles.” Entendeu? “Ao invés de vocês pagarem, eu pago e eles trabalham pra mim.” Ao invés de estarem fazendo nada, entendeu, eles fazendo alguma coisa, é ótimo! E eles aceitaram isso. Os presos vieram trabalhar pra mim, comigo. Não é mesmo? Então, essas coisas se improvisam de acordo com as condições locais. Não é, já dizia o... dr. ..., o dr. que fez esse auto... o Tijuca. Como é o nome dele, meu Deus? Beltrão! Entendeu? Mas o filho, o que foi ministro.

WH - Hélio Beltrão?

WS - Hélio Beltrão. Ele disse: “Quem está perto é que vê melhor.” Quando ele defendia a descentralização, não é? E a... e a... e a...

AA - Desburocratização?

WS - E a delegação. Delegação. Entendeu? A gente tem que descentralizar, não é? A normalização ela pode ser central, mas a...a... a execução tem que ser centralizada. Aliás é regra da administração, não é mesmo? E pra delegação precisa ter, precisa ter confiança no outro. Quando ele...ele... é... promulgou aquelas leis acabando com a... esse requerimento, esses requerimentos de cartório, não é, e fazer requerimento sem selo, pra facilitar o indivíduo. Ele tem que ter confiança na pessoa, não é mesmo? Ele não conseguiu até hoje, mas é uma boa regra, entendeu? Então, no local a gente vê os problemas, não é mesmo? A gente conhece as pessoas. A gente pode escolher os líderes da comunidade. Entendeu? Isso já é um passo muito grande para que a gente possa montar um programa, entendeu, porque está ali perto. Não é da... da... da do Rio de Janeiro por exemplo, que vai resolver problemas lá no interior do Piauí. Como? Não dá. Tem que ser gente de lá de perto. Que conheça, que veja, que saiba ver também. Então, eu sempre agi assim. Agora, evidentemente, que eu procurei usar aqueles conhecimentos que me deram. Não é mesmo? Pra convencer. Porque não há coisa mais terrível do que você combater a água no lugar em que a água é escassa. Você tem que fechar a cacimba que é a única água que o indivíduo tem pra regar a plantação de feijão, de coisa pra comer. É antipático o negócio! Mas você tem que fazer, não é? Então, você tem que explicar por que: “Olha! Você faça assim, assado... Não é? Mosquito se essa água ficar 8 dias aqui, dá pra o mosquito se desenvolver e transmitir doença pra você. Você não pode ficar com água 8 dias parada. Você dá um jeito de ficar 4 dias só. Porque se ficar mais de 4 dias eu venho aqui e fecho.” Entendeu? Então, tem que armar essa combinação pra poder funcionar num local como esse, não é mesmo? Felizmente eu nunca me dei mal com essas atitudes de conciliação, entendeu? E tomando, medidas severas e às vezes até perigosas quando eram necessárias, entendeu?

WH - Na campanha da varíola, o sr. se enfrentou com algum problema desses?

WS - Não. Eu não... eu não... não enfron... não me confrontei com problema dessa natureza porque aí eu já não estava a... agindo diretamente, eu agia através de outras pessoas. As quais eu orientava, naturalmente, né? Como proceder, né, para obter da população, uma resposta favorável, não é mesmo, que é essa.

WH - Quer dizer, o sr. tinha a visão do todo da campanha, né?

WS - Do todo. Do todo. Não é?

WH - E era uma campanha que se estruturou de maneira mais ou menos homogênea, dr. Walter?

WS - Homogênea, é. Homogênea. Havia... eu já encontrei como eu disse, as normas estabelecidas, entendeu? Havia já um programa estabelecido. Apenas segui as normas, entendeu? Implantar onde... nas...nas regiões novas e obedecendo sempre aquele padrão. E sempre, e sempre foi assim. E eu acredito que tenha ido até o fim, porque eu deixei o negócio... quase no fim, mas deixei. Não fui até o fim, até chegar à fase de erradicação.

WH - Aí o sr. já tinha saído?

WS - Aí eu já tinha saído. Mas já tinha trabalhado pra isso, como já falei naquela conversa com o Bica, não é? Não sei se ele falou a vocês sobre isso.

WH e AA - Não, ainda não chegou lá.

WS - Não, não falou? Ah, vocês não falaram lá não? Ah, vocês ainda estão...?

WH - A gente... começou a entrevista com ele, ...

WS - Ah! Começou?

WH - ... mas aí não chegamos na varíola.

WS - Hum! Então vocês perguntem isso a ele. O que aconteceu com o... (ri) com o...o... Raimundo de Brito.

Fita 20 - Lado A

WH - Agora, dr. Walter, o... o contato com...com equipes americanas, já existia nessa época, né? Na época em que o sr. foi coordenador da campanha da... de controle da varíola? ... Com técnicos americanos, com gente que já tava pensando na... já tava com idéia de erradicar a nível mundial.

WS - Sim, porque a... a Organização Panamericana, entendeu, é... tem uma coisa boa. Que quando o país apresenta bons técnicos, entendeu, eles procuram então, eh... contratar esses técnicos, compreendeu? Uma das pessoas é... que foram contratadas especialmente pra parte de malária por exemplo, foi o Bichat, não é? O Bichat vinha ao Brasil, entendeu, e se entendiam com a gente, como se eles fossem... estrangeiro, né? (ri) Entendia com a gente a respeito de recursos eh... a... auxiliares de... eh... supervisores, entendeu? Combinavam. De modo que eles tão sempre trabalhando nessa área, tão sempre presente, entendeu? E a gente sempre tem muito bom entendimento com...com eles. Muitas vezes até, ou às vezes até, o... (relógio) o chefe maior, é brasileiro por exemplo, mais conhecido como Carlyle, né? Carlyle ficou... Sei lá, mais de dez anos como... eh... superintendente... Não me recordo... da Panamericana.

AA - Diretor.

WS - Diretor, né? Diretor da Panamericana, né? Esc... e... e Carlyle veio lá do Piauí, não é mesmo?

WH - É. É a experiência do Marcolino Candéu também, né?

WS - Quem?! Não!

WH - Marcolino Candéu também...

WS - Ah! Sim, sim... O Candéu que era aqui do Estado do Rio...

WH - Era mundial, né?

WS - É. Mundial, que ficou... É. Então, veja que a maioria, chegou o momento em que a maioria dos técnicos da Panamericana, entendeu, ao menos aqui na América do Sul, eram quase todos brasileiros, entendeu? De modo que, eles tinham uma visão melhor também, não é, não só pela língua como também pelos conhecimentos que ele... que eles tinham adquirido a respeito da... dos países da América, que... no que... quase todos eles têm os mesmos problemas, não é mesmo? De modo que isso facilita muito o... o traquejo dessa máquina que constitui a Organização.

WH - Agora, nessa época, eu... eu tava lendo aquela publicação, vieram técnicos americanos aqui, né?

WS - Bom... São pra quê?

WH - Oi?

WS - Pra quê?

AA - Na Campanha do Amapá, não foi?

WH - É..., do Amapá.

WS - Mas isso eu expliquei a vocês que...

AA - Hum! As três teses.

WS - ...na Panamericana nessa época, o diretor era um veterinário, cujo nome eu não me recordo. E eu tinha muito entrosamento com ele, tinha facilidade, porque a minha sede era no 4º andar e o dele era no 5º andar. Então, eu subia pra conversar com ele sobre assuntos de Saúde Pública, que ele, apesar de ser veterinário, ele...ele estava a par dos problemas e etc. E nessa ocasião é que eu conversei com ele a respeito de varíola. Porque eu tava querendo ter uma idéia mais profunda, entendeu, da varíola no Brasil. E, como existe em Atlanta aquela Divisão de...Divisão de... de... de...

AA - É, acho que é de Controle de Doenças.

WS - É. Controle é...

AA - De Doenças Transmissíveis, né?

WS - ... Doenças Transmissíveis... Mas tem outro nome.

AA - O sr. tinha falado nesse nome.

WS - Entendeu? E eu disse: “Quem sabe se a gente não pode trazer um desses técnicos, entendeu, para conversar com a gente, para tomar parte num...num programa e com as luzes maior que ele tem, não é, nos poder...nos poder ser útil de uma maneira mais elevada do que a

gente está eh... tomando conhecimento livresco.” Se bem que técnico, né? Deve ter coisa nova porque tudo que estoura no mundo, eles tão presentes, eles mandam técnicos pra lá pra trazer conhecimentos, entendeu, da situação. E assim, depois nós entabulamos isso e o ministro acabou se interessando e... e encampando esse pedido e vieram três, três técnicos de Atlanta, entendeu? E, trazendo três tipos de pistola, que a gente não conhecia ainda as pistolas aqui no Brasil. Entendeu? Três tipos de pistola.

WH - Se usava... seringa?

WS - É. Aquela pistola de...

WH - Mas se usava, no Brasil se usava seringa.

WS - Hein?

WH - Até aquele momento era seringa?

WS - Ah, só era seringa, entendeu? Bem. Então, eles trouxeram as pistolas, eu fiquei... entusiasmado com aquilo. As pistolas eram pra ser testadas em diferentes áreas. Por exemplo: onde tinha eletricidade era pistola elétrica, não é mesmo? Onde não havia eletricidade havia dois tipos de pistola, entendeu? Havia um que era de pedal e um manual, mas mecânico, entendeu? E isso pro Brasil é ótimo, porque nem todo lugar tem eletricidade, então há possibilidade de usar esses tipos de pistola, né, que evidente...

AA - Que é possível se adequar, né?

WS - De adequar, né? E nessa ocasião, eu digo: “Bom, eu vou aproveitar e vou colocar aqui minha gente.” O Alírio, Alírio... Esqueci o nome. Daqui a pouco eu digo o nome dele. Era epidemiologista. Ele tinha feito o Curso de Epidemiologia nos Estados Unidos, entendeu, eu não sei nem se foi em Atlanta. E o Alírio era do SESP e estava trabalhando comigo, entendeu? E, eu me lembrei do...do... colega que estava faze... tava lá na produção de vacina da Oswaldo Cruz.

WH - Fonseca da Cunha.

WS - Fonseca.

WH - Alírio é Macedo Filho?

WS - É. É Alírio Macedo Filho. Então, fiz uma reunião, entendeu, e já pensando que eu não tinha dinheiro pra botar essa gente em campo, entendeu, pra transporte... Eu tinha conversado com um colega que trabalhava com aquele grupo de...de, do Amapá. Era um grupo financista... de financista de...de São Paulo que estava trabalhando em minério lá no Amapá. E entrei esse negócio e consegui que eles pagassem esse pessoal para...

AA - Quer dizer, eram investidores paulistas na área de mineração lá no Amapá.

WS - De mineração do Amapá. Entendeu? Antunes! O Grupo Antunes. Entendeu? Então fizemos uma reunião, lá no meu gabinete na...na Divisão de Organização Sanitária então, e foram traçados os rumos para esse trabalho, entendeu? O que me deu mais trabalho foi o... esse...

AA - Fonseca da Cunha.

WS - ...o Fonseca porque o... o... o diretor de Manguinhos, que era a quem ele tava subordinado, não queria deixar de maneira nenhuma ele sair. Eu tive que recorrer ao ministro. E com o ministro eu consegui que ele, entendeu, que ele fosse incluído no grupo. Entendeu?

WH - Isso porque o Ministério usava a vacina do...do Instituto Oswaldo Cruz, que era produzida lá?

WS - É produzida lá!

WH - O Ministério usava aquelas vacinas.

WS - É! Aquela vacina era... era aquilo era usado pelo Ministério, né, na campanha, não é mesmo?

WH - E qual foi a idéia de chamar esse... o dr. Fonseca, o virologista, pra ir pra lá?

WS - Fui eu!

WH - Por que que o sr. teve idéia?

WS - Porque, porque ele estava interessado no problema.

WH - Ah!

WS - Não é mesmo? Ele estava interessado no problema. Não é? E eu... e...e... não queria perder a oportunidade, entendeu, de colocar esses colegas interessados em contato com esses técnicos que são considerados os maiores..., entendeu, os maiores. Não é mesmo?

AA - E eles acompanhariam a equipe nessa ida então?

WS - É, eles... eles a... E acompanharam! (tosse ao fundo) Tanto o Alírio como o Fonseca acompanharam! Foram lá pro Amapá!

AA - Quando eu digo, os técnicos americanos também foram?

WS - Ué! Você... Eles...

AA - Eram eles que estavam fazendo...

WS - (ri) Eles...eles é que eram... que eu tinha interesse que eles fossem.

AA - Que eles fossem.

WS - Agora, evidentemente, que eu tinha que botar gente brasileira porque não ia botar essa gente estrangeira, americana, diretamente com a população lá, não é? Então, eles foram nesse grupo para, não só captar os conhecimentos que, provavelmente, esses técnicos tinham mais do que eles, como também para manobrar, entendeu, o programa lá no território brasileiro, não é? E nesse sentido depois, ficou... ficaram testadas aquelas duas pistolas, né? Uma elétrica e uma mecânica, né? E que depois o Ministério foi comprando, né, através da Panamericana, entendeu?

WH - Quem produzia? Era uma empresa privada que fazia?

WS - Hem?

WH - Era uma empresa privada que fazia?

WS - Era uma empresa privada que...que fornecia. Mas através da Panamericana, nós...nós comprávamos mais barato, entendeu?

WH - E qual foi a impressão, dr. Walter, desses técnicos americanos que a Panamericana trouxe, né, pra ir pro Amapá, qual foi a impressão deles da... pra fazer a campanha do... sobre a situação do Brasil, o problema da varíola, a impressão sobre o trabalho realizado naquele momento, né? Qual foi a impressão desses técnicos?

WS - Primeiro eles acharam que nós estávamos no caminho certo. Entendeu? E que devíamos realmente, caminhar pra erradicação, compreendeu? Porque eles não encontraram muita dificuldade, entendeu, não encontraram muita dificuldade. Eles...eles colheram material... uma riqueza de material lá que, naturalmente, eles levaram para estudo, não é mesmo? Mas, não deu tempo de eu...de eu...de eu pedir resultados, entendeu? E dentro dessa...dentro desta conversa que eu acabei de fazer, entendeu, eu fiz o meu relatório, entendeu? Evidentemente têm... há uma série de detalhes que eu não me lembro, entendeu?

WH - É porque uma coisa que me chamou atenção nessa eu li aquela publicação dos arquivos de Higiene, que eu queria que o sr. me explicasse. Eh... quer dizer, os técnicos achavam que realmente tava, o Brasil estava no caminho da erradicação mas que o Ministério não tava dando... eh... suficiente estímulo ou pessoal no caso, pessoal e verbas, né, que era um grande problema.

WS - Um problema. Sobretudo verba, né? Porque a campanha a...a... o programa da Rockefeller mostrou isso, né? Não falta gente. Você prepara as pessoas, não é mesmo? Desde que você me dá uma garantia de trabalho, não é mesmo, e a pessoa tenha...tenha boa base, você prepara as pessoas, não é mesmo? E não precisa longo tempo pra isso, não é mesmo? Bom. De modo que, pra varíola seria a mesma coisa. Você preparava as pessoas, contratava dentro de um plano com os programas do estado, entendeu, e a coisa funcionava automaticamente, entendeu? O programa de febre amarela, ela funcionava automaticamente, não é mesmo?

WH - É, mas o que eles dão a entender no caso da varíola, é que daqu... do modo como estava organizado, não ia conseguir se erradicar.

WS - Ah, tá! Claro que era... que era...

WH - Porque tudo, por exemplo, eu me lembro um...uma... um momento que o relatório diz assim: “Que tudo recaía em cima de uma pessoa”, que eu imaginei que era o sr., né?...

WS - Não.

WH - ...Que era o coordenador da campanha. Que não tinha essa divisão de responsabilidade...

WS - Sim. Não tinha... não, a... o...o...o... a atuação, entendeu, era uma atuação delegada, não é mesmo? Porque, por exemplo, a gente não pode... a União não pode entrar no estado, entendeu, sem pedir licença. A...a... Constituição não permite isso, não é mesmo? Então, você já vai para um estado e tem que se estabelecer uma comunhão de idéias, entendeu, a respeito do assunto e poder então ou se entrosar com o pessoal do estado ou então você cria, não é mesmo? O...o... Oswaldo Cruz por exemplo, tentou fazer um serviço vertical. Ele tentou federalizar a Saúde Pública. Mas, evidentemente, não encontrou base. A Constituição de 1891 não permitia! Então, ele criou nos estados, inspetorias de saúde, entendeu? Era essa inspetoria de saúde que depois se...se consubstanciou em delegacia de saúde, não é mesmo? Então, a idéia é essa, se o estado não tem condições, então o governo federal vai lá e auxilia e faz, não é? Por delegação, entendeu? E eu acho que por isso é que eu... me manifestei a respeito do sistema de saúde do tempo do Barreto, que era pra aquela época, o adequado. Você tinha, você tinha o governo federal, que na Constituição é... dizia que as normas de saúde só podiam ser feitas pelo governo federal, e os governos estaduais faziam a legislação supletiva, entendeu? E, criou para as regiões as delegacias federais que representavam o governo federal. E para a ação direta, os serviços nacionais, de acordo com os problemas do país, que eram problemas comuns de todos estados. Não há nada mais racional, entendeu? E funcionou o negócio, entendeu? Funcionou. É verdade que é um período, um período de governo forte em que a coisa tinha que funcionar mesmo, não é mesmo? De modo que, ... Me perdi até...

WH - Eu lhe perguntava sobre a questão da... daquele relatório, sobre a questão da... da... do pessoal e dos recursos, né?

WS - Sei, sei. Então, se... se há recursos, não é mesmo, num país em que você tem condições de...de selecionar pessoas para a atividade, não há problema. Não há problema. Se naquela época em que com o Bica nós fizemos aquele...aquele plano e houvesse dinheiro, podia ter partido dali a...a... a erradicação. (ri) Mas, não houve recursos, não é mesmo? O Brasil não tinha e de fora a...a... a parcela era tão diminuta que não dava, de modo que, não havia possibilidade mesmo. É o caso do...do cidadão que foi se queixar que o ladrão entrou na casa dele e... e o companheiro sabia que ele tinha uma arma e então o sujeito: “Mas escuta! Você não tem um revólver?” Ele disse: “Tenho.” “Por que você não se defendeu?” Ele disse: “Primeiro: Não tinha bala. Segundo: não precisa, se você não tinha bala...” (risos). Você pode ter revólver, pode ter tudo, não é mesmo? Quando você não tem recurso... não adianta você dar um passo porque não há possibilidade, né?

WH - Aí o sr. abandonou a campanha?

WS - Hem?

WH - Aí o sr. abandonou...

WS - Não. Eu abandonei não foi por causa disso. Eu não abandonei por causa disso. Abandonei por falta de articulação do diretor geral comigo.

WH - Que era o Scorzelli, né?

WS - É. Ele...ele recebia informações...

WH - É. Até que houve aquele incidente...

WS - ...passava diretamente ao ministro. Não me dizia nada. O ministro cobrava a mim e eu passava por... por isso.

WH - Isso que eu queria lhe perguntar. Eu li também desse relatório sobre a... o problema da varíola no Brasil, publicado pelos arquivos de Higiene, e o dr. Scorzelli tem um artigo...

WS - Não, ele tem um relatório nessa coisa também.

WH - Relatório. Que eu não entendi. Ele era contra a pistola, o uso da pistola? Não, né?

WS - Não. Acho que não. Ninguém era contra a pistola.

WH - Não, né?

WS - Não. A pistola não.

WH - Ele tinha alguma restrição à campanha, o dr. Scorzelli?

WS - Não. Que eu conheça não.

WH - Não, né?

WS - Que diabo! Ele não podia ter porque ele era professor de Higiene de duas universidades, não podia ter, não é mesmo? (sirene) Aliás, é... o Scorzelli é no...é... no terreno da estatística, ele era muito bom, era um bom estatístico, sabe? Ele tinha bons trabalhos de estatística, sabe? O... é... Já morreu há muito tempo, né?

AA - O que faltava era tempo.

WS - Hem?

AA - O que faltava era tempo.

WS - O tempo é que era curto. (risos)

AA - O tempo que era curto, mas a estatística conseguiu aumentar o tempo dele.

WS - Ele só aparecia... o trabalho dele, o trabalho dele era depois das 5 horas, justamente a hora que a gente... deixava o trabalho, né? Nessa época, nós trabalhávamos inclusive sábados, até às 5 horas. Não havia essa beleza de folga de sábado não. Nós trabalhávamos sábado também.

WH - Quando o sr. saiu da... (tosse) da varíola, o sr. tava na, na divisão de Organização Sanitária?

WS - Tava. Tava na Divisão.

WH - Como diretor, né?

WS - Tava. E eu não sei porque ele não... não me substituiu, porque ele podia pedir ao ministro pra me substituir, né, na Divisão. Mas não fez apesar do desaforo que eu disse pra ele no telefone.

WH - Aí o sr. ficou lá... trabalhando...

WS - Fiquei aguardando... fiquei trabalhando e aguardando... (ri) de qualquer dia aparecer um substituto pra mim.

WH - E não apareceu?

WS - Não apareceu não. Eu continuei. É a história, né?

WH - É. Mas o sr. não teve problema mais com ele.

WS - Hem?

WH - O sr. não teve problema.

WS - Não. Sem problema. O problema eu passei pra ele e ele... ele teve dificuldade pra arranjar uma outra pessoa pra...

WH - Quem ficou lá com o ministro?

WS - Se não me engano, foi Hamilton. Hamilton... não sei o nome. É um baiano.

WH - Nogueira?

WS - Não me recordo o sobrenome não. Está aposentado também. Hamilton é que ficou, se não me engano, é que ficou com a campanha. Quando eu deixo uma coisa eu... esqueço, não quero mais saber. (ri)

WH - E o sr. ficou fazendo na...na Divisão de Organização Sanitária, qual era o tipo de trabalho que o sr. se envolveu quando saiu...?

WS - Eu tinha os programas lá da divisão que não eram poucos, não é mesmo? Eh... Eram quatro... cinco divisões. Quatro ou cinco divisões, não é mesmo?

WH - O sr. continuou...

WS - Com o programa... Continuei com...com os trabalhos da Divisão. Só, só com... só o programa de aparelhamento de... das Secretarias de Saúde...

WH - Já era...

WS - ...já era uma coisa... bastava esse! Não é? Ma... material... o... móveis padronizados, entendeu? É... Nós estávamos partindo pra padronização de laboratórios. Criar laboratórios nos estados (tosse) para controle de... alimentos, controle de medicamentos e tal etc.

AA - Quer dizer, a parte material e a parte de normatização também?

WS - É, também. Tudo era...

AA - E indiretamente de formação de pessoal também, né?

WS - Também, também.

AA - Que tavam ligados ao que o DNS fazia.

WS - É...é...

AA - ...de cursos...

WS - Havia um programa para o preparo de pessoal que era feito no DNS. Naquele tempo não havia ainda é... Escola de Saúde Pública, né?

WH - O sr. chegou a dar aula na Escola, né?

WS - Cheguei. Cheguei.

WH - O sr. podia contar essa sua experiência...?

WS - Hem?

WH - ...na Escola?

WS - Foi muito pequena, né? Muito pequena. Eu nem sei que... Porque eu tinha na...na... no meu currículo aí, têm vários anos de ensino de Administração Sanitária, não é mesmo? Então, essa era uma cadeira importante e correspondia isso àquela seção de administração do, da DOS.

WH - Da DOS, claro.

WS - Entendeu? Então, era nesse sentido que eu...que eu trabalhava, né?

WH - Nesse tópico de Organização Sanitária, dr. Walter, qual era o conteúdo desse...dessa matéria, desse tópico? Nos cursos. No curso da ENSP... O sr. deu esse curso em vários...várias instituições, né?

WS - Não, não. A...o... no...no...nos estados, no curso, no cursinho de sanitarista que o Barreto criou nos estados...

AA - O que ele chamava de Curso Intensivo, né? Curso Intensivo de Saúde Pública.

WS - É. Intensivo, intensivo. Aí eu dava Nutrição. Não era Administração Sanitária. Dava Nutrição.

WH - Não, mas eu digo, Administração Sanitária.

WS - Mas nesse eu não... havia o curso no DNS, né? Que é... o... o titular era Olímpio (Ramaz?) de Soares, entendeu? Eu era o...

AA - O assistente.

WS - ...o assistente dele. E que é..., nas faltas dele, naturalmente eu dava e...

AA - Esse plano de Organização e Administração.

WS - Isso aconteceu... de Organização Sanitária, entendeu?

WH - Quer dizer, Nutrição é que foi o curso que o sr. deu em vários estados, né?

WS - Nutrição é que eu dei, eu dei nos estados, não é?

AA - Nos estados, nas escolas de enfermagem também.

WS - Nos estados... nas escolas de enfermagem... Aliás, na escola de enfermagem Alfredo Pinto era...era diferente. Porque alimentação em Saúde Pública, era sentido preventivo. Então, ensinar a se alimentar para se nutrir, entendeu, para naturalmente reforçar as defesas orgânicas contra doenças, não é mesmo? Na Escola Alfredo Pinto, eu dava também, dietética, eu dava dietoterapia também, entendeu? Porque é pra doente. É diferente.

WH - Era alimentação pra cura, né? Já era diferente, né?

WS - É pra cura. É pra cura. E também, a... alimentação é... a... o... o preparo da alimentação. Havia uma cozinha. Aliás tem uma fotografia com as meninas e tal etc. Havia uma cozinha. Então, eh... esta... esse programa era interessante que, porque a...a... uma das provas, entendeu, práticas...

Fita 20 - Lado B

WS - ... se encarregava de botar a mesa. Então, tinha que saber botar a mesa. Tipo de toalha, de... eh... talheres e louça... etc, entendeu? Outro grupo, eh... fazia carnes. Outro grupo ficava encarregado de, eh... vegetais, não é? Outro grupo ficava encarregado da limpeza do fogão. Então, nesse dia, eram convidados professores e diretores pra... para participar da... do almoço, entendeu?

WH - Boas cobaias.

WS - Hem? (risos) Boas cobaias. (relógio) Então aí já era mais... o ensino já era mais complexo, não é? Separar a parte de... preventiva da cura, né?

WH - O sr. se aposentou quando, dr. Walter?

WS - 1973, que eu me lembre.

WH - O sr. continua trabalhando na...

WS - Continuei. Eu continuei com as câmaras... Não! Antes eu me aposentei em Brasília e o ministro achou que eu devia continuar. Então, fui contratado pela...pelo sistema CLT. Entendeu? Mas...

WH - Hum! Isso já com o Paulo Almeida Machado.

WS - Com Paulo Machado. E continuei fazendo a mesma coisa com ele, entendeu? E diretor da Divisão de Organização Sanitária. Pelo seguinte, quando ele insistiu para eu ficar, que eu não queria ir pra Brasília, não queria ficar em Brasília, eu estava em Brasília presidindo um inquérito que tinha sido aberto no (INAM?), entendeu, contra um diretor que era um secretário do Itamarati. Era um homem, um homem de prestígio e com grandes ligações no Planalto e tal etc. Bem, então, eu fui para Brasília para presidir esse inquérito.

WH - Era um inquérito administrativo?...

WS - Administrativo.

WH - ...De desvio de verbas?

WS - Não! É.

WH - É?

WS - É. Um problema tremendo. E, quando eu fui, já havia outro ministro. Porque quem me nomeou foi o Mário Lemos, porque eu tinha prevenido a ele: “Olha, problemas no INAM...”, de... de onde eu era, eu era representante do Ministério no Conselho. “O negócio vai muito mal. E o ministro, você...”, porque era o meu colega o... o Mário Lemos, né?

WH - É. O sr. falou que era amigo da sua família, pessoal.

WS - É. Muito amigo! Muito amigo pessoal. E eu dizia a ele: “Olha, se você não abre o inquérito agora, o próximo governo vai abrir e você vai se... vai ficar comprometido porque o INAM está vinculado ao Ministério. E o Ministério não pode ignorar os problemas que estão havendo lá.” E ele disse: “Ah, mas fica muito feio, agora no fim do governo do Geisel, aparecer isso.” Eu digo: “Mas eu acho que o pior vai ficar depois.” Né?

WH - Do governo Médici, né?

WS - Do Médici não. Do... do...

WH - Costa e Silva?

AA - 73...

WS - Não! Do... O alemão, como é? (ri)

WH - Geisel.

WS - Geisel. O Geisel.

WH - Não. O Geisel nomeou o Paulo Almeida Machado. Paulo Almeida Machado é que acompanhou o governo Geisel. Mário Machado de Lemos, acho que um pouco antes. ... 73

WS - Ah, sim! É, sim. Eu tô falando do... do... sim...

WH - É. O sr. tá falando ainda do Mário Machado de Lemos, né?

WS - Justamente, justamente. Do Mário Lemos, que era meu amigo e tal. Bem. Então,...

WH - Foi antes, foi ministro antes do Paulo Almeida Machado.

WS - Foi, foi anterior. E um bom ministro sabe. Então, ... Bom. Porque eu ia e ficava em Brasília uma semana, quinze dias, entendeu? Mas, vinha embora pro Rio. E ele me insistindo sempre pra eu ficar, pra eu ficar, pra eu ficar... “Ora!” eu digo, “Bobagem!” Era o... Mário Lemos. E Mário Lemos então, sai, entra o...o... Geisel, o Mário Lemos me telefona de São Paulo lá pra casa: “Rapaz! Vai para Brasília, que vo... (ri), você é o... é o presidente da comissão de inquérito.” “Mas agora, meu Deus! Como é que eu vou pra Brasília... Brasília? O pessoal tá todo em Brasília...”. Porque novo governo. O... os hotéis todos ocupados por jornalista, por...por

político. Então, não havia possibilidade de eu ir pra lá e fazer alguma coisa. Eu deixei passar esse tempo então me apresentei, me apresentei ao novo pres..., ao novo ministro, que era o...o... Paulo...

AA - ...de Almeida Machado.

WS - Paulo, é. Pedi uma sala a ele. Ele me deu, uma sala lá isolada e eu comecei a minha vida lá, não é, pro inquérito. Mas toda hora ele me tele...me... me solicitava para consultar sobre problemas e tal. Porque tinha vindo do IMP... lá, do Instituto lá do Amazonas...

WH - Do IMPA.

WS - O IMPA.

WH - É.

WS - E, e não estava entrosado com o Ministério. Não é?

WH - Ele era, era médico...

WS - Era médico.

WH - Era sanitarista?

WS - Não, não. Não era sanitarista.

WH - Ele era pesquisador mesmo?

WS - Era pesquisador mesmo, é. E então, é... ele com... insistiu, insistiu, mas insistiu de tal maneira que depois eu aceitei, né? Mas, é... eu fui lá justamente para fazer esse inquérito que eu levei a cabo, entendeu, e com a demissão do camarada do Itamarati, entendeu?

WH - O sr. provou que havia...

WS - É. Ele foi demitido pro bem do Serviço Público.

WH - Como é o nome dele, o sr. lembra?

WS - Olha, não me lembro do nome dele não, sabe? Não me lembro mais do nome dele não. E ele era secretário, né, do Itamarati, que era um cargo importante. E ele não tava levando muito a sério a... o inquérito que nós estávamos fazendo não. Porque ele se julgava com uma proteção bastante grande do Planalto. Mas a coisa não funci... não funcionou como ele queria não. Ele foi demitido e soube isso pela Hora do Brasil. (ri) Foi uma coisa tremenda, né? Foi demitido a bem do Serviço Público, entendeu? E a propósito de quê, que eu estou falando isso? Que eu...

AA - Foi a propósito da sua relação com o Paulo de Almeida Machado, né?

WS - Ah, sim!

AA - Da sua permanência no Ministério.

WS - É, é... Aí então...

AA - Daí então, o sr. ter sido...

WS - ...Paulo de Almeida Machado, uma ocasião, ele tinha trazido com ele dois assessores, não é, que parece que trabalhavam com ele no IMPA, entendeu? E um dos assessores tava lá com ele. Eu entrei... a... a chamado dele e ele me pôs a brios e disse: “Ô Walter e tal! Vamos fazer um apelo mais uma vez pro sr. é... organizar aqui meu gabinete, chefiar.” E eu digo: “Mas ministro, eu já disse pro sr. que eu vou me aposentar agora e meus vínculos estão lá no Rio. Minha família, minhas coisas estão no Rio. De modo que eu não tenho nenhuma... propensão de ficar em Brasília.” “Ah, mas o sr. é do Ministério. O sr. tem obrigação de me ajudar porque eu não sou do Ministério. O sr. faz o seguinte, o sr. traz sua mulher. Eu tenho um apartamento aqui...”. Cada ministro tem um apartamento pra hóspede, né? “O sr. fica quinze dias com a sua mulher no apartamento. No fim de quinze dias, se não quiser então, paciência.” Eu achei que estava me valorizando demais, sabe? Achei que eu devia ser mais humilde, entendeu? E, resolvi aceitar. E assim fui parar lá.

AA - Na chefia do gabinete?

WS - É. ... Ah, bom! Mas eu aceitei, sob condição. Aí é que a sua pergunta. Eu disse: “Ministro, eu vou me aposentar e há uma lei que determina que quando o funcionário permaneceu mais de dez anos na chefia de um órgão, ele, na aposentadoria, ele leva essa gratificação. E eu não posso, não posso perder isso. Se o sr. me...me nomear para chefe de gabinete eu vou perder a...a..., vou interromper e vai me prejudicar, quer dizer, não vou poder...” “E há outra forma?” Eu digo: “Bem, há uma outra forma. O sr. me designa para responder, responder pelo gabinete.” (sirene)

AA - A notação ficava lá e (??).

WS-E ele fez. (Continua o barulho da sirene) Então, eu continuei diretor da Divisão de Organização Sanitária, entendeu, até me aposentar. E chefiando o gabinete do ministro. Entendeu? E aí, aí eu me aposentei. Entendeu? Me aposentei justamente...

WH - Depois que o sr. saiu do...do gabinete do dr. Paulo.

WS - Hein? Não.

WH - Depois que o sr. saiu do gabinete...

WS - Não, não! Eu me aposentei na época em que eu estava respondendo por...

WH - Ah, sei!

WS - Entendeu? Porque eu não cortei o vínculo com a Divisão. Eu continuei diretor. Apenas, as duas coisas. Eu era diretor, mas ...

WH - Responsável...

WS - Responsável pelo gabinete.

WH - Aí o sr. deixou a direção, se aposentou, mas continuou responsável...

WS - Com a... da mesma coisa. (ri) Continuei da mesma maneira. Quer dizer, fui contratado pela lei, a lei... o sistema, não é, CLT, entendeu? E continuei exercendo a mesma coisa. Continuei diretor da Divisão e continuei respondendo pelo...

WH - Agora, nessa época, dr. Walter, começa um... quer dizer, uma coisa que os governos militares trazem muito, eu queria saber a sua opinião pessoal, é a questão de planejamento, não é, que começa a entrar dentro do discurso do governo e dos Ministérios, né? Tem o... Se cria a Secretaria de Planejamento, o Ministério do Planejamento, né? Tem o Reis Veloso. E eu queria saber como é que o sr. é... vivenciou porque o dr. Paulo Almeida Machado tá no Ministério, o sr. tá com ele nessa época que começa a entrar na área da saúde toda essa questão de planejamento, dessa necessidade de planejar, de fazer programas, de projetos. Como é que o sr. vê essa..., como é que o sr. viu essa...

WS - Bom! O... Eu... eu já...já tinha conhecimento da Escola Superior de Guerra, não é mesmo, em que cada ano se faz um planejamento pro Brasil, entendeu? De modo que não era, pra mim, não era desconhecido. Então, entrou na área, civil isso, não é, o planejamento. Agora, ocorreu uma coisa muito interessante e trágica. O seguinte, o Itamarati, entendeu, tinha uma se... secretaria, um secretário executivo. ... O ministro era substituído, mas o secretário executivo, nunca. Que era pra dar continuidade àquelas atividades ligadas ao exterior, etc. Ele estava a par de tudo isso. Substituí o ministro nas suas eventuais eh... saídas, entendeu? Então, resolveram com essas... títulos de...de reformas e etc, criar um secretário executivo pra todo o Ministério. Secretário geral aliás. Secretário geral. (ri) Acontece que, saiu o ministro e sai também o secretário geral! Aquilo...

AA - A continuidade...

WS - A continuidade não existe.

AA - Nenhuma.

WS - Entendeu? Quer dizer, foi um negócio triste, não é? Criar uma figura, porque afinal de contas, é de uma importância muito grande pra continuidade das atividades de um Ministério, porque é um homem que está ao par de todo o movimento, não é, das atividades do Ministério, compreendeu? E no entanto, quando sai o ministro, também despedem o secretário geral. Quer dizer, fica um... fica uma confusão muito grande, entendeu? Porque perde a unidade. Perde a unidade. E isso tem sido, realmente, um...um motivo de confusão nos ministérios. Nosso ministério então, isso é uma coisa tremenda, porque entra um ministro que não está, não está entrosado com as atividades do Ministério, entendeu? Não é? É um jornalista, é um deputado

da Comissão de Finança da Câmara, é... Que não tem nada que ver com... Não é mesmo? Vai pro Ministério, entendeu, nomeia um secretário amigo dele. Geralmente é...é... é ligado ao plano eleitoral, entendeu? E que... não tem...não tem nenhuma facilidade de comunicação com o resto e por isso mesmo, não tem a capacidade de saber se o elemento... os elementos são bons ou são maus. Não tem! Não tem realmente, um critério de avaliação, entendeu? Coloca gente nova, que não funciona, entendeu? E é uma balbúrdia dentro nos ministérios, entendeu? Os ministérios passam a funcionar politicamente na base do “p” pequeno. Entendeu?

WH - Na época do Paulo Almeida Machado funcionava assim também?

WS - Hem? Não. Não funcionava assim não, entendeu? Porque eu fui pra... pra chefia do gabinete, entendeu, e eu controlava doze a... assessores. Doze, doze assessores. Por isso mesmo que eu insisti com o Bichat Rodrigues, que estava na Panamericana com o programa da va... da malária, eu insisti com ele pra que ele viesse para o Brasil, porque eu precisava dele para, no Ministério, ao invés do ministro, esses doze sec... esses doze assessores despacharem com o ministro, despachava com um... um... com um assessor chefe, vamos dizer assim. Que seria o Bichat, que era uma pessoa de vasto conhecimento de Saúde Pública, entendeu? E então, já aliviava. Porque eu, quando em conversa com o ministro, eu disse: “Ministro, nós aqui no Ministério, podemos solucionar 80% dos problemas. Ficariam 20% pro sr. defender o Ministério lá fora, entre os ministérios.” Porque havia um programa de reuniões... Eu esqueci o nome desses...desses... dessa sistematização que eles a... que na época foi estabelecido. Reuníamos os ministros, entendeu, de...de espaço em espaço, para, entendeu, é... exames dos grandes problemas que ocorriam no país, entendeu? E aí, muitas vezes precisava o ministro defender a área dele, entendeu? Então, lá é que ele devia estar e não no...no gabinete a...a... despachar papelzinho e coisa etc. Foi minha combinação com ele. Mas, eu tava contando com o Bichat, porque eu digo: “Tá, o Bichat... Bichat pega esses assessores, entendeu? Faz eles funcionarem lá nas suas áreas. Despacha. Ele despacha com o ministro. É um só, entendeu? E a coisa assim, vai bem.” Isso aconteceu. Eu trouxe o Bichat. Bichat foi pra assessoria. E, depois quando eu saí, ele passou inclusive, pra é... coordenador regional, uma coisa disso, no sul.

AA - É porque nessa época existiam essas coordenadorias regionais de saúde. Né?

WS - Region... É, regional... perfeito.

AA - Foi criado na...da época do Paulo Almeida Machado, né?

WS - É, naquela época. Perfeito.

AA - Com a reforma de 74.

WS - É. E ele, ele ficou com a do Sul. O Bichat.

AA - E as coordenadorias, elas eram seguindo a mesma linha das delegacias, eram em substituição às delegacias federais de saúde? Porque nesse momento elas...

WS - Não! Não. Bom...

AA - Parece que elas coordenam as delegacias. Elas estão superiores, vamos dizer assim.

WS - É, é. O... já tinha, ha... havia, nessa época, uma...uma... ... um desejo de modificações, entendeu? Reformas. Era a época das reformas. E, já havia idéia até de eliminar as delegacias federais de saúde, compreendeu?

WH - Por que queria se eliminar as delegacias?

WS - Idéias. Idéias!

WH - Elas não funcionavam mais? Não respondiam ao papel que elas tinham originalmente?

WS - Na realidade, a delegacia que funcionava melhor, era a da 5ª Região, que era Gilberto...

AA - ...Costa Carvalho.

WS - ...Costa Carvalho. Que se matou por causa dessa delegacia, entendeu? Ele realmente, sofreu muito, porque as delegacias quase não tinham verbas. A delegacia da 6ª Região que era...que era salvador, na época em que eu era... era... chefe da Região Leste-Setentrional de Malária. A delegacia vivia de recursos dos serviços nacionais, entendeu? Vivia de pires na mão, entendeu? Horrível, não é? Não pode funcionar assim direito, né? Então, havia, a coisa estava é... estava em ebulição para reformas, o IMPEA tava metido no meio e...

AA - O IPEA?

WS - IPEA, é.

AA - De Planejamento.

WS - É. E, pouco depois, veio a...a... a reforma do Ministério, né? Que ficou completamente diferente do que estava. Entendeu?

AA - Isso o sr. tá falando da reforma em 74 mesmo?

WS - Hem? No Ministério.

AA - Pois é, no Ministério da Saúde em 74. Porque teve duas grandes, né? Uma em 74 e uma logo depois, em 76 também...

WS - Não! Não, não, não...

AA - ...que aí se criou a Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária. Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde.

WS - Não, não... Isso, essa foi antes.

AA - Essa é de 76.

WS - Essa é de 76.

AA - O sr. tá falando dessa de 74 com Paulo de Almeida Machado...

WS - Essa de 74 com Paulo de Almeida Machado.

AA - Aí as coordenadorias gerais de saúde...

WS - Perfeito, perfeito! Então, eh... em seguida veio também o desejo de modificar o quadro, entendeu? Em que o...o ministro me encarregou de estudar o quadro de pessoal do Ministério, no quadro... o quadro de... de pessoal de saúde, né? É. E, com umas idéias que eu não simpaticizava muito. Porque a equipe de saúde é complexa: você tem um médico, você tem enfermeira, você tem o engenheiro sanitário, você tem a educadora, não é? Enfim... Então, a idéia era meter tudo num quadro com o título de sanitarista e eu... não sei...

AA - O sr. discordava.

WS - Eu não me... eu me escusei disso, né, e passei pro Bichat. Eu digo: “Vou sair desse negócio, é muito, me...” Não tava também muito satisfeito com as idéias do secretário geral da época, entendeu?

WH - Quem era, o sr. lembra?

WS - É esse que está aí agora! Seixas!

WH - Seixas.

WS - É o Seixas. Entendeu?

WH - O que que o sr. não concordava com ele?

WS - Hem?

WH - O que que o sr. tinha de diferente com ele?

WS - Não concordava pelo seguinte, o pessoal de São Paulo, pelo menos na época, não conhecia o Brasil. Entendeu? Eu digo isso pelo seguinte, porque um grande pesquisador paulista, cujo nome não me recordo agora. Velhice é horrível por causa disso, não é? Tira a memória da gente.

WH - Samuel Pessoa?

WS - Samuel Pessoa. Samuel Pessoa foi contratado pelo dr. Amílcar Barca Pelon, que era diretor da Divisão de Organização Sanitária, para fazer pesquisa no Ceará sobre leishmaniose. Depois ele fez uma declaração, entendeu, em que a gente via perfeitamente, que ele não conhecia o Brasil, entendeu? Porque o pessoal de São Paulo é privilegiado, não é mesmo? Eu já disse anteriormente que, em determinada época eles ganhavam muito bem. Os professores...

com um nível de vencimento bastante elevado, todos lá muito satisfeitos e coisa e etc. Aí é que, não saíam de lá. Pra quê? Estado mais rico do país. De melhores condição de estudo, de vida, enfim... Não é? Beneficiado...beneficiado inclusive, na parte de...de educação com verba astronômica de fora, né, para universidade e etc. De modo que, não tinham porque sair de lá. Quer dizer, quem saía de lá eram os pobrezinhos como eu e outros, não é mesmo, que iam pro Ceará, ia lá pro Pará, pra coisa e etc. Pras zonas mais pobres, né? Quer dizer, então eu achava que...

AA - O Seixas estava com uma idéia distanciada da realidade?

WS - Achava eu. Não é mesmo?

AA - Tem alguma em especial que o sr. se recorde...?

WS - Não, não.

AA - Alguma idéia que o sr. discordava assim...?

WS - Não, não.

AA - ...De uma proposta...?

WS - Não, não. De uma maneira geral, eu discordava com tudo. Porque o Almeida Machado fazia uma coisa interessante, talvez copiado da velha Grécia, né? Ele, ele dava jantares na residência, compreendeu? Convidava os técnicos e suas mulheres e então... Mas as mulheres ficavam lá falando de coisas, né, de empregadas e coisa e tal. (risos) E os homens iam pra beira da piscina, tinha... levava a cadeira pra discutir saúde. Entendeu?

AA - Ah! Se tivessem levado as mulheres as idéias iam ter sido muito (?). (risos)

WS - Pois bem, era o Clube dos... do Bolinha, né? E então, nessas ocasiões de discussão, entendeu, eu geralmente ficava sozinho.

WH - Deixe eu só eu...

Fita 21 – Lado A

AA - O senhor diz que nessas reuniões (A partir daí a entrevistadora e o entrevistado falam juntos esse pedaço), o senhor acabava ficando meio isolado.

WS - Nessas reuniões eu ficava sozinho até os primeiros 5 minutos, depois que ía, o... consultor jurídico (?), tinha a sua, o seu campo bastante... delimitado, né? A área jurídica; tinha o, o a SUCAM, que era o, que tinha o chefe que, sobre o qual eu fazia restrições, porque era muito adulator e... o resto era o Seixas, era o epidemiologista também de São Paulo, era um acessor de São Paulo, entendeu? Que a gente começava a discutir as coisas e etc., e (faz um estalo com

a língua e o céu da boca) eu tinha uma opinião diferente, né? De modo que era muito “cacete” isso pra mim, né? E, eu dizia isso ao Ministro, né? Eu digo: “Eu não gosto da minha situação, é uma situação horrível”, né? E eu concluí depois que eu tinha razão, porque, quando o Ministro saiu, Paulo Machado saiu, uma ocasião ainda no período de posse do outro e tal, ele mandou me chamar, aqui no Ministério da Avenida Brasil, né? Eu achei muito curioso, muito curiosa esse convite, porque ele, ele..., queria, se ele queria o meu serviço em alguma coisa, ou iria me depôr. (ri) Não, porque afinal de contas já não estava, ele já não era mais Ministro e eu estava pouco ligando, não é? Quando fui ao andar em que estava o Gabinete e entrei no Gabinete, ele estava sozinho, não tinha nenhum, ninguém secrete, secretariando nem nada, ele estava lá sentado; me chamou, sentei e começamos a conversar. E ele disse: “Dr. Walter eu lhe, eu lhe chamei para agradecer a sua, a sua participação no meu Governo e tal, e lhe dizer que o senhor foi um, um dos poucos amigos que eu tive lá.” Então eu concluí, no meio de tanta gente importante e coisa lá, concluí que ele depois chegou a conclusão que aquela, aquele enleamento, aquela coisa que se formava era apenas fictício, não era coisa séria, entendeu?

WH - Que tipo de discordância o senhor tinha, dr. Walter?

WS - Por exemplo, por exemplo, uma ocasião tava se discutindo e o chefe do, da SUCAM deu a idéia de federalizar o gover, o, o sistema de saúde e eu aí ri. Então eu disse: “Olha meu filho...”, ele era muito mais moço do que eu (ri). Eu disse: “Olha meu filho, você lembra uma coisa que afinal de contas não pode ocorrer no Brasil mais. Porque nem Oswaldo Cruz, com a força dele conseguiu isso. Ele quis implantar realmente um serviço vertical, mas a Constituição não deixa isso e barra, só mudando a Constituição. Eu acredito que nunca mais na vida isso é possível. Você vê agora o que está acontecendo pro Governo mexer nesses tais impostos em que o Estado tem participação e coisa, etc. O Governo Federal não encontra apoio, porque os Governos Estaduais têm muita força e, quando eles se unem é muito difícil, o Governo Federal, ganhar.” Entendeu? Então eu disse pra ele: “Olha Oswaldo Cruz com toda a força dele não conseguiu isso (ri), não é você com, com, aconselhando o Ministro pra ele se meter numa, numa aventura dessa natureza, né?” Que não é possível isso. Então essas coisas tudo, todas, que afinal de contas são do conhecimento das pessoas que lêem, não é mesmo? E que mostram que a pessoa, as pessoas não conhecem o país, entendeu?

WH - Agora, com esses desentendimentos o senhor foi ficando à margem no Ministério...

WS - ...não, não.

WH - ...ou o senhor sempre teve...?

WS - Eu, eu com essas coisas, entendeu? Eu, eu, eu, eu, tentei três vezes vim me embora; porque eu tava querendo vim me embora, porque eu tinha me aposentado, entendeu? Estava querendo sair de Brasília, ou por outra, ou eu saía de Brasília, ou eu passava a morar em Brasília numa cidade satélite, buscar minhas coisas todas e fazer uma casa com uma biblioteca boa e tal e, ficar lá no mato, entendeu? E tal, era a minha idéia. Mas a primeira reação era ir embora; porque realmente eu trabalhava muito, eu ficava, eu era o último a sair do Ministério, eu era o primeiro que chegava. Eu substituí o Ministro umas duas ou três vezes em viagens, entendeu? O, toda substituição do Ministro, entendeu? O carro dele ficava na minha garagem, o segurança dele ia

dormir no meu apartamento, entendeu? Um negócio horrível! E, eu trabalhava muito, eu tinha que fazer roteiro, toda vez que o Ministro viajava, eu tinha que fazer roteiro de ida e de volta, estar atento com o aeroporto lá oficial, né? Então uma coisa tremenda, sabe, um dia isso cansa. E queria realmente não estava satisfeito. Se, se no serviço eu estivesse satisfeito, ainda era bom, mas não estava satisfeito por essas, é..., esses detalhes que eu acabei de..., né? E... .. a última vez que eu fui ao Ministro e roguei pra vim embora, ele me escreveu uma carta, eu tenho aí a carta. A carta não passou pela datilografia, à mão, entendeu? Dizendo que eu não fosse, que ele precisava de mim, não sei e tal, não sei pra quê, entendeu? E me... E eu ficava conduído daquilo, eu digo: “Puxa, esse camarada tá me dando um valor que eu não tenho, puxa vida”, né? Né? E ao mesmo tempo tá dando atenção a uns camaradas aí, que são completamente aluados, né? Então, um belo dia eu vim me embora, simplesmente vim me embora, entendeu? Vim me embora pro Rio. Eles não deixam, eu venho sem (ri). Eu tô aposentado (ri, fazendo, também, um barulho com as mãos), não é mesmo? Eu vim me embora pro Rio, mas não levou muito tempo não, muito tempo depois. Houve a, houve a mudança de governo...

WH - O senhor saiu já no final quase, então?

WS - Quase final, é.

WH - O senhor ficou quase...

WS - Quatro anos.

WH - Quatro anos trabalhando.

WS - É!

WH - O dr. Bichat ficou também esse tempo todo?

WS - Ficou. Não, não, o Bichat... Ficou, quase é, ficou também, porque foi quando eu tava organizando o Gabinete...

AA - Que o senhor teve essa idéia de...

WS - Que eu chamei, foi justamente. E ele continuou lá, porque ele era da, era chefe da regional do Sul, entendeu?

WH - Ele tava mais em Pernambuco, mais em perdão...

WS - Não, não, não era dessa.

AA - Mais em Curitiba.

WH - Curitiba.

WS - Curitiba que...

WH - Tava mais lá em Curitiba.

WS - É, é.

WH - Ah, tá!

WS - Porque em Curitiba tá o filho, que é médico.

WH - É, ele mora lá até hoje, né?

WS - Ele foi pra lá, é, é . Ele casou-se com uma enfermeira.

WH - Wanda, o nome dela.

WS - É, é. Ela tem um filho que é, é, quase da idade de uma filha dele (ri).

AA - Eu queria só aproveitar hoje que o senhor falou desse superintendente lá SUCAM e tal. Eu não queria falar sobre ele especial, não, eu queria falar sobre a SUCAM mesmo; como é que o senhor viu a criação da superintendência, o senhor que participou de tantas campanhas, a campanha da Malária, a campanha do bócio e tal; a idéia e a prática, quer dizer, no que que implicou a criação da superintendência na campanha de 70?

WS - Ah! Pelo seguin...

AA - Foi positivo?

WS - É o seguinte, é que o Ministério achava o seguinte, que o número de Estados, né? Com poucos recursos para atender aos seus problemas, entendeu? Tinham condições para, para custear esses serviços, entendeu? A maior parte deles viviam de verbas do Ministério, por outro lado, o serviço vertical, com, com seus padrões, etc, ficavam muito mais baratos.

AA - Estilo Serviços Nacionais?

WS - É, Serviços Nacionais, entendeu? Então, era muito mais, é barato e muito mais eficiente que o Governo fizesse convênio com o Estado e executasse o serviço, não é mesmo? E era isso que era feito, não é? Porque o Estado que realmente executava seus serviços, dentro das normas do Governo Federal, era São Paulo, não é? Tinha condições de...

AA - Bem, podia ser quase que autônomo...

WS - ...autônomo, que ele é...

AA - ...nessa...

WS - É, lá não tinha SUCAM, não tinha Serviço de Malária, não tinha...

AA - ...nada entrava.

WS - Não tinha nada, não é? Esses serviços, como eu disse já de, desde de início eram tanto mais é... volumosos e ativos, quanto menos estrutura um Estado tinha...

AA - O Estado tivesse.

WS - Entendeu? Quer dizer, ele substituíá.

AA - Substituíá. Mas essa lógica de integração e substituição nos Estados, a SUCAM continuou tendo?

WS - Ah! Bom.

AA - A superintendência?

WS - Então no Ministério, entendeu? Chegou-se à conclusão de que... estes Serviços Nacionais (?) Serviços Nacionais, se existisse um órgão que executasse, seria mais, seria menos oneroso, entendeu? Daí foi, daí foi criado a SUCAM.

AA - E na prática, o que o senhor viveu ali no Ministério, que o senhor percebia, né? O senhor sendo uma pessoa que tava ali ativa...

WS - É!

AA - ...ali dentro do Ministério, foi eficiente?

WS - Foi eficiente, foi, foi, foi eficiente sim, foi eficiente.

AA - Quer dizer, dentro dela ficou Malária, Doença de Chagas.

WS - É, é... aquilo que era...

AA - Peste, Febre Amarela, Filariose...

WS - Aquelas coisas que eram servi... que eram Serviços Nacionais e, mais aquelas doenças para os quais não havia serviço, estavam com a Divisão (??) de Saúde (esse pedaço o entrevistado e a entrevistadora falam juntos, rápido e para dentro), passaram todas para SUCAM.

AA - E o senhor acha que esse nível de integração permaneceu...

WS - ...eu acho...

AA - ...conseguiu atuar nos Estados?

WS - Eu consegui..., eu acho..., eu..., e..., eu achei muito bom, entendeu? Muito bom, porque invés de ter múltiplos serviços, cada qual com um diretor, coisa etc, cada qual com sua sede

(durante esse trecho, houve-se um barulho que parece ser o de uma busina), tivesse um, você eliminava muito de, não é? Muita despesa, não é?

WH - A SUCAM ficou esvaziada, não ficou não?

WS - Quem?

WH - A SUCAM, não ficou esvaziada? Na época que o senhor tava com o Paulo Almeida Machado, não era uma instituição já...?

WS - Não, não, não, pelo contrário.

WH - É?!

WS - A, a, esse superintendente..., entendeu? Era um, uma pessoa que não saía da casa do Ministro, entendeu? E sempre a SUCAM, teve a idéia da independência, sempre ele marchou no sentido da inde..., de independência.

AA - Independência aí quer dizer ficar um órgão diretamente vinculado ao Ministério?

WS - É, ao Ministro.

AA - Ao Ministro.

WS - Ao Ministro.

AA - Foi o que ele conseguiu depois de 74, né?

WS - É, entendeu? Então, sai pra Fundação; é o tipo, foi o que aconteceu com o Instituto Oswaldo Cruz, né? Não quero entrar em detalhe, vocês são de lá. (Ri). Não quero entrar no detalhe.

AA - É, porque você não fica vinculado à Secretaria nenhuma, você fica vinculado direto ao Ministro, né?

WS - Direto ao Ministro, é.

AA - Porque até 74, ele estava vinculado à Secretaria de Saúde Pública.

WS - É, não, mas a maneira como se fez a coisa, entendeu? (Ri)

AA - Isso o senhor tá falando pra FIOCRUZ, né?

WS - Da FIOCRUZ (ri), entendeu?

AA - Mas se o senhor quiser entrar em detalhes não tem problema nenhum não (ri). Muito pelo contrário.

WS - Não, não, não quero não. Então...

WH - Se o senhor quiser falar da sua opinião...

AA - ...pois é, da sua opinião, não tem problema nenhum...

WH - ...sobre a maneira que foi feita, o senhor tem toda...

AA - ... tem toda a liberdade.

WS - Não, não, não... Mas não tenho, não tenho nisso...

WH - A gente não tem compromisso com, com...

WS - Não, mas eu não, não quero entrar em detalhes, não porque tenha alguma coisa de falso, não. A maneira dirigente, entendeu? de se armar a maneira de..., você sabe que o, já houve um tempo que queriam fazer uma universidade, não é? No, do Instituto Oswaldo Cruz, fazer uma universidade, que eu acho um absurdo, né? O Instituto Oswaldo Cruz num..., absolutamente, nunca deveria partir pra uma coisa dessa, porque é uma instituição, é... das mais gloriosas para o país. Uma instituição de, de, de, de, de padrão elevadíssimo, entendeu? Não pode agora, de uma hora pra outra virar uma universidade; tanta universidade aí, universidade(zinha) de, de, de municípios, não, não dá, né? De modo que precisa a gente saber respeitar, o que Oswaldo Cruz fez, não é? Puxa! Ele elevou o nome do, do país de uma maneira tão bela, não é? No Congresso Geral do Mundo, não é? Ficou respeitado; agora sair pra uma universidadezinha, ... coisa de jerico, né?

WH - Agora, na década de 70 foi transformada em Fundação, era o Rocha Lagoa que...

WS - Eu sei, eu sei disso, eu sei...

WH - O senhor estava na DOS, nessa época?

WS - É, é...

WH - O senhor podia contar o que o senhor...?

WS - Não, não. (Alguém ri ao fundo)

WH - Eu vou lhe pedir de novo.

WS - Não, não...

WH - Porque pra nós é importante.

WS - Não, não, não.

WH - Não! O senhor não quer.

WS - A Fundação...

WH - ãh!

WS - ...a Fundação era a Escola, não era?

WH - Era a Escola e o IOC.

AA - E o IOC também.

WS - O quê?

AA - O Instituto.

WH - O Instituto Oswaldo Cruz, né?

WS - Não, não era não. O Instituto Oswaldo Cruz não era Fundação, não.

WH - Ah! Perdão, a Escola era uma Fundação.

WS - É!

WH - É isso, a ENSP, né?

WS - É, mas o Instituto, não.

AA - Não a Escola era Fundação de Ensino Superior...

WS - Sim, pois é, mas o Instituto Oswaldo Cruz, não.

WH - Não.

AA - O IOC, era o IOC, tava autônomo, separado, né?

WS - E foi por aí que o Institu..., que o Instituto entrou.

AA - É.

WS - Não é mesmo?

AA - Com certeza quando...

WS - O Instituto entrou por aí, pela Escola de Saúde Pública, entendeu? É, mas quando isso continua a ser grandioso, entendeu? Quando, quando que o pessoal de lá, quando eu via aquele velhinho lá, o, como é o nome dele, meu Deus?

AA - (Mussaché?).

WS - (Mussaché?), eu fiquei... eu digo: “Esse velhinho aí”. A mulher dele foi minha, minha funcionária, ela era, era nutricionista, não é mesmo? (Barulho de sirene) Coitadinha, tão triste porque o marido (ri) tinha, tinha, tava no exílio, né? No (?). Esses velhos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, parece que têm um cordão umbilical preso lá; nenhum dos pesquisadores velhos do Instituto Oswaldo Cruz, quiseram sair de lá depois de, de velhos, continuaram lá, não é mesmo? Eles não saem de lá não, aquilo é a vida deles, entendeu? Isso é uma coisa admirável, né? Formidável, né? (O barulho de sirene continua).

WH - É, formidável. Agora, a Fundação naquela época, o I, o Instituto Oswaldo Cruz, que virou Fundação naquela época, tava bem, passando por uma séris de problemas, né?

WS - Sim! Mas é a administração, filha. Puseram um administrador lá que..., um administrador que deixava muito a desejar. Inclusive, que morava lá mesmo, não é? Enfim, não vamos mexer nisso não.

AA - A gente falou da SUCAM...

WS - Hein?

AA - E aí o senhor tava falando até dessa questão da SUCAM ter como objetivo ficar diretamente subordinado ao Ministério.

WS - É e acabou ficando.

AA - E acabou ficando.

WS - Acabou ficando. É outro Ministério, é outro Ministério, o Ministério ficou se encolhendo, encolhendo, encolhendo e ficou essa porcaria que tá aí. O, meu Deus! Às vezes eu esqueço que... (risos)

AA - Agora, a gente queria lhe perguntar, conversar um pouquinho com o senhor sobre essas reuniões, né? Toda vez que a gente vai marcar entrevista o senhor fala pra gente: “Ah! Não pode ser a primeira quarta-feira do mês não, que...”

WS - É porquê eu tenho...

AA - ...vem a reunião dos sanitaristas.” A gente queria...

WS - É.

AA - ... já que a gente não foi a nenhuma delas, a gente queria ir agora por tabela.

WS - É?

AA - Aí que o senhor contasse um pouquinho pra gente como é...

WS - O que?

AA - ...que é essa reunião.

WS - Não, essa reunião é de, dos velhinhos que gostam de... (alguém fala no fundo: “Dos velhinhos” e ri bem baixinho), os velhinhos que gostam..., que velho só gosta de falar do passado, né? Porque é uma certa compensação, não é? Então...

WH - Como é que surgiu a idéia dessas reuniões?

WS - Hein?

WH - Da onde que elas apareceram?

WS - Bom, essa reunião é comum, é comum. Por exemplo...

WH - Comum como?

WS - ...na Escola Superior de Guerra, o nosso grupo tem... o, mensalmente, ora um almoço, ora um jantar.

WH - Até hoje?

WS - Até hoje! É o grupo de 1996, entendeu?

WH e AA - Mil novecentos e...

WS - 1990, Mil e, mil e... Ué?

WH - 76!

WS - 76.

WH - Que o senhor fez esse...

WS - Não...

WH - sessenta...

WS - Não, 66! 66. Quer dizer, isso é comum a... Engenharia, o pessoal de engenharia tem o..., o... Lima Verde tem o grupo do Pará, que tem, que se reúne para almoçar em determinado dia. (Barulho de buzina) Isso, isso é comum.

AA - Mas, mas alguém teve que puxar essa idéia...

WS - Hein?

AA - ... pra sair, pra convencer os outros.

WS - Sempre há um...

AA - Quem foi que puxou?

WS - Há um, foi o...

AA - A primeira assim?

WS - O Romeiro, né?

AA - O Romeiro?...

WS - O Romeiro, é. Ele é engenheiro...

AA - Engenheiro Sanitarista.

WS - Sanitarista, né?

AA - Da Fundação SESP?

WS - Da fundaçã..., não.

AA - Não, né?

WS - Não, não. Era da SUCAM.

WH - Da SUCAM.

AA - Era da SUCAM?

WS - E ele, então é... aglutinou o pessoal e até hoje a gente se reúne, entendeu? Ora aqui, ora ali, né? Agora a gente se reúne..., mas nunca, nunca vai todo mundo, né? Sempre falta alguns, etc. Então senta, sentamos lá num canto e tal, conversar, cada grupo, um “cochicha” com o outro é... problemas disso, ou aquilo outro e tal, assim. Grupinho e tal, não fala, não é aquele negócio que um camarada fica falando, não. Cada qual num papo, sobre coisas, entendeu? De interesses de família, interesse social deles lá, etc. Entendeu? Não...

AA - E o passado também é muito falado?

WS - Hein? Não, não, não...

AA - Vocês ficam lembrando como é que era?

WS - Ali não, não, não. É só coisa que a gente faz aqui, lá num, num, é muito raro, entendeu? É muito raro, fala-se muito de política, entendeu? É..., mas não se conta história, a não ser uma piada, uma coisa, entendeu? (Riso) E nisso...

WH - [(?) - começa a falar alguma coisa junto com ele]

WS - ...e nisso o, o Lima Verde é doutor, né? Conta piada das coisas que aconteceram.

AA - É bom pra contar “causos”?

WS - É, é bom, é bom.

AA - É bom pra contar “causos”?

WS - É bom, é bom. E tem uma memória boa, porque conta, entendeu? Eu acho isso ótimo, eu acho que cada um devia escrever e tal. Eu e a minha atuação nesse particular é, é escrever coisa sobre o que eu estou fazendo no Estado, entendeu? Se eu estou na Bahia e estou tra, tratando de malária, eu faço a história da, da malária na Bahia. Procuro me informar e tal, entendeu? Negócio de nutrição e tal.

AA - O senhor gosta mais de escrever do que...

WS - Gosto mais de escrever, gosto, mais de escrever. Não gosto muito de falar não, porque eu não tenho memória, né? Escrever a gente faz uma pesquisazinha quando pode e tal e facilita, né? E pra falar é difícil da gente fazer isso, né?

WH - Olha, mas o senhor tá dando uma ótima entrevista pra nós.

WS - Ah! Não diga! Não.

WH - É verdade, a gente tá gostando muito.

WS - Eu tô...

AA - Pra quem não gosta de falar...

WS - Eu tô...

AA - 09 entrevistas, 20 fitas. (Ri)

WS - Mas eu só entrando, eu tô dizendo muita coisa é..., que não acho que tenha muita importância.

WH - Tem sim.

WS - Não, não, talvez porque eu goste muito de História, sabe. Eu sou louco por História, né?

WH - Ah, é!

WS - Ah, eu tenho uma quantidade de livros sobre História, muito boa e, gosto de estudar História, entendeu?

WH - É, o senhor não tinha falado pra gente esse lado.

WS - De quê?

WH - Esse lado, o seu gosto pela História.

WS - Gosto, gosto muito de História. Eu aceito aquilo de que a História é mestra da vida (tosse), porque a vida dos povos é cíclica, né? Até o seu desaparecimento, não é? (?). De modo que quando a gente conhece o passado, não é? E tá vivendo o presente, é possível avaliar o futuro, entendeu? Não como aquele cérebro eletrônico que à medida que vai avançando, o tamanho vai corrigindo a trajetória, né? Mas a gente vai pensando, vai meditando naquilo que fez de errado pra... Por isso que eu digo sempre pros colegas, nós devíamos escrever cada um, entendeu? A experiência da nossa vida na Saúde Pública, que é para esses jovens ler e não incidirem no mesmo erro.

AA - Ou então copiarem os acertos.

WS - Hein?

AA - Ou então copiarem os acertos.

WS - É....

AA - Não é? Aprenderem com os acertos também.

WS - Com os acertos, né? Por exemplo, o, o Bichat tem um bom, tem um bom livro de administração sanitária, não é mesmo? Precisa atualizar, não é? Há uns bons livros de, por exemplo de é... de quê?... De malária, de...

AA - Febre amarela tem aquele que o Odair Franco fez também, né?

WS - AH! Febre amarela, isso é o que eu ía dizer do Aldair Franco, de febre amarela. Muito boa experiência a dele, não é?

WH - Tem o de peste, né?

AA - O de peste, que o dr. Celso conta as histórias da peste que (??)

WS - É, é, é.

AA - E têm as entrevistas que vão virar livros também. (Ri)

WS - É. Bom, mas a, a, interessante que eu, evidentemente eu não, não ouvi as entrevistas, eu li. Mas achei as entrevistas tão boas, tão precisas com data e tal. Aquela entrevista, por exemplo, do, da gente que eu conheci, por exemplo o, é..., é o colega comunista.

WH - Isnard Teixeira.

WS - Isnard, né? Isnard que é uma grande pessoa, é um grande colega, sabe? Sério e tal, sei lá?! O fraco que é o, que é comunista nunca negou, não é? E já sofreu muito por causa disso, mas a entrevista dele é, é extraordinária, ele diz coisas que eu não sabia que tinha, havia ocorrido. A ida dele aos Estados Unidos, convidado, entendeu? Quer dizer, isso importa numa, numa... aprovação das coisas que ele faz, porque ele, ele, trabalhou sempre em pesquisa, entendeu? Sempre ali no microscópio, entendeu? E, ele comunista convidado oficialmente nos Estados Unidos, etc. Você vê como são as coisas?

AA e WH - (riso)

WS - Que extraordinárias, entendeu? Um país que se tem pavor de comunista, né? Pra ver como eles sabem dividir as...

Fita 21 – Lado B

WS - ...E a do Fonseca também, entendeu achei muito boa (barulho do relógio), muito preci, muito precisa e tal, etc., fiquei com uma inveja, digo: “Puxa vida, se eu soubesse fazer um negócio desse”, não é?

WH - O senhor vai ver quando a sua for publicada.

AA - A sua for solta.

WH - Eu queria lhe perguntar, dr. Walter, pra... pra fechar, porque a gente tá concluindo a nossa entrevista, quer dizer, o quê que o senhor, como é que o senhor vê é... hoje, né, o senhor hoje como é que o senhor vê o, o, os jovens sanitaristas e a saúde pública hoje. Eu queria que o senhor fizesse pra terminar o nosso, o nosso trabalho...

WS - ...sei...

WH - ...uma avaliação...

WH - ...certo...

WH - ... da saúde pública hoje.

WS - Olha, eu vejo com muita tristeza a situação atual, pelo seguinte: o, o sanitarista do meu tempo apesar de não ter a contra partida financeira, que evidentemente é importante pra vida de cada um de nós, né? ele tinha um entusiasmo. Ele tinha um timoneiro que dava um exemplo

extraordinário, que era João de Barros Barreto, ele era tão extraordinário, entendeu, que aconteceu com ele o que acontece com as coisas da vida quando extrapolam determinado limite, torna-se negativa, entendeu? Ele sempre nos dizia o seguinte, quando nos mandavam para algum lugar no, no, no interior do Brasil e, e, e, verificava que a, o seu convite não estava sendo agradável, ele dizia: “Olha eu estava em lua-de-mel e fui parar em Santa Catarina, no Estado do Sul”, trabalhar, porque ele largou tudo. Evidentemente que este fato não se pode levar muito ao pé da letra, porque afinal de contas as urgências não são tais e a falta de gente não é tal que não possa substituir o indivíduo que esteja numa lua-de-mel, ou, ou, afinal de conta um período de lazer, de descanso, não é mesmo? Mas ele diz isso, dizia isso, não é? Tinha acontecido isso na vida dele e, que ele achava que cada um de nós... não tinha argumento nenhum que se contrapusesse a uma ordem do Serviço, não é? Se fazer isso, ou aquilo, porque se mandava, se mandasse o indivíduo ir pra tal lugar, era porque realmente a presença dele era necessária para é... solucionar determinados problemas, entendeu? Então nós... Neste, nessa trajetória dele, ele só arranjou inimigos, porque hoje ninguém, nunca ninguém es..., ele morreu e ninguém escreveu nada sobre ele que eu conheça, entendeu? Nem o jornal, entendeu? Eu que guardo o jornal, recorto há muitos anos, eu não tenho o recorte da morte do Barreto, entendeu? Então é esse universo dessas pessoas que são realmente apaixonadas por aquilo que faz, ora, hoje não existe mais isso. Aquele (inlevo?) que nós velhos sanitaristas, encontrávamos na execução de um trabalho de campo, numa área no território nacional, em que a gente sentia que a presença do médico sanitarista é..., estava trazendo para esta área, para esses irmãos um benefício que podia ser medido, que podia ser sentido, isso dava um prazer extraordinário dá elán, entendeu? Você esquecia da sua vida material, entendeu? Esquecia que a família tava longe, que o filho tava longe, enfim e, quando levava pra essas regiões (??) escola pra filho, casa, dificuldade e tal, isso aparecia tudo diante daquele prazer enorme, que a gente sentia daquela coletividade, entendeu? Sentia os benefícios que a saúde trazia para eles, entendeu? Dentro do Ministério, entendeu? O grupo de sanitarista era unido, não é não? Eram pessoas que conviviam profissionalmente e nunca socialmente. Nós não conhecíamos a família do outro, nunca, porque não havia possibilidade: um tava no Norte, outro tava no Sul, outro tava no Oeste, entendeu? Nesse, nesse roteiro de caixeiro viajante, entendeu? não havia possibilidade da gente ter um programa social, com tudo isso, entendeu? nós tínhamos elán, entendeu? Porque tínhamos um chefe, entendeu? Tínhamos um programa a executar sério, entendeu? E essa comunidade se entendia, entendeu? Os médicos sanitaristas se entendiam, achavam que estavam realmente produzindo coisa boa pro país. Agora não há nada disso. E, naquele tempo não havia escola de saúde pública; havia o Curso de Saúde Pública, lá de Manguinhos, entendeu? E, não havia essas facilidades de você ter aquela biblioteca boa que tem na Escola, que tá cada vez aumentando mais, que cada um que morre deixa os livros lá, como Barreto, como Lincoln, como, entendeu? E então esses jovens agora, eu não sei em que número vem e quais são as, as, as normas que eles obedecem, porque aquele, aquela exigência de trabalho, de tempo integral, dedicação exclusiva, isso obrigava a que o indivíduo só pensasse em saúde pública, entendeu? Só. Eu não vi outra coisa na minha vida a não ser coisas de saúde pública. Por isso que eu agora botei, não leio mais nada, não quero saber de mais nada e tô lendo a literatura universal, entendeu? Que, em que eu encontro um prazer extraordinário e só sinto em não ter tempo de ler mais, porque daqui a pouco eu vou me embora também, entendeu? Então, esses jovens agora, qual é o elán que eles têm? Primeiro, nem um deles vai trabalhar tempo integral... Segundo, os serviços de saúde pública estão cada vez mais políticos... Sendo político, com “p” pequeno, entendeu? Ninguém tem mérito, é tudo igual, basta ter um, um, um, um grupo eleitoral para ter prestígio, entendeu? E pra ser candidato, candidato a postos no Ministério, entendeu? Você tem..., assim

como o Ministério são as Secretarias de Saúde, entendeu? Então não há amálgama, não há coesão, entendeu? As coisas são dispersas, entendeu? Pensaram uma municipalização, quer dizer quem pensou foi o Ministério, por isso fez-se inclusive um seminário próprio pra isso, não é? Vocês conhecem o relatório, não é? Pois bem, pegaram isto, aliás não pegaram porque não estava publicado, mas naturalmente pegaram as, os documentos e tal e fizeram esse SUS, não é mesmo? E que não tá funcionando e, que teoricamente, entendeu, devia ser a solução do problema, porque primeiro você vê a, a, aquilo que eu aca..., que eu dizia a, a pouco tempo. Aí você pensa, são são daqueles que estão mais próximos do problema. Queimou o Raio X do aparelho, o sujeito que está mais próximo é que, é que vê e que pode chamar o camarada pra endireitar. (ri) Daqui que isso, pra centralizar o negócio, daqui que isso chegue até o Governo Federal, isso é um caminho terrivelmente[(?) fala essa última palavra muito baixo]. Então, esse SUS devia ser realmente o serviço ideal, porque você pege toda estrutura que existe de esparça, esparça e une essas forças. Esses recursos que são, estão disperços unidos, isso é um volume bom de dinheiro, não é? para funcionar essas unidades, entendeu? Que deviam cada qual para o seu lado funcionando mal, deficientemente (alguém tosse ao fundo). Grupava duas, três, funcionando bem, entendeu? E servindo bem a comunidade, entendeu? Dentro dessa filosofia a gente não tem por onde pensar negativamente, tem que funcionar bem e porquê não funciona? É porque os homens não estão se entendendo, entendeu? Tá faltando gente aí preparada para isso e não deixar a política com “p” pequeno se meter, porque senão não funciona nunca, entendeu? De modo que eu não vejo como a gente dar estímulo a médico sanitaria, se existe ainda, entendeu? E se existe com aquelas qualidades de formação e de apetite para trabalhar no serviço que exige dele realmente toda a sua atenção e todo o seu esforço; não vejo como, não vejo. Vejo com tristeza o absurdo (a sua voz está um pouco engasgada) a unidade sanitária tem que funcionar o dia todo. O médico sanitaria tem que funcionar ele é io chefe, ele deve comandar a médicos especializados: otorrino, ginecologia “gista”, etc e tal. Ele é que comanda; ele tem um quadro em frente com todo o resultado dos dados epidemiológicos, ele sabe quanta gente tá morrendo (novamente a mesma pessoa tosse ao fundo), quanta gente vai morrer daqui um mês, ou daqui a dois meses, ou daqui a um ano, ele vai saber o que tá acontecendo em tal ponto, entendeu? “Tá dando febre tifóide, ali provavelmente seja um cano de esgoto que está, um cano da CEDAE que está furado e tá entrando, entrando germe na circulação de água...

AA - ...potável... (fala bem baixinho, completando a frase)

WS - ... de abastecimento. É, ele está assim onde, todo tem que está diante do quadro; tá ali pra trabalhar o dia todo e fazer os outros trabalharem: a estatística pra lhe dar os elementos para que ele possa ver e aquilatar os problemas, entendeu? Se (ri) o auxiliar sanitário só faz, só trabalha de manhã, o sujeito, ele tem um “bico”, né? Ele vai ser, vai ser Ginecologista lá, ou vai ser Clínico lá não sei onde e tal, pra arranjar dinheiro pra manter a família, que futuro tem essa gente? Pode? Não vejo, realmente eu não vejo. Isso tem que passar por uma revolução em regra para colocar nos devidos trilhos a saúde pública no Brasil; porque até hoje, até hoje com o esforço que se fez através dos tempos nos três séculos e seis anos da colonização, dos dez, doze anos do Reinado, dos dez anos do Primeiro Império, dos cinquenta e oito anos do Segundo Império e dos noventa e seis anos de República, até hoje, não se fez programas para cada Estado que tenha sido executado, né? Porque a parte econômica é bastante ponderável, entendeu? E decorrente daí, entendeu? As consequências, você precisa preparar gente e, pra preparar gente você precisa ter recursos, não é? Se você não tem recurso você não prepara gente, (ri) você não tendo preparar gente, você não pode executar coisa nenhuma, entendeu? E não pode progredir,

porque dinheiro não é como semente que você joga na terra e coloca a brotar dinheiro; é o, é o homem é que é o transformador, não é mesmo? Do dinheiro em desenvolvimento, então não vejo, entendeu com um optimismo muito grande, (ri) ou por nenhum optimismo o futuro da maneira que a coisa está sendo encaminhada, entendeu? E lamento muito e não sei mesmo se a escola está, está formando sanitaria e se esta formando é um milagre, porque a, a, o elán não existe, entendeu? A motivação pra isso também não, entendeu? A não ser que o médico queira ter um empreginho público, entendeu? Pra manter seu consultório e coisa, aquela vidinha horrível, né, entendeu? Um emprego no, no INPS, um emprego, um emprego no, no Estado, né? E consultório, né? Pra ter seu automóvel, sua casa de campo (INTERRUPÇÃO NA FITA), né?

WH - A gente tá acabando, tem mais alguma coisa que o senhor queira falar, dr. Walter, hoje?

WS - Não, eu acho que já falei demais.

WH - Então a gente lhe agradece muito e a gente fecha hoje.

WS - É!